

m
o
d
u
m
b r s í l i a
n
c
h
e
t
e

UM OLHAR SOBRE A NOVA CAPITAL

1957-1960

MÓDULO, BRASÍLIA E MANCHETE: UM OLHAR SOBRE A NOVA CAPITAL 1957-1960

Dissertação apresentada à banca examinadora e ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo como exigência para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília.

Mestrando: **Andrey de Aspiazu Schlee**

Orientadora: Profa. Dra. **Ana Elisabete de Almeida Medeiros**

Brasília, 13 de novembro de 2023

m
o
d
u
m
b r s í l i a
n o
c
h
e
t
e

MÓDULO, BRASÍLIA E MANCHETE:

UM OLHAR SOBRE A NOVA CAPITAL 1957-1960

Banca Examinadora:

Profa. Dra. **Ana Elisabete de Almeida Medeiros** – FAU|UNB

Prof. Dr. **Eduardo Pierrotti Rossetti** – FAU|UNB

Prof. Dr. **Joe Rodrigues** – GDF

Suplente. Profa. Dra. **Sylvia Ficher** – FAU|UNB

m
o
d
u
m
b r s í l i a
n o
c
h
e
t
e

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer muitos dos que fizeram parte dessa jornada acadêmica. Agradeço primeiramente à Universidade de Brasília por me proporcionar a oportunidade de realizar este estudo e por conceder o apoio financeiro durante o mestrado. Não poderia deixar de destacar a professora Ana Elisabete de Almeida Medeiros que me auxiliou com a sua valiosa opinião e sugestões sempre oportunas e enriquecedoras que resultaram nessa dissertação. Graças a ela, que acreditou e me acompanhou desde o curso de Especialização em Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística até a minha entrada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, foi possível finalizar a presente dissertação.

Agradecer também à minha mãe, Zyndya pelo apoio, suporte e carinho. Ao meu pai, Andrey, pelo apoio moral para seguir em frente e a importante contribuição documental através de sua biblioteca. Agradeço ainda a todos os meus professores que contribuíram para o meu crescimento intelectual, com as suas aulas e indicações de leituras. Meu “muito obrigado” as colegas de mestrado Jéssica Gomes, Marina Lira, Mariana Priester, Giselle Chaim, Ana Cristina Palhas e Maritza Giacomazzi pelas trocas de ideias e sugestões promovidas em nosso grupo de orientação.

Agradeço ao meu grupo de amigos Alice Lacerda, Ana Novais, Camila de Castro, Flávia Ferraz, Guilherme Borges, Jhonatan Guimarães, Karen Liz, Lucas Las, Livia Novaes, Marina Carvalho, Nino Soares, Talita França e Victoria Rocha, pelos momentos de descanso e lazer. Aos professores Eduardo Rossetti e Sylvia Ficher por estarem presentes em minha história desde a formação como arquiteto e urbanista. Aos membros da banca pela disponibilidade e contribuições. E por fim, agradeço também aos funcionários da Biblioteca Central da UnB e do Arquivo Público do Distrito Federal, sempre atenciosos e solícitos.

m
o
d
u
m
b r s í l i a
n o
c
h
e
t
e

RESUMO

A pesquisa resgata e estuda a difusão da construção de Brasília, entre 1957 e 1960, a partir da análise pormenorizada do material publicado em três periódicos da época: A revista **Brasília**, instrumento oficial de comunicação do Governo Federal; a revista **Módulo**, meio de informação especializada em arte, arquitetura e em patrimônio cultural; e a revista **Manchete**, meio de divulgação popular de variedades.

Intenta analisar como cada veículo percebia e “vendia” Brasília para os seus leitores, contribuindo para a formulação de um imaginário social sobre a cidade em execução. Ou seja, a dissertação parte da hipótese que, desde o início da construção da Capital, sempre existiram matérias que ajudaram a produzir, na mente de toda a população, uma imagem e uma história idealizada da cidade (capital perfeita, cidade do futuro e sonho almejado por Juscelino Kubitschek).

Para fazer a análise do material encontrado, foi produzida uma coleção sistemática de informações sobre Brasília, separando as matérias por cinco grupos temáticos. O primeiro é o das capas, onde fizemos uma análise do conteúdo, mensagem, características e influências. O segundo, é o que trata da cidade propriamente dita, ou seja, das reportagens de cunho urbanístico sobre a capital. O terceiro é o que explora a arquitetura, identificando quais foram os principais edifícios noticiados, localização e autores. O quarto é o das artes em geral, quando serão considerados e identificados quais eram os artistas e obras de arte diretamente ligados à construção da Capital. E o quinto é o de divulgação no verdadeiro sentido da palavra, com as peças publicitárias pertinentes, materiais e objetos ligados às marcas pioneiras e exposições nacionais e internacionais que tinham relação com Brasília.

O espaço geográfico de pesquisa tratado nas revistas que interessa é aquele de Brasília, entendido como o do Distrito Federal, e o recorte temporal considera o ano de 1957, data da divulgação do vencedor do concurso do Plano Piloto, até 1960, data da inauguração da Capital.

Por fim, a pesquisa além de apontar a importância dos periódicos como fontes para a construção da história, levanta o conjunto de temas priorizados e, então amplamente divulgados.

Palavras-Chave: Brasília; Revista Brasília; Revista Módulo; Revista Manchete; Preservação

m
o
d
u
m
b r s í l i a
n o
c
h
e
t
e

ABSTRACT

The research reclaims and studies the diffusion of the construction of Brasília, between 1957 and 1960, based on a detailed analysis of the material published in three newspapers of the time: The magazine *Brasília*, the official means of communication of the Federal Government in the Capital; the magazine *Módulo*, an informative instrument specializing in art, architecture and cultural heritage; and *Manchete* magazine, a resource for popular dissemination of varieties.

It attempts to analyze how each vehicle perceived and “sold” Brasília to its readers, contributing to formulating a social imaginary portrayal of the city in progress. In other words, the dissertation is based on the hypothesis that, since the beginning of the construction of the Capital, there have always been publications that helped to construct, in the minds of the entire population, an idealized image and history of the city (perfect capital, city of the future and dream desired by Juscelino Kubitschek).

To do the analysis of the articles found, a systematic collection of information about Brasília was produced, separating these materials into five thematic groups. The first is the covers where we analyzed the content, message, characteristics, and influences. The second is what deals with the city itself, that is, urban reports about the capital. The third is the one that explores architecture, identifying which were the main buildings reported, their location, and their authors. The fourth is arts in general when the artists and works of art directly linked to the construction of the Capital will be considered and identified. The last one is the dissemination, in the actual meaning of the word, with relevant advertising pieces, materials, and objects linked to pioneering brands and national and international exhibitions that were related to Brasília.

The geographic space of research treated in the magazines of interest is that of Brasília, understood as the Distrito Federal, and the time frame consider the year 1957, the year of the announcement of the winner of the Plano Piloto competition, until 1960, the inauguration of the Capital.

Finally, the research, in addition to pointing out the importance of journals as sources for the construction of history, raises the set of themes prioritized and then widely publicized.

Keywords: Brasília; Magazine Brasília; Magazine Módulo; Magazine Manchete; Modern Architecture; Preservation.

m
o
d
u
b r s í l i a
n o
c
h
e
t
e

SUMÁRIO

08 INTRODUÇÃO

DESENVOLVIMENTO

14 Revistas

22 Capas

40 Cidade

76 Arquitetura

110 Artes

128 Divulgação

160 CONCLUSÃO

162 Bibliografia

168 Anexos

m
o
d
u
m
b r s í l i a
n o
c
h
e
t
e

INTRODUÇÃO

Em 1962, o historiador norte-americano George Kubler publicou *The Shape of Time: Remarks on the History of Things*. Foi ele quem destacou a superação da divisão entre “belas artes” e “artes úteis” e valorizou uma história capaz de ser contada a partir de variadas fontes, enfatizando que:

A contribuição particular do historiador consiste na descoberta das múltiplas formas do tempo. O objetivo do historiador, seja qual for a sua especialização, é retratar o tempo. O historiador está empenhado na detecção e na descrição da forma do tempo. Ele transpõe, reduz, compõe e dá cor a um *fac-símile*, como um pintor que, na busca da identidade do objeto do seu trabalho, tem de descobrir um leque de propriedades que sirva de modelo e que seja capaz de evocar o reconhecimento, embora veiculando ao mesmo tempo uma nova percepção desse objeto [...]. O historiador revela um modelo que foi vivido pelas entidades que constituem o seu objeto de estudo e que dele não tiveram consciência. (KLUBER, 1962, 26).

Em tempos mais recentes, a arquiteta e historiadora Sylvia Ficher – ao realizar um balanço da contribuição do PPG-FAU/UnB para o conhecimento de Brasília – lembrou que “Cidades têm histórias. E quem tem história, tem eventos”. Ficher argumentou que um dos grandes eventos de Brasília consiste exatamente na sua tripla proteção patrimonial institucional (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Governo do Distrito Federal e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional):

Basta folhear os jornais locais que nos deparamos com tal fato, cada vez mais naturalizado, cada vez mais dado de realidade, cada vez mais corriqueiro. Intervenções triviais antes ignoradas, hoje causam polêmica. De um quiosque de cachorro-quente à destruição de obras de Athos Bulcão, de um novo projeto de Oscar Niemeyer à restauração de um jardim de Burle Marx, tudo vira manchete. (FICHER, 2010-a, s.n).

Se tudo vira notícia, teriam as principais revistas de circulação da época da construção de Brasília, ajudado a consolidar a imagem e a identidade da cidade por meio de suas reportagens, propagandas e artigos? Que histórias esses materiais contam? Que memórias seriam possíveis de serem resgatadas? Seriam as revistas dignas de preservação?

A fim de responder a essas questões, a presente investigação parte da hipótese de que desde os primeiros momentos de execução da capital é possível identificar e resgatar a sua memória através das revistas **Brasília, Manchete** e **Módulo**. Uma fonte riquíssima de informação que, por conta da evolução tecnológica, vem cada vez mais sendo desvalorizada e até mesmo esquecida pelo público em geral, mas que, nos últimos tempos, ganhou um importante status historiográfico (como veremos a seguir).

A dissertação se propõe, portanto, a analisar, capas, textos, fotografias e publicidades que divulgaram a nova cidade, criando uma perspectiva positiva no imaginário da população, muitas vezes, convencendo pessoas a se deslocar e contribuir com o sonho da nova capital do Brasil.

Embora existissem várias revistas no mercado editorial circulando de 1957 a 1960, optamos por analisar três delas, que buscavam atingir públicos diferentes. A revista **Brasília**, que tinha o objetivo de documentar a construção da nova capital para abastecer a opinião pública nacional e internacional; a revista **Manchete** que foi uma das mais populares da época tendo o fotojornalismo como o seu principal meio de linguagem, e para finalizar, a revista **Módulo**, que tinha como seu principal tema arte, arquitetura e patrimônio cultural.

Para organizar a pesquisa, adotamos metodologia sugerida pela professora Sylvia Ficher, ao apresentar sua trajetória profissional como requisito para a promoção à Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (2017):

Há outras ferramentas que podem ajudar a construir uma investigação. No meu entender, é impossível abordar uma coisa sem passar obrigatoriamente por sua descrição. Dada a essencialidade da descrição, deve-se conferir especial importância à sua feitura, a qual pode ir do geral para o particular ou vice-versa ou ter caráter comparativo. Dela decorre a montagem de um produto de extrema utilidade, a coleção sistemática de exemplares. Isto é, um conjunto de elementos devidamente identificados, nomeados, descritos e classificados segundo alguma ótica e obedecendo alguma hierarquia. Uma vez constituída, a coleção sistemática pode ser processada em uma matriz estruturada segundo famílias, gêneros, atributos, regularidades etc. Com essas diferentes

categorias determinando a distribuição dos exemplares. De modo que a abrangência da coleção é estendida, ampliando as possibilidades de constituintes a serem integrados no modelo e autorizando a generalização de determinadas conclusões. Trata-se de um jogo analítico que permite efetuar toda sorte de modelagens, permutações e ampliações, no sentido de se criar como que a equação algorítmica do fenômeno em estudo. Conforme entendido na matemática, este é o processo de cálculo em que se desmembra um problema em subproblemas, a fim de se estabelecer um encadeamento de operações para solucionar tais subproblemas e, assim, determinar as medidas para solucionar classes de problemas semelhantes ao problema original. (FICHER, 2017, p. 41).

Ou seja, adotamos as edições das revistas como coleção sistemática de exemplares e a processamos em uma matriz estruturada segundo cinco categorias analíticas, que denominamos de: (1) **Capas**, com foco na análise gráfica; (2) **Cidade**, considerando os conteúdos das reportagens relacionados ao urbanismo, organização social e ao desenvolvimento da nova capital; (3) **Arquitetura**, destacando especificamente as edificações e, quando possível, os respectivos arquitetos associados; (4) **Artes**, voltado a analisar a produção artística igualmente associada à construção de Brasília; e (5) **Divulgação**, considerando as peças publicitárias tanto no seu conteúdo (imagens e textos), como graficamente. Ainda na categoria da Divulgação consideramos as reportagens voltadas a difundir a capital no exterior, como por exemplo, as exposições internacionais.

Assim, com base nas cinco categorias analíticas, e considerando a perspectiva individual de cada revista, definimos a estrutura formal da pesquisa, que além da Introdução, Conclusão, Bibliografia e Anexos, apresenta seis capítulos organizados por ordem cronológica por revista.

- I. **Revistas**
- II. **Capas**
- III. **Cidade**
- IV. **Arquitetura**
- V. **Artes**
- VI. **Divulgação**

Portanto, do ponto de vista temporal, a pesquisa pretende analisar as reportagens desde 1957, ano em que Lucio Costa ganha o concurso do Plano Piloto de Brasília até 1960, quando a nova capital federal é inaugurada. Dessa forma, a pesquisa objetiva compreender como o processo histórico de Brasília foi registrado e, ainda hoje, pode ser compreendido através das revistas publicadas no período delimitado.

Dentro deste período, o recorte espacial a ser observado na análise das revistas é o do Distrito Federal, incluindo os primeiros núcleos e acampamentos de trabalhadores, além do próprio canteiro de implantação do Plano Piloto, porque é sobre ele que se edificam as construções provisórias e definitivas. E é a partir dessas construções que surgem as primeiras reportagens noticiando o que vinha acontecendo na nova capital.

Embora as revistas tenham sido um dos principais meios de comunicação da época, perderam importância frente à produção acadêmica. Passados 66 anos da concepção do Plano Piloto, muito se escreveu sobre Brasília. Das publicações oficiais, sempre ufanistas, que marcaram os primeiros anos – quando tudo parecia novidade e entusiasmo – passou-se, especialmente no campo da arquitetura e do urbanismo, para um momento de forte crítica e de sentimento de fracasso. Porém, com a consolidação da cidade, a “poeira baixou” descortinando um outro momento, agora de permanente reavaliação do que foi realmente concretizado. Tal momento abriu espaço para uma série de produtos historiográficos capazes de aprofundar temas fundamentais sobre a história da Capital.

Tratada como um grande e complexo objeto, Brasília vem sendo constantemente analisada e estudada. Do clássico *História de Brasília*, escrito por Ernesto Silva (1970) – uma das principais figuras do esforço de construção da cidade (SILVA, 1970). – chega-se à produção acadêmica das últimas décadas, que superou a visão ufanista e excludente do processo de construção e mudança da Capital e expandiu-se com temáticas mais criativas (sedes de fazendas, cartografia histórica, mobiliário urbano, plano de sinalização, infraestruturas urbanas, etc.), com espacialidades mais abrangentes (todo o DF, Goiás e o Planalto Central) e com cronologias mais dilatadas (da pré-história aos dias de hoje).

Do ponto de vista do tema proposto para a pesquisa, cabe referência especial a alguns trabalhos que, além de ilustrar o que foi acima afirmado, apresentam importantes contribuições do ponto de vista metodológico: (a) *De Plano Piloto a metrópole. A mancha urbana de Brasília*, de Jusselma Duarte de Brito (2010);

(b) *Os paradigmas urbanísticos de Brasília*, de Sylvia Ficher e outros (2005); *Arquiteturas de Brasília*, de Eduardo Pierrotti Rossetti (2012); além dos trabalhos realizados pelo Grupo CNPq, *Documentação, modelagem e conservação do patrimônio (LabEUrbe)*, sobretudo pelos projetos de pesquisas *Arquiteturas Impressas* (2015) e *Temporalidades e Escalas da Cidade Patrimônio Cultural* (2020). Especificamente em relação às capas dos periódicos, utilizaremos como referência de estrutura, diagramação e conteúdo o livro *A Capa do Livro Brasileiro: 1820 – 1950*, de Ubiratan Machado (2018), que mescla a evolução das capas com a história do desenvolvimento dos livros no Brasil. (BRITO, 2010), (FICHER e PALAZZO, 2005), (ROSSETTI, 2012) e (MACHADO, 2017).

Do ponto de vista da periodização da história de Brasília, caberá atenção ao que foi proposto por Carlos Eduardo Dias Comas (2006): a **Monumentalidade Precursora** (os precedentes urbanos até 1957); a **Monumentalidade Vitoriosa** (o Plano Piloto) e a **Monumentalidade Inaugural** (os edifícios erguidos entre 1957 e 1960); ou por Andrey Rosenthal Schlee (2010): **1955-1960, Execução** (da construção da primeira obra de infraestrutura à transferência da Capital, considerando a ação do governo JK, o concurso do Plano Piloto e o “monopólio” de Niemeyer e da sua equipe na cidade) e **1960-1964, Expectação** (da inauguração de Brasília ao golpe militar, passando pelos tumultuados governos de Jânio Quadros e Jango Goulart, e marcado pela atuação da equipe de Niemeyer na implantação da UnB). (COMAS, 2006) e (SCHLEE, 2010).

Para o desenvolvimento do tema e recortes propostos, utilizamos como base teórica geral os escritos de Erwin Panofsky, que criou os termos de **Iconografia** e **Iconologia**.

Em seu livro *Significado nas Artes Visuais* (2004), Panofsky defendia a ideia de que as obras de arte e imagens deveriam ser consideradas como documentos e não como mera ilustração que faz referências a algo. A própria imagem em si carrega saberes, informações, símbolos e elementos suficientes para que ela mesma seja tratada como um documento importante, digno de consideração per si e fonte para a construção histórica. (PANOFSKY, 2004).

A análise iconográfica foi pensada inicialmente para ser utilizada em estudos das artes plásticas, mas hoje em dia, é aplicada em estudos ampliados, saindo do campo das artes e sendo utilizada em várias áreas das ciências humanas.

Para Panofsky a Iconografia é o estudo descritivo das obras de arte e a Iconologia contextualiza essa obra como produto do pensamento de determinado autor em um momento histórico. (PANOFSKY, 2004). Ou seja, a Iconografia é o que vemos quando batemos o olho em uma obra de arte, como linhas, cores etc. E a Iconologia é todo o simbolismo e história que está escondido nesse objeto. Dessa forma, utilizamos as revistas como fonte documental demonstrando o seu valor iconográfico e iconológico.

O livro *O alvo do olhar estrangeiro. O Brasil na historiografia da arquitetura moderna* (2002) de Nelci Tinem também foi utilizado como referência metodológica específica aplicada na arquitetura. Na obra, a autora faz uma revisão da arquitetura moderna brasileira de 1936 a 1955 reunindo todos os ensaios monográficos sobre o tema, os manuais de história da arquitetura moderna e, principalmente, as revistas de arquitetura de difusão internacional. (TINEN, 2002).

Em relação as revistas, Nelci escolhe quatro periódicos internacionais (*Architectural Review*, *L'Architecture d'Aujourd'hui*, *Casabella* e *Architectural Forum*) e faz uma análise sistemática e detalhada tentando entender como que a arquitetura moderna brasileira era tratada pela crítica internacional. Dessa forma, a presente pesquisa, baseada no estudo de Nelci, selecionou três revistas (**Brasília**, **Manchete** e **Módulo**) que divulgaram notícias da capital desde o resultado do concurso do Plano Piloto de Lucio Costa, até a sua inauguração. Para isso, foi feita uma análise sistemática e criou-se grupos para a melhor compreensão.

Outra fonte bibliográfica que foi utilizada como referência metodológica e organização do material coletado, é o *Capa do Livro Brasileiro 1820-1950*, (2017) de Ubiratan Machado. Nele, o autor conta a história das evoluções das capas dos livros brasileiros mostrando as principais escolas literárias passando pelo romantismo, naturalismo, simbolismo e modernismo. Além disso, a obra também foca em mostrar quem foram os artistas que desenhavam essas capas, valorizando ainda mais cada detalhe encontrado. Embora o recorte temporal escolhido seja somente o do modernismo, a pesquisa também mostra que as capas criadas para as

revistas são possíveis de serem valorizadas. Seja pela autenticidade, seja pela técnica ou pela história. (MACHADO, 2017).

Em relação a escrita da história e o emprego das fontes, utilizamos como base os livros *A escrita da história novas perspectivas* (1992) de Peter Burke, *O imaginário e o poético nas ciências sociais* (2005) de José de Souza Martins, Cornélia Eekert e Sylvia Caiuby Novaes e *A história ou a leitura do tempo* (2007), de Roger Chartier.

E para finalizar, com relação ao uso da imagem e fotografia como fonte histórica, foram considerados como referência os livros: *Desafios da imagem* (1988) de Bela Feldman-Bianco e Míriam L. Moreira Leite, *História e fotografia* (2003) de Maria Eliza Linhares Borges, *História e imagem* (2002) de Eduardo França Paiva, *Testemunha ocular* (2004) de Peter Burke, *O inventário como tática, a fotografia e poética das coleções* (2014) de Leandro Pimentel.

Brasília, desde 1987, ostenta o título de Patrimônio Mundial. O conjunto urbano inscrito na seleta lista da *Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura* (Unesco), corresponde ao bem tombado pelo Governo do Distrito Federal (GDF), em 1987, e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 1990. O entendimento geral é que, com exceção dos edifícios e monumentos protegidos isoladamente, por meio do instituto do tombamento, o reconhecimento de Brasília patrimônio corresponde a uma iniciativa ousada e de cunho urbanístico.

Ocorre que, cada vez mais, Brasília valoriza sua história. E sua população construiu inúmeros vínculos de memória e de identidade, seja em relação aos espaços

do Plano Piloto originalmente desenhados pelos arquitetos e engenheiros da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), seja pelos espaços das atuais Regiões Administrativas – antigos acampamentos ou cidades satélites. É o caso dos moradores das superquadras da Asa Sul e Norte, ou das quadras residenciais da Vila Planalto, Núcleo Bandeirante e Candangolândia (apenas para citar as mais tradicionais).

Os tombamentos distritais ou federais de bens isolados tem colaborado para ampliar o conjunto patrimonial de Brasília e, especialmente, humanizá-lo, tornando-o mais “palpável” e mais próximo do cidadão. É importante mencionar, entre outros, os processos de proteção do Catetinho; da Fazenda Gama; do Centro de Ensino Fundamental Metropolitana; do Hospital Juscelino Kubistchek de Oliveira (atual Museu Vivo da Memória Candanga); das igrejas São Geraldo, São José Operário e São Sebastião; da Vila Planalto; e até mesmo da coleção da revista **Brasília**, como exemplos de ações que buscaram valorizar e preservar elementos e referências culturais dos primeiros momentos de construção da Capital, mas que não estão focados na obra monumental dos arquitetos Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

Tombamentos distritais como o dos jardins de Burle Marx (nove obras públicas) e conjunto de obras de Athos Bulcão (195 obras, entre painéis, divisórias, pisos, forros, vitrais e portas) — além de ampliar o número de bens protegidos – contribuíram para a construção de uma visão mais completa do que é o Patrimônio local. Ou seja, não apenas as escalas definidas por Lucio Costa, não somente os edifícios projetados por Oscar Niemeyer, mas também os jardins e praças de Burle

Marx, os bens móveis e integrados criados por Athos Bulcão, além dos bens referenciais à história da construção da Capital. Tais casos de patrimonialização apontam, como decorrência, para a necessidade de desenvolvimento de processos ampliados e integrados de preservação.

Neste sentido, propomos um estudo que, considerando os primeiros tempos da Capital, contribua para identificar como as revistas consolidaram a imagem e a identidade da cidade; e quais foram as histórias então contadas. Uma memória ainda passível de ser resgatada por meio de um percurso metodológico que compreende levantamento, sistematização e análise dos periódicos e criação de uma tabela com todas as informações de onde encontrar essas capas, reportagens e artigos.

Acreditamos que a pesquisa se justifica plenamente, especialmente com o apoio e orientação do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (PPG-FAU / UnB). Cabe destacar que o tema, voltado a resgatar e discutir os primeiros momentos de Brasília, vincula-se diretamente à Área de Concentração de Teoria, História e Crítica e à linha Patrimônio e Preservação, que incentiva “pesquisas em torno dos processos históricos de concepção, transformação e reflexão sobre arte, arquitetura e cidade [...] e que acolhe recortes espaço-temporais diversos, com ênfase na região de Brasília em perspectiva diacrônica” (PPG-FAU, 2020-a, s.n.). Em especial, na sua relação com os temas desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa CNPq “Documentação, Modelagem e Conservação do Patrimônio” (1).

(1) Atualmente coordenado pela Profa. Dra. Vanda Zanoni.

REVISTAS

Folhear uma revista é um hábito que faz parte da cultura brasileira há muitos anos, desde quando os primeiros exemplares começam a ser publicados no Brasil, em 1812. Graticamente parecidas com os livros e jornais da época, elas logo se transformam, passando a incluir molduras, textos em colunas e ilustrações desenhadas por caricaturistas e ilustradores em suas capas e páginas coloridas ou monocromáticas. Ao longo do tempo, o mercado editorial se diversificou de acordo com o público, surgindo revistas para todos os gostos: de fofocas, de esportes, eróticas, de negócios, de cultura, de arquitetura, de automóveis, entre outras.

Durante a execução da nova capital do país, o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960) utilizou diversas estratégias de propaganda para divulgar Brasília e atrair investimentos, moradores e visitantes para a cidade. Para isso, patrocinou eventos como conferências, palestras e congressos. Pessoalmente fazia propaganda nos canteiros de obras, onde mostrava o seu entusiasmo com o desenvolvimento da cidade e proximidade com os candangos. Utilizava a mídia impressa (jornais, revistas, panfletos), e a mídia de transmissão (rádio e tv). Fazia, inclusive, seus pronunciamentos vangloriando a capital nascente. Nessas propagandas, eram divulgadas imagens e descrições do que seria uma “Nova Era” do Brasil, em um projeto de desenvolvimento e progresso.

Embora todos esses tipos de mídia tenham um conteúdo muito vasto e com muitas informações a respeito da construção de Brasília, focaremos nossa pesquisa em três revistas de grande circulação da época: a **Brasília**, a **Módulo** e a **Manchete**.

Brasília

Entre as três publicações escolhidas como objeto de estudo, começaremos a apresentar os resultados obtidos a partir da revista **Brasília**(1), pois trata-se da única exclusivamente dedicada à nova capital e capaz de contemplar a totalidade das categorias analíticas adotadas na presente dissertação. Antes, no entanto, cabe destacar que, em função da importância documental que assumiu, a sua coleção (de 1957 a 1988) foi especialmente tombada pelo Governo do Distrito Federal, por meio do Decreto nº 28.996, de 29/04/2008.

A revista **Brasília** foi fundada pela Divisão de Divulgação da Novacap e até hoje é importante fomentadora da capital como entidade patrocinadora. Originalmente sediada no Rio de Janeiro. Criada em 1957, como um importante veículo de comunicação, acompanhou o processo de transferência da capital que, pouco a pouco, se construiu no Planalto Central.

Já em seu primeiro número, assumiu a condição de instrumento de propaganda do governo federal, capaz de, com uma periodicidade mensal, divulgar o estágio das obras e a evolução da cidade, bem como os atos administrativos e contratos firmados pela Novacap.

Segundo o editorial publicado no primeiro número da revista:

À administração da Companhia [Novacap] ao providenciar aquele dispositivo [a obrigatoriedade de publicar os atos administrativos], pareceu de conveniência aditar ao Boletim, a que a lei se refere, algumas páginas iniciais, com a forma usual e comum de Revista,

(1) Especificamente sobre a Revista Brasília, além de sua coleção, conservada e disponível no Arquivo Público do Distrito Federal, foram consultados os seguintes autores: (CAPPELLO, 2010), (VIDESOTT, 2010) e (MEDEIROS, 2012).

acompanhando-se nesta um noticiário, principalmente fotográfico, sobre a marcha da construção da nova capital e as informações de interesse, relativas ao mesmo empreendimento, de modo a manter o público sempre a par do que está realizando e do que se pretende fazer. Assim as seções que já neste primeiro número apresentamos, mostrando as obras em andamento, os planos urbanísticos e arquitetônicos em estudo, noticiário, opiniões etc. Quanto ao Boletim propriamente dito, este construirá a parte final com a matéria que lhe é pertinente. (BRASÍLIA-1, 1957, p. 1).

A edição e a publicação da revista ocorriam diretamente no Rio de Janeiro, embora, desde 1959, a sede da Companhia tenha se transferido definitivamente para Brasília. Por mês, eram processados 10.000 exemplares e gratuitamente distribuídos para todo o país e exterior.

No Brasil, era possível conseguir exemplares na sede da Novacap, através de assinaturas igualmente gratuitas, ou em órgãos públicos como universidades e bibliotecas. No exterior, a distribuição ocorria a partir de exposições de divulgação de Brasília e nas embaixadas brasileiras.

Por ser uma revista alinhada com o governo Juscelino Kubitschek, evitava as discussões de cunho político e não aceitava qualquer tipo de propaganda comercial, uma vez que todos os custos eram cobertos pela Novacap.

De 1957 a 1988 foram publicados 83 números. Até a edição 44, de agosto de 1960, a periodicidade foi

mensal. Após, foram lançadas algumas revistas com números fundidos. O periódico parou de ser produzido com o golpe militar de 1964. Retomada em 1967, a **Brasília** manteve-se até 1988, com edições anuais ou comemorativas.

Considerando o recorte temporal da pesquisa – 1957 a 1960 –, é possível identificar dois momentos distintos. O primeiro, abrange os números 1 a 4 (janeiro a abril de 1957), quando a revista foi dirigida por Paulo Rehfeld, escritor e chefe de Divulgação da Novacap. E o segundo, a partir do número 5 (maio de 1957), quando a revista passou a ser dirigida por Raimundo Nonato Silva, jornalista, funcionário do Ministério da Educação e igualmente chefe de Divulgação. As diferenças entre os dois momentos serão pontuadas quando da análise de sua estrutura, *layout* e diagramação.

Até 1964, a **Brasília** manteve uma organização ou estrutura temática bastante bem definida, com seções ou blocos de matérias destinadas às notícias, à execução das obras, aos discursos e falas de apoio, aos projetos e aos atos administrativos da Novacap.

As “Notas” reuniam notícias básicas sobre a instalação da infraestrutura de Brasília. Nessa seção eram reportadas informações sobre serviços de rádio, postos médicos, correios, rotas de como chegar na capital e até “fossas higiênicas”. Junto as “Notas”, do lado direito, destacava-se uma coluna destinada a divulgar alguma fala ou manifestação de Juscelino Kubitschek, obviamente, sempre em favor da construção da cidade.

Na seção seguinte, nomeada de “Marcha da Construção de Brasília”, eram divulgadas fotografias da implantação

e execução da cidade, acompanhadas de comentários elaborados por funcionários da Novacap, ministros ou mesmo o presidente da República. Funcionava como uma espécie de diário de obra, mostrando tudo que estava ocorrendo.

Logo em seguida, podia-se ler “A Nova Capital e a Opinião Brasileira”, no qual destacava-se o conjunto de falas de políticos – como senadores, deputados, presidentes de associações e outras autoridades –, defendendo a transferência da capital.

Na seção “Arquitetura e Urbanismo”, inicialmente, era apresentada a documentação relacionada com os primeiros projetos de Oscar Niemeyer e de Lucio Costa – desenhos, maquetes, memoriais e textos explicativos – arquitetônicos e urbanísticos. Com a evolução da cidade, as imagens de desenhos e maquetes foram substituídas pelas fotografias dos edifícios construídos, assim como de obras de autoria de outros profissionais.

E, para finalizar, a revista trazia o “Boletim da Novacap” com a divulgação da documentação administrativa – atas das comissões, contratos firmados, empréstimos realizados e custo das obras.

Além das seções citadas, imagens eram distribuídas pela revista com registros do estágio das obras, das construções, dos edifícios e do dia a dia na capital. Grande parte dessas fotografias foram assinadas por profissionais como Mário Fontenelle e Marcel Gautherot.

Compreendida a organização da revista **Brasília** em seu primeiro momento, cabe perceber quais modificações foram introduzidas por Nonato Silva. Para modificá-la, convidou o arquiteto Artur Lício Pontual (que trabalhava na revista **Módulo**). Além da mudança visual, algumas seções antigas foram removidas e outras adicionadas.

A seção de “Notas” foi removida e substituída pela “Noticiário”, que divulgava pequenas informações do dia a dia da cidade, como eventos, reuniões e visitas ilustres.

A partir dos números 8 e 9, foram criadas duas outras seções, “Brasília no Exterior”, que mostrava reportagens de como Brasília estava sendo compreendida e recebida em jornais e revistas do exterior. E matérias relacionadas às exposições sobre a arquitetura da capital.

E, para fechar cada número, criou-se a seção “Brasília na Literatura”, com a reprodução de poesias em que o tema principal eram os sonhos que surgiam com a criação da capital.

Dentro do recorte temporal da pesquisa, examinamos desde outubro de 1957 até abril de 1960, um total de 40 revistas que serão analisadas à frente.

Manchete

A revista **Manchete**(1) foi um dos periódicos mais importantes e influentes do Brasil no século XX, desbancando e concorrendo com **O Cruzeiro**, que até então era a maior. Ela foi criada no Rio de Janeiro e sua história foi marcada por muitos anos de sucesso e influência na mídia brasileira, chegando até 200 mil tiragens semanais.

Quem a criou, foi o empresário de comunicação polonês Adolpho Bloch. Era um veículo que se encontrava em bancas nacionais e internacionais, como em Paris, Londres, Buenos Aires e Nova York. A principal referência para a criação da Manchete foi a revista francesa *Paris Match* com capas de diagramação parecidas, logos similares e matérias com manchetes sensacionalistas, fotografias de qualidade, formatação da revista em escala grande e entrevistas com celebridades. A revista parou de circular em 2007 por conta de várias crises financeiras e mudança do mercado editorial.

O periódico se destacou pela inovação do jornalismo brasileiro introduzindo o fotojornalismo e reportagens investigativas com fotografias coloridas que preenchiam grande parte das páginas. A revista se notabilizou pela cobertura de grandes eventos nacionais e internacionais como a Copa do Mundo de 1958, a Guerra do Vietnã (1959-1975), a visita da Rainha Elizabeth II (1968) e a visita do Papa João Paulo II (1980), entre outros. A Manchete ganhou público também pela constante

cobertura da vida de celebridades, contando com fotógrafos e jornalistas especializados na área do entretenimento.

Em sua primeira edição, do dia 26 de abril de 1952, a **Manchete** se definiu da seguinte forma:

Depois de trinta anos de trabalho gráfico resolvemos condensar numa revista semanal os resultados da nossa experiência técnica, convocando para aproveitá-la, uma equipe de escritores, jornalistas, fotógrafos, e ilustradores de primeira ordem. Manchete nasce no momento exato em que nós consideramos aparelhados para entregar ao Brasil uma revista de atualidades, correta e modernamente impressa. Em todos os números daremos páginas a cores – e faremos o possível para que essas cores se ponham sistematicamente a serviço da beleza do Brasil e das manifestações do seu progresso. O Brasil cresceu muito, suas mil faces reclamam muitas revistas, como a nossa, para espelhá-las. Manchete será o espelho escrupuloso das suas faces positivas, assim como do mundo trepidante em que vivemos e da hora assombrosa que atravessamos. Neste momento os fatos nacionais e internacionais se sucedem com uma rapidez nunca antes registrada. Os jornais nunca tiveram uma vida tão curta dentro das vinte e quatro horas de um dia. Este é o grande, o sonhado momento dos fotógrafos e dos repórteres exercitados para colher o instantâneo, o irrepetível (2).

(1) Especificamente sobre a revista Manchete, além de sua coleção, conservada e disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, foram consultados os seguintes autores: (AMORIM, 2008), (PÁDUA, 2013), (FÁVERI, 2014), (ROSSETTI E. , 2021), (MINADEO, 2021), (ROSSETTI E. , 2021), (ROSSETTI E. e., 2022-a) e (ROSSETTI & CAMPOS, 2022-b).

(2) Dissertação de mestrado intitulado Meios de comunicação como construtores de uma imagem pública: Juscelino Kubitschek através das revistas Manchete e O cruzeiro. (ARAGÃO, Gregory Pontes, 2006, p. 46).

E estrutura da revista **Manchete** seguia um único padrão em grande parte das suas edições. A “Capa” geralmente estampava a foto de alguma celebridade em destaque com um pequeno texto sobre o principal artigo da edição. Seguindo para o copo da revista, um conjunto de propagandas se encontrava distribuído no início, meio e fim entre os artigos. Tratava-se de publicidades sobre passagens aéreas, eletrodomésticos, carros, roupas etc. Produtos esses, que faziam com que as pessoas ficassem atualizadas com os últimos lançamentos do mercado e que se tornavam objetos de desejo da época.

Ainda no início, era apresentada toda a equipe da **Manchete** com os nomes do presidente, diretores, secretário, chefe de redação, chefe de reportagem, redação, departamento de arte, produção, arquivo, departamento fotográfico, colaboradores, correspondentes do Brasil e internacionais, departamento de circulação e diretor de publicidade. Nessa mesma página também era apresentado o sumário com a lista de artigos e uma pequena seção intitulada como “Um nome em Manchete”, que divulgava e comentava sobre algumas decisões tomadas por políticos, presidentes ou diretores de alguma instituição brasileira.

A revista era bastante conectada com os seus leitores. Em muitos dos artigos, eram divulgados diálogos entre os jornalistas e o público, abrindo espaço para que

esse último pudesse participar das edições. Em “O leitor Manchete”, eram publicados comentários feitos pelo público sobre artigos de edições anteriores, com os mais variados temas. Em algumas edições, também eram divulgados concursos de fotografias, o que dava espaço para o leitor mostrar o seu trabalho e ficar nacionalmente conhecido, criando uma espécie de fidelidade à revista. Na seção “Conversa com o leitor”, os diretores e presidente do periódico respondiam sobre mudanças feitas na revista e comentavam trechos dos artigos publicados.

Na seção “O Brasil em Manchete”, eram publicados os grandes eventos que aconteciam pelo país, como exposições em museus, peças de teatro e premiações. Para cobrir as notícias internacionais, a seção “O mundo em Manchete”, que ao longo das edições se transforma na seção “Notícias que valem Manchete”, trazia informações dos maiores eventos e decisões que vinham acontecendo principalmente na Europa e Estados Unidos.

Quando o assunto era esportes, a seção “Manchete esportiva” trazia as últimas notícias sobre os campeonatos, disputas e corridas. Em “Pôsto de escuta” eram divulgados pequenos trechos com assuntos relacionados a política.

No final de cada edição, era publicada uma charge, geralmente assinada pelos cartunistas Borjalo, pseudônimo de Mauro Boja Lopes, e Claudius Ceccon.

A revista elaborou muitas reportagens ligadas ao crescimento econômico do Brasil, cujo processo de industrialização apontava o país como uma potência. No que se refere à trajetória do presidente Juscelino Kubitschek (JK), a **Manchete**, através de reportagens, exerceu papel importante na construção e consolidação da imagem de Brasília e do próprio JK como governante. Na edição especial de outubro de 1992, há uma breve “explicação” do que foi a ligação entre Brasília e a revista:

A história da **Manchete** está ligada à história de Brasília [...]. Documentando semanalmente, através de fatos e textos que se tornaram históricos, as diversas etapas da construção da Capital da Esperança, a revista cresceu entre os leitores, adquiriu maioria técnica e ficou indissolavelmente comprometida com os temas que fizeram JK edificar, no coração do cerrado a sua meta-síntese: o otimismo, a confiança no futuro e no Brasil. A 21 de abril de 1960, dia da inauguração da nova capital, o povo brasileiro compreendeu que Brasília e Manchete cresceram juntas (1).

A equipe da revista **Manchete** era composta por jornalistas, fotógrafos, editores e profissionais de diversas áreas. Entre os repórteres, contava com Nahum Sirotsky, que foi o primeiro jornalista brasileiro credenciado nas Nações Unidas para cobrir reportagens; Newton Carlos, considerado um pioneiro na especialidade de comentarista internacional; Murilo

Melo Filho que foi advogado, jornalista e escritor que acompanhou a história de vários presidentes brasileiros. As fotografias das revistas ficaram por conta de Jäder Neves, Gervásio Baptista e Indalécio Wanderley. Entre os editores, destaca-se Justino Martins, que foi convidado por Adolpho Bloch para ser correspondente em Paris e depois diretor, marcando a nova estética da revista com fotografias grandes e coloridas, impressão de alta qualidade e textos curtos e diretos (2).

Dentro do recorte temporário da pesquisa, analisamos desde outubro de 1956 até maio de 1960, um total de 184 revistas que iremos comentar na sequência.

(1) Dissertação de mestrado intitulada Meios de comunicação como construtores de uma imagem pública: Juscelino Kubitschek através das revistas Manchete e O cruzeiro. (ARAGÃO, Gregory Pontes, 2006, p. 51).

(2) Dissertação de mestrado intitulado Meios de comunicação como construtores de uma imagem pública: Juscelino Kubitschek através das revistas Manchete e O cruzeiro. (ARAGÃO, Gregory Pontes, 2006, p. 47).

Módulo

A **Módulo** (1), revista de arquitetura e artes plásticas, foi fundada em março de 1955, pelo arquiteto Oscar Niemeyer, no Rio de Janeiro. Os periódicos foram lançados com periodicidade irregular e circularam em dois momentos. O primeiro, de 1955 a 1965, com 39 números publicados. E o segundo, de 1975 a 1989, completando 100 números, quando a revista deixou de ser editada. Entre o primeiro e o segundo momento, ocorreu uma paralisação forçada, de 1965 a 1975, por conta da ditadura militar.

O principal objetivo da revista era propiciar a reflexão sobre a modernidade e o contexto cultural brasileiro e internacional, principalmente nos campos da arquitetura, urbanismo, design e artes plásticas. A revista se destacou ao apresentar projetos arquitetônicos inovadores; explorar a diversidade do patrimônio cultural brasileiro; além de divulgar designers e artistas que vinham se destacando em função do trabalho realizado. Grande parte das publicações, mostrava os projetos de Niemeyer e de seus colegas amigos, na maioria, arquitetos cariocas.

A revista funcionou como meio de difusão do que vinha sendo feito em Brasília, defendia as ideias da arquitetura e urbanismo corbusieano e era uma forma de comunicação direta de Niemeyer, em relação às críticas feitas sobre o seu trabalho.

A crítica mais conhecida arquiteto e designer gráfico

Max Bill com o texto “O arquiteto, a arquitetura e a sociedade” publicado nas revistas **Architectural Review** e **Habitat** em 1954. No ano seguinte, Niemeyer lançou a **Módulo**, com o artigo “Crítica da arquitetura brasileira. Rica demais – dizem” em resposta direta aos comentários de Max Bill.

O público-alvo era bastante especializado, já que a revista contava com textos mais complexos, voltados a um nicho seletivo de artistas, arquitetos, urbanistas e designers. Em sua primeira edição, a revista se definiu da seguinte forma:

Queremos que esta revista, que forçosamente será de interesse técnico, e se dirige especialmente a profissionais e artistas, tenha sempre a humildade e a força de ser alguma coisa a serviço do homem comum, esse exilado de nosso tempo e de nossa cidade (MÓDULO-1, 1955, p.2).

Segunda matéria “A revista e o título”, publicada na primeira edição de março de 1955, o nome da revista **Módulo** surgiu a partir da sua definição do dicionário: “medida reguladora das proporções arquitetônicas de um edifício”. Proporções essas exploradas por Le Corbusier como “Modulor”. No artigo, Niemeyer aproveita para publicar seu comentário sobre a vinda de Le Corbusier ao Brasil. Em forma de nota de rodapé, a redação destaca:

(1) Especificamente sobre a revista Módulo, além de sua coleção, conservada e disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional e na Seção de Obras Raras da Biblioteca da UnB, foram consultados os seguintes autores: (ESPADA, 2009), (BOTELHO, 2015), (MARCHETTI, 2016), (DEDECCA, 2017) e (GONZAGA, 2018).

Este comentário foi escrito por Oscar Niemeyer, que deveria ler em um programa de Rádio do Ministério da Educação. A transmissão deixou de ser realizada, por haverem informado ao arquiteto brasileiro que sua palestra tinha que sofrer alguns cortes (MÓDULO-1, 1955, p.3).

Esse é um exemplo como Niemeyer utilizava a **Módulo** como meio de comunicação direta.

A equipe da **Módulo** contava com uma série de intelectuais, como Joaquim Cardozo, engenheiro, professor, dramaturgo e desenhista; Rodrigo Melo Franco de Andrade, gestor da cultura brasileira, sendo o primeiro presidente do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Sphan); Rubem Braga, um dos maiores cronistas brasileiros; e Zenon Lotufo, professor de arquitetura na Universidade de São Paulo. Na redação, a equipe era composta por Carlos Leão, arquiteto sócio do escritório de Lucio Costa; Flávio Aquino, arquiteto, crítico de arte e professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro; e Hélio Uchôa e José de Souza Reis, arquitetos com projetos espalhados pelo Brasil; entre outros. Na fotografia: Jean Manzon, fotógrafo francês que inovou no fotojornalismo no Brasil; Humberto Franceschi, pesquisador, colecionador e fotógrafo; Marcel Gautherot, fotógrafo francês que viveu grande parte da sua vida no Brasil, trabalhou para a revista **Brasília** e documentou várias partes do país; entre outros.

A **Módulo** também contava com correspondentes arquitetos em diversos estados brasileiros. Lucio Estelita, no Recife; Carlos Lemos, em São Paulo; José Bina Fonyat, em Salvador; Edgar Graeff, em Porto Alegre; e Rafael Hardy e Adeildo Viegas de Lima, em Belo Horizonte. No layout e diagramação, nomes como Henry. R Moeller, Artur Lício Pontual (que trabalhou na revista **Brasília**) e Goebel Weyne, a serem explorados na seção das capas das revistas.

A estrutura da **Módulo**, era composta por capa colorida seguida de 10 a 15 páginas iniciais contendo publicidade. Geralmente, a revista era composta de 4 a 8 artigos de temas variados e uma seção chamada de “Noticiário”, com pequenas reportagens sobre eventos sociais e exposições. No final de cada edição, uma nova sequência de publicidade.

Embora circulando desde março de 1955, somente em dezembro de 1956, na edição de número 6 (M6)(1), é que começaram a aparecer as primeiras matérias sobre Brasília. Em 1957, foram publicados os números 7 e 8, sendo a M8 uma edição especial sobre a nova capital, com 11.000 exemplares e textos em português, inglês, francês e alemão. Em nossa pesquisa foram analisados 13 números, desde dezembro de 1956 até a edição especial de inauguração de Brasília, de 18 de junho de 1960.

(1) Para evitar repetição, vamos adotar o padrão “M” substituindo “revista Manchete”, seguido da respetiva numeração (M1 = revista Manchete nº 1).

Brasília

Conforme anteriormente indicado, coube a Raimundo Nonato Silva modificar aspectos gerais da revista **Brasília** a partir de maio de 1957. Ele foi convidado em função de sua vasta experiência como jornalista e por ter morado no exterior, tendo facilidade para idiomas, pois falava italiano, francês, espanhol e romeno (1). Com tal bagagem, foi considerado a pessoa ideal para cuidar das relações públicas nacionais e internacionais da publicação. Ao assumir a chefia de Divulgação da Novacap, Silva logo percebeu que a revista não estava em sintonia com o espírito de modernidade da Capital. Era necessário, simultaneamente, modernizar o seu *layout* e apresentar o conteúdo de modo mais convincente (2).

Nonato da Silva começou a trabalhar em março de 1957. No início, seu nome não era divulgado e, somente depois da décima quarta edição, ele passou a assinar como “diretor-responsável”. Foi ele quem abriu mais espaço para as fotografias das construções, seções de respostas à oposição e reformulou a revista por completo. Segundo suas palavras:

Inicialmente não assinava, pois a revista era produção gráfica gratuita da Novacap e os nomes não apareciam. Além disso, não quis envolver diretamente minha amizade com o professor

Ernesto Silva. Logo surgiu, porém, um problema com qualidade e o preço do papel: foi, portanto, necessário formalizar e registrar o diretor responsável da revista, para se utilizar o papel de melhor qualidade, que era importado – o papel nacional era muito fraco – e mais barato. Assim, assumi a chefia da revista.

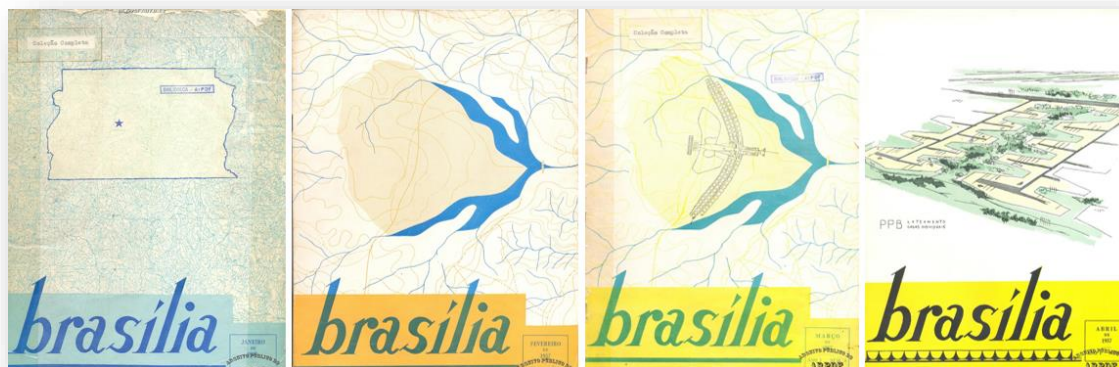
O projeto gráfico dos primeiros quatro números da revista **Brasília** era muito simples. Apenas a capa e a contracapa eram coloridas. A diagramação e distribuição das seções e colunas reproduzia o padrão dos jornais da época, com as matérias distribuídas em três colunas e os destaques apresentados em caixas de leitura de duas colunas. As capas seguiam um mesmo padrão, com $\frac{3}{4}$ superior da página ilustrado e o $\frac{1}{4}$ inferior destinado a receber o título da revista. O nome “*brasília*” era grafado sublinhado, em minúsculas, no padrão da fonte *garamond*. No número 4, o sublinhado simples foi substituído por uma composição linear caracterizada pela repetição das colunas do Palácio da Alvorada (trata-se, provavelmente, da primeira vez que a coluna é adotada como símbolo gráfico).

As ilustrações aplicadas às primeiras capas já haviam sido utilizadas nas revistas **Manchete** e **Cruzeiro**, mas quando analisadas em conjunto, sugerem ou permitem

(1) Artigo Informações, representações e discursos acerca das arquiteturas-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília. Publicado na revista Risco. (VIDESOTT, Luisa, 2010, p.32).

(2) Artigo Informações, representações e discursos acerca das arquiteturas-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília. Publicado na revista Risco. (VIDESOTT, Luisa, 2010, p.33).

uma leitura progressiva do estágio das obras da capital. O número 1 (B1)(1) apresenta o retângulo do Distrito Federal – o “quadrado” – com uma estrela indicando o lugar da construção de Brasília. Já o B2, como realizando um *zoom* de aproximação, oferece uma visão do sítio de implantação da nova cidade, com algumas indicações geográficas, como linhas topográficas, cursos hídricos e o local do futuro lago Paranoá. Em B3 (número que trata do concurso do plano urbanístico), o que se vê é – sobreposto à imagem da capa B2 – o plano piloto: “dentro da área da nova capital, entre os dois braços do grande lago a formar-se com o represamento do rio Paranoá, o traçado urbanístico de Brasília, preconizado pelo projeto Lucio Costa” (BRASÍLIA-3, 1957, p. 1). Na sequência, temos em B4 uma espécie de detalhamento do Plano, com uma perspectiva aérea do que se imaginava para os setores residenciais individuais. “Previram-se igualmente setores ilhados, cercados de arvoredo e de campo, destinados a loteamento para casas individuais, sugerindo-se uma disposição dentada...” (BRASÍLIA-4, 1957, p. 1). A evolução da cidade, representada em suas primeiras capas, pode ser observada a seguir:



(1) Para evitar repetição, vamos adotar o padrão “B” substituindo “revista Brasília”, seguido da respectiva numeração (B1 = revista Brasília nº 1) e assim por diante.

A partir da B5, Nonato da Silva e Lício Pontual começam a transformar a revista **Brasília**. Nonato Silva assumiu o projeto gráfico da publicação, junto com os arquitetos Hermano Montenegro e Armando Abreu, que cuidavam do layout e das capas. Embora fossem os responsáveis desde a sua quinta edição, o nome de Lício Pontual só começou a aparecer na sétima edição; e os de Hermano Montenegro e Armando Abreu, na décima primeira.

As modificações foram introduzidas pouco a pouco. A primeira ocorreu na estrutura da capa, quando o título passou a ocupar o $\frac{1}{4}$ superior e as imagens os $\frac{3}{4}$ inferiores. O nome “brasília” passou a ser grafado sem o sublinhado, ainda em minúsculas, mas no padrão da fonte *arial black*. Tais transformações já estão presentes na B5 (número especial da primeira missa) e B6, que no entanto, são as últimas edições a apresentarem a barra inferior com a repetição das colunas do Palácio da Alvorada.

Figura 1. Da esquerda para a direita, capas das edições 1 a 4 da revista Brasília 1957. Fonte: Arquivo público do Distrito Federal.

O foco principal da revista era a ilustração, para que atingisse o maior público possível, tendo em vista que em boa parte da população era analfabeta. Para isso, como ferramenta de comunicação, começaram a ser utilizadas cores fortes por cima das imagens ou o efeito de negativo para destacar fatos importantes que vinham acontecendo na capital. No corpo da revista, o destaque foi para o abandono da diagramação em três colunas e a adoção de uma disposição mais leve, em duas colunas.

Quando analisadas em conjunto, as capas voltam a sugerir uma determinada cronologia dos fatos e eventos, como a primeira missa de Brasília (B5) e a visita do presidente de Portugal (B6). Na sequência, temos oito capas com a reprodução fotográfica das maquetes de edificações projetadas por Oscar Niemeyer e seu grupo de colaboradores, como o Congresso Nacional (B7), a Igreja Nossa Senhora de Fátima (B8), o Palácio do Supremo Tribunal Federal (B10), os setores Bancário e Comercial Sul (B11), o Congresso Nacional e o Palácio da Alvorada (B13), a Praça dos Três Poderes (B15), o Palácio do Planalto (B16), o Museu da Cidade (B17) e a Catedral (B21). Tal sequência só foi interrompida para a divulgação de três obras escultóricas: do marco da pedra fundamental de 1922, erguido em Planaltina (B9); do modelo reduzido dos “Candangos”, de Bruno Giorgi (B12); e de um estudo para uma das “Iaras” do Palácio da Alvorada, de Alfredo Ceschiatti (B14).

A primeira imagem de uma edificação executada, só aparece na edição 18, de junho de 1958, e foi dedicada ao Palácio da Alvorada (que comparece em B18, B19, B23, B26 e B27). O mesmo ocorreu em relação ao Brasília Palace Hotel (B20).

Entre todas as capas estudadas, apenas uma foi dedicada a homenagear uma personalidade envolvida na construção de Brasília. A edição de janeiro de 1959 estampou a fotografia de Bernardo Sayão, tragicamente falecido em 15 de janeiro daquele ano, quando coordenava as obras de parte da rodovia Transbrasiliana (Belém-Brasília).

A partir da edição de setembro de 1958 (B21, a da maquete da Catedral), todos os números subsequentes apresentaram imagens de edificações construídas ou em execução, muitas vezes com a sobreposição de um desenho ou croqui. Imagem da cidade executada – um trecho do eixo rodoviário sul – só irá ilustrar a capa B39, de março de 1960 (a última antes da inauguração da Capital).

A seguir, todas as capas existentes desde a reformulação da revista até a inauguração de Brasília separadas por ano:

1957



Figura 2. Capas das Revistas Brasília edições 5 a 12 de 1957. Fonte: Arquivo público do Distrito Federal.

1958



Figura 3. Capas das Revistas Brasília edições 13 a 24 de 1958. Fonte: Arquivo público do Distrito Federal.

1959

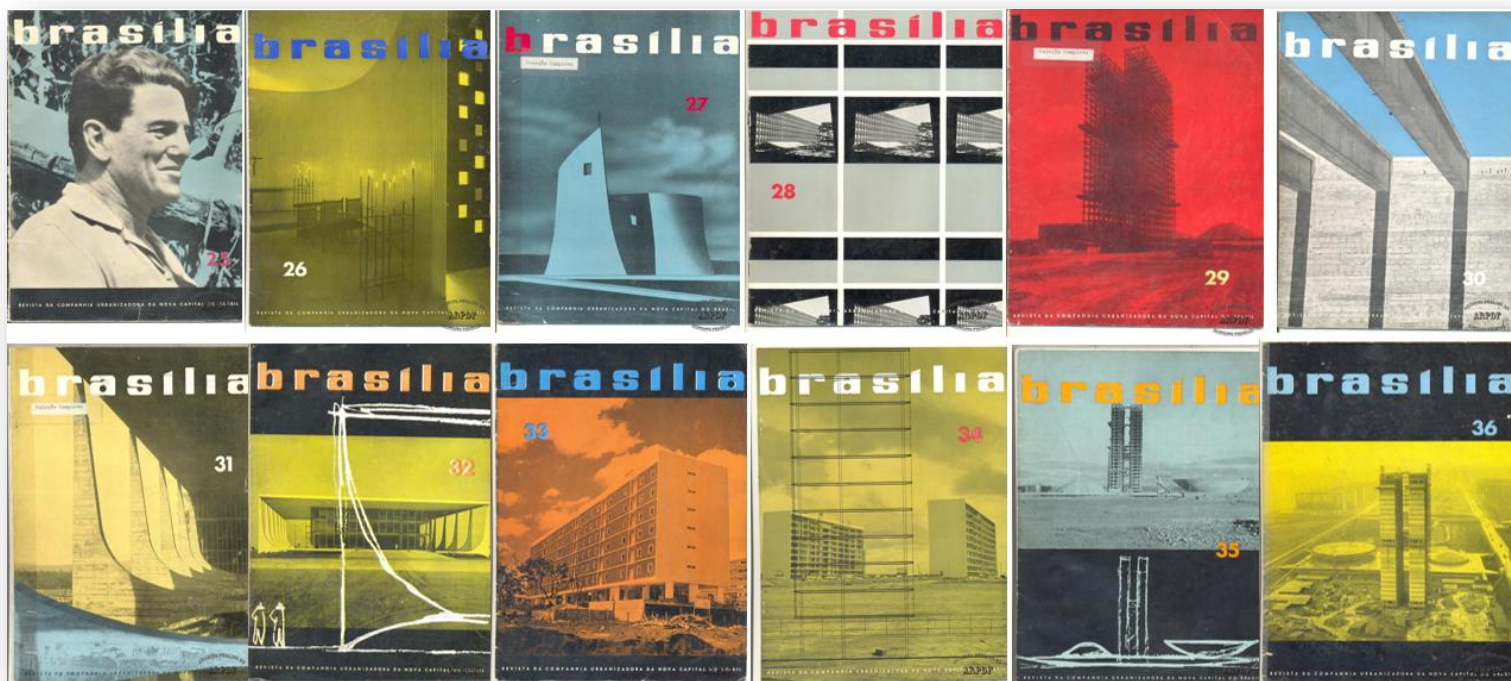


Figura 4. Capas das Revistas Brasília edições 25 a 36 de 1959. Fonte: Arquivo público do Distrito Federal.

1960



Figura 5. Capas das Revistas Brasília edições 37 a 40 de 1960. Fonte: Arquivo público do Distrito Federal.

Em função da quantidade de imagens, Nonato da Silva passou a reivindicar junto à direção da Novacap a impressão em papel de melhor qualidade (1). Assim, a partir de maio de 1958 (B17), a revista **Brasília** passou a ser impressa na editora Bloch, que na época era uma das maiores empresas de comunicação do Brasil, que também publicava a revista **Manchete**.

Entre as 39 revistas analisadas, cabe ainda destacar que algumas capas foram especialmente produzidas em função de acontecimentos políticos específicos ou em demonstrar às críticas que Brasília vinha sofrendo (figura 6). A questão era demonstrar que a cidade estava em plena execução e que os projetos elaborados estavam em processo de conclusão. Esse foi o caso das revistas B32, B34 e B35. Nessas edições, foi utilizada a técnica de sobreposição dos croquis de Oscar Niemeyer às fotos atualizadas das obras do Supremo Tribunal Federal (B32), dos Ministérios (B34) e do Congresso Nacional (B35).

No texto “Armas secretas como cidade”, assinado por Osvaldo Orico, o autor comenta algo que traduz o significado das três capas analisadas:

A capacidade, o dinamismo da empresa construtora destruíram os vaticínios pessimistas e levou por diante a obra, que se apresenta agora em toda sua pujança. Brasília não é já apenas o terreno nivelado, arruado, esperando que o tempo transforme em obras as maquetes de Niemeyer. Além do Palácio do Governo, do Hotel de Turismo e das inúmeras habitações operárias e construções particulares que surgem aqui e ali, as estruturas de aço, cujo acesso ao local era posto em dúvida pelos pessimistas, furam o espaço com os dois blocos de 28 andares que compõem o sistema administrativo do Congresso, e que ali significam a vontade popular dominando o cenário urbanístico da metrópole. Uma visita às obras em andamento serve agora para convencer os incrédulos de que Brasília está em marcha e não pode mais parar. Chegará na data fixada, prontinha para receber a investidura de capital do Brasil. Em 21 de abril de 1960, ninguém mais



(1) Artigo Informações, representações e discursos acerca das arquiteturas-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília. Publicado na revista Risco. (VIDESOTT, Luisa, 2010, p.33).

Figura 6. Capas das Revistas Brasília edições 32,34 e 35 de 1959. Fonte: Arquivo público do Distrito Federal.

discutirá o fato, isto é, ninguém mais se lembrará das críticas sobre o ritmo das obras, cujos reflexos no processo inflacionário do país determinaram a campanha que se fez contra a construção (ORICO, Brasília-32, 1959, pp. 7-8).

Ou seja, essas capas respondem aos comentários pessimistas, demonstrando que as obras estavam em estágio adiantado, que a estrutura metálica era capaz de sustentar os novos palácios, e que a data prevista para a inauguração seria cumprida.

Para a inauguração da nova capital, foi lançada uma edição especial, com o resumo de todas as outras revistas. Na capa, a data 21 de abril de 1960 chama atenção contrastando com o fundo branco e nela observamos o Palácio e a Capela do Alvorada em um ângulo que foi muito explorado nas fotografias encontradas em algumas edições da revista. Dessa vez, o Palácio e Capela aparecem com a sua aparência final concluída. Os espelhos da água refletem a esbeltez das colunas revestidas de mármore, a iluminação pontual destacava os elementos arquitetônicos, e a Capela contrastava com o céu limpo livre de nuvens, Brasília estava pronta para a sua inauguração.



Figura 7. Capa da Revista Brasília edição 40 de 1960. Fonte: Arquivo público do Distrito Federal.

Manchete

A revista **Manchete**, ao longo de sua história, também ficou conhecida pelas suas capas marcantes e, muitas vezes, impactantes. Geralmente traziam a imagem de uma personalidade famosa ou fotografia ilustrativa de um acontecimento importante ou polêmico. Os títulos, buscavam provocar a curiosidade dos leitores. Ainda com o mesmo objetivo, vários temas ou reportagens recebiam destaque em uma mesma capa, com tópicos explorando eventos políticos, esportivos, policiais e/ou culturais.

Outro ponto forte que chamava a atenção dos leitores, eram as cores chamativas que contrastavam com o visual da revista e se destacavam diante das outras revistas e jornais nas bancas de venda. Essas principais características tornaram as capas da revista **Manchete** memoráveis, contribuindo para a influência duradoura da publicação na cultura e na mídia brasileira.

Embora o assunto “Brasília” compareça sistematicamente na revista desde outubro de 1956, apenas quatro capas deram destaque ou mencionaram a nova capital.

As duas primeiras capas correspondem a edições de 1959, como é possível perceber nas imagens aqui reproduzidas. O foco permanece nas celebridades (na edição de setembro, na cantora americana Brenda Lee; e na de outubro, a atriz alemã Elga Andersen). Nas duas edições, Brasília é apenas mencionada em subtítulos:

“vinte páginas sobre Brasília” (MA387)(1) e “Elga Andersen viaja de Brasília a Belém no filme Os Bandeirantes” (MA391).



Figura 8. Capas das revistas Manchete nº 387 e 391 de 1959. Fonte: Hemeroteca Digital.

(1) Para evitar repetição, vamos adotar o padrão “MA” substituindo “revista Manchete”, seguido da respectiva numeração (MA1 = revista Manchete nº 1).

A terceira e quarta capas correspondem a edições lançadas em abril de 1960. A MA417, destaca uma pintura realizada a partir de fotografia da Rainha Elizabeth II segurando o seu filho recém-nascido; e a MA419, a Miss Mônica Prado Mendes. Nos dois casos, temos imagens que apresentam para o leitor da Manchete o que vinha sendo construído na nova capital. Na edição com a Rainha Elisabeth II, a chamada é para a matéria “Todos os caminhos levam a Brasília”, a miss (“Brasil, capital Brasília – A maior reportagem trazendo uma pequena fotografia do Palácio da Alvorada; e com m sobre o novo Distrito Federal”), o Congresso Nacional serve de cenário.



Figura 9. Capas das revistas Manchete nº 417 e 419 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

A última capa com o tema Brasília, foi a de maio de 1960, quando foi lançada a edição especial de inauguração da capital (MA420). A capa traz o presidente Juscelino Kubitschek, sorridente e feliz, em frente ao Congresso Nacional, no dia 21 de abril. O título único em destaque é “Brasília ano I, a reportagem do século”, matéria que acompanhou todo evento inaugural.



Figura 10. Capa da revista de inauguração de Brasília tirada por Gervásio Baptista com o presidente Juscelino Kubitschek nº 420 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital

As matérias que viraram manchete nas capas, serão objetos de estudo do próximo tópico a “Cidade”, após a análise das capas da revista Módulo, a seguir.

Módulo

Durante o período estudado (13 edições), a *Módulo* publicou 11 números cujas capas estavam relacionadas a construção da nova capital. As oito primeiras capas, foram produzidas por Athos Bulcão, amigo de Niemeyer. Entre elas, três estampam o início de Brasília: a M6, com a maquete de estudo que originou os palácios da cidade (Palácio do Planalto e Palácio da Alvorada) em contraste com o fundo amarelo e preto destacando ainda mais a maquete; a M7, com uma sequência de fotos repetidas da fachada do palácio em vermelho, chamando atenção para as colunas que futuramente se tornariam um dos símbolos mais conhecidos de Brasília; e a M8, com o esquema reluzente do Plano Piloto de Lucio Costa com pontos de luz contrastando com o fundo escuro utilizado na capa.



Figura 11. Capas das Revistas números 6 de dezembro de 1956 e 7,8 de fevereiro e julho de 1957. Fonte: Revistas 6, 7 e 8: Foto tirada por Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

De 1955 a 1965, o layout, a paginação, a diagramação e a direção de arte foram assinadas por quatro nomes distintos que contribuíram para o aspecto visual da revista.

O primeiro foi Henry R. Moeller, nas edições M1 a M6; o segundo foi Artur Lício Pontual, nas M7 a M9 e M11 a M14; o terceiro foi Glauco Campello, na M10. No ano de 1959, a revista passou por uma mudança no design gráfico, liderada pelo designer Goebel Weyne junto com Artur Lício Pontual.

Weyne, havia participado de um curso de comunicação visual no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro ministrado por Ot Aicher, um dos maiores designers gráficos da Alemanha. No curso, Weyne desenvolveu e apresentou o redesenho da revista *Módulo*, e acabou sendo convidado para participar da equipe (1). Ele foi o responsável pelo layout e diagramação das M15 a M39.

(1) Tese de Doutorado Fios Cortantes. Projeto e Produto, Arquitetura e Design no Rio de Janeiro (1950-1970). (NOBRE, Ana Luiza, 2008, p.78).

Como podemos observar nas imagens a seguir, a M9 estampa na capa a maquete do Congresso Nacional em dois diferentes ângulos. Na M10 temos, em primeiro plano, o detalhe da coluna do Palácio do Planalto, junto com o seu desenho, destacando a arquitetura desenvolvida por Niemeyer. Na M11, o destaque é uma imagem da maquete da Catedral Metropolitana vista de cima, junto com os seus anexos.

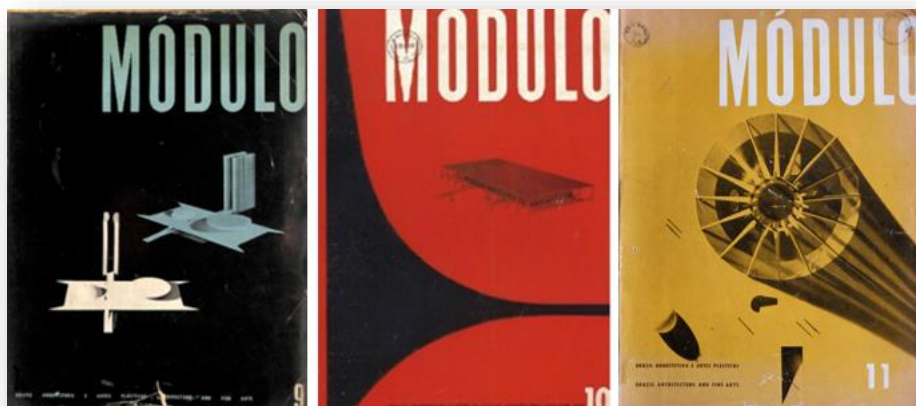


Figura 12. Capas das Revistas números 9,10, de janeiro e agosto de 1958 e capa da Revista número 11 de dezembro de 1958. Fonte: Arquivo público do Distrito Federal. Revistas: 9 e 11 retiradas da dissertação de Gustavo Marchetti e 11 foto tirada por Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Para a capa da M13 (na página a seguir), foi explorado uma foto de Marcel Gautherot das estruturas de um edifício em construção de Brasília. Segundo o texto de Heloisa Espada em *Cidade-Bandeira*, do catálogo da exposição *As Construções de Brasília* (2010), a capa produzida por Artur Lício Pontual utilizou do contraste das vigas metálicas (em preto) contra o céu (em azul), para então criar retângulos e quadrados estabelecendo um certo grafismo com pontos de cores em azul, preto e vermelho, lembrando as obras do neoplasticismo (1).

(1) Dissertação de Mestrado Projeto em revista: Arquitetura e fotografia na *Módulo* (1955 – 1965) de (MARCHETTI, Gustavo, 2016, p.88).

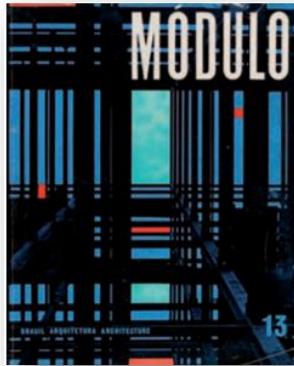


Figura 13. Capa da Revista número 13 com fotografia de Marcel Gautherot e arte de Artur Lício Pontual em abril de 1959. Fonte: Google biblioteca Vilanova Artigas – Escola da Cidade, São Paulo.

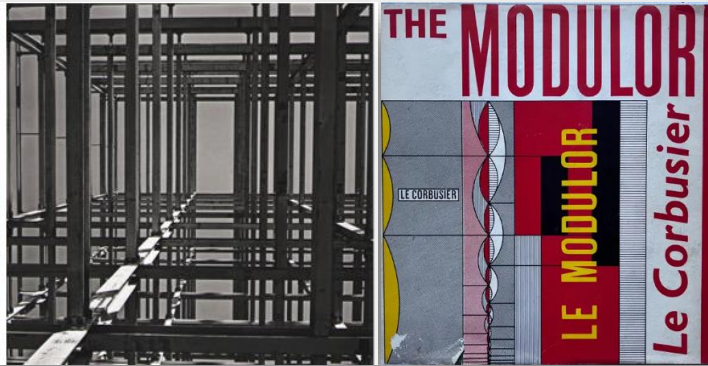


Figura 14. Capa do livro *Le Modulor* de Le Corbusier de 1954. Fonte: Google Imagens.

Observando e analisando as capas desse primeiro momento, é possível perceber a constante influência de Le Corbusier. É o caso da capa da publicação do *Modulor* (1954), que sugere a adoção do nome (Modulo) e a tipografia (com o título ocupando o mesmo local na capa, letras em caixa alta, mesma fonte monoespçada modular não serifada)(1).

As capas do primeiro momento da *Módulo* seguiam um padrão gráfico notável. Todas apresentavam o logotipo *Módulo* no canto superior à direita. A capa era composta pelo subtítulo *Brasil Arquitetura* ou *Arquitetura e Artes Plásticas Architectures and Fine Arts*. Era utilizada a técnica de colagem, muitas vezes os desenhos dos pilares dos palácios foram retrabalhados como elementos gráficos puros (assim como na revista **Brasília**) e não havia material publicitário. As fortes cores eram um elemento que chamava atenção, utilizando retículas coloridas, criando contraste entre imagens e textos.

(1) A serifa consiste em um pequeno traço, barra ou prolongamento que pode estar presente no fim das hastes das letras/fontes.

A partir da revista M15, ocorreu o redesenho das capas e diagramação desenvolvido por Artur Lício Pontual e Goebel Weyne. A nova identidade introduziu um design gráfico de estilo ulminiano, que surge na Alemanha e Suíça. Esse movimento buscava simplificar a tipografia trazendo clareza formal e objetividade ao design gráfico. Para isso, eram utilizados *grids* e *layouts* para a melhor composição das capas. Eliminavam qualquer informação visual com muito ornamento e excluíam propagandas para deixar as páginas ainda mais “limpas”, além de utilizar fontes sem serifa (1).

Essa metodologia teve grande força na *Hochschule für Gestaltung* (HfG-Ulm), escola de design fundada na cidade de Ulm, Alemanha (1953-1968). Foi um local de ensino inspirado na Bauhaus e teve como um de seus fundadores o arquiteto e designer Max Bill (ex-aluno da Bauhaus) e Otl Aicher (um dos principais designers alemães do século XX)(2). Max Bill cursou em Zurique o curso *Arts and Crafts Academy* entre 1924 e 1927, e na Bauhaus, frequentou o módulo da escola de artes e ofícios de Dessau, que influenciou diretamente nos conceitos tipográficos adotados na revista.

Entre as principais características tipográficas da **Módulo** estão a fonte em caixa alta e baixa, novo logotipo com nova fonte, textos nas cores preto e branco, fonte monoespçada modular, fonte e numeração com a mesma escala. As principais características gráficas são a criação de um cabeçalho branco gerando um espaço negativo que destaca o título, subtítulo e número da revista; a interrupção das imagens ocupando a página inteira; e o caráter mais objetivos das imagens utilizadas que deixam de ser meramente ilustrativas.

A seguir temos os exemplos das revistas M15, com um desenho da vista interna do Palácio do Planalto e fotografias das construções em andamento com material de construção. Na M16, a imagem superior é do Jardim de Infância *Kindergarten* projetado por Nauro Jorge Esteves; e a imagem inferior, do Centro de Recuperação Motora Sarah Kubitschek, projeto de Glaucio Campelo. Na M17, a capa estampa o desenho e maquete do Teatro Nacional, projeto de Niemeyer.



Figura 15. Capas das Revistas números 15 de outubro de 1959, 16 de dezembro de 1959 e 17 de abril de 1960. Fonte: Google Imagens

(1) Tese de Doutorado Fios Cortantes: Projeto e produto, arquitetura e o design no Rio de Janeiro (1950-70) de NOBRE, Ana Luiza, 2008, p. 79.

(2) Dissertação de Mestrado Projeto em revista: Arquitetura e fotografia na Módulo (1955-1965). MARCHETTI, Gustavo, 2016, p. 103.

Além dessas capas, na edição M18 foi lançada uma edição especial de inauguração da capital. Por se tratar de uma data importante, a revista inovou fazendo uma capa toda em azul com a imagem de parte do Museu da Cidade. Na fotografia, aparece o rosto de Juscelino com a frase:

Ao presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira que desbravou o sertão e ergueu Brasília com audácia, energia e confiança. A homenagem dos pioneiros que ajudaram na grande aventura (MÓDULO-18, capa de abril de 1960).

À guisa de conclusão parcial, no que diz respeito especificamente a “As Capas”, é interessante destacar a possibilidade de montagem de um mapa cronológico visual do conjunto. Quando organizadas por anos (1957, 1958, 1959 e 1960), a pauta é dada pela revista **Brasília** (a única que teve a capital sempre como tema) com as inserções especiais da **Módulo** e, próximo à inauguração, a **Manchete** (com cinco capas citando Brasília).

A seguir a capa da M18:

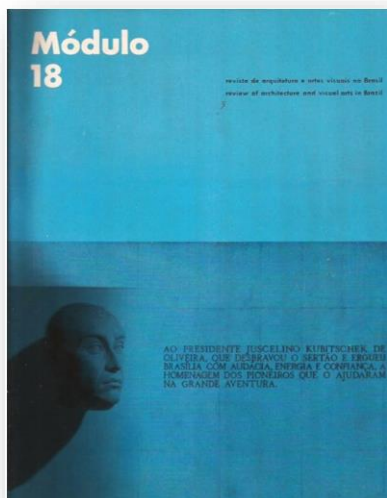


Figura 16. Capa da Revista número 18 de junho de 1960. Fonte: Google Imagens

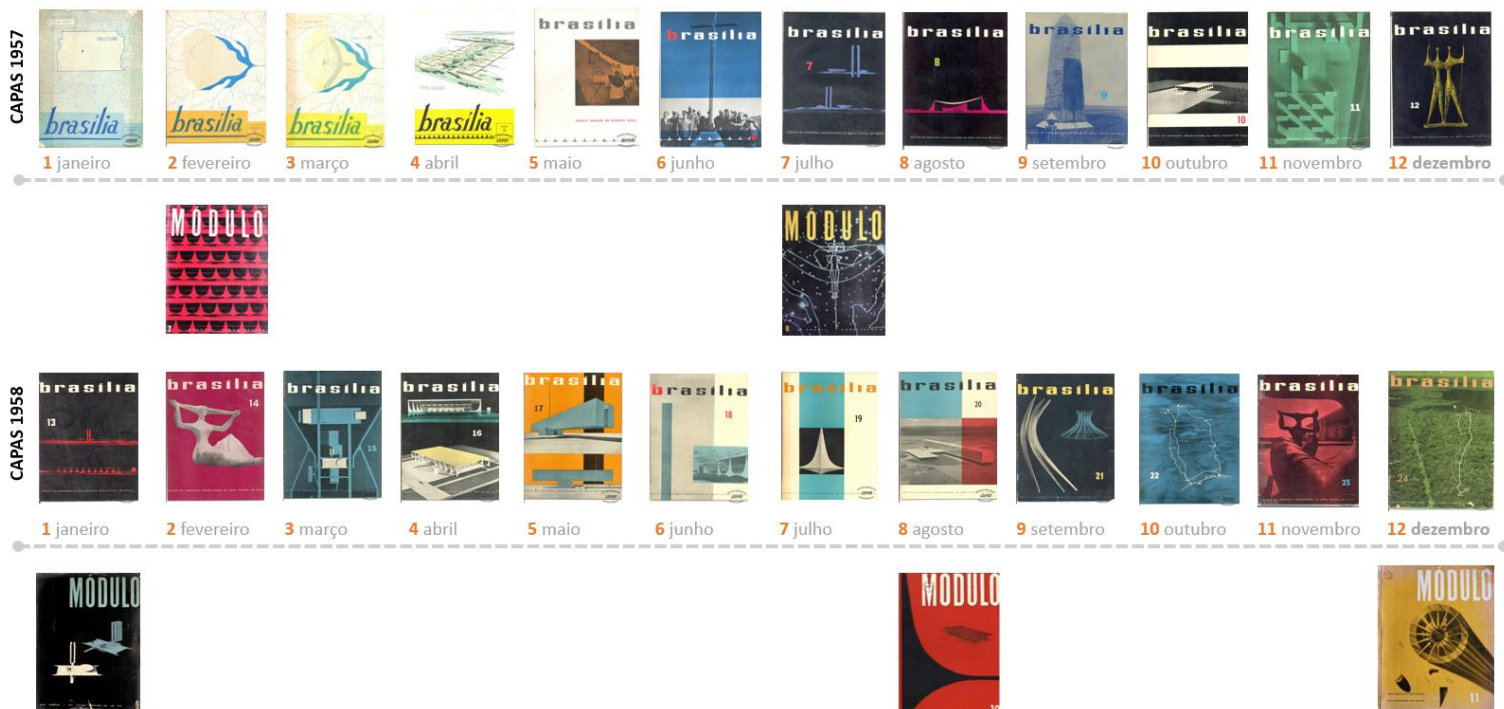


Figura 17. Linha do tempo desenvolvido por Andrey Aspiazu das capas das revistas Brasília, Módulo e Manchete. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



O que dizer, então, do tema “Cidade”, nas revistas analisadas? É sobre ele que versam as páginas a seguir.

Figura 18. Linha do tempo desenvolvida por Andrey Aspiazu das capas das revistas Brasília, Módulo e Manchete. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

CIDADE

Brasília

Ao abordar a categoria analítica “cidade”, optamos por respeitar a ordem cronológica em que as matérias foram publicadas em cada revista (**Brasília, Manchete e Módulo**), de maneira a evidenciar a importância então dada a cada subtema – o canteiro, as ligações viárias, o concurso, o plano piloto vencedor, os projetos dos setores urbanos etc. Para permitir uma determinada leitura de contexto, incluímos nesta categoria os eventos e congressos especialmente organizados pela Novacap e as visitas oficiais de autoridades internacionais, todos, sem dúvida alguma, promovidos ou divulgados para enaltecer a cidade.

O processo de construção de Brasília foi acompanhado de outro, o de sua documentação e divulgação. Através da revista **Brasília**, por exemplo, é possível resgatar os principais momentos de sua evolução, desde os primeiros estudos geográficos, passando pela implantação do Plano Piloto, até a sua consolidação como Capital do Brasil.

Logo em sua primeira edição (B1), foi dado destaque para a emblemática imagem de Juscelino Kubitschek; os generais Teixeira Lott e Nelson de Melo; os governadores José Ludovico e Antônio Balbino; o Ministro Lúcio Meira; e os técnicos Israel Pinheiro, Ernesto Silva e Bernardo Sayão - entre outras -

posando junto à simbólica cruz de madeira que representava o início da construção da capital e a “conquista” da “terra prometida”.

Nesta mesma edição, foram publicadas fotografias com os tratores removendo e preparando o sítio para a implantação da cidade. Simultaneamente, foram divulgados os estudos pertinentes à qualidade do ar, ao nível pluviométrico local e a capacidade de geração de energia futura, com destaque para o Rio Paranoá, a ser represado para a criação do lago.

Ou seja, uma mensagem clara dos momentos iniciais de um canteiro de obras que se instalava e de uma cidade que se prometia.



Figura 19. Políticos inaugurando a cruz do Cruzeiro em 2 de outubro de 1956. Revista Brasília edição 1 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na edição B2, de fevereiro de 1957, em “A marcha da construção de Brasília”, foi publicada lista com as ações em execução no canteiro da capital. Entre as obras temporárias, já estavam em fase de conclusão a pista e a estação de passageiros do aeroporto, e os edifícios de escritórios e depósito da Novacap. Em andamento, encontravam-se a rede de abastecimento de água, as casas coletivas para operários solteiros, as casas coletivas para engenheiros e funcionários solteiros, as casas isoladas para engenheiros e funcionários graduados, o restaurante para o pessoal da administração e o hotel do aeroporto comercial. Em estado adiantado, destacavam-se as obras definitivas do Palácio Presidencial (Palácio da Alvorada) e o Hotel de Turismo (Brasília Palace Hotel).

O setor de estradas de rodagens avançava com vias que buscavam conectar Brasília com o resto do Brasil. Naquele momento, o foco recaía sobre as rodovias Brasília a Anápolis e Brasília a Belo Horizonte. Na futura cidade, destacavam-se as ligações viárias entre o aeroporto e o “Cruzeiro” (que era considerado o centro), o aeroporto e o sítio do “Palácio Presidencial e Hotel de Turismo”, e o aeroporto a “Capelinha” (Igreja Nossa Senhora de Fátima).

No setor ferroviário, foram executadas as ligações de

Brasília a Pirapora, Brasília a São Paulo e Brasília a Estrada de Ferro de Goiás. Além disso, implantou-se serviço de conservação das estradas já existentes na região, chamados de TGV (Turma de Conservação Volante). Foram feitas a TGV 1, estrada do Guará a Brazlândia, a TGV 2 na “Cidade Eclética” em Campo Limpo, a TGV 3 na “Casa do Patrício”, entroncamento de Anápolis a Luziânia, e a TGV 4, entre o Guará e o entroncamento de Anápolis.

Na edição B3, pela primeira vez, foi divulgada matéria com o vencedor do Plano Piloto de Brasília. Foi então detalhada a maneira como a Novacap organizou a disputa, quem foram os jurados, onde foi realizada a reunião decisiva do concurso e quais os principais atributos analisados em cada projeto. Embora tivessem 60 concorrentes inscritos na disputa, somente 26 entregaram propostas dentro do prazo fixado no edital.

Todos os 26 participantes foram divulgados no artigo, incluindo os que ficaram do primeiro ao quinto lugar: o vencedor, projeto número 22, de Lucio Costa; em 2º, o projeto número 2, de Boruch Milmann, João Henrique Rocha e Ney Fontes Gonçalves; em 3º, os projetos de número 17, dos Irmãos Roberto; e de Rino Levi,

Roberto Cerqueira César e L.R. Carvalho Franco; e, em 5º lugar, três colocados: o projeto de número 1, de Carlos Cascaldi, João Vilanova Artigas, Mário Wagner Vieira e Paulo de Camargo e Almeida; o projeto de número 24, de Henrique E. Mindlin e Giancarlo Palanti; e, para finalizar, o projeto 26, da firma Construtécnica Comercial e Construtora.

Na mesma matéria, foi divulgada imagem do corpo de jurados no momento do anúncio do projeto vencedor. Na imagem, da esquerda para a direita: Stamo Papadaki, Israel Pinheiro, Wiliam Holford, André Sive, Oscar Niemeyer, Herbert Moses, Barbosa Lima Sobrinho, Ernesto Dornelles, Iris Meinberg e Ernesto Silva.



Figura 20. Júri do concurso do Plano Piloto. Revista Brasília edição 3 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Ainda na B3, foi publicado o artigo “O Grande Vencedor”, com comentários do urbanista William Holford a respeito das características do plano que Lucio Costa apresentou como “solução” para a criação e desenvolvimento de Brasília.

O artigo sobre o resultado do concurso (figura 21), foi ilustrado com a reprodução do mapa do Plano Piloto desenhado por Lucio Costa. Embora não seja legível, a legenda que acompanha o desenho nomeia os 29 setores ou zonas da capital: 1 – Praça dos Três Poderes; 2 – Esplanada dos Ministérios, 3 – Catedral, 4 – Setor Cultural, 5 – Centro de Diversões, 6 – Setor de Bancos e Escritórios, 7 – Setor Comercial, 8 – Hotéis, 9 – Torre emissora e Rádio TV, 10 – Setor Esportivo, 11 – Praça Municipal, 12 – Quartéis, 13 – Estação Ferroviária, 14 – Armazéns e pequenas indústrias, 15 – Cidade Universitária, 16 – Embaixadas e Legações, 17 – Setor Residencial, 18 – Casas Individuais, 19 – Horticultura, Floricultura e Pomares, 20 – Jardim Botânico, 21 – Jardim Zoológico, 22 – Clube de Golf, 23 – Estação Rodoviária, 24 – Yatch Clube, 25 – Residência, 26 – Sociedade Hípica, 27 – Área destinada a feiras, circos, etc., 28 – Aeroporto, 29 – Cemitério.

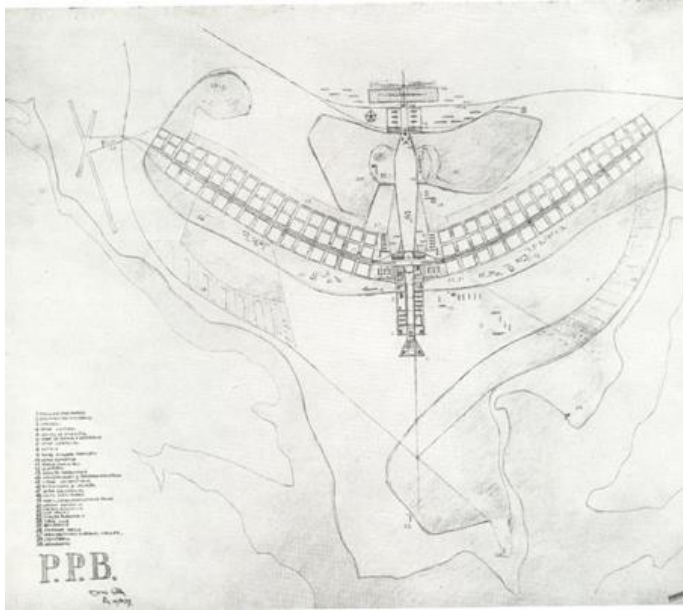


Figura 21. Planta do Plano Piloto de Brasília. Revista Brasília edição 3 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

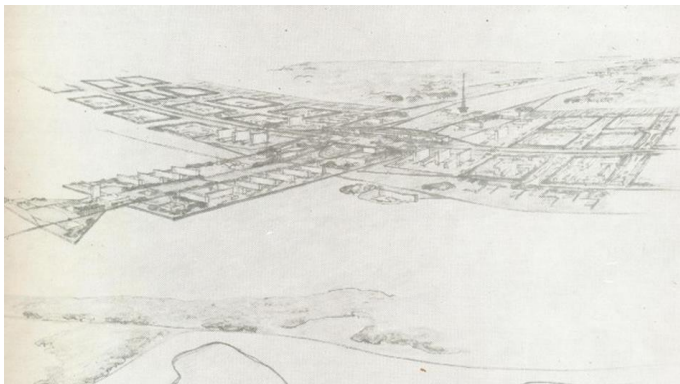


Figura 22. Brasília pela concepção de Lúcio Costa. Revista Brasília edição 3 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na revista seguinte, a B4, foram publicadas imagens do presidente Juscelino Kubitschek e de sua comitiva visitando os canteiros de obras das edificações. Em seguida, uma matéria detalhando os projetos de Boruch Milman, João Henrique Rocha e Ney Fontes Gonçalves e de Rino Levi, Roberto Cerqueira e L.R Carvalho Franco, classificados em segundo e terceiro lugar, respectivamente. O foco dessa publicação foi mostrar para os leitores as principais características de cada projeto, incluindo fotografias das plantas baixas e maquetes isométricas.

Em 3 de maio de 1957, aconteceu o primeiro grande evento da capital. A denominada “primeira missa”. Para o acontecimento, muitos aviões se deslocaram para Brasília, transportando políticos, jornalistas, empresários, representantes de órgãos públicos, personalidades do mundo social, escritores e visitantes de todas as classes e procedências. Foi um evento aberto ao público e lotado de gente, como mostram as nove páginas e fotografias publicadas na revista B5.

Na B6, o evento reportado foi o da visita do presidente Francisco Higinio Craveiro Lopes, de Portugal. Na oportunidade, o mandatário circulou pelas obras, inaugurou o Hospital do Instituto de Previdência dos Industriários (I.P.P.I) e descerrou placa comemorativa que representou a firmeza dos laços que formam a comunidade luso-brasileira. Nessa edição, também foram divulgadas as principais características do projeto colocado em terceiro lugar, junto com o de Rino Levi, o dos irmãos Roberto. O artigo possui imagens da planta baixa, das unidades urbanas e do parque federal.

Na B7, em a “Primeira reunião científica de Brasília”, ocorrida em 6 de agosto de 1957, Juscelino Kubitschek

convida médicos do Rio, São Paulo, Minas e Goiás para debater temas relativos à medicina na previdência social e a doença de chagas. Os médicos também participaram da inauguração do Hospital Juscelino Kubitschek (atual Museu Vivo da Memória Candanga). Em 6 e 7 de julho de 1957, Brasília recebeu a comitiva de vereadores cariocas. Quem ficou encarregado de apresentar as obras e o plano foi Israel Pinheiro. A visita gerou várias impressões, que acabaram sendo publicadas na matéria. O vereador Edgard de Carvalho, opinou:

Tanto se fala no ritmo acelerado com que Brasília está sendo construída que, de perto fomos olhar o que se vem fazendo na nova Capital. É, realmente um local privilegiado. Desde o mais modesto operário até o Presidente Juscelino, passando, naturalmente, pelos diretores da Novacap, todos sabem que estão escrevendo naquele outrora abandonado sertão uma obra de sadia brasilidade. E o eco daquele trabalho já se ouve nos mais remotos lugarejos do Oeste. Combater o que se faz em Brasília não é combater um governo, é ser inimigo do progresso do Brasil (B6, 1957, p.17).

Segundo o vereador Manoel Novela:

Quem tiver propósitos firmados de não acreditar em Brasília não deve aparecer por lá. Não há pessimismo que resista ao espetáculo de trabalho que lá se verifica, animado pelo entusiasmo e pela convicção de vitória, que se nota, do Presidente Juscelino ao mais modesto operário (B6, 1957, p.17).

Como é possível perceber, ambas as falas elogiam a construção da cidade, criticam quem não acredita no desenvolvimento da nova capital e comentam sobre a forte ligação entre o presidente e os operários.

Na revista B8, em “A marcha pela construção de Brasília”, foi divulgado croqui da Praça dos Três Poderes, com fotografias mostrando que o sítio de implantação já estava passando pelo processo de terraplanagem.

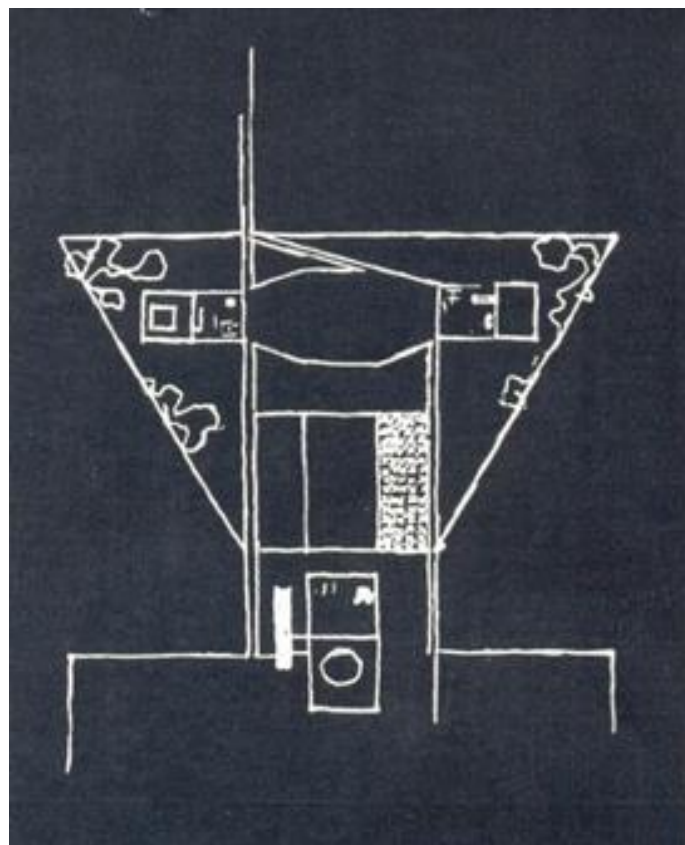


Figura 23. Planta Baixa da Praça dos Três Poderes. Revista Brasília edição 8 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

O desenho, com a praça sobre terrapleno triangular, também foi divulgado na B3 e, embora esteja muito diferente do projeto executado, apresentava os principais elementos que compunham o que Lucio Costa idealizou para a praça. À esquerda, na parte superior conseguimos visualizar o Palácio da Justiça, como era chamado na época; em sua frente; o Palácio do Planalto, onde é possível identificar a rampa e o volume do parlatório presidencial. Ao centro, onde fica a praça pública para pedestres, parece ser permitido a circulação automobilística e, mais na parte inferior, encontra-se o Congresso Nacional, implantado em outro sentido e apenas com uma cúpula.

Nessa mesma edição também foi comentado sobre os locais de extração dos materiais de construção, como cimento, areia e pedra, que vinham de fazendas do entorno.

Em setembro de 1957, na B9, surgem fotografias de desenhos e maquetes das superquadras residenciais. Assim, os leitores poderiam visualizar e compreender – por meio de texto descritivo e imagens –, como seriam distribuídas as quadras e quais edifícios dariam apoio para o seu funcionamento.

Na maquete publicada podemos ver ao centro, a quadra residencial composta por nove edifícios de seis andares e pilotis, interligados por um caminho sinuoso que dá acesso para os automóveis. Na parte superior à direita, conseguimos perceber, ao fundo, a escola parque, local de prática de esportes com quadras e piscina. Nos fundos da escola parque, encontra-se a Igreja Nossa Senhora de Fátima e do outro lado da quadra, paralelo à igreja, o clube de vizinhança, que contaria com locais para os moradores praticarem esportes e, acima dele, o comércio com lojas básicas para suprir os residentes.

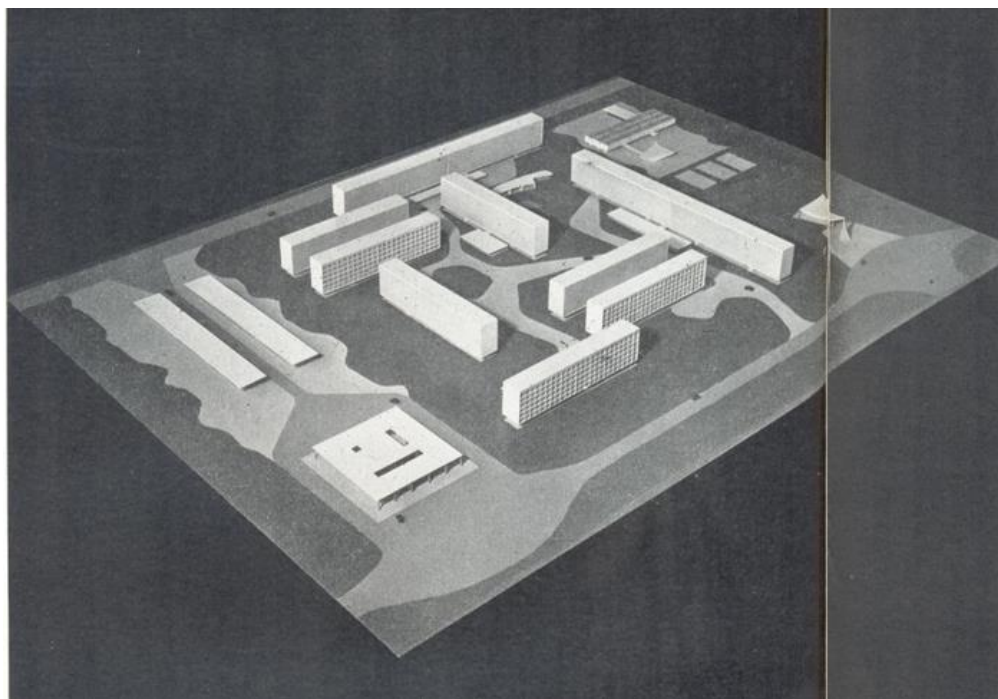


Figura 24. Maquete Superquadra. Revista Brasília edição 9 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 25. Perspectiva de Superquadra. Revista Brasília edição 9 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Além da maquete, também foi divulgado o desenho do conjunto de superquadras (figura 26) em uma escala “macro”, ou seja, do conjunto de quatro quadras e edifícios vizinhos. Na legenda de Lucio Costa, identificamos: 1 – Quadra; 2 – Comércio; 3 – Escola, Creche, Clube; 4 – Caminhões; 5 – Automóveis; 6 - Cinema

Para o melhor entendimento, também foi publicado um desenho perspectivado (figura 25) mostrando a relação da superquadra rodeada pelo cinturão de árvores com o comércio local.

Nessa mesma edição, na matéria “Brasília e sua realidade”, foram convidados escritores, cientistas, políticos, artistas etc., para falar sobre Brasília. Entre eles, destacaram-se as contribuições do deputado federal Mário Palmério, do editor José Olímpio, do escritor Antônio Callado, do subchefe do Gabinete Civil da Presidência da República Ciro dos Anjos, e do governador da Bahia e ex-ministro da educação Antônio Balbino. Nas falas, o que chama atenção é o pensamento em conjunto em que todos acreditavam que se não fosse a coragem de Juscelino, nenhum outro presidente teria feito a transferência da capital para o centro do Brasil.

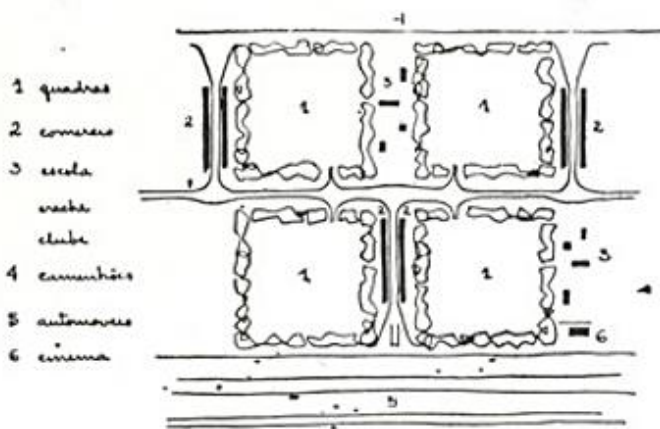


Figura 26. Desenho esquemático das Superquadras. Revista Brasília edição 9 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Como exemplo, temos as falas, respectivamente, de Mário Palmério, José Olímpio e em sequência, Antônio Callado:

[...] Brasília já é uma realidade. O vasto território brasileiro, quase abandonado, em virtude da centralização das populações nas grandes cidades tais como Rio e São Paulo, tomará, com a mudança da capital, um grande impulso, proporcionando às áreas adjacentes um rápido e crescente desenvolvimento. Foi uma medida acertada a que tomou o presidente da República e, ainda que o nosso futuro presidente seja contrário a ideia da mudança da capital, não poderá modificar os rumos vitoriosos já traçados para Brasília. É necessário, ainda, acrescentar que as ansiedades das populações já não podem ser abandonadas [...] (BRASÍLIA 9, 1957, p.14).

[...]Acredito cem-por-cento na realidade de Brasília, porque era e é uma velha aspiração brasileira, reafirmada agora em termos de realidade. E creio, mesmo que estão errados muitos dos meus amigos, que acham estar o governo fazendo a coisa com excessivo açodamento. Estou neste particular, com o presidente Juscelino: a questão de Brasília foi colocada no seu programa num sentido de “vai ou racha”. Aliás, creio que nenhum presidente brasileiro seria capaz de levar por diante esse plano segundo um esquema a longo prazo. E aconselho os descrentes a lerem o livro “Planalto Central do Brasil”, do cientista Luís Cruls[...] (BRASÍLIA 9, 1957, p.14).

[...]Acreditarei na realidade de Brasília, como nova capital do país, a partir do instante em que lá se puser a funcionar definitivamente o governo. Se este governo não fizer a transferência, duvido que o vindouro deixe o Rio. No momento não saberia como definir a realidade de Brasília[...] (BRASÍLIA 9, 1957, p.14).

Na B10, além de imagens da infraestrutura de Brasília, foram pontuados alguns aspectos gerais da obra como o transporte, a moradia, o abastecimento de água, as diversões e mesmo o processo de formação de favelas na Capital da Esperança.

Na edição de número 11, foi publicado o artigo explorando as ligações entre a capital e os centros econômicos e industriais do país. A prioridade naquele momento era a construção do trecho Brasília–Anápolis, uma vez que fazia transição imediata com São Paulo. Para tanto, foram contratadas cinco empresas para a pavimentação da estrada, e outras cinco, para a execução de pontes, tudo isso sobre supervisão da Novacap. Outro trecho importante que já estava em construção era Brasília–Belo Horizonte que conectava Luziânia, Cristalina, entre outras cidades. Assim, como ocorria com as rodovias, em tempo acelerado, também foram executadas ferrovias ligando Brasília a essas duas capitais (Belo Horizonte e São Paulo).

Nos mapas a seguir, destacamos na imagem o projeto das rodovias e das ferrovias (Brasília, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro).

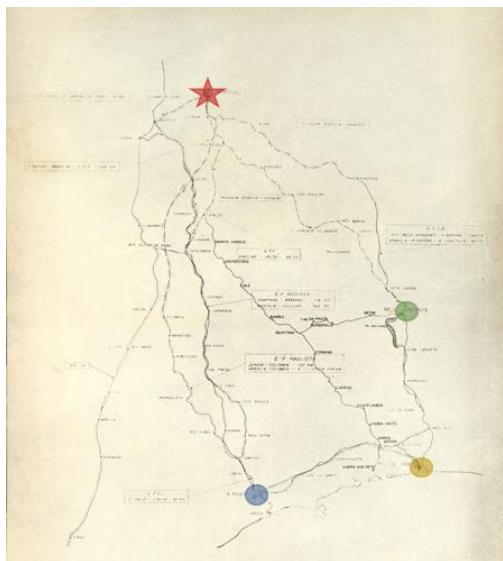


Figura 27. Projeto de rodovias que ligariam Brasília (em vermelho) a Belo Horizonte (em verde) a São Paulo (em azul) e ao Rio de Janeiro (em amarelo), os pontos coloridos e estrela foram acrescentados pelo autor. Revista Brasília edição 11 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

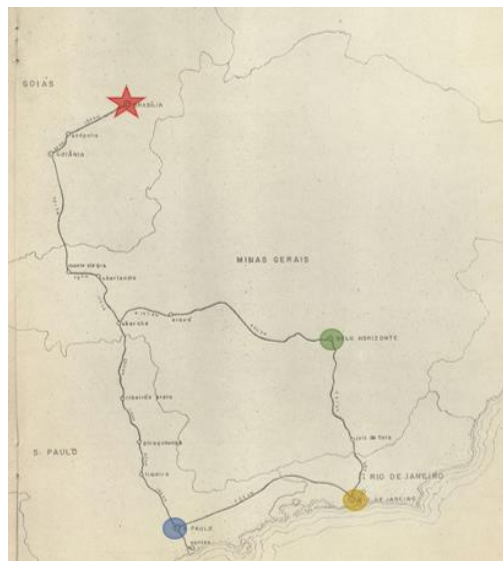


Figura 28. Mapa das rodovias brasileiras que ligariam Brasília (em vermelho) a Belo Horizonte (em verde) a São Paulo (em azul) e ao Rio de Janeiro (em amarelo), os pontos coloridos e estrela foram acrescentados pelo autor. Revista Brasília edição 12 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

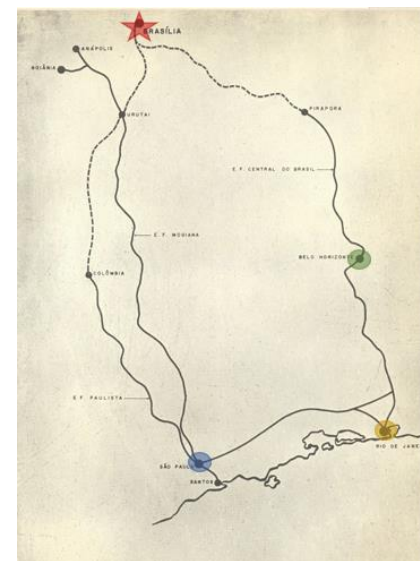


Figura 29. Mapa das rodovias construídas em construção que ligam Brasília (em vermelho) a Belo Horizonte (em verde) a São Paulo (em azul) e ao Rio de Janeiro (em amarelo), os pontos coloridos e estrela foram acrescentados pelo autor. Revista Brasília edição 12 de 1957. Fonte: Arquivo público do Distrito Federal.

Com o grande esforço para a construção das rodovias, a revista B12 reproduziu novos mapas baseados no primeiro (figura 27), para que os seus leitores obtivessem a melhor compreensão de quais estradas seriam construídas para o acesso à Brasília. Destacou-se, então, o mapa viário entre Rio e Brasília, via São Paulo e via Belo Horizonte (figura 28); e, em um terceiro mapa, o gráfico das rodovias (figura 29), que estariam sendo construídas (em pontilhado), considerando principalmente os territórios de Goiás e Minas Gerais.

Durante esse período, na edição de dezembro de 1957, Brasília recebeu a visita do arquiteto alemão Mies Van der Rohe, que foi recebido na Novacap por um conjunto de profissionais da arquitetura, e especialmente Lucio Costa, que lhe serviu de cicerone. Segundo a revista, Van Der Rohe mostrou-se muito interessado prestando atenção em cada detalhe das explicações dadas sobre as obras de Brasília. E por fim, referiu-se a Niemeyer e Lucio com admiração e foi na Praça dos Três Poderes que o arquiteto alemão reagiu com louvores à sua concepção urbanística.

Nas revistas seguintes, B13 e B14, não foi publicada nenhuma reportagem com grandes novidades sobre o desenvolvimento da cidade. Nessas edições, apenas foram divulgadas séries de fotografias aéreas das principais obras, entre elas: a vista aérea da Esplanada dos Ministérios com as vias de acesso bem definidas e em processo de nivelamento em algumas partes; a vista aérea das superquadras; e a vista aérea do Palácio da Alvorada e do Hotel de Turismo.

Na B15, foi vinculada uma série de perguntas elaboradas por Israel Pinheiro ao jurado do concurso do Plano Piloto, William Holford um dos mais conceituados urbanistas do mundo. Holford, respondeu a sabatina de sete perguntas: 1 - Como é possível julgar uma competição desta envergadura em apenas alguns dias? E qual a sua experiência em tarefas desta natureza? 2- Por que considera o projeto do senhor Lúcio Costa o melhor entre os que foram apresentados? 3 – Quais as

vantagens do projeto que ficou em segundo lugar? 4 – Porque não premiar todos os projetos apresentados, ou pelo menos os 10 melhores, entre os 26, de modo que os seus autores pudessem colaborar com os seus conselhos à Companhia? 5 – Quais foram as suas impressões gerais do concurso? 6 – Qual foi a sua impressão do local da Nova Capital? 7 – De que maneira o senhor prevê a importância da Nova Capital para a região e como se poderá controlar-se a expansão?

Essa reportagem, elaborada após a divulgação do resultado do concurso, está diretamente ligada às críticas que o Plano Piloto de Lucio Costa estava recebendo. A apresentação de algumas folhas datilografadas e os croquis feitos a mão, não convenceram boa parte dos concorrentes do concurso (que investiram muito no aprofundamento e detalhamento de suas propostas). Acredita-se que Holford foi um dos principais nomes para a escolha do vencedor e, portanto, as perguntas foram feitas para esclarecer o público.

Na reportagem, foi divulgado o desenho do Plano Piloto com o detalhamento das superquadras Sul. E, ainda pela primeira vez, temos as imagens das QI e QL, quadras do futuro Lago Sul (figura 30).



Figura 30. Projeto para a construção do Lago Sul. Revista Brasília edição 15 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na revista de número 16, respondendo a crítica de Meira Pena sobre a transferência da capital, o especialista em arte Antônio Bento escreveu um artigo que foi transcrito na íntegra. No texto, o autor mostra que essa postura contrária à mudança de sedes de governo já aconteceu em outros momentos da história, a exemplo dos casos de Alexandria e Constantinopla, fundadas por dois grandes imperadores antigos; Pequim e Tóquio; e Nova Delhi e Camberra no Ocidente.

A utilização da revista para combater e responder às críticas que a cidade vinha recebendo era muito forte. Isso fica claro pelos comentários de pessoas convidadas para argumentar a favor de Brasília e nas escolhas dos artigos publicados.

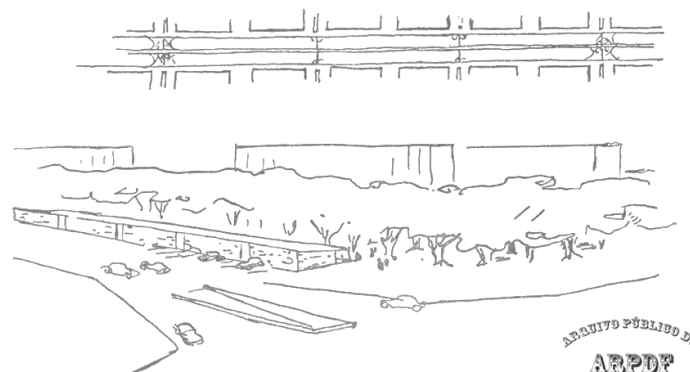


Figura 31. Croquis dos fluxos de automóveis. Revista Brasília edição 18 de 1958. Fonte: Arquivo público do Distrito Federal.

A revista B17, trouxe informações da vinda do Presidente do Paraguai, o general Alfredo Stroessner, que foi recebido pelo presidente do Brasil e fez uma agenda pelos edifícios já inaugurados como o Palácio da Alvorada e o Hotel de Turismo. Na mesma edição (figura 31), imagens e texto mostram como as tesourinhas de Brasília irão funcionar para a melhor locomoção dos automóveis e ônibus dando acesso ao comércio das superquadras.



Figura 32. Vista aérea de Brasília. Revista Brasília edição 18 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

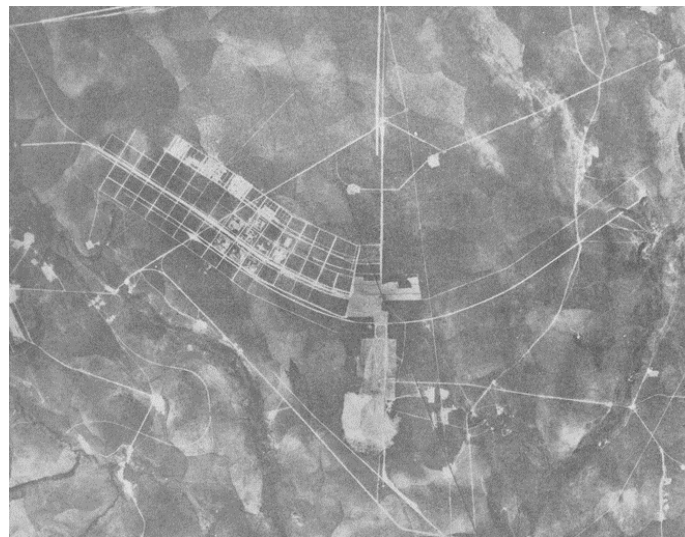


Figura 33. Vista aérea de Brasília. Revista Brasília edição 19 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na B18, Brasília é marcada pela visita do príncipe e da princesa Mikasa do Japão, e o Presidente Ramon Villeda Morales, de Honduras. Também chama a atenção a fotografia aérea da cidade, onde é possível notar o Palácio da Alvorada e o Hotel de Turismo finalizados, a construção do Eixo Monumental com suas vias bem definidas, e as primeiras superquadras em processo de construção. Além disso é possível notar uma mancha que permeia o Plano Piloto, que irá se tornar o Lago Paranoá.

Já na fotografia aérea divulgada na B19, conseguimos perceber uma definição maior nos lotes das superquadras, as vias ao sul mais bem definidas, o surgimento das pistas do aeroporto, e o aparecimento de vias onde está localizado o Lago Sul. O centro da cidade, virou um grande canteiro de obras que engloba a rodoviária, a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes.

Nas revistas B22 a B24, as principais notícias eram sobre as rodovias e ferrovias que estavam sendo concluídas ou em construção. Eram as principais ligações de Brasília com as outras grandes capitais. No primeiro mapa, fica clara parte da ferrovia que liga Belo Horizonte a Brasília já construída, apenas faltando o trecho de Pirapora a Capital. No mapa da revista B23, comparado aos que foram divulgados nas revistas iniciais, apresentam-se muitas novas informações. Além do estágio que a rodovia se encontra como mostra a legenda, pela primeira vez o mapa indica os trechos que ligam a capital ao norte, nordeste e sul do país, processo importante que começou a trazer gente do Brasil inteiro para viver na cidade nova. No mapa da B24, isso ainda fica mais claro, quando é mostrado o mapa rodoviário ligando Brasília a Belém, que tem a sua inauguração comemorada na revista B26 com agradecimentos e fotos da solenidade.

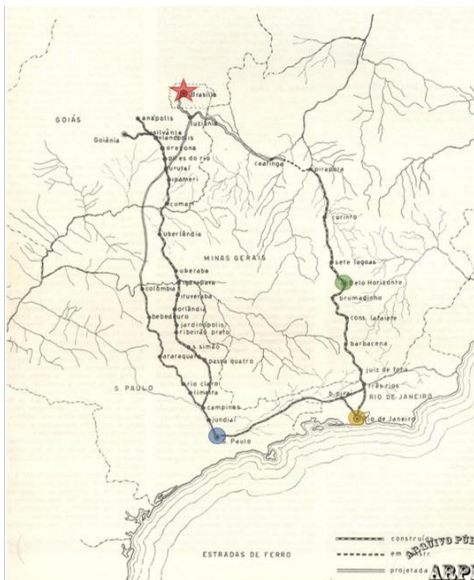


Figura 34. Mapa das novas ferrovias que se conectariam a Brasília. Revista Brasília edição 22 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 35. Mapa rodoviário que conecta Brasília a região norte, nordeste e sul do Brasil. Revista Brasília edição 23 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

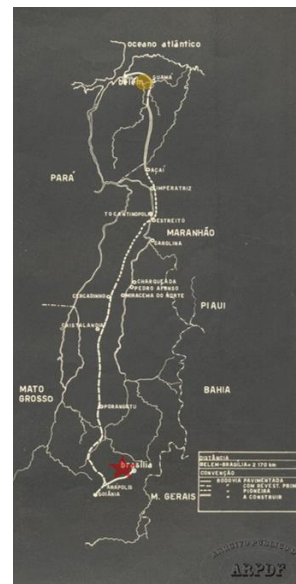


Figura 36. Mapa da rodovia Brasília - Belém edição 24 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na edição B28, a convite de Juscelino Kubitschek, Brasília recebe o líder Fidel Castro acompanhado do embaixador de Cuba. Junto com o presidente, fizeram um passeio de helicóptero pela cidade, visitando as principais obras e pousando no Palácio da Alvorada, onde almoçaram, fizeram reuniões e receberam a imprensa. Segundo a revista, por curiosidade Fidel perguntou a um dos repórteres qual era a opinião dos brasileiros em relação a construção de Brasília. O repórter então responde que era contraditório e que nem todos compreendiam as razões de sua construção no momento. Fidel então responde:

“Para mim é uma grande obra e terá um papel fundamental para o progresso de outras regiões do Brasil. Provocará o deslocamento das grandes massas que vivem nas zonas litorâneas. Promoverá uma maior unidade entre as várias regiões deste imenso país. As vantagens de ordem econômica e administrativa que trarão ao Brasil, me parece, serão imensas. Vocês, os brasileiros irão conquistar o seu próprio país e colonizá-lo. O futuro será testemunho do acerto da ideia. Brasília será o coração deste país. Estradas de ferro, de rodagem, constituirão a grande teia por onde caminhará o progresso”

A fala de Fidel Castro demonstra como todos os testemunhos que vinham sendo publicados estavam respondendo a alguma crítica ou fortaleciam os artigos e reportagens de outras edições. No caso, mostrando a importância da interiorização da capital e da “teia” ferroviária e rodoviária que vinham sendo divulgadas através dos textos e mapas dos números B11, B22, B23 e B24.



Figura 37. Fidel Castro, Juscelino Kubitschek e o embaixador de Cuba. Revista Brasília edição 28 de 1959. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Em setembro de 1959, aconteceu em Brasília o Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte que tinha como o tema “A Cidade Nova – Síntese das Artes”. Brasília recebeu então uma quantidade de críticos de arte, editores e diretores de revistas, arquitetos e urbanistas. Esse foi o principal tópico discutido na B33, que conta com o discurso de Juscelino Kubitschek na abertura do congresso, e as principais opiniões dos críticos em entrevista dada ao jornal New York Times.

A publicação conta com os comentários de: Charlotte Perriand, Richard Neutra, Stamo Papadaki, Eeron Saarinen, Douglas Haskeel, Peter Bellew, Horácio

Sanchez Flores, Jean Leymarie, Françoise Choay, Ranjit Fernando, Giro Dorfler, Amâncio Williams, Bruno Zevi, Alexis Celebonovic, Fritz Novotny, Ricardo Avenirini, José Gudiol, Enrique Bello, Anthony Bower, William Holford, Ernest Goldschmidt, MichelangeLo Muraro, Garcia Steban, Jean Prouvé, Antônio Romera, Imaizumi, Gert Schiff, Giulio Pizzetti, Roland Penrose, Werner Haltmann, Paul F. Damaz, André Bloc, José Pedro Argui, André Wogenschy, Guy de Clercq, André Chastel, Tomás Maldonado, Will Grohmann e Aline B. Saarinen.

Muitos desses críticos, ao voltarem para os seus países, escreveram artigos que foram publicados em revistas e jornais internacionais. O Congresso desempenhou um papel importante na consolidação de Brasília como um centro cultural e artístico, bem como na projeção internacional da cidade. O evento contribuiu para estabelecer a reputação de Brasília como uma cidade moderna e inovadora no campo das artes visuais. Como medida imediata, foi sugerido as construções das embaixadas e da sede das legações estrangeiras.



Figura 38. Congressistas visitando as obras de Brasília. Revista Brasília edição 33 de 1959. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Nas revistas seguintes, foram vinculados artigos de Maurício de Medeiros (B35) e de Mário Kroeff (B36), ambos contando sobre as suas vivências na nova capital e os impactados decorrentes do desenvolvimento acelerado da cidade. Os artigos contam com imagens aéreas das superquadras, do setor bancário, das escolas, das tesourinhas, e da Esplanada dos Ministérios, todos em processo de conclusão.

Como Brasília já estava prestes a ser inaugurada, a cidade começou a receber importantes políticos de outros países. Isso ficou retratado na edição B37, com a visita do presidente do México, Adolfo López; e na B38, com a recepção ao presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower. Juscelino Kubitschek organizou grandes solenidades para ambos, mas a revista destacou o especial agradecimento do Brasil aos Estados Unidos, em função da parceria estabelecida e do fundamental apoio financeiro para a construção de Brasília.

No final da B38, um mapa atualizado do Plano Piloto (figura 39) mostra uma cidade mais densa, com áreas novas definidas. Temos, como exemplo, os lotes da avenida L2, o setor das embaixadas Sul, o aeroporto e o cemitério. Simultaneamente, a Asa Norte, o Lago Sul e o Lago Norte começam a ser loteados. A EPIA, uma das principais rodovias de acesso e abastecimento da capital, apresenta seis pontos de conexão com o Plano. E o Lago Paranoá ganha volume e ocupa seu leito definitivo.

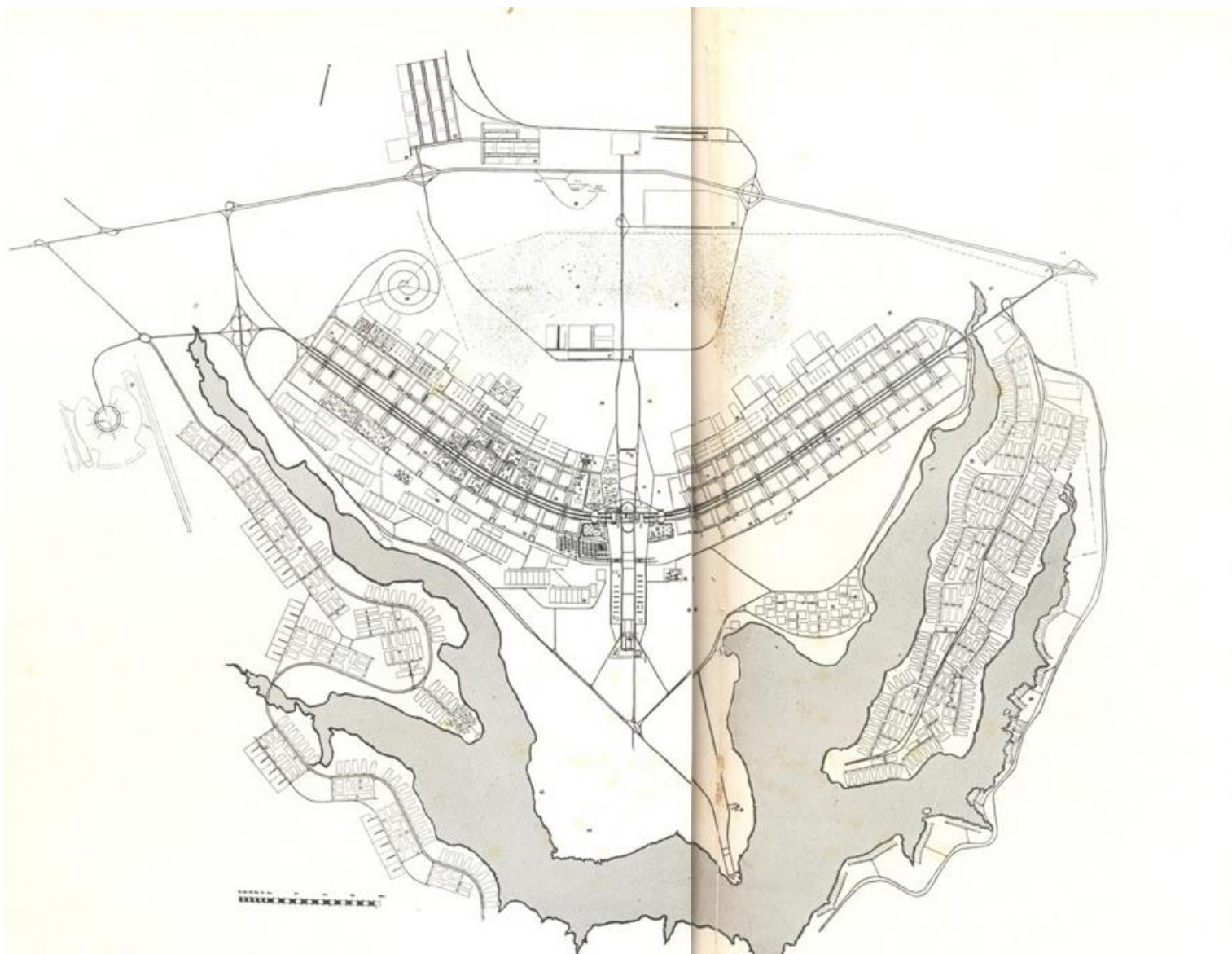


Figura 39. Mapa do Plano Pilo de 1960. Revista Brasília edição 38 de 1959. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Módulo

Desde a sua edição de número 6 (1956), a revista Módulo registra a história da nova capital, principalmente através de imagens, já que havia pouco conteúdo a ser explorado e publicado no periódico. Nas primeiras reportagens, as imagens correspondiam ao cerrado passando pelo processo de terraplanagem, acampamentos de operários sendo instalados, materiais de construção sendo carregados por caminhões, e trabalhadores chegando, oriundos de vários lugares do Brasil.

No artigo “O Brasil Constrói uma Nova Capital”, o jornalista J.O. de Meira Penna, informa aos leitores de como se iniciaria a transferência e a construção da cidade. O texto comenta sobre a organização da Companhia Urbanizadora da Nova Capital; o concurso do Plano Piloto que escolheria o melhor projeto e reafirma o prazo de 4 anos prometido por Juscelino Kubitschek para a entrega da cidade nova. O texto demonstra que, desde muito tempo atrás, em vários momentos da história do Brasil, já havia sido pontuada a necessidade de construir a capital no interior. Ou seja, pelo menos, desde a independência do Brasil, passando pelas memórias de José Bonifácio, do Visconde de Porto Seguro, até quando, finalmente, a Comissão Cruls escolheu o sítio de implantação da nova capital.

Em julho de 1957, na MO7, foi publicado o texto “Uma realidade: Brasília”, com entrevista realizada com Israel Pinheiro, então presidente da Novacap. O artigo, além de fixar a biografia do entrevistado, com suas principais experiências profissionais e administrativas, trata sobre a organização da cidade em relação aos poderes, a mudança, a localização, o financiamento da construção, além dos primeiros trabalhos da empresa.

Ainda na MO7, foram apresentadas informações a respeito do Concurso do Plano Piloto de Brasília. Primeiro, foi publicado o edital, com as exigências da concorrência. Em seguida, foram divulgados os sete projetos premiados. Cada um recebeu reportagem individualizada, com a reprodução da proposta e plantas técnicas, além da respectiva apreciação do júri. No final, foram divulgadas declarações do arquiteto Stamo Papadaki, jurado do concurso, que elogiou o projeto de vencedor de Lucio Costa. O tema continuou a ser explorado na revista MO8, que reapresentou os projetos que ficaram de segundo a quinto lugar, desta vez, com imagens ampliadas, fotografias de maquetes, mas sem as críticas do júri.

Na M12, o texto “Unidade Urbana” feito pela redação da revista, buscou demonstrar como nas cidades antigas

da Europa, a unidade arquitetônica constitui fonte de constante beleza e de harmonia; enquanto, nas cidades contemporâneas, tal unidade tem se perdido em função da variedade de materiais e de sistemas construtivos. O texto finaliza mostrando que Brasília é a cidade em construção que tem a possibilidade de não cair nesse “erro”, fixando volumes em espaços livres e reestabelecendo a preocupação de unidade, criando uma determinada harmonia urbanística. Como exemplo, foi publicada a maquete dos edifícios do Setor Bancário Sul (MÓDULO-12, 1959, p.17).

Em agosto de 1959, foi publicado o texto “Brasília vista por um inglês”, de J.M Richards, um escritor de arquitetura britânico que veio ao Brasil e fez pequenas críticas ao urbanismo e o futuro crescimento da cidade. A primeira coisa que chamou a atenção do escritor foi a rápida tomada de decisão para tudo que vinha sendo construído em Brasília. Ele comenta sobre a longa burocracia das cidades inglesas. Elogiou o planejamento prévio de Brasília, assim como o de Camberra, “povoada de forma rápida”. Sobre a arquitetura, ele igualmente elogiou o Palácio da Alvorada e o Hotel de Turismo, pelas formas, implantação e delicadeza construtiva. Sua mais forte crítica foi focada no “futuro” de Brasília, já que acreditava ser difícil administrar o crescimento desenfreado do entorno da cidade e que isso poderia comprometer as qualidades do Plano Piloto (MÓDULO-14, 1959, p.19).

Na MO15, J.O Meira da Penna escreveu o artigo “O Congresso Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte”, no qual comenta o quanto o evento foi importante no sentido de firmar a reputação internacional do Brasil perante os críticos presentes e ainda abrir novas perspectivas para o desenvolvimento da cultura brasileira. No texto, comparou o caso de Brasília com as diferentes civilizações, como gregos e romanos, que também tiveram o cuidado de fazer arquitetura com obras de arte integradas. Para Penna, as obras contemporâneas dos últimos séculos perderam sua “qualidade espiritual” por conta da técnica, funcionalidade e forma. Segundo ele, Brasília pode oferecer uma contribuição valiosa para a civilização. “Se dificilmente poderíamos competir com outros povos naquilo em que o seu poder, a sua ciência, a sua técnica já lhes confirmaram hegemonia histórica, na arte estamos próximos a conseguir um patamar semelhante. A contribuição do Brasil é a cidade nova, Brasília” (MÓDULO-15, 1959, p.40). Na primeira página do artigo, foi divulgado o cartaz do congresso, produzido pelo escritório *Forminform*, de Alexandre Wollner, Geraldo de Barros, Ruben Martins e Walter Macedo, considerado o primeiro escritório de design do Brasil.



Figura 40. Cartaz do Congresso Internacional de Críticos de Arte produzido pelo escritório Forminform. Revista número 15, de outubro de 1959. Fonte: Hemeroteca Digital

Passados alguns dias do Congresso, os intelectuais presentes no evento começaram a responder algumas questões levantadas durante a visita à Brasília. Foram então publicados artigos em jornais e revistas internacionais. Grande parte da MO16, foi destinada a reproduzir esse material, especialmente as críticas positivas. A edição conta com os textos: “A propósito de Brasília”, de Amâncio Williams; “Jardim em Brasília”, de Otl Aicher; “Lições do Congresso Internacional de Críticos”, de Mario Pedrosa; “A arte e educação”, de Lucio Costa; e “Arquitetos e críticos de arte falam sobre Brasília”, de autoria da redação da revista.

Em seu texto, Amâncio Williams, arquiteto e urbanista argentino, comenta que a capital é o local perfeito para testar e utilizar os novos conhecimentos urbanísticos e tecnológicos desenvolvidos nos últimos tempos. Williams também responde sobre a crítica da construção da capital estar atrapalhando a economia brasileira. Para ele, esta não passava de uma informação falsa, já que o processo estava movimentando toda a indústria brasileira e gerando inúmeras oportunidades de trabalho. Ele exemplifica com o caso de Washington, nos Estados Unidos, que passou por um processo parecido, com a economia mais enfraquecida, e mesmo assim transferiu a sua capital com êxito. Em relação a arquitetura, Williams ficou encantado com os edifícios governamentais, pela beleza, monumentalidade e harmonia obtidos. Para ele, Brasília será um marco na arquitetura internacional como obra entre as mais belas já produzidas pelo homem.

Ao contrário do colega argentino, Otl Aicher, um dos fundadores e professor da *Hochschule für Gestaltung* de Ulm (Alemanha), preferiu conceber, para a porção central de Brasília, um jardim chamado “Floriana”. Segundo a **Módulo**, o projeto chegou a ser aprovado e Aicher imaginou uma coleção de plantas típicas do cerrado, com árvores, flores e gramíneas. Ele escolheu a forma hexagonal para criar caminhos como se o “visitante estivesse em uma floresta, gerando sempre perspectivas bonitas” (MÓDULO-16, 1959, p.18). A seguir, um desenho de como Aicher imaginou esse jardim:

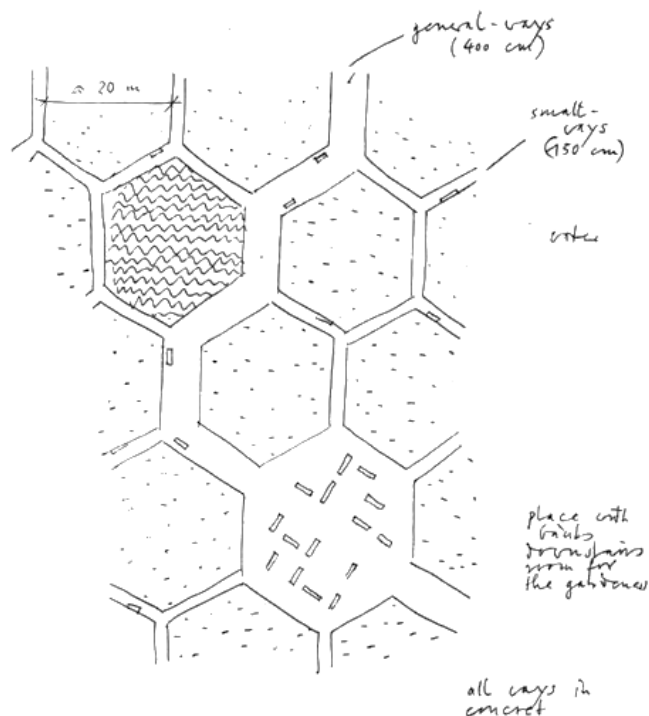


Figura 41. Desenho de Otl Aicher para o Jardim Floriana, Revista número 16, dezembro de 1959. Fonte: Hemeroteca Digital.

Mario Pedrosa comenta sobre o sucesso que foi o Congresso Internacional, principalmente pelos objetivos atingidos. Brasília agora estava sob a observação crítica profissional estrangeira, e os construtores da cidade sabiam que estavam sob a vigilância dessa opinião crítica, fazendo com que o nível da qualidade das construções não baixasse e que caberia aos brasileiros ajudar e participar da evolução e consagração da nova capital (MÓDULO-16, 1959, p.21).

Lucio Costa publica relatório produzido para o congresso, que discute a crise artística contemporânea, a crise da arte ligada a revolução industrial, a formação dos novos artistas e o papel do arquiteto em dar espaço para que as obras de arte estejam cada vez mais presentes em seus projetos.

Em dezembro de 1959, na reportagem “Arquitetos e críticos de arte falam sobre Brasília”, foram publicados pequenos trechos, com a opinião sobre Brasília, de 25 críticos presentes no congresso. A matéria é muito similar a “Opiniões dos críticos de arte”, apresentada em setembro de 1959, na revista **Brasília** (B33), pois muitos dos recortes publicados são os mesmos. Por exemplo:

Brasília não é apenas o maior empreendimento levado a efeito em nosso mundo, mas uma louvável tentativa para encontrar o caminho da liberdade internacional da humanidade (José Gudiol, Espanha).

Particularmente para nós, os latino-americanos, o empreendimento de Brasília significa o início de uma transformação real, não somente na maneira latino-americana de viver, mas também nos aspectos sociais do nosso futuro comum (Henrique Bello, Chile).

Como expressão extraordinária da vitalidade do Brasil, Brasília já é um completo articulado sucesso. Algumas das construções individuais são de marcante beleza, mas como uma solução ao problema de criar uma nova cidade nos arredores – deixando de lado a amizade – parece demasiado cedo para julgar (Anthony Bower, Estados Unidos).

Aí estão Chandigarh e agora Brasília. Creio bem que isto é tudo o que existe no mundo. Então, bravos para Brasília, para seu planejamento, por sua arquitetura – sem reservas (Jean Pouvé, França).

Vejo em Brasília o ponto de encontro que convida para o mundo civilizado grandes regiões agora abandonadas. O coração de um país está agora pronto para palpitar. Esta nova e grande cidade é um símbolo de confiança no qual todos nós precisamos acreditar (Michelangelo Muraro, Itália).

Ainda em relação ao congresso, na MO17, foi publicado “Problemas e perspectivas de Brasília”, de William Holford; e “Surge Brasília”, de Aline B. Saarinen.

William Holford começa o seu texto comentando que após o congresso, ficou mais evidente a relação da capital com a arte. Comenta como a sua visão de urbanista era diferente da de muitos críticos que estavam presentes naquele evento. Ele, por exemplo, não estava preocupado com o problema da iluminação do Palácio do Alvorada ou com o mobiliário, para ele isso eram coisas pequenas e que poderiam ser resolvidas de forma muito fácil. A sua principal preocupação era com a velocidade com que Brasília estava crescendo. A população, rapidamente, não caberia no Plano Piloto. Neste sentido, defendia a expansão do Plano Piloto, com a melhoria das vias de ligação, fundação de novos bairros e criação de uma cidade industrial no entorno. Holford também chamou atenção para a questão da arborização, que a Novacap deveria começar a plantar as árvores o quanto antes, para deixar a cidade menos árida e mais agradável. E, para finalizar, comentou que os prédios que ele mais gostou foram os palácios da Praça dos Três Poderes.

O artigo de Aline B. Saarinen foi originalmente publicado no New York Times, em outubro de 1959. O texto se divide em quatro tópicos sobre a nova capital. O primeiro tema, é “Plano Audacioso”, que apresenta algumas características do projeto vencedor de Lucio Costa. O segundo, “Verdadeira Cidade Capital”, que destaca a importância das diferentes escalas e os espaços monumentais criados junto com a arquitetura de Oscar Niemeyer. O terceiro, explora o “Simbolismo”, encontrado principalmente na Praça dos Três Poderes, através da disposição dos palácios. E para finalizar, “Liberdade nas Estruturas”, quando chama atenção para a monumentalidade dos palácios de Niemeyer, assim

como a “fantástica ideia” de colocar a estrutura dos pilares como elemento arquitetônico de “forma tão bela e imponente”. Embora ainda tivesse muito o que ser construído, Saarinen acreditava que os jardins e espelhos d’água seriam perfeitos para acabar com a aridez e a indesejável poeira vermelha. Segundo ela, o que se realizou em dois anos é quase “miraculoso” e, do ponto de vista do planejamento e da arquitetura, Brasília é um “soberbo, admirável, e inspirado trabalho de arte” (MÓDULO-17, 1959, p.40).

Na edição dedicada à inauguração de Brasília (MO18), ganharam destaque os artigos “Brasília e o desenvolvimento Nacional”, de Roland Corbisier; “Minha experiência em Brasília”, de Oscar Niemeyer; e “Brasília, evolução histórica de uma ideia”, de Raul de Sá. No mesmo número, foi ainda reproduzido o “Relatório do Plano Piloto de Brasília”, de Lucio Costa.

Entre os três artigos, o de Oscar Niemeyer se tornaria clássico. Nele, o arquiteto conta sobre as dificuldades que passou no início da transferência da capital; sobre a sua decisão em fazer os projetos governamentais e de apoiar o plano urbanístico de Lucio Costa; sobre de onde vieram as influências para o desenvolvimento da arquitetura de Brasília; sobre o grupo de amigos que levou para a cidade; sobre as críticas que recebeu da “oposição”; e sobre os inúmeros problemas que enfrentou no dia a dia da capital. Segundo Niemeyer, para resolver tantos problemas, a única solução era se apoiar no “movimento progressista que visava em um mundo melhor e mais feliz” (MÓDULO-18, 1960, p.53).

Manchete

A história de Brasília, possível de ser lida na revista **Manchete**, começa um pouco mais cedo do que nas outras duas (**Módulo**/dezembro de 1956 e **Brasília**/janeiro de 1957), talvez por tratar-se de veículo de comunicação semanal e, portanto, em constante atualização das matérias.

Sua primeira reportagem voltada à cidade corresponde à edição de maio de 1956, na MA213. Nela é publicado o anteprojeto da Nova Capital (“Vera Cruz”), idealizado pelo arquiteto Raul Penna Firme, o professor Roberto Lacombe e o engenheiro José de Oliveira Reis, que prepararam um esboço perspectivado divulgado na matéria. Além dos desenhos foram comentados tópicos sobre a ideia da transferência da capital, a sua localização e colonização, água e energia, a nova capital, e cidade. De acordo com o texto, para o desenvolvimento da cidade, Juscelino Kubitschek iria convidar urbanistas do exterior para a construção da Nova Capital e os projetos de arquitetura dos prédios ficariam com a responsabilidade dos arquitetos brasileiros. A seguir, os desenhos feitos pela equipe:

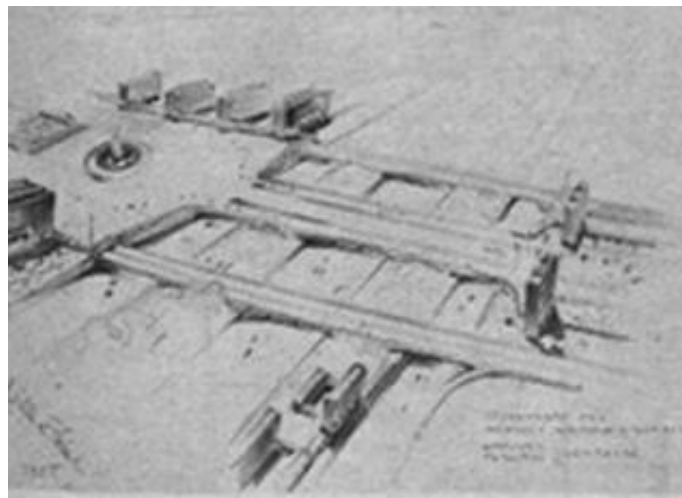


Figura 42. Desenho do projeto piloto da Nova Capital de Raul Penna Firme e equipe, *Manchete* nº 213 de 1956. Fonte: Hemeroteca Digital.



Figura 43. Desenho do projeto piloto da Nova Capital de Raul Penna Firme e equipe, *Manchete* nº 213 de 1956. Fonte: Hemeroteca Digital.

Seguimos para a edição MA234, de 13 de outubro de 1956, na matéria o com o título “JK deu início à mudança”. Embora com uma diferença de quatro meses em relação à revista **Brasília**, trata-se de reportagem sobre a primeira visita de Juscelino Kubitschek ao sítio da nova capital:

Ao meio-dia de terça feira, 2, em Brasília, futura capital do Brasil, o presidente JK assinou, sob uma mesa tosca, e num barracão de sapé, a nomeação de seu novo ministro da agricultura, sr. Mário Meneghetti. Em torno do presidente, estavam outras figuras políticas e oficiais, o ministro Teixeira Lott, o ministro Lúcio Meira e o Sr. Israel Pinheiro, que acabara de renunciar a sua cadeira de deputado à Câmara Federal, a fim de assumir a presidência da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (MANCHETE-234, 1956, p.4).

Mesmo antes do resultado do concurso para o Plano Piloto, a **Manchete** (MA252/1957) publicou, em reportagem especial, o anteprojeto de urbanismo desenvolvido pelo médico e fundador da Bolsa de Imóveis do Rio de Janeiro, João Augusto de Mattos Pinheiro. O autor buscava oferecer ao presidente da República o desenho de uma cidade ideal. Para começar, acreditava que a nova capital deveria ser erguida “sem palácios, sem favelas e sobre pilotis”. Para ele, Brasília deveria ser executada considerando as “grandes invenções criadas pelo homem”, “o transporte

motorizado horizontal representado pelos carros, ônibus, bondes, trem elétrico” e “o transporte motorizado vertical, os elevadores”. Nesse sentido, Mattos imaginou uma cidade em dois níveis principais, um junto ao solo, com as pistas de veículos e os pilotis; e o segundo, em um nível elevado, com galerias livres para os pedestres. Os estacionamentos ficariam no subsolo junto aos prédios e os pedestres teriam acesso aos carros pelos elevadores dos edifícios (com cerca de oito pavimentos). Na matéria, ele pontua as características positivas de seu projeto e compartilha os desenhos então produzidos, como podemos ver a seguir:

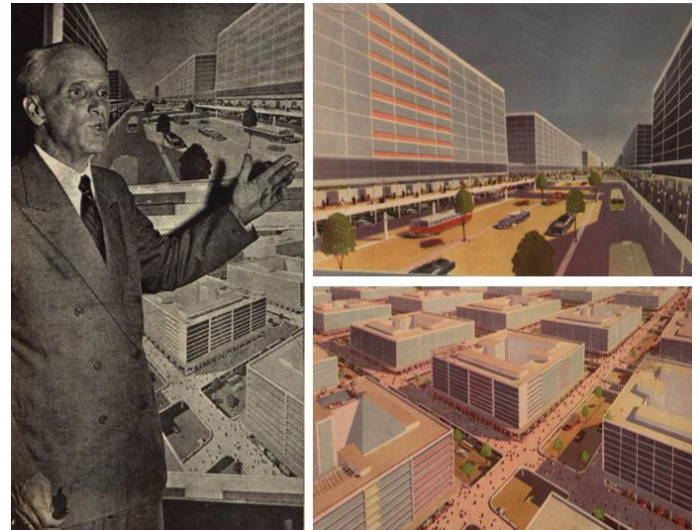


Figura 44. O médico Mattos Pimenta com a sua proposta para o Plano Piloto de Brasília, Manchete nº 252 de 1957. Fonte: Hemeroteca Digital.

Em maio de 1957 (MA265), foi divulgada matéria sobre o primeiro grande evento realizado nas terras brasilienses, a primeira missa. O texto brinca que, infelizmente, o pintor Vítor Meirelles não esteve presente para fazer o registro, mas que o momento histórico contou com dois fotógrafos registrando tudo. A matéria divulga fotografias coloridas de Gervásio Batista e Fúlvio Roiter.



Figura 45. Fotografia da primeira Missa em Brasília. Revista Manchete nº 265 de 1957. Fonte: Hemeroteca Digital.



Figura 46. Fotografia da primeira Missa em Brasília. Revista Manchete nº 265 de 1957. Fonte: Hemeroteca Digital.

Na edição MA325, o texto “Canaã, paralelo 20”, de Gasparino da Mata e Orlando Alli oferece uma leitura da cidade em construção. A matéria, de caráter literário, reproduz interessantes diálogos entre os autores e os futuros candangos (quando embarcavam para Brasília). Embora fosse uma viagem desejada por muitos brasileiros, os diálogos demonstram certa insatisfação:

- Você vai mesmo para Brasília?

- Ainda não sei. Aquilo por lá é só barraco. Deve ser o fim...

Do alto do avião o cicerone mostra aos jornalistas a Praça dos Três Poderes, Hotel de Turismo e Palácio da Alvorada em construção, que também não os deixa muito entusiasmados. Segundo a matéria, um moço da caravana reclama em meio a poeira:

- Até agora não vi nada. Se Brasília for só isso...

A reportagem ainda divulga a polêmica que estava surgindo por conta da decisão de Israel Pinheiro, presidente da Novacap, de comprar as estruturas em aço dos edifícios (Congresso e Ministérios) dos Estados Unidos e não de Volta Redonda, empresa brasileira. Israel comenta que a empresa Volta Redonda estaria abarrotada de encomendas e que, infelizmente, não conseguiria entregar os perfis necessários a tempo para que a cidade fosse inaugurada em 1960. Para finalizar, os jornalistas divulgaram o que já havia sido executado no Plano Piloto e consideraram como exorbitantes os gastos com os palácios governamentais (MANCHETE-325, 1958, p. 74).

Na MA326, a matéria chamada “*Première de Brasília*”, comenta sobre os eventos de inauguração dos primeiros prédios públicos. No dia 28 de junho, ocorreu o casamento da filha de Israel Pinheiro, Maria Regina Pinheiro, na Igreja Nossa Senhora de Fátima, logo após a cerimônia de entrega do templo. E no dia 30, foi a vez do Palácio da Alvorada com a sua capela e do Hotel de Turismo (Brasília Palace).



Figura 47. Casamento de inauguração da Igreja Nossa Senhora de Fátima. Revista Manchete nº 326 de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.

Na mesma edição, Gasparino da Mata e Orlando Alli publicam nova matéria polêmica, “*Os primos pobres de Canaã*”, com o objetivo de mostrar como viviam os candangos na Cidade-Livre ou “dos Bandeirantes”. Era uma cidade fora do Plano Piloto com quatro avenidas onde a Novacap teria dado terras para quem estivesse participando da construção da capital. No início, Juscelino Kubitschek foi contra a criação da Cidade-Livre, queria que fosse construída apenas uma vila operária com “100 casas, nada mais” (MANCHETE-326, 1958, p.33). A Cidade-Livre começou a receber 2.000 pessoas por mês, grande parte do Goiás, da Bahia, de Minas Gerais e de São Paulo. Era uma cidade normal, erguida em madeira, com casas, comércio, farmácias, pensões e hotéis.



Figura 48. Reportagem sobre a Cidade-Livre. Revista Manchete nº 326 de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.

Em setembro de 1958, na MA334, a matéria “O criador diante da criatura”, de Gil Pinheiro, teve como objetivo tentar mostrar e aproximar os leitores de quem era o criador de tantos edifícios em Brasília, Oscar Niemeyer. Na reportagem, como observamos nas fotos e no texto, Gil Pinheiro circula com o arquiteto pelos edifícios e construções da cidade, incluindo visita ao quarto onde Niemeyer provisoriamente residia (muito simples e contava com a cama e duas cadeiras, uma funcionava de mesa para o lampião e a outra como guarda-roupa). A reportagem também comenta como era a rotina do arquiteto em Brasília e explora um pouco sobre sua biografia. Segundo a revista, Niemeyer “era o homem certo no lugar certo, que tinha muito orgulho em ter conseguido fazer uma arquitetura simples e pura” (MANCHETE-334, 1958, p. s.n.).



Figura 49. Gil Pinheiro e Oscar Niemeyer em frente ao Palácio da Alvorada. Revista Manchete nº 334 de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.

Outro tema que interessava aos leitores da **Manchete** era o do fluxo político-social, ou seja, o das visitas à Brasília, como a do presidente italiano Giovanni Gronchi (MA336) ou de figuras da alta sociedade carioca ou paulistana. Matérias como “Week-end em Brasília” distinguiam as personalidades que, hospedadas no Hotel de Turismo (Brasília Palace), causavam um “burburinho” circulando pelo canteiro de obras da cidade ou participando das festas e bailes promovidos pelo hotel (MA345).

Depois de um tempo sem muitas notícias sobre a construção de Brasília, a revista publicou, em janeiro de 1959 (MA354), reportagem sobre as obras viárias, especialmente sobre a rodovia Belém-Brasília. A matéria começa prestando uma homenagem ao engenheiro Bernardo Saião, diretor da Novacap que faleceu num trágico acidente durante a sua execução. Além de demonstrar a importância econômica da Belém-Brasília para o país, a **Manchete** destacou o surgimento de pequenas vilas agrícolas às margens da estrada.

Outra rodovia que estava sendo construída era a que ligava Brasília–Belo Horizonte, tema da reportagem da MA374. Uma via de grande importância, pois garantiria a ligação do Rio Grande do Sul ao Pará (Sul-Norte).

Na revista MA387, a reportagem de R. Magalhães Júnior, “A capital da esperança. Começa a contagem para a inauguração de Brasília”, indica que os únicos que não acreditavam que a capital seria inaugurada na data marcada eram o deputado Sérgio Magalhães e o senador João Vilas-Boas. Mas que grande parte da população estava otimista, enquanto milhares de operários não paravam de trabalhar para entregar Brasília em 21 de abril de 1960. Ufanista, o texto

agradece aos candangos pelo esforço dispensado nessa reta final das obras. Segundo a revista, Brasília chegou a ter a maior população de analfabetos do Brasil, muitos deles vieram do Nordeste com a esperança da obter melhor qualidade de vida. Eles eram muito esforçados, fortes e inteligentes, se adaptavam a qualquer tipo de trabalho, se não fosse eles, Brasília não teria acontecido” (MANCHETE-387, 1959, p.34).



Figura 50. Candangos construindo o Congresso Nacional. Revista Manchete nº 387 de 1959. Fonte: Hemeroteca Digital.

Com a Cidade-Livre crescendo, a Manchete passou a criticar Lucio Costa e Oscar Niemeyer, com matéria de uma página inteira contrastando o urbanismo que vinha sendo feito no Plano Piloto, com edifícios projetados, vias largas, infraestrutura completa, iluminação; com as soluções disponíveis para os candangos. A Cidade-Livre crescia de forma desenfreada, com casas de madeira e sem saneamento básico. A grande questão era saber: o que aconteceria depois da inauguração de Brasília? Na matéria, Lucio Costa é chamado de ditador do urbanismo.

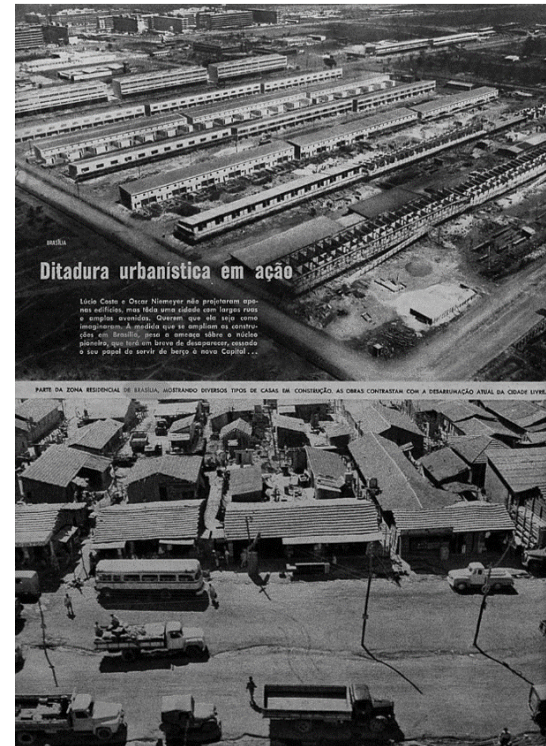


Figura 51. Matéria Ditadura urbanística em ação. Revista Manchete nº 387 de 1959. Fonte: Hemeroteca Digital.

Em novembro de 1959 (MA398), a matéria intitulada “Franceses debatem Brasília” divulgou a realização do seminário *Arts*, organizado em Paris, tendo como tema principal o debate do futuro da nova capital. Muitos dos críticos que participaram, estiveram em Brasília e escreveram em revistas e jornais amplos artigos sobre a cidade. Entre os mais conhecidos estavam Andre Bloc, diretor da revista *Architecture d’Aujourd’Hui*; Max-Pol Fouchet, escritor e crítico de arte; André Wogenscky, arquiteto e discípulo de Le Corbusier; e François Liannais, matemático e crítico de arte. Entre os assuntos comentados estavam a qualidade do solo, o Plano Piloto, a importância da arborização, as distâncias entre o centro e as residências, o transporte público e a arquitetura de Oscar Niemeyer. Para eles, Brasília representava um ato de coragem e um investimento certo. Também foi comentado que Paris devia utilizar o exemplo de Brasília como referência para os novos projetos urbanísticos, e que, segundo eles, desde o Barão Haussmann só foram feitas obras lamentáveis na capital francesa.

Na edição de MA407, Juscelino Kubitschek deu uma entrevista, mais uma vez, informando que entregaria Brasília “prontinha” em abril de 1960. Na oportunidade, o jornalista, que não tem o seu nome identificado, promoveu o seguinte diálogo com o Presidente:

- Por que considera Brasília a meta-síntese?

- A filosofia do meu governo é a luta pelo desenvolvimento. Não seria isso possível sem que conquistássemos os 6 milhões de quilômetros quadrados que ainda se encontram totalmente desertos e desconhecidos. Precisamos mudar o Brasil de posição. Brasília traduz esse anseio e objetivo.

- Os opositores do governo consideram Brasília obra adiável, inflacionada. Como recebe e interpreta essas críticas?

- Brasília está sendo esperada há 150 anos. Já chega tarde. Os que participam dessa onda fazem parte de um pequeno grupo já superado pela própria grandeza do Brasil. São vozes perdidas, que não exprimem nenhuma aspiração do novo Brasil que está surgindo.

- Julga que o governo sucessor possa paralisar o término da construção de Brasília?

- Não terá este prazer ou este dissabor. Entregarei ao meu sucessor Brasília prontinha. Não apenas na sua beleza urbanística, mas também com as ligações rodoviárias para todas as regiões do Brasil (MANCHETE-407, 1959, p.18).

A partir desse momento, começaram a ser publicadas matérias sobre a chegada dos moradores

“definitivos” à Brasília, os servidores públicos. Na reportagem “Vou-me embora para Brasília” (MA411), a revista destaca as reclamações sobre os apartamentos funcionais (executados para os funcionários do governo que vinham, especialmente, do Rio de Janeiro); e sobre conflitos entre as “mulheres de deputados e senadores”. Na MA417, o texto “A pé para Brasília”, conta a história do pelotão de 100 fuzileiros navais e 20 marinheiros que percorreram o caminho Rio de Janeiro–Brasília caminhando. Segundo eles, poderiam ter feito esse percurso de carro, ônibus ou avião, mas a participação da Marinha não seria tão significativa para marcar a inauguração da capital. Para eles, essa experiência reproduzia o feito “dos bandeirantes” e era “símbolo de patriotismo” (MANCHETE-417, 1959, p.14).

Na MA417 (figura 52), a matéria “Todos os caminhos levam a Brasília”, de Pedro Gomes, reforça a importância da ligação da capital com outras cidades, por meio das rodovias e ferrovias construídas, além da ligação aérea. O texto destaca:

Não bastava edificar Brasília no coração do Planalto Central, segundo as arrojadas concepções de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, para que a obra de interiorização da Capital da República produzisse os seus impactos revolucionários no destino da nação. A cidade-modelo, feita com o material da melhor experiência técnica e do maior interesse humano, teria que nascer fisicamente incorporada à

unidade brasileira, como já o era pelos vínculos espirituais de uma decisão manifestada através de dois séculos de clamor nacional. Se não estivesse ligada organicamente, por artérias e nervos, a todo o corpo do país, Brasília não poderia cumprir suas funções essenciais do comando da vida administrativa da República, de instrumento ao mesmo tempo instigador da nossa descompensada economia e centro irradiador de progresso na vastidão do interior inexplorada. Por isso, com os planos de localização e construção da cidade, se cuidou simultaneamente do seu sistema de acesso e comunicações, bastando para tanto acelerar projetos já estabelecidos em programas nacionais específicos. Hoje, quando três anos apenas separam a realidade de Brasília do que era só uma convenção no mapa, um ideal de várias gerações patriotas e uma paisagem solitária nas entranhas do país, a Capital da Esperança se inaugura perfeitamente integrada no território e nas funções da República, através das rodovias e ferrovias, pela navegação aérea, pelas linhas telegráficas, pelo telefone e pelas ondas da rádio, por todos os meios, enfim, que aproximam os brasileiros, de Norte a Sul o destino comum. Todos os caminhos levam a Brasília (MANCHETE-417, 1959, p.26).

A matéria é finalizada com uma fotografia aérea de autoria de Jäder Neves, na qual é possível perceber uma grande aglomeração de veículos e de pessoas, causada pela chegada do imenso número de famílias na capital.



TODOS OS CAMINHOS LEVAM A BRASÍLIA

Reportagem de Paulo Santos • Fotos de João Pires e Pinheiro Neto

NÃO houve edifício Brasília de criação do Plano Diretor, segundo as exigências das comissões de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, para que o eixo de interseção do Capital da República pertencesse ao seu aspecto representativo no destino do país. A cidade-moderna, feita com o material do melhor planejamento técnico e do melhor trabalho humano, teria que manter fielmente incorporado o sentido brasileiro, como se a sua planície estivesse de uma decisão monumental através de dois séculos de clamor nacional. De este material ligada organicamente, por arcos e curvas, a todo o tempo de Paris, Brasília não poderia cumprir suas funções essenciais de unidade de vida administrativa do Brasil, de instrumento ao mesmo tempo integrador do novo desenvolvimento nacional e centro brasileiro de progresso no mundo inteiro desenvolvido.

Por isso, com os eixos de localização e construção do eixo, os eixos estruturais de seu sistema de ruas e avenidas, limitadas para todo o mundo pelo projeto já estabelecido em programas mestros específicos. Foi, quando três anos depois, a realidade de Brasília de que era só uma construção no papel, um ideal de urbanização de paradas e suas principais soluções que entraram de fato, o Capital do Espetáculo se inaugura perfeccionado integrado ao território e aos laços do Brasil, através das rodovias e ferrovias, pelo movimento aéreo, pelo linha telegráfica, pelo rádio e pelo sistema de rádio, por todos os meios, todos, que representam os caminhos de Paris e São Paulo a destino comum. Todos os caminhos levam a Brasília.



OS CAMINHOS LEVAM A CAPITAL DO BRASIL. OBRAS DE ARQUITETURA E PLANEJAMENTO URBANO SÃO DE PINHEIRO NETO. FOTOS SÃO DE JOÃO PIRES E PINHEIRO NETO.

Figura 52. Matéria todos os caminhos levam a Brasília. Revista Manchete nº 417 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Nas reportagens produzidas próximas a inauguração de Brasília, as imagens divulgadas são muito diferentes. A capital estava tomada de moradores, gente do Brasil todo, prontos para viver uma nova vida em uma cidade moderna. Caminhões, carros, ônibus e aviões chegavam abarrotados de pessoas com os seus pertences. As ruas, o comércio, os bares estavam lotados. Todos querendo conhecer e visitar cada canto da cidade. Essas mesmas reportagens, que publicavam as fotos do cotidiano dos novos moradores, igualmente passaram a publicar entrevistas e diálogos, questionando o que os moradores estavam achando da cidade. Esse tipo de texto pode ser encontrado nas edições MA418, MA419 e MA420.



Figura 53. Novos moradores chegando em Brasília. Revista Manchete nº 419 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Em “Brasil capital Brasília” (MA419), de R. Magalhães Júnior, foi publicado um panorama da história da cidade em relação à história do Brasil. Textos com tal característica também foram publicados na revista **Brasília e Módulo**, na medida em que a data da inauguração da cidade se aproximava.

Nesta mesma MA419, uma nova matéria com Oscar Niemeyer foi divulgada. Em “Niemeyer poesia em concreto armado”, foram pontuadas as principais características dos palácios e reforçadas as marcas da personalidade do arquiteto: “um homem muito silencioso, calmo e tímido” (MANCHETE-419, 1959, p.40). A reportagem também explica como foi a aproximação do arquiteto com Lucio Costa e com o presidente Juscelino Kubitschek.

A última edição analisada, a MA420, corresponde à edição especial, de maio de 1960, comemorativa da inauguração de Brasília, em 21 de abril. Em “Brasília o ano I”, foram publicadas diversas imagens do momento em que Juscelino Kubitschek, do parlatório do Palácio do Planalto, discursa para mais de 150 mil pessoas que se encontravam espalhadas pela Praça dos Três Poderes. Na sequência da reportagem, dominam as fotografias dos brasileiros festejando e acompanhando os eventos da inauguração. A festa contou com banda dos fuzileiros navais, esquadrilha da fumaça e desfiles das forças armadas, candangos em seus caminhões, jipes e tratores que construíram Brasília. Durante a noite, foi oferecida uma festa especial, somente para convidados, como explica a matéria “O grande Baile”. O evento de gala reuniu 5 mil pessoas convidadas pelo Presidente, com direito a buffet e orquestra contratados diretamente do Rio de Janeiro.

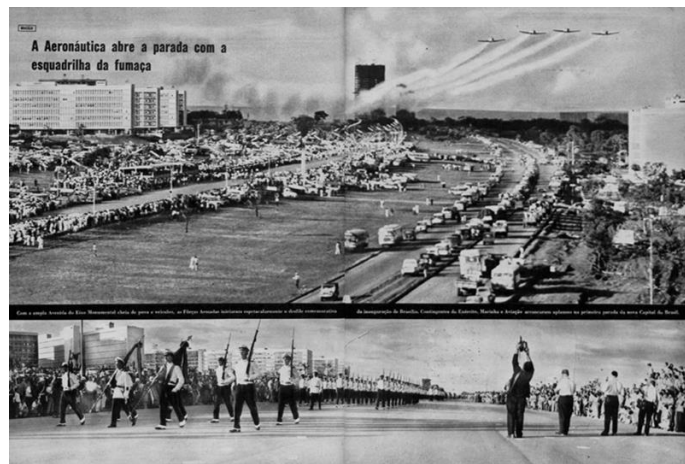


Figura 54. Matéria Brasília o Ano I com fotos da inauguração. Revista Manchete nº 420 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.



Figura 53. Candangos desfilando no dia da inauguração. Revista nº 420 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Os temas dominantes relacionados à categoria analítica “Cidade” foram quatro: (1) conexões viárias, (2) Plano Piloto, (3) Visitas de Chefes de Estado e (4) Congresso Internacional de Críticos de Arte. As matérias sobre “rodovias e ferrovias” repercutiam a grande preocupação do Governo Federal em conectar Brasília com o Brasil, o que ficou expresso no grande conjunto de reportagens sobre a aberturas de estradas de rodagem e de ligações férreas com o canteiro da nova capital. Cabe destacar que, na revista **Brasília e Manchete**, o tema mereceu maior atenção do que o próprio Plano Piloto.

Assim como montamos para as “Capas”, é possível estabelecer outro mapa cronológico visual, apenas com a evolução das conexões viárias.



Figura 54. Linha do tempo desenvolvido por Andrey Aspiazu dos mapas das rodovias e ferrovias encontrados na revista Brasília. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

1. Mapa das rodovias e ferrovias existentes e projeções das que seriam construídas (**novembro 1957**) - Revista Brasília 11
2. Mapa das rodovias existentes (dezembro 1957) - Revista Brasília 12
3. Mapa das projeções das rodovias que seriam construídas (**dezembro 1957**) – Revista Brasília 12
4. Mapa com trechos já construídos e em construção (**setembro de 1958**) – Revista Brasília 22
5. Mapa com novos trechos com ligação para o sul, norte e nordeste do país (**setembro de 1958**) - Revista Brasília 31
6. Mapa da nova rodovia Brasília - Belém (**dezembro - 1958**) – Revista Brasília 24

O segundo tema dominante diz respeito ao próprio desenho e a implantação da cidade, com o concurso, o Plano Piloto de Lucio Costa e o desenvolvimento das obras da capital. Do ponto de vista cartográfico, vale destacar a documentação visual do processo de implantação de Brasília, em comparação e complementação à “série histórica” de Brasília, identificada por Francisco Leitão (LEITÃO, 2003).

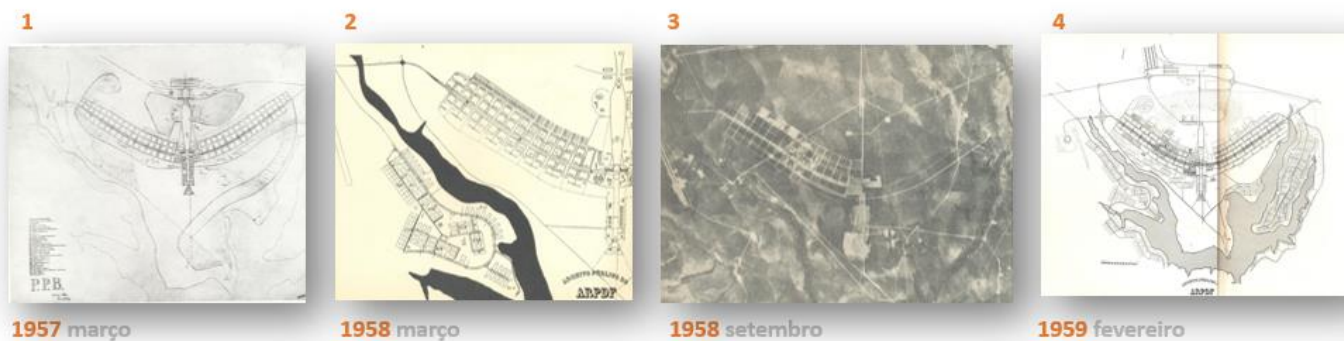


Figura 55. Linha do tempo desenvolvido por Andrey Aspiazu dos mapas do Plano Piloto de Lucio Costa encontrados na revista Brasília. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

1. Planta baixa do Plano Piloto de Lucio Costa (**Março 1957**) – Revista Brasília número 3
2. Planta baixa com atualização de novos bairros (**Dezembro 1957**) - Revista Brasília número 15
3. Foto aérea de Brasília (**Setembro 1958**) – Revista Brasília número 19
4. Plano Piloto completo (**Fevereiro 1959**) – Revista Brasília número 38

O terceiro tema que recebeu atenção majoritária das revistas (com exceção da **Módulo**) foi o da visita de chefes de Estado ou de Governo à Brasília. Tais visitas mostravam-se fundamentais para uma espécie de validação da mudança da capital e, na medida em que as obras progrediam, de divulgação internacional da cidade.



1. Presidente de Portugal, Craveiro Lopes (**junho de 1957**) - Revista Brasília 6
2. Presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner (**maio de 1958**) - Revista Brasília 17
3. Presidente da Itália, Giovanni Gronchi (**setembro de 1958**) – Revista Brasília 21
4. Primeiro-Ministro de Cuba, Fidel Castro (**abril de 1959**) – Revista Brasília 28
5. Presidente da Indonésia, Ahmed Sukarno (**julho de 1959**) - Revista Brasília 31
6. Presidente do México, Adolfo López Mateos (**janeiro de 1960**) – Revista Brasília 37
7. Presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower (**fevereiro de 1960**) – Revista Brasília 38
8. Presidente de Portugal, Craveiro Lopes (**junho de 1957**) – Revista Manchete número 271
9. Presidente da Itália, Giovanni Gronchi (**julho 1958**) – Revista Manchete número 336
10. Primeiro Ministro de Cuba, Fidel Castro (**setembro 1959**) - Revista Manchete número 369
11. Presidente da Indonésia, Ahmed Sukarno (**setembro 1959**) - Revista Manchete número 372
12. Presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower (**fevereiro 1960**) - Revista Manchete número 407

Figura 56. Linha do tempo desenvolvido por Andrey Aspiazu das fotografias das visitas de Chefes de Estado em Brasília. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

O quarto tema de interesse foi o do Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte que aconteceu em setembro de 1959. Foi, talvez, um dos eventos mais importante que tenha envolvido a capital antes da data de sua inauguração. Ele serviu, principalmente, para garantir à Brasília credibilidade e reconhecimento internacional.

As revistas **Brasília** e **Módulo** foram as únicas que trouxeram reportagens a respeito do evento. Ambas publicaram matérias praticamente idênticas, comentando a importância do congresso:

- “Opiniões dos críticos de arte” de Moisés Gicovate (**setembro de 1959**) – Revista Brasília 33
- “Arquitetos e críticos de arte falam sobre Brasília” da redação da revista (**dezembro de 1959**) – Revista Módulo 16

Nas edições 16, 17 e 18 da **Módulo**, foram reproduzidas algumas conclusões e artigos a respeito do congresso, entre eles estavam:

- “A propósito de Brasília”, de Amâncio Williams (**dezembro de 1959**) – Revista Módulo 16
- “Lições do Congresso Internacional de Críticos”, de Mario Pedrosa (**dezembro de 1959**) – Revista Módulo 16
- “Problemas e perspectivas de Brasília”, de William Holford (**janeiro de 1960**) – Revista Módulo 17
- “Surge Brasília”, de Aline B. Saarinen” (**janeiro de 1960**) – Revista Módulo 17
- “Brasília e o movimento nacional”, de Roland Corbisier (**junho de 1960**) – Revista Módulo 18

A seguir, a tabela que fizemos comparando as revistas e o material encontrado no tema “cidade”:

CIDADE			BRASÍLIA	MÓDULO	MANCHET
DATA	EVENTO				
Maio de 1957	Cruz do Cruzeiro		x	x	x
Maio de 1957	Primeira Missa		x	x	x
1956 - 1957	O concurso do Plano Piloto		x	x	
Março de 1957	A superquadra		x		
1957 1960	Rodovias e ferrovias		x	x	x
1957 - 1960	Chefes de Estado		x		x
Junho de 1958	Inauguração da Igreja Nossa Senhora de Fátima		x	x	x
Setembro de 1959	Congresso Internacional de Críticos de Arte		x	x	
1960	A inauguração da cidade		x	x	x

Tabela 1. Tabela comparativa do tema “cidade” criada por Andrey Aspiazu.

ARQUITETURA

Brasília

Quando analisamos a categoria “arquitetura” na revista **Brasília**, estamos nos referindo principalmente às matérias divulgadas nas seções “A marcha da construção de Brasília” e “Arquitetura e Urbanismo”. Essas contavam com imagens que mostravam o passo a passo das construções, desde os primeiros croquis, as maquetes, o início da obra, até focar em detalhes, como as imagens dos interiores das edificações, com o mobiliário e as obras de arte integradas. Se juntarmos as várias edições do período estudado, é possível criar uma sequência de imagens que documentam a execução e o desenvolvimento dos principais edifícios e da própria capital. Ou seja, uma potente fonte histórica.

Das revistas estudadas, foram selecionadas matérias que abordam os edifícios da capital, destacando a sua primeira publicação, pontuando o seu desenvolvimento e analisando suas principais modificações. Muitas edições acabaram publicando material repetido, com o objetivo de demonstrar a evolução dos projetos ou obras.

Em janeiro de 1957 (B1), foi divulgada a primeira reportagem sobre um edifício construído da capital. Em “A marcha pela construção de Brasília”, junto a imagens de caminhos, materiais de construção, edificação de pontes e terraplanagem, aparece o Catetinho. Tratava-se da residência provisória de Juscelino Kubitschek, enquanto o palácio definitivo não ficava pronto. A edificação foi executada em madeira, segundo projeto de Oscar Niemeyer.

Ainda na B1, em “Arquitetura e Urbanismo”, foram reveladas imagens da maquete do Hotel de Turismo, Palácio Presidencial e Capela, todos projetados por Niemeyer. Entre os três, somente o Brasília Palace Hotel foi construído conforme originalmente projetado. O Palácio Presidencial deu origem a outros dois, o Alvorada (residência oficial) e o Planalto (espaço de despachos oficiais). A capela, que na maquete foi implantada isolada, teve sua escala bastante diminuída e passou a compor o conjunto do Alvorada. Analisando o modelo reduzido, é possível observar que todo o conjunto foi projetado para sítio plano (artificial) e as três edificações estavam conectas por uma espécie de delicado e sinuoso curso d’água – lembrando o papel da grande Lagoa da Pampulha ou da generosa marquise do Parque do Ibirapuera.

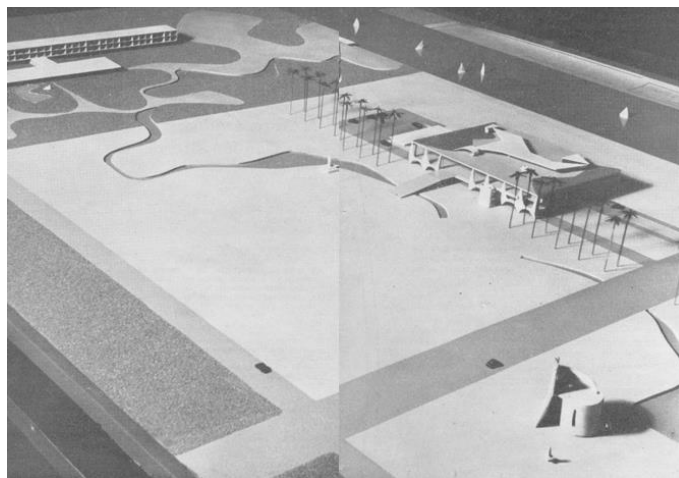


Figura 57. Maquete do Hotel de Turismo, Palácio Presidencial e Capela de Brasília. Revista Brasília edição 1 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na B2, foi apresentada a maquete do projeto de Niemeyer para o altar da primeira missa de Brasília. Estrutura com seis colunas brancas em “V” invertido, uma lona tensionada para gerar sombra e uma parede solta, marcando o lugar da celebração da missa. De um lado do painel, cadeiras especiais eram reservadas para convidados e, do outro, na arquibancada, os lugares para o coro. Embora a maquete nos apresente a perspectiva de como seria o altar, na B5 foram divulgadas fotos do dia do evento, que mostram um altar mais simples e em escala menor, com toda sua estrutura em madeira, coberta com lonas de caminhão costuradas.



Figura 58. Maquete do altar da primeira missa de Brasília. Revista Brasília edição 2 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 59. Foto da primeira missa de Brasília. Revistas Brasília edição 5 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Comparando as imagens da maquete e do dia do evento, surge a impressão de que o altar seria definitivo, mas que, por falta de recursos, acabou sendo provisório. Mesmo assim, esse mesmo altar pode ser considerado como um precedente para a capela da superquadra 308 Sul (Igreja Nossa Senhora de Fátima).

Nessa mesma matéria, foi divulgado um croqui de como seria o interior da capela proposta na maquete da B1 (base para a futura capela do Palácio da Alvorada). No desenho de Niemeyer, é possível perceber a escala da edificação. Segundo a legenda, a capela também contaria com imagens religiosas em “desenho linear” desenvolvidos por Portinari, vitrais no teto e azulejos de Ravena dourado (BRASÍLIA-1, 1957, p.10).

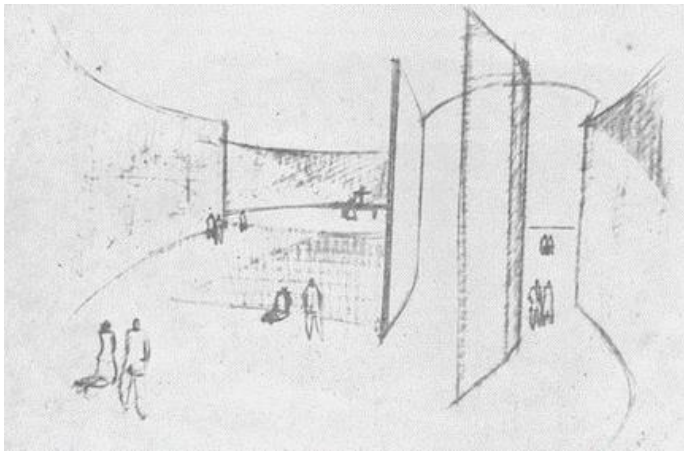


Figura 60. Croquis da Capela de Oscar Niemeyer para Brasília. Revista Brasília edição 2 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Embora seja um projeto muito interessante, e que tenha aparecido na B1, B2 e B8, essa Capela acabou não sendo construída, mas serviu de modelo para a construção da Capelinha do Alvorada.

Nas revistas B3 e B4, foram publicadas imagens de edifícios simples, construídos em madeira ao longo dos primeiros meses da capital. Entre eles, o escritório da Novacap, a estação de passageiros do aeroporto comercial, o hotel, e as obras do Hospital do I.A.P.I. Também foi divulgada a imagem do primeiro banco presente na capital, o Banco Nacional de Minas Gerais S.A que, segundo a revista, era um edifício modernista luxuoso.

A B7 trouxe a maquete e o projeto do Congresso Nacional (figura 61). O conjunto se dividia em plenários, bloco administrativo e televisão. Visualizando o modelo reduzido, percebemos que alguns pontos foram modificados desde a sua construção. As duas ruas laterais perpendiculares que passam por baixo do terraço das cúpulas não foram construídas, o bloco administrativo se encontra mais próximo das cúpulas, o espelho d'água desse mesmo bloco foi executado em escala maior e a praça seca em frente à rampa, anos depois, foi substituída por espelhos d'água. A matéria também conta com os cortes do edifício, além de uma fotografia isométrica lateral.

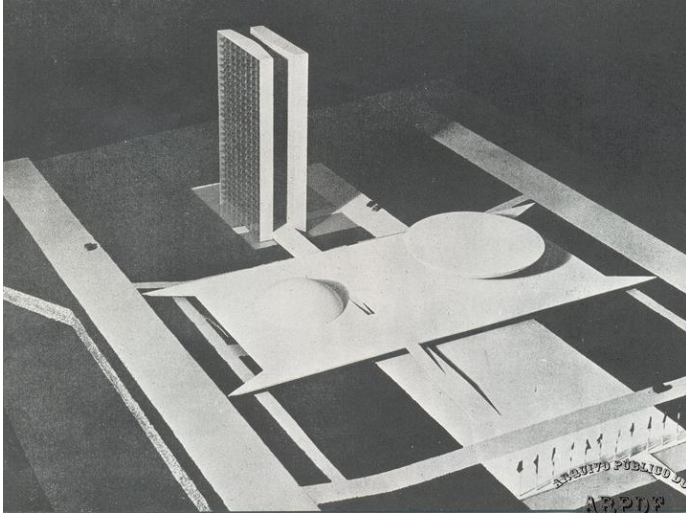


Figura 61. Maquete do Congresso Nacional de Brasília. Revista Brasília edição 7 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na edição B8, além de imagens do Alvorada e do Brasília Palace Hotel, foi apresentada a maquete da Igrejainha de Nossa Senhora de Fátima. No artigo, o que chama atenção são os painéis de azulejos de Athos Bulcão e o altar com cristo esculpido por Alfredo Ceschiatti.

A Igrejainha acabou sendo construída exatamente com a volumetria original da maquete, porém em uma escala menor. Externamente ela foi toda revestida com azulejos de Athos Bulcão, mas o seu interior sofreu grandes modificações, resultando no abandono do mural originalmente projetado (1).

Na B9 (figura 63), o destaque é para o início das construções das superquadras. Nelas, podemos entender a distribuição dos blocos residenciais, a volumetria de seis andares

(1) Sobre a Igreja Nossa Senhora de Fátima ver (RAMOS, 2023).

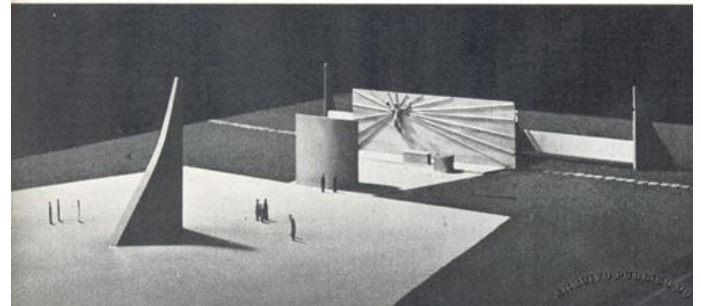
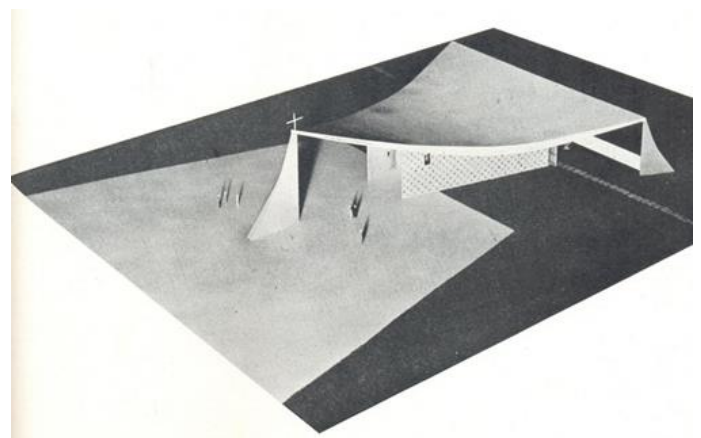


Figura 62. Maquete da Igreja Nossa Senhora de Fátima de Brasília. Revista Brasília edição 8 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

com pilotis, como deveria funcionar a circulação interna e externa do conjunto, além de localizar e entender a volumetria do comércio, do clube de vizinhança, da escola parque e da igrejainha.

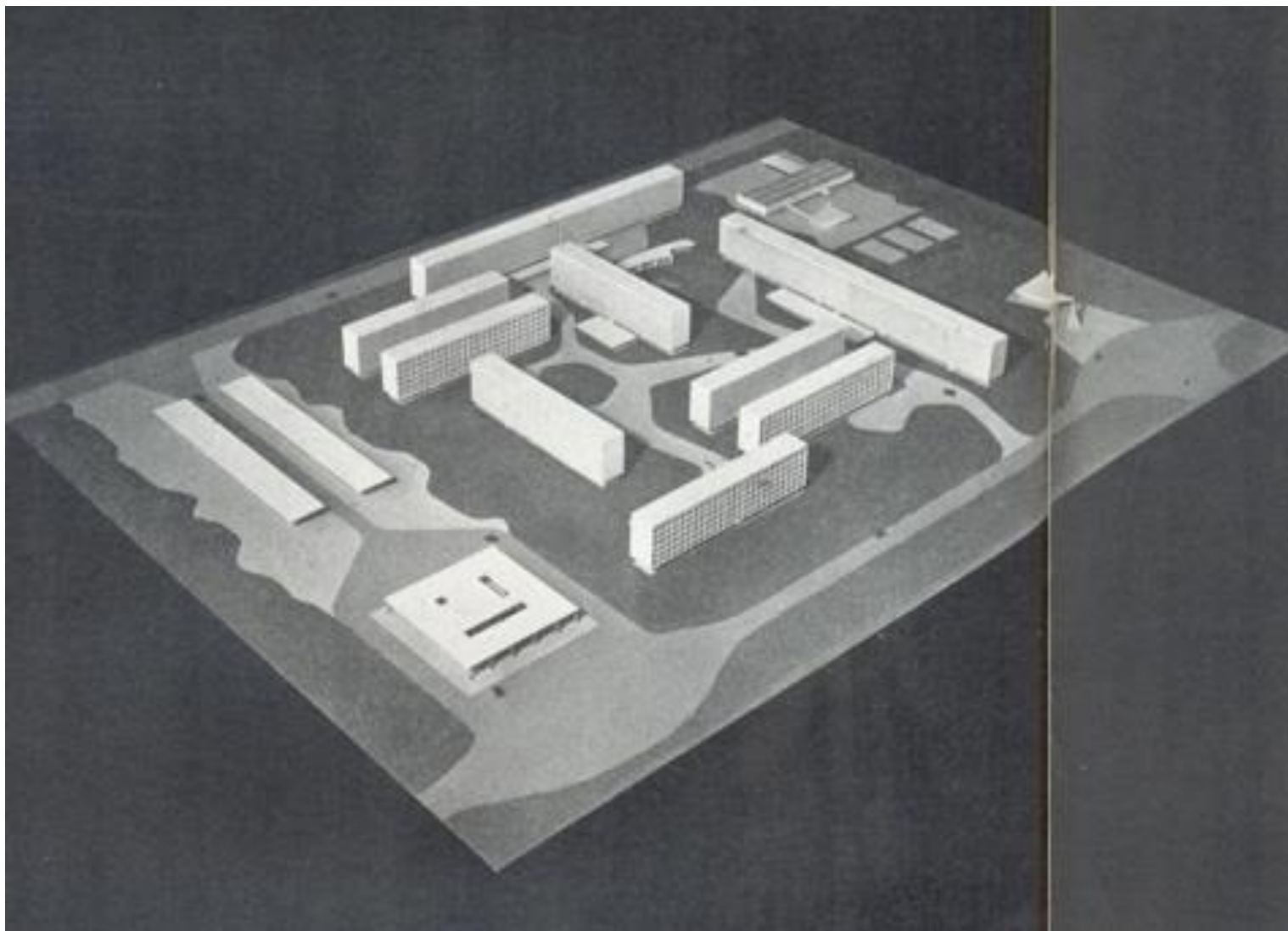


Figura 63. Superquadra de Brasília. Revista Brasília edição 9 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na B10, destaca-se a matéria sobre a primeira escola “definitiva” inaugurada em Brasília, que também foi projetada por Niemeyer. O local contava com cinco salas de aula, cozinha, refeitório, instalações sanitárias e um parque de recreação com piscina. Um projeto simples de dois pavimentos e pilotis.



Figura 64. Primeira escola de Brasília. Revista Brasília edição 10 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Além disso, na seção “Arquitetura e Urbanismo” foi publicada pela primeira vez a maquete com a Praça dos Três Poderes (Lucio Costa) e o conjunto de edifícios que dela faziam parte, o Congresso Nacional, o Palácio da Justiça (Supremo Tribunal Federal) e o Palácio dos Despachos (Palácio do Planalto). Comparando a maquete com o que foi construído, nota-se a falta dos espelhos d’água dos fundos do Congresso Nacional, o espelho d’água da frente do Palácio dos Despachos e duas construções que serão incorporadas posteriormente, o Museu da Cidade em B28 (1960) e o Panteão da Pátria (1986). Na revista de número B12, B16 e B25 também foram publicadas fotos isométricas e croqui com mais detalhes dos Palácios.

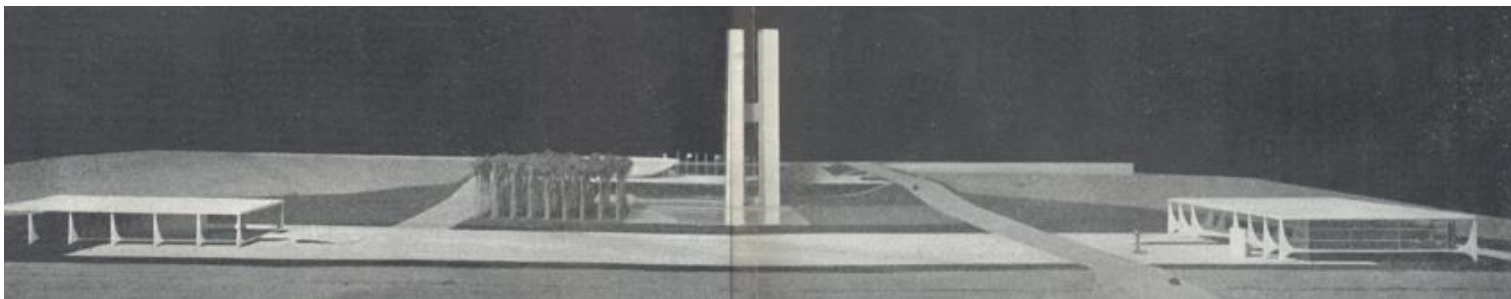


Figura 65. Praça dos Três Poderes. Revista Brasília edição 10 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

A edição B11 dedica-se a explicar o Setor Bancário, idealizado por Lucio Costa e desenvolvido pela equipe de Niemeyer. Na fotografia da maquete percebe-se um conjunto de edifícios similares (modelos), rigidamente distribuídos sobre plataforma plana, que mais uma vez não considera a realidade topográfica do local de implantação.

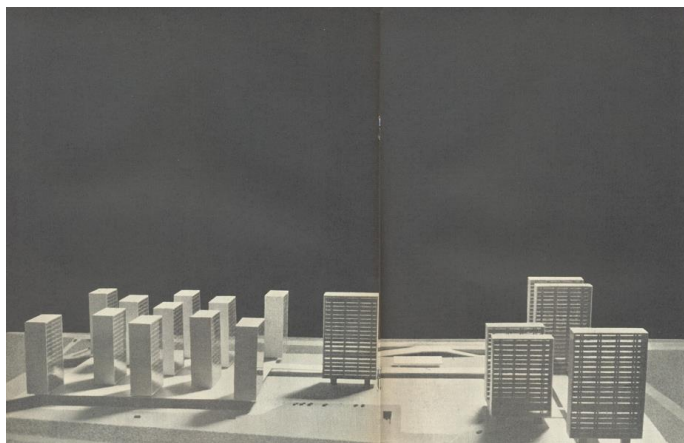


Figura 66. Maquete do Setor Bancário de Brasília. Revista Brasília edição 11 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

A edição B16 apresenta um dos primeiros projetos não projetado por Niemeyer (antes, a revista **Brasília** havia apenas publicado fotos de obras de outros autores). Com ilustração perspectivada de Ted Wu e uma planta baixa de situação, foram divulgadas imagens de como seria o comércio local das superquadras. Trata-se de um conjunto de lojas geminadas com passeio coberto e galeria de acesso ao interior da quadra. São lojas de pé direito alto sendo possível construir um mezanino caso necessário. Na ilustração é possível ver uma floricultura, uma galeria de arte, uma joalheria e uma livraria, todos unidos por uma cobertura única, conforme orientação de Lucio Costa.

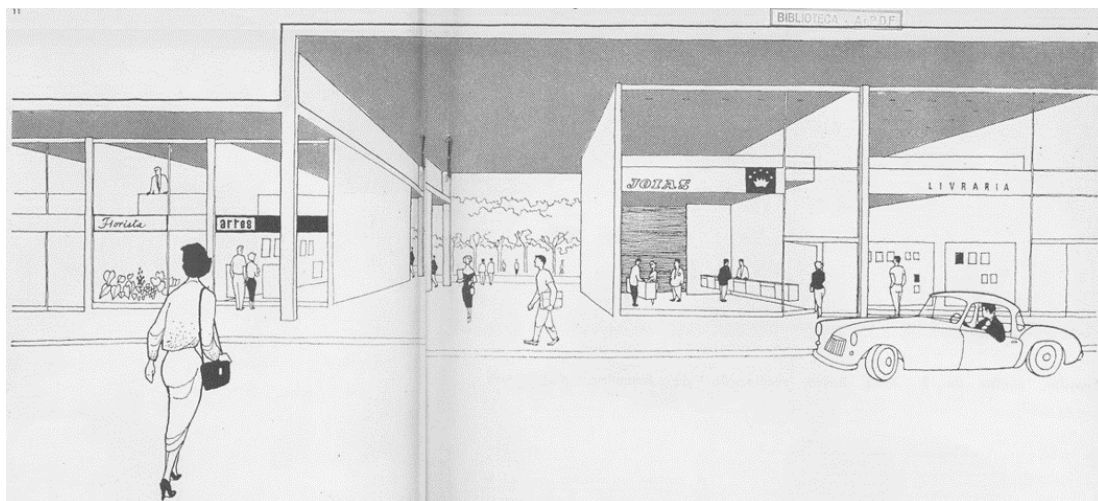


Figura 67. Ilustração de Ted Wu do comércio local de Brasília. Revista Brasília edição 15 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na edição B17, foram divulgadas as diferentes residências que vinham sendo construídas na capital. Algumas já estavam prontas e outras em forma de projeto. Entre elas, as fachadas das casas populares geminadas (também aparecem na revista B21), uma casa construída pela Novacap, uma residência isolada e fotos das maquetes do projeto de Hélio Uchôa para as superquadras.



Figura 68. Casas Populares de Brasília. Revista Brasília edição 17 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 69. Casas Populares de Brasília. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

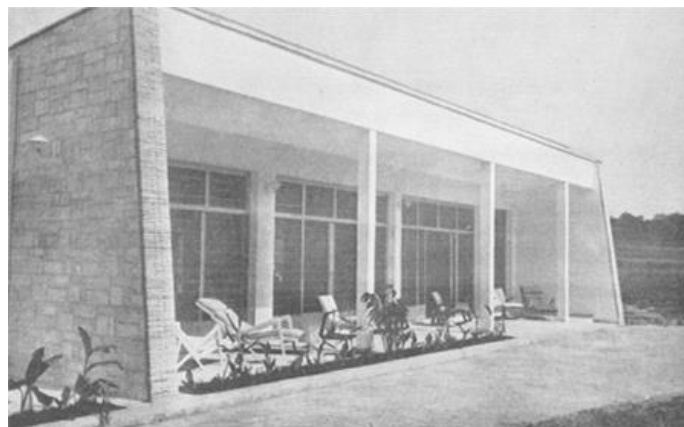


Figura 70. Residência em Brasília. Revista Brasília edição 17 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

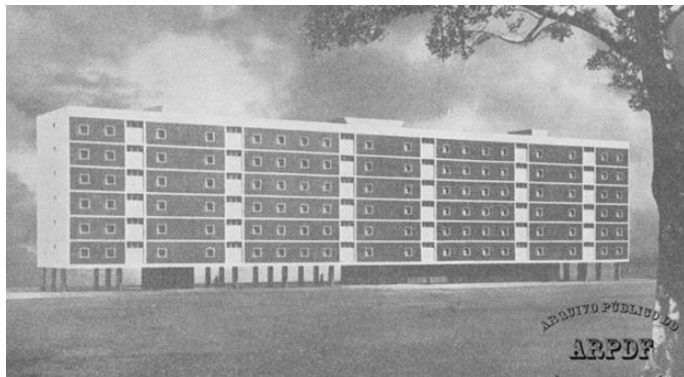


Figura 71. Maquete do edifício residencial de Hélio Uchôa. Residência em Brasília. Revista Brasília edição 17 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Em junho de 1958 (B18), finalmente, a revista passou a publicar as primeiras inaugurações de Brasília: o Palácio da Alvorada, que contou com o presidente, chefes de estado e figuras da vida nacional; o Brasília Palace Hotel, com um grande jantar para convidados; e a Igreja Nossa Senhora de Fátima, com a visita de pessoas importantes da época e o casamento da filha do casal Israel Pinheiro.

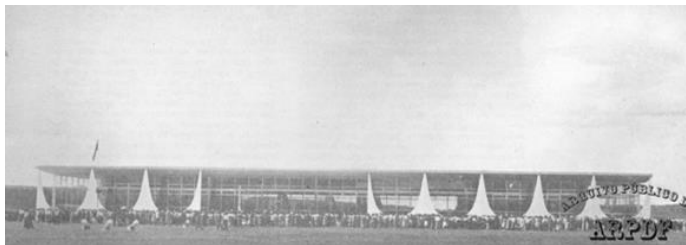


Figura 72. Inauguração do Palácio da Alvorada. Revista Brasília edição 18 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 73. Brasília Palace Hotel. Revista Brasília edição 18 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Entre tantos eventos, o presidente da Novacap decidiu oferecer um almoço em sua residência oficial (figuras 75 e 76). A imagem mostra a casa de um pavimento e pilotis que lembra muito a arquitetura de Niemeyer (escola carioca). Também foi possível localizar imagens da mesma residência na revista B21.



Figura 74. Igrejinha. Revista Brasília edição 18 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 75. Casa do presidente da Novacap. Revista Brasília edição 18 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

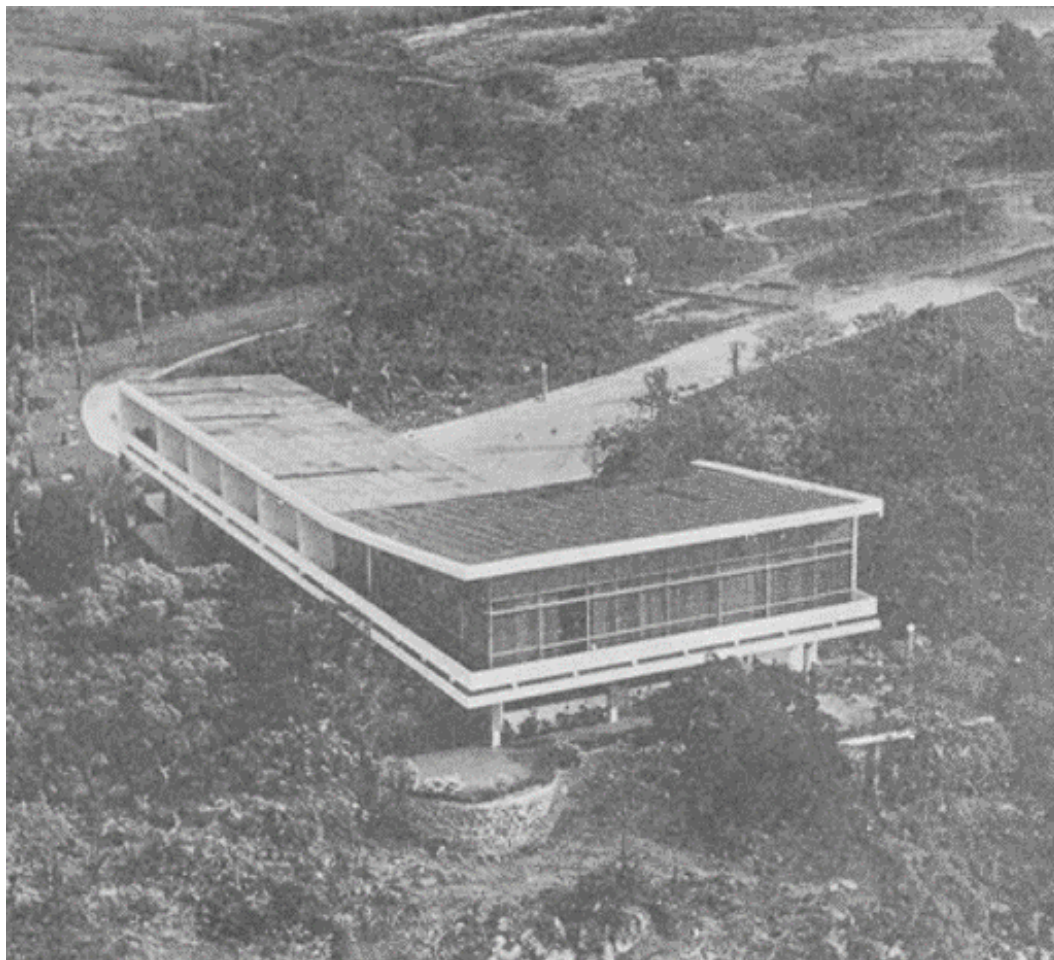


Figura 76. Imagem aérea da casa do presidente da Novacap. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na revista B21, o destaque ficou para as imagens dos interiores do Palácio da Alvorada, onde foi possível notar a utilização de réplicas de mobiliário desenhado por Mies Van der Rohe (poltronas Barcelona), para a ambientação do espaço. Também em algumas edições seguintes da revista, como na B23, foram divulgadas mais imagens do interior do Palácio. No caso, fotografias do quarto presidencial. Na B28, consta imagem do salão principal mostrando os diferentes estilos de mobiliário.

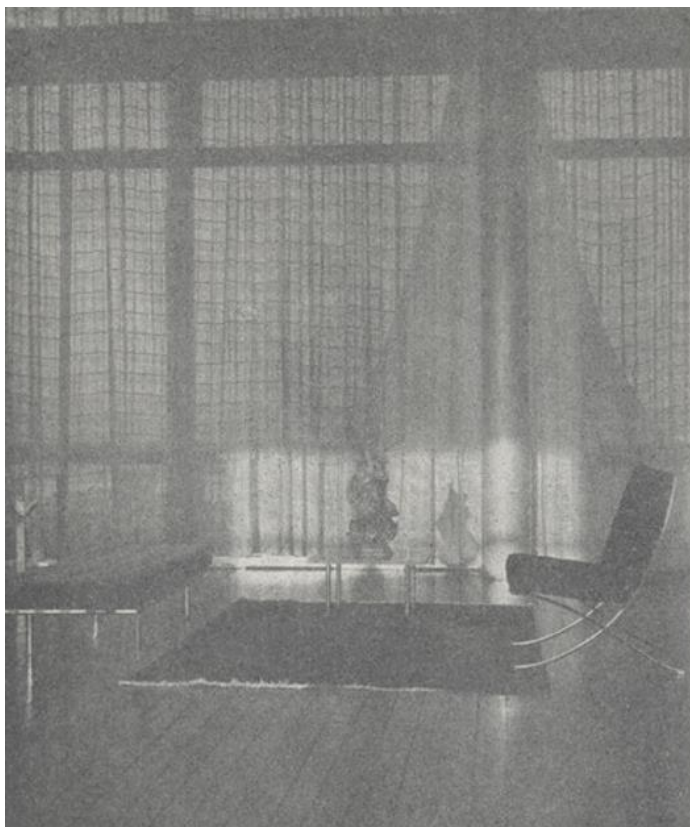


Figura 77. Imagem do interior do Palácio da Alvorada. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 78. Imagem do interior do Palácio da Alvorada. Revista Brasília edição 23 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

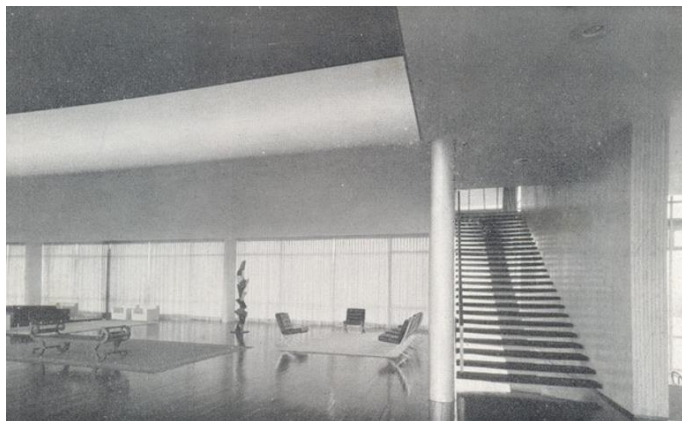


Figura 79. Imagem do salão do Palácio da Alvorada. Revista Brasília edição 23 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Em maio de 1958, também na revista B21, foram divulgadas imagens da Catedral. Ela aparece já com sua forma definitiva, no entanto sem os vitrais de Marianne Peretti e o espelho d'água que circula toda a edificação.

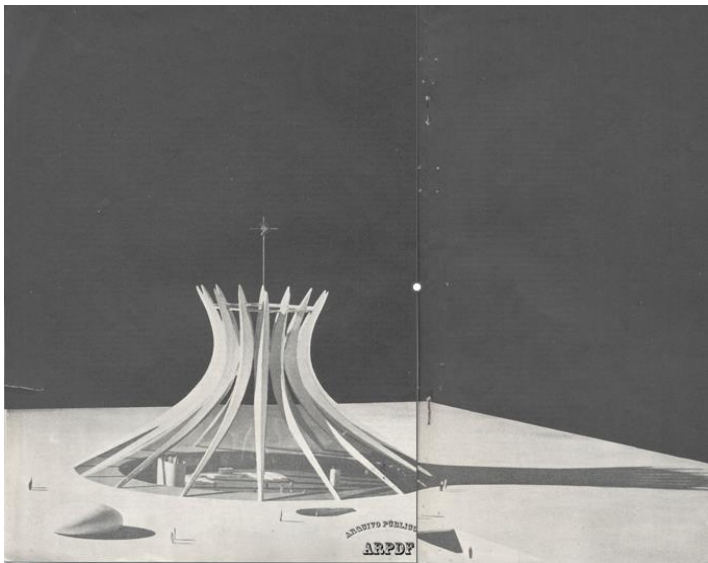


Figura 80. Maquete da Catedral de Brasília. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na revista B22, o destaque foi para dois projetos de porte não assinados por Niemeyer. O primeiro é o Instituto de Resseguros do Brasil – Edifício Seguradoras, do arquiteto A.P. de Souza Silva. Na revista não consta muitas informações sobre o projeto, apenas as plantas técnicas. E o segundo, é o da Imprensa Nacional em Brasília, do arquiteto Benedito de Barros.



Figura 81. Maquete do Edifício Seguradoras. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

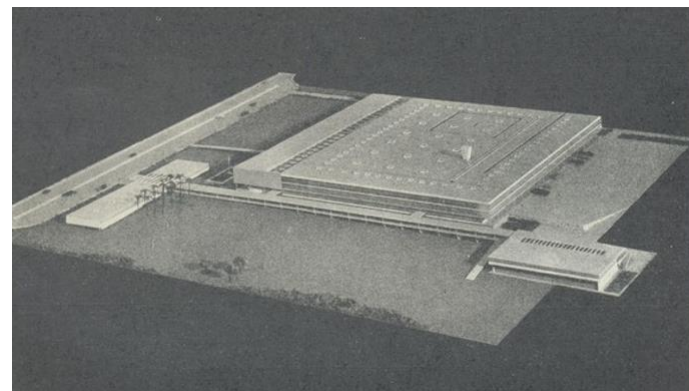


Figura 82. Maquete do Edifício da Imprensa Nacional de Brasília. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na revista B26, o Brasília Palace Hotel teve o seu interior divulgado. Na imagem, é possível observar os detalhes do quarto, e o tratamento da marcenaria da cama, do painel e da escrivaninha. Outro ambiente bastante fotografado foi o do salão de festas do hotel. Nele conseguimos identificar vários mobiliários de design, entre eles, duas poltronas Womb em primeiro plano.



Figura 83. Interior do Brasília Palace Hotel. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 84. Interior do salão de festas do Brasília Palace Hotel. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Em junho de 1959 (B30), foi apresentada aos leitores a rodoviária do Plano Piloto (Lucio Costa). Uma super plataforma central que dividia a Esplanada dos Ministérios do Eixo Monumental, e o Eixo Sul do Norte.

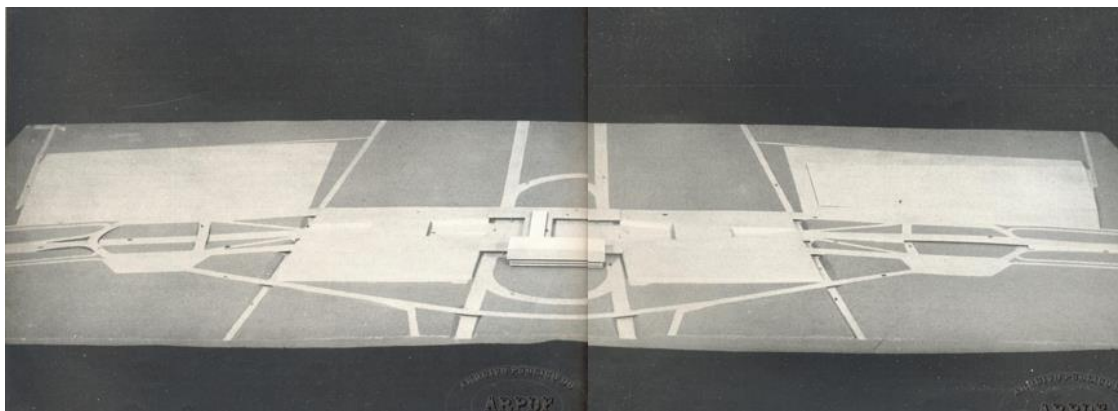


Figura 85. Rodoviária de Brasília. Revista Brasília edição 30 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na mesma edição, chama atenção o Palácio do Comércio, edifício projetado por Eduardo Kneese de Mello e Carlo J. Sena. Um típico edifício comercial brasiliense de poucos pavimentos, pilotis e lojas no térreo. Embora não tenha nenhum artigo ou descrição sobre o projeto, a maquete da primeira versão do Palácio das Relações Exteriores (Itamaraty) e anexos acaba sendo publicada.

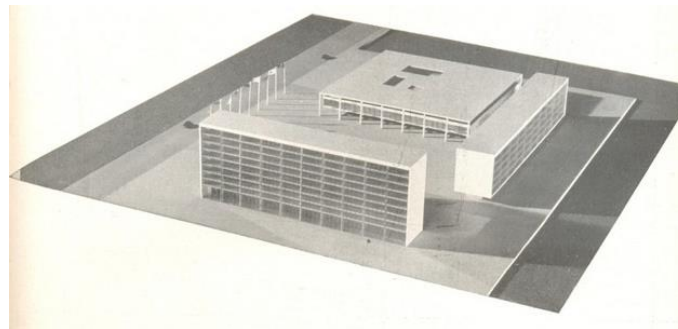


Figura 86. Ministério das Relações Exteriores em Brasília. Revista Brasília edição 30 de 1959. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

A edição B34 divulga a maquete do Centro de Recuperação Motora Sarah Kubitschek, que será utilizado por pessoas com problemas físicos e/ou motores e para o tratamento de recuperação e adaptação. O projeto foi desenvolvido por Glauco Campelo.

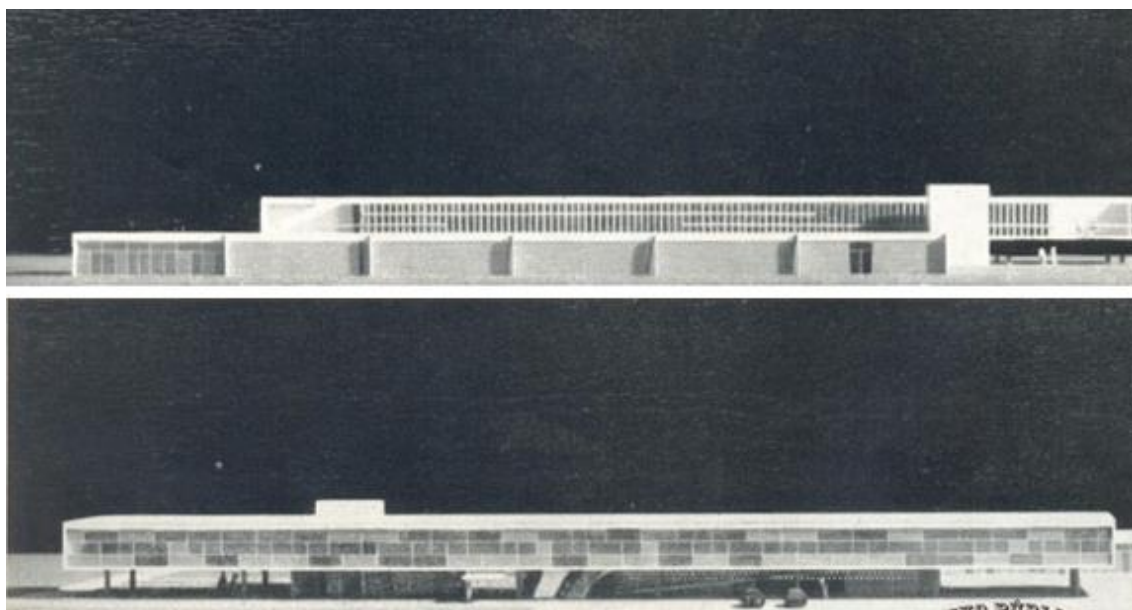


Figura 87. Hospital Sarah Kubitschek de Brasília. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

As revistas B31, 33, 34, 35 e 36 são recheadas de imagens das construções dos edifícios do Congresso Nacional, ministérios, rodoviária, embora não tragam novidades de projetos novos ou inaugurações. Na edição B37, a revista mostra a conclusão das novas escolas da cidade, a Escola-Parque e Escola-Classe. Escolas que ficariam entre as superquadras dando apoio às famílias que ali moravam.



Figura 88. Escola-Parque SQS 308 de Brasília. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

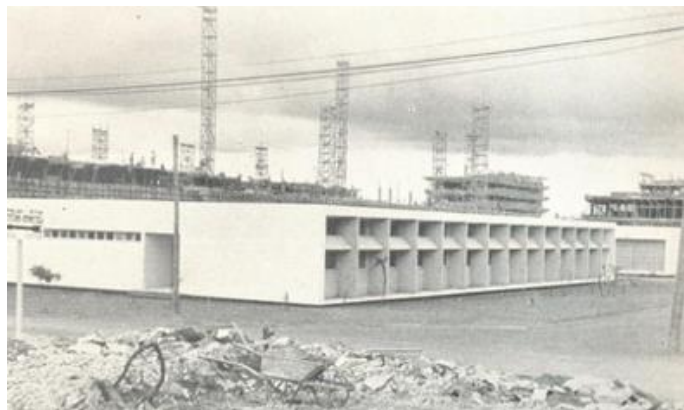


Figura 89. Escola-Classe SQS 308 de Brasília. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Na B39, vários edifícios já se encontram prontos para inauguração, entre eles os ministérios, vários blocos residenciais e o Palácio do Planalto que já estava em momento de limpeza final. Nessa edição também foram publicadas fotografias de como seriam os blocos comerciais da W3 Sul e uma imagem aérea mostrando a rua com a Escola-Parque e superquadra sendo construída ao fundo.



Figura 90. Bloco comercial W3 Sul. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 91. Imagem aérea da W3 Sul. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Módulo

O conteúdo de Arquitetura da revista **Módulo**, em função da linha editorial adotada, reflete muito o pensamento dos especialistas convidados para assinar as matérias. Nesse sentido, os projetos publicados são, em grande parte, de autoria de profissionais cariocas amigos de Oscar Niemeyer. Isso significa que, diferentemente da revista **Brasília**, que publicou todos os tipos de projeto, desde os mais monumentais e sofisticados até os mais simples e populares, na **Módulo** isso não aconteceu. Ao contrário, houve uma espécie de curadoria estética. O que se pretendia era divulgar a excelência dos projetos que vinham desenhados para a nova capital.

A primeira reportagem sobre a transferência da capital surge em dezembro de 1956 na MO6, e tem como principal objeto a residência temporária do presidente Juscelino Kubitschek no Distrito Federal, o Catetinho (assim como ocorreu com a revista **Brasília**, BB1). A edificação toda feita em madeira, foi projetada por Niemeyer e tinha como finalidade abrigar o presidente e ser um local para receber visitas especiais. O texto descreve todo programa de necessidades do projeto, materiais utilizados, infraestrutura do terreno e quem foram os engenheiros e amigos de Juscelino que ajudaram a levantar o palácio provisório. O artigo conta com as fotografias da primeira pista de aterrissagem, do primeiro acampamento, e da construção do Catetinho.



Figura 92. Fotografias da Revista Módulo 6, construção do Palácio Provisório Catetinho, dezembro de 1956. Montagem: Andrey Aspiazu.

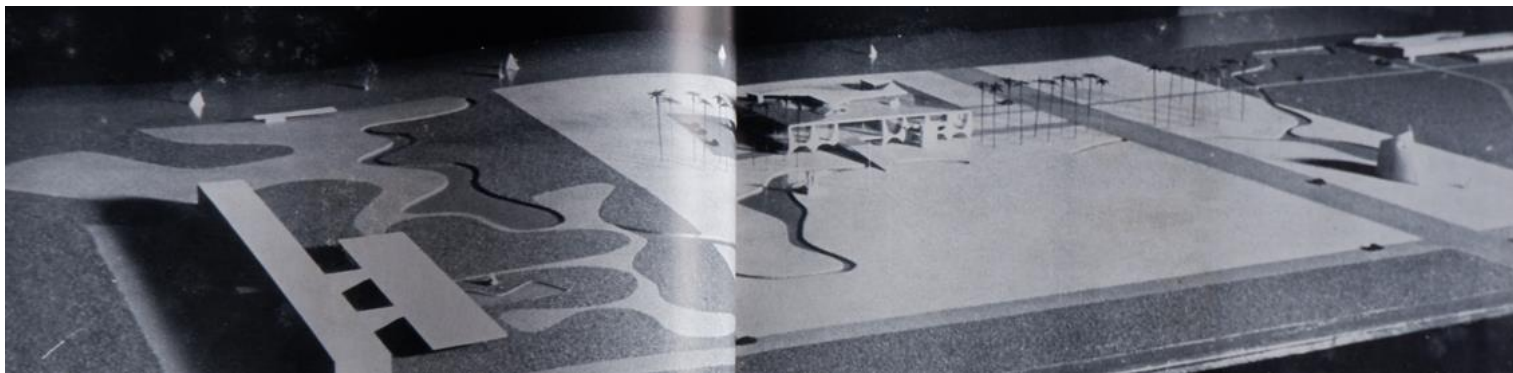


Figura 93. Fotografia da Revista Módulo 6, maquete teste do Complexo Alvorada, à esquerda o hotel, ao centro o Palácio Presidencial, e à direita a Igreja, dezembro de 1956. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Nessa mesma edição, a **Módulo** produziu uma grande reportagem com Niemeyer, sendo entrevistado por José Guilherme Mendes. Sobre o Palácio Presidencial (o primeiro), o arquiteto explicou que desejava um espaço com amplos salões envidraçados e com divisórias removíveis, facilitando a organização de vários tipos de ambientação. E que ele havia previsto uma “igreja”, conforme tradição brasileira. A entrevista foi ilustrada com rico material documental, com fotos da maquete, desenhos do palácio e igreja, e plantas técnicas de construção:

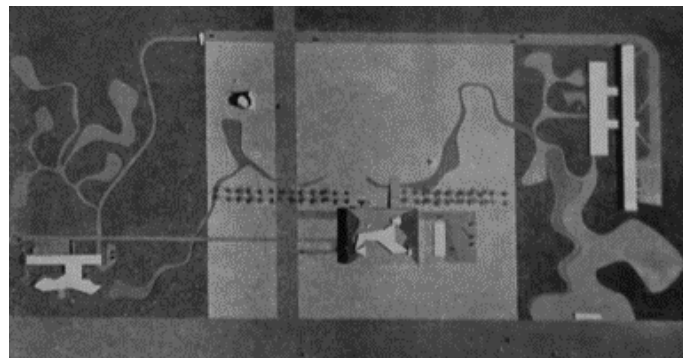


Figura 94. Fotografia da Revista Módulo 6, maquete teste do Complexo Alvorada, à esquerda o palácio residencial, ao centro, a Igreja e o palácio de trabalho, e à direita o hotel. Dezembro de 1956. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília

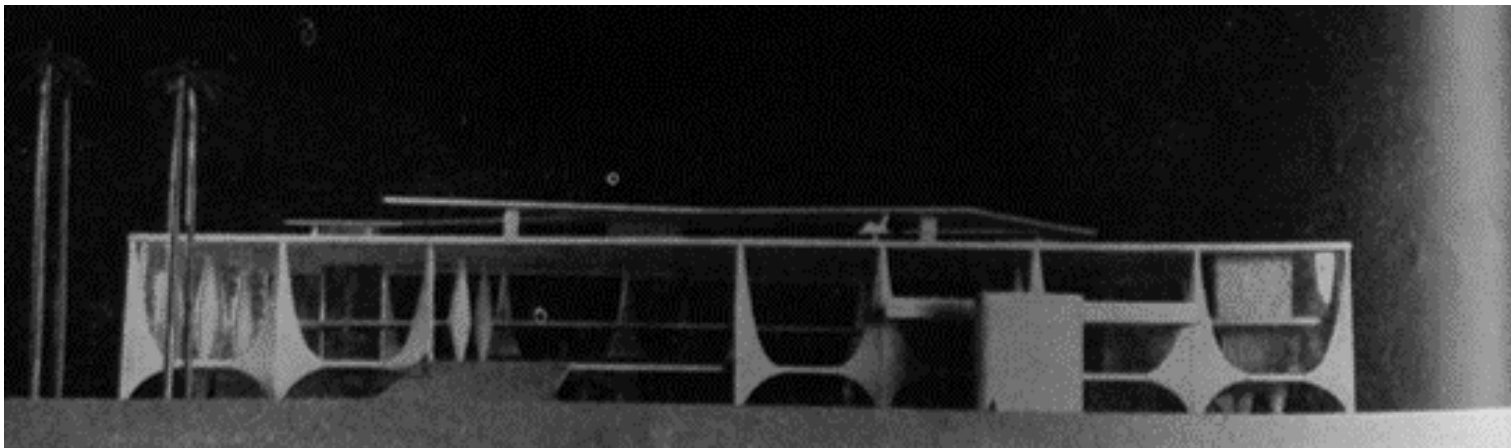


Figura 95. Fotografia da Revista Módulo 6, maquete do palácio de trabalho do Complexo Alvorada, dezembro de 1956. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.



Figura 96. Fotografia da Revista Módulo 6 do desenho do palácio de trabalho do Complexo Alvorada dezembro de 1956. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

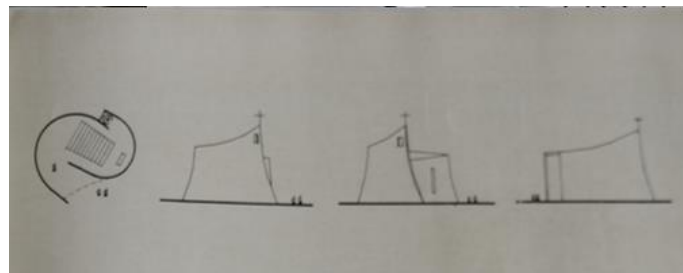


Figura 97. Fotografia da Revista Módulo 6, desenho da Igreja do Complexo Alvorada. Dezembro de 1956. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Na revista MO7, finalmente, foi apresentado o Palácio da Alvorada. Nela, foram reproduzidas fotografias dos desenhos e maquetes. Na matéria, é explicado que o palácio residencial e o hotel seriam as duas primeiras obras de caráter definitivo a serem construídas em Brasília, e que o palácio governamental de trabalho (publicado na MO6) seria desenvolvido em um outro momento, com uma nova localização no Plano Piloto. Sobre o projeto, Niemeyer explicou:

Na solução do Palácio Residencial de Brasília, procuramos adotar os princípios da simplicidade e pureza que, no passado, caracterizaram grandes obras da arquitetura. Para isso, evitamos as soluções recortadas, ricas de forma e elementos construtivos, (marquises, balcões, elementos de proteção, cores, materiais, etc.), adotando um partido compacto e simples, onde a beleza decorresse apenas de suas proporções e da própria estrutura. Dedicamos às colunas, em virtude disso, a maior atenção estudando-as cuidadosamente nos seus espalhamentos, forma e proporção dentro das conveniências da técnica e dos efeitos plásticos que desejávamos obter. Estes levaram a uma solução de ritmo contínuo e ondulado, que confere à construção leveza e elegância situando-a como que simplesmente pousada no solo (MÓDULO-7, 1957, p.21).

Assim, Niemeyer publicou os desenhos das colunas desenvolvidas por ele, mostrando as referências de outras colunas utilizadas em outros palácios e templos,

em um outro momento da história da arquitetura. Futuramente, a silhueta da coluna se tornará um dos símbolos visuais da capital.

Muitas das fotos publicadas igualmente foram divulgadas na revista **Brasília**, como foi o caso de todas as imagens da decoração do Alvorada, que se repetem na MO12. Por se tratar da revista de propriedade de Niemeyer, na **Módulo** – como um diferencial – aparecem os desenhos originais e primeiros estudos de inúmeras edificações. É o que podemos observar, por exemplo, em relação à capela do Alvorada:

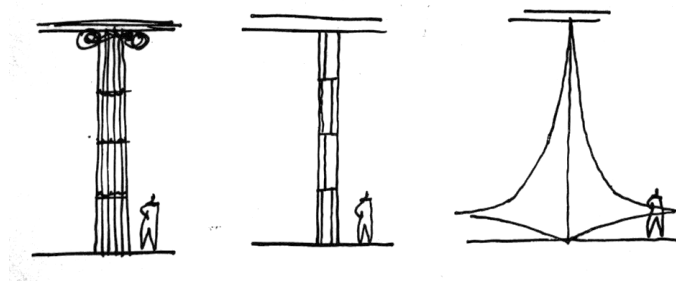


Figura 98. Fotografia da revista Módulo 7, desenho das colunas do Palácio da Alvorada, fevereiro de 1957. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

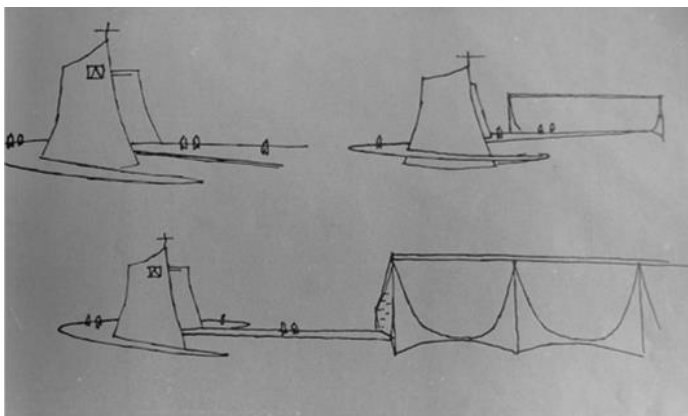


Figura 99. Fotografia da revista Módulo 7, estudos da Capelinha do Alvorada, fevereiro de 1957. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

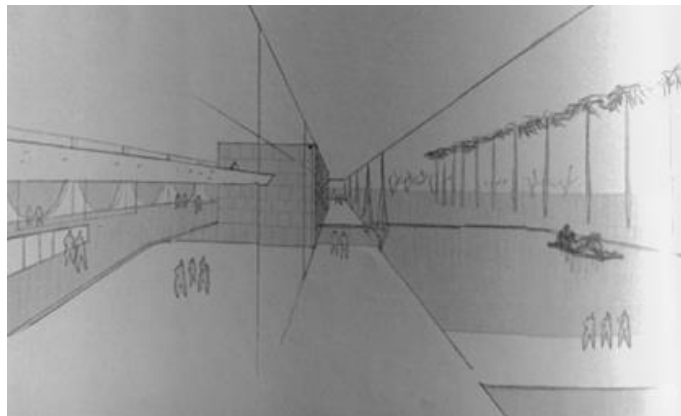


Figura 100. Fotografia da revista Módulo 7, desenho da relação da área interna com a externa do Palácio da Alvorada, fevereiro de 1957. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

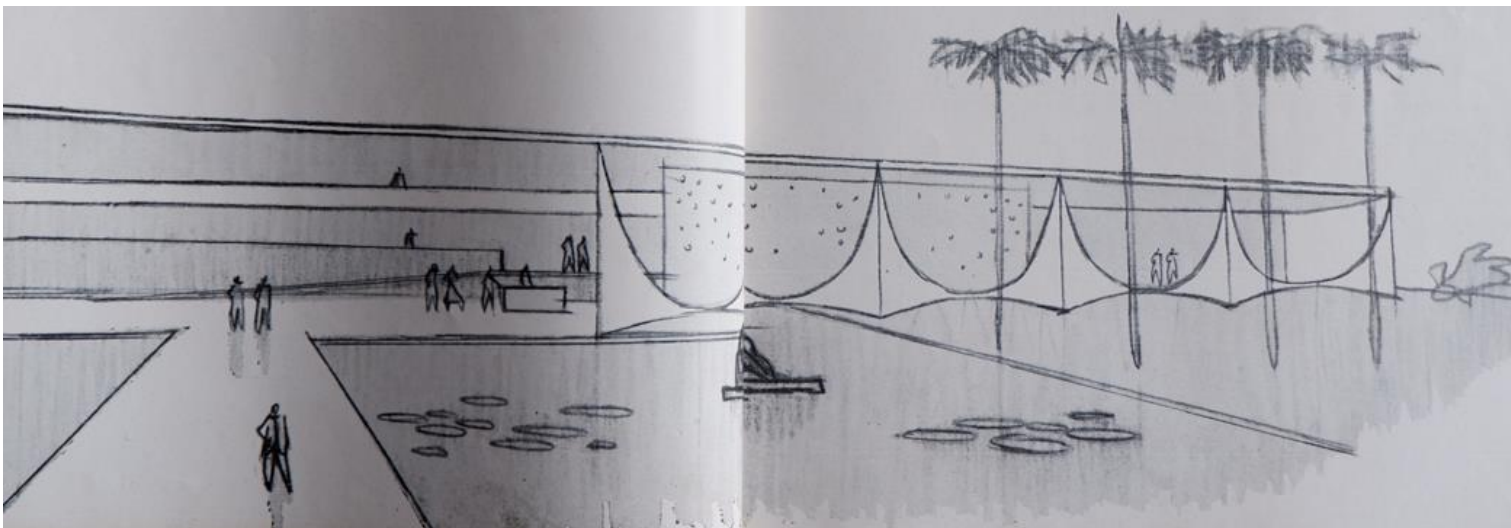


Figura 101. Fotografia da revista Módulo 7, desenho do Palácio da Alvorada, fevereiro de 1957. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Em fevereiro de 1958, na MO9, a matéria principal destaca a Praça dos Três Poderes com os edifícios que dela fazem parte (o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal). Essa edição foca principalmente no Congresso Nacional, com explicações do projeto, fotos da maquete e plantas técnicas. Na revista seguinte (MO10), a matéria se completa com as informações sobre o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal. A reportagem lembra muito a que vimos na revista **Brasília** (B10), por conta das imagens das maquetes. O diferencial foi a reprodução das plantas baixas de cada andar de cada palácio.

Na edição MO11, de dezembro de 1959, a revista publicou matéria sobre a Catedral de Brasília. O texto começa mostrando o quanto é interessante para um arquiteto poder projetar uma catedral e como é importante utilizar como referência o que já foi construído através da história da arquitetura, como as obras feitas pelos romanos e a arquitetura gótica (MÓDULO-11, 1959, p.7). As imagens ilustram edificações que foram utilizadas como referência, a exemplo do Panteão de Roma. Também são apresentados croquis com as principais características da catedral. São pontuados a técnica construtiva, a escolha da planta circular, a vedação, os fluxos de circulação, os níveis e as ligações com os serviços anexos.



Figura 102. Esquemas da relação da área interna com a externa do Palácio da Alvorada. Revista Módulo 11,, dezembro de 1958.
Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Além destes desenhos, a matéria conta com fotografias da maquete da catedral (igualmente publicada na revista **Brasília**), planta de situação em relação a Esplanada dos Ministérios e planta baixa.

Em fevereiro de 1959, na MO12, foi publicado o texto de divulgação do Hotel de Turismo (Brasília Palace Hotel). Nele é descrito o projeto, considerado um dos mais modernos da época e pontuado o acerto que foi implantar o edifício fora do Plano Piloto, assim dando mais privacidade para os hóspedes e delegações internacionais etc. (MÓDULO-12, 1959, p.28). A matéria conta com fotografias do hotel, croquis de Niemeyer e plantas técnicas.

O Museu de Brasília, previsto para ser construído na Praça dos Três Poderes, também ganhou uma matéria na mesma edição. Com a finalidade preservar a história da transferência da capital para o Distrito Federal, o museu foi resolvido com um longo salão iluminado zenitalmente, contido entre duas vigas longitudinais, apoiadas em paredes de concreto, como mostra o desenho de Niemeyer. Como acervo, deveriam ser expostos painéis, fotos, desenhos, manuscritos, sobre a história da cidade (MÓDULO-12, 1959, p.37).

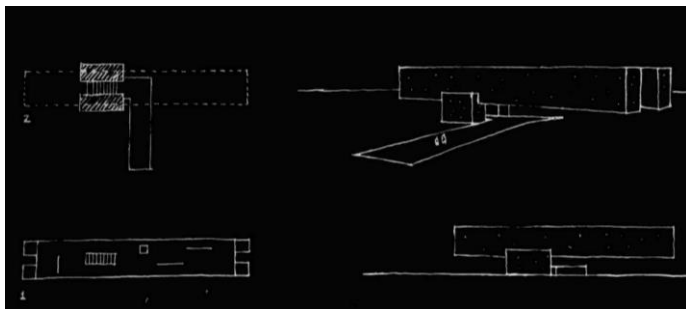


Figura 103. Fotografia da Revista Módulo 12, esquemas do museu da Praça dos Três Poderes, fevereiro de 1959.

Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília

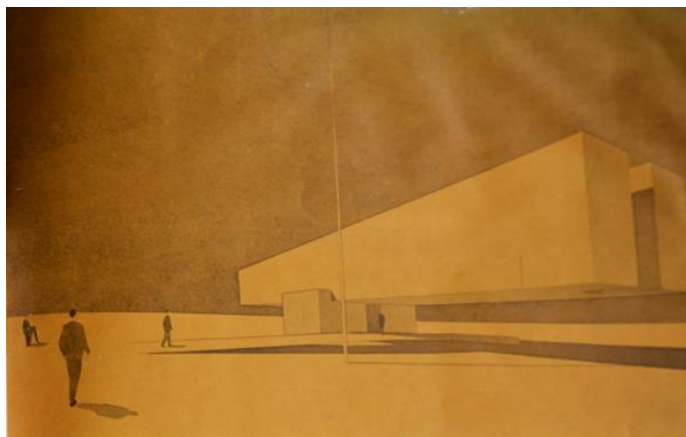


Figura 104. Fotografia da Revista Módulo 12, imagem isométrica do museu da Praça dos Três Poderes, fevereiro de 1959. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Na MO14, foi divulgado o primeiro edifício público não projetado por Niemeyer, a Plataforma Central Estação Rodoviária, de Lucio Costa. A matéria conta com plantas técnicas que permite entender o programa de necessidades e os complexos fluxos de circulação (ver revista B30). Na mesma edição, recebeu destaque o projeto do Palácio da Agricultura (Setor Bancário Norte), de Eduardo Keneese de Mello. O edifício foi projetado para abrigar a sede da Confederação Rural Brasileira e para organismos ligados à agricultura, à pecuária, etc.

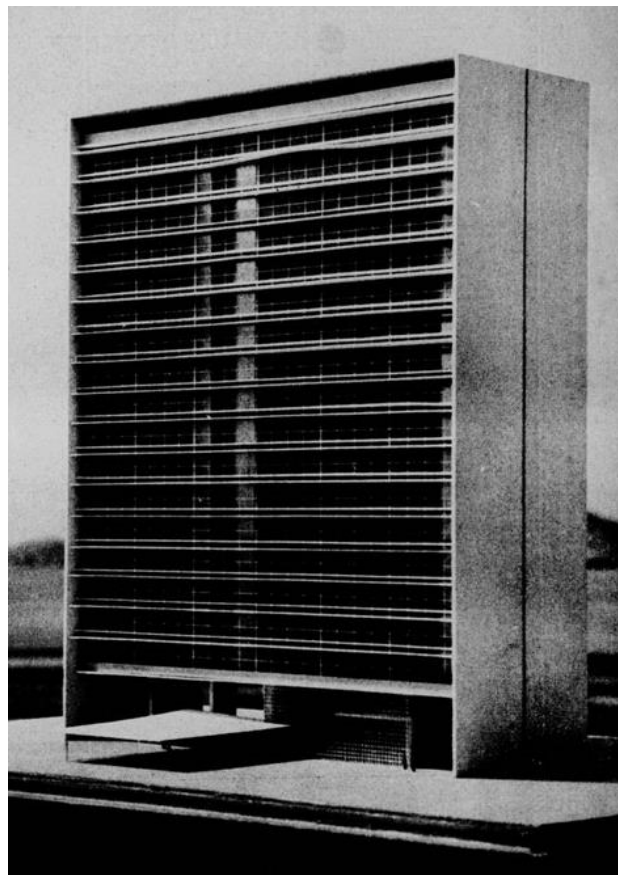


Figura 105. Fotografia da Revista Módulo 14, maquete do Palácio da Agricultura, agosto de 1959. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Finalizando os edifícios governamentais, em abril de 1960 (MO17), foi divulgada uma grande matéria sobre o Teatro Oficial no setor de Cultura Norte. Como explica Niemeyer, uma edificação monumental que, visualmente, não caísse na tipologia clássica dos teatros de ópera (MÓDULO-17, 1960, p.18). No texto, o arquiteto pontua 13 pontos positivos do projeto, além de apresentar a maquete do teatro, croquis das perspectivas e volumetrias, e plantas técnicas de cada andar.

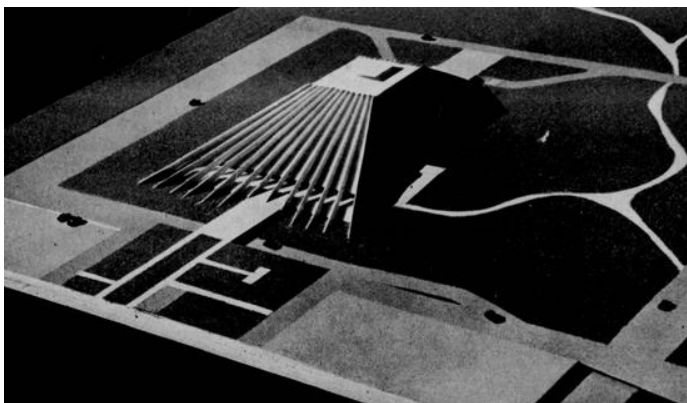


Figura 106. Fotografia da maquete do Teatro Oficial de Niemeyer. Revista Módulo 17, abril de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

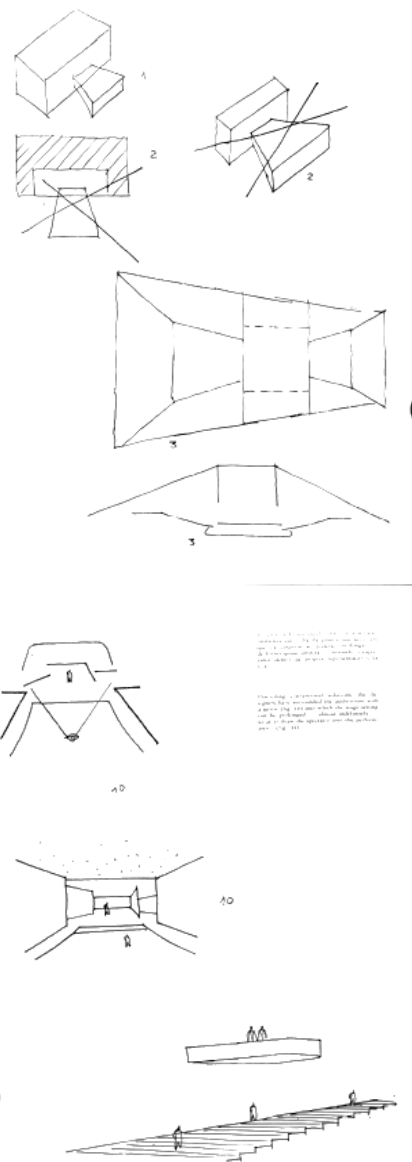


Figura 107. Esquemas do Teatro Oficial de Niemeyer. Revista Módulo 17, abril de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Entre todos os projetos governamentais publicados na *Módulo* durante o período de estudo, somente três não são de autoria de Niemeyer: a Plataforma da Rodoviária, o Departamento de Imprensa Nacional e o Palácio da Agricultura.

Na MO12, de fevereiro de 1959, foi divulgada matéria sobre os edifícios em construção pelo IAPI e IAPB, com fotografias das obras em processo de finalização. O IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários) se dispôs a construir 1200 apartamentos na zona residencial, sendo alguns nas quadras 105 e 305 da Asa Sul. Na quadra 105, foram construídos dois tipos, apartamentos grandes, de 160m² e 192m², com acabamentos sofisticados, e apartamentos menores na 305, com áreas de 66m² e 99m², com acabamentos inferiores (*MÓDULO-12*, 1959, p.14). Nas fotos, o destaque é para o edifício desenvolvido por Hélio Uchôa:



Figura 108. Fotografia da Revista Módulo 12, edifício de Hélio Uchôa em construção, fevereiro de 1959. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

O IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários) construiu 444 apartamentos de tipos variados, uma vez que foram feitos para pessoas de diferentes níveis econômicos, desde o mais modesto ao de maior luxo. Na revista, fotos do edifício projetado por Niemeyer para a 108 Sul.

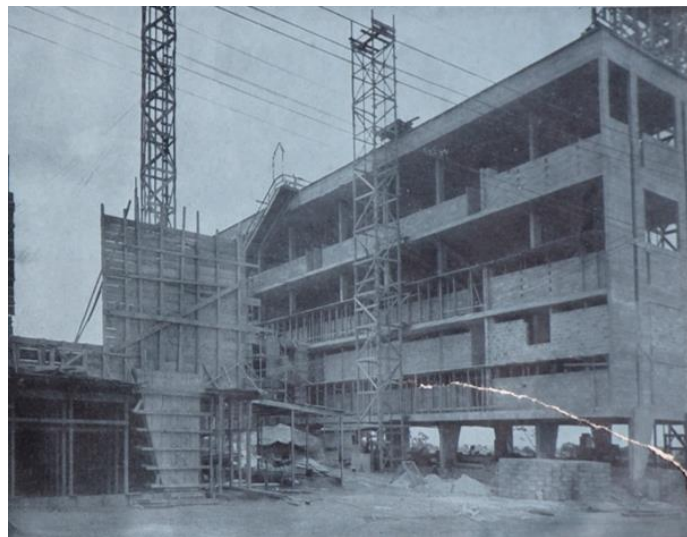


Figura 109. Fotografia da Revista Módulo 12, edifício de Oscar Niemeyer em construção, fevereiro de 1959. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Nas revistas MO16 e MO17, temos as últimas habitações publicadas pela **Módulo**. As residências executadas pelo Banco do Brasil para os seus funcionários. Na MO16, é publicado o edifício projetado pelo arquiteto Paulo Magalhães, de três andares, com três tipos diferentes de apartamentos com 2, 3 e 4 quartos. Na matéria não foi divulgada a localização do edifício. Na MO17, foram publicadas as imagens dos edifícios das quadras 114 e 308 Sul. O projeto foi desenvolvido pelos arquitetos Marcello Campello e Sergio Rocha, e a tipologia do bloco projetado é reconhecida, atualmente, como o “modelo” tradicional das superquadras. Também foram cedidas ao Banco do Brasil cinco quadras (700 Sul) onde foi possível construir residências e apartamentos, fugindo um pouco do modelo típico da arquitetura residencial que vinha sendo realizada. Foram construídos 108 apartamentos e 87 casas. Os projetos foram feitos por Ney Fontes Gonçalves e João Henrique Rocha.

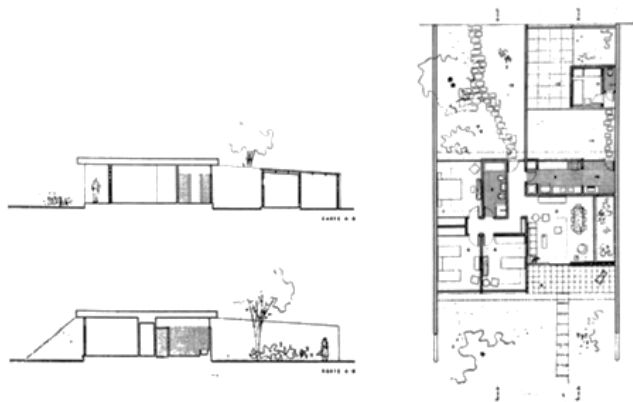


Figura 110. Fotografia da Revista Módulo 17, cortes e planta baixa das casas desenvolvidas por Ney Fontes Gonçalves e João Henrique Rocha, abril de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital..

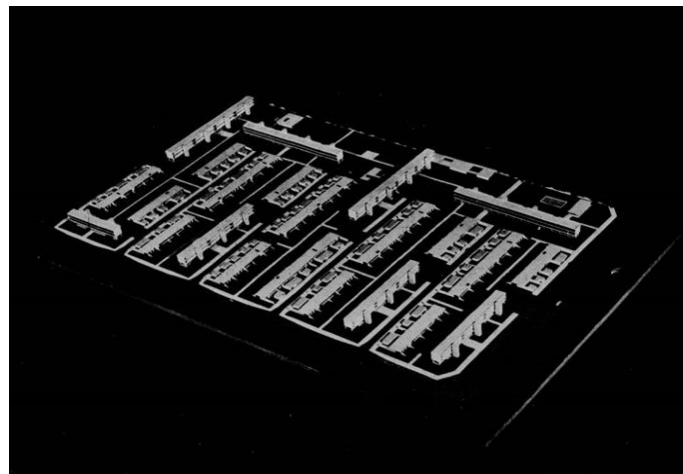


Figura 111. Fotografia da Revista Módulo 17, foto aérea da maquete que mistura casas com edifícios, abril de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Além das construções habitacionais, na revista MO16, ganharam espaço outros projetos desenvolvidos por arquitetos amigos de Niemeyer. A sede do Banco do Brasil, desenvolvida por Ary Garcia Roza; o Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek, desenhado por Glauco Campello; e o Jardim de Infância Kindergarten, projeto de Nauro Jorge Esteves. Nessa edição, todos os projetos acompanham plantas técnicas, descrição e fotos da construção ou maquete.

Manchete

A categoria “arquitetura” ganhou um tratamento distinto por parte da revista **Manchete**, especialmente quando comparado ao que recebera da **Brasília** e da **Módulo**. Enquanto a **Brasília** buscava mostrar a execução das obras, da pedra fundamental até a inauguração das edificações; a **Módulo** explorava a parte técnica dos projetos, com as plantas, esquemas e programas; a **Manchete** retratava a arquitetura como cenário, onde ocorriam fatos político-sociais, na grande maioria das vezes, que davam razão às matérias elaboradas.

Um ponto que cabe destacar é que na revista **Manchete**, as fotografias são muito mais humanizadas, ou seja, nelas é possível notar a presença de um maior número de pessoas.

Um bom exemplo deste outro tratamento (ou novo olhar) ocorreu em relação ao Palácio da Alvorada, que foi divulgado apenas em dezembro de 1957. Uma imagem onde os candangos participam ativamente do processo de colocação das peças de mármore nos pilares do palácio. Por sua vez, a legenda que acompanha a fotografia informa sobre a comitiva de governadores que estaria em Brasília para fazer reunião com o presidente.

No texto “Canaã”, publicado em julho de 1958 (MA325), aparecem imagens de candangos trabalhando na Igreja Nossa Senhora de Fátima. Na mesma edição, foram divulgadas imagens coloridas do Brasília Palace Hotel (figura 114) e do Palácio da Alvorada (figura 115).

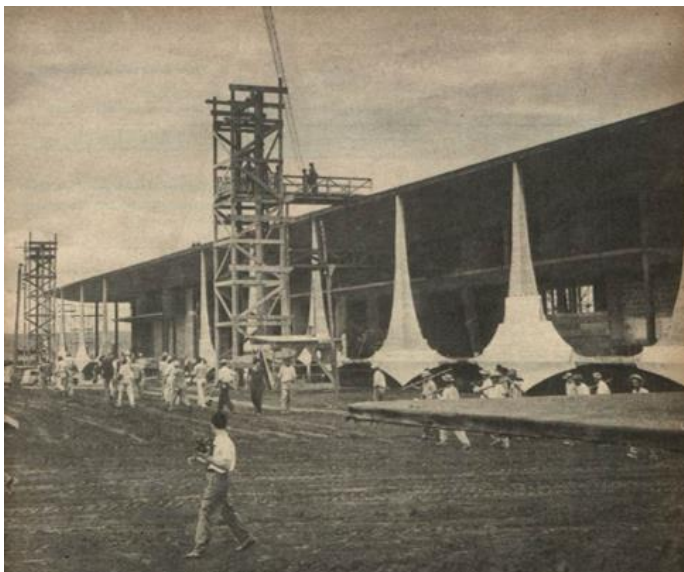


Figura 112. Fotografia do Palácio da Alvorada em construção. Revista Manchete nº 297 de 1957. Fonte: Hemeroteca Digital.



Figura 113. Fotografia de candangos nas obras da Igreja Nossa Senhora de Fátima. Revista Manchete nº 325 de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.

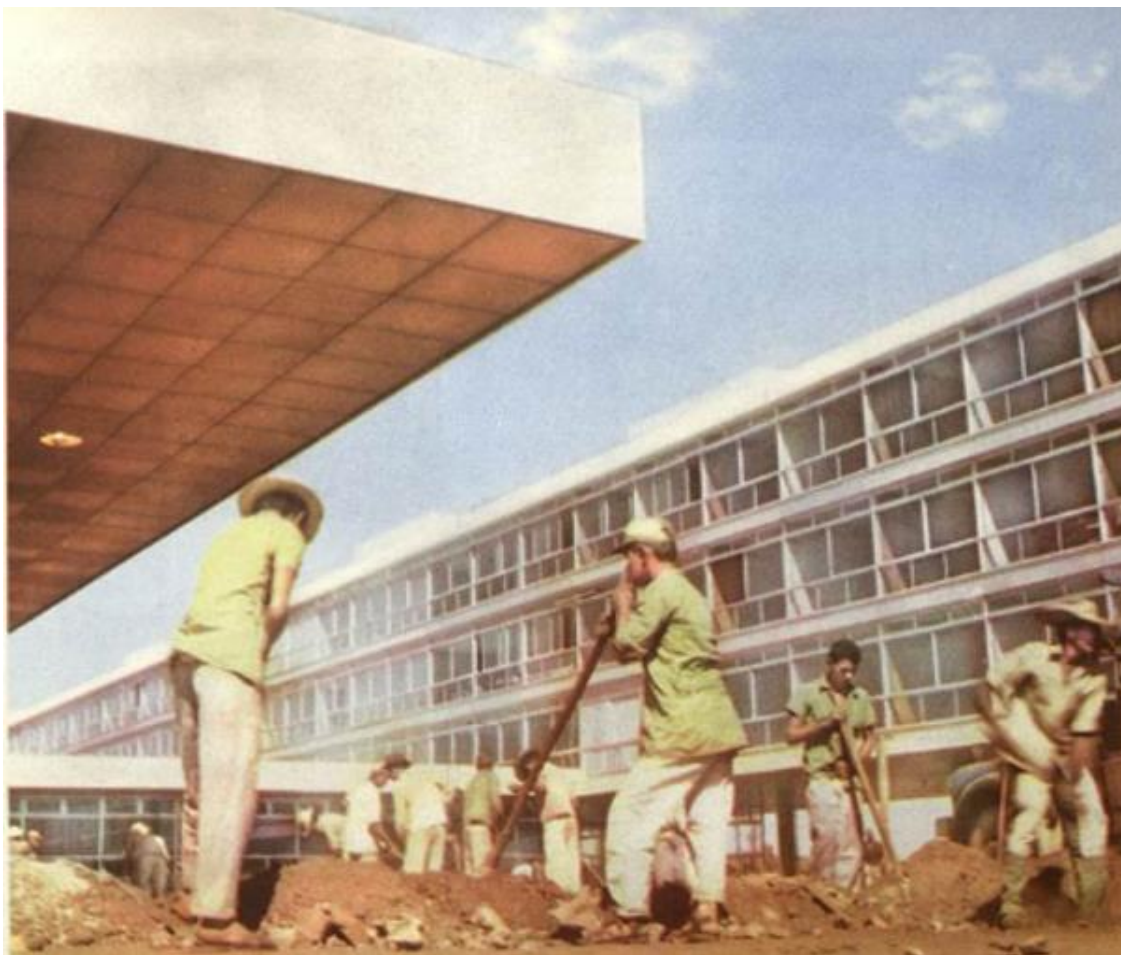


Figura 114. Fotografia de candangos nas obras do Hotel de Turismo. Revista Manchete nº 325 de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.



Figura 115. Fotografia do Palácio da Alvorada. Revista Manchete nº 325 de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.

Na MA407, na matéria “Brasília Capital da Esperança” foram divulgadas novas imagens da construção do Congresso Nacional, Palácio da Alvorada (figura 117) e das superquadras (figura 116). Em uma das fotografias, cabe destacar que, no lado inferior esquerdo, é possível identificar a comercial que aparece na revista **Brasília** nº 15, com ilustração de Ted Wu. Comercial que deveria ser replicada em várias das superquadras de Brasília.



Figura 116. Fotografia aérea das Superquadras com comercial ilustrada por Ted Wu. Revista Manchete nº 407 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.



Figura 117. Fotografia aérea do Palácio da Alvorada. Revista Manchete nº 407 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Em janeiro de 1960, começam os testes de iluminação nos edifícios públicos, para o dia da inauguração. A iluminação cênica era considerada um luxo, já que os candangos vinham trabalhando dia e noite, mesmo quando os palácios não estavam iluminados. Esse foi o tema da MA407, que publicou fotografias noturnas do Supremo Tribunal Federal, do Palácio do Planalto e da Esplanada dos Ministérios.



Figura 118. Fotografia noturna do Supremo Tribunal Federal. Revista Manchete nº 407 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.



Figura 119. Fotografia noturna do Palácio da Alvorada. Revista Manchete nº 407 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

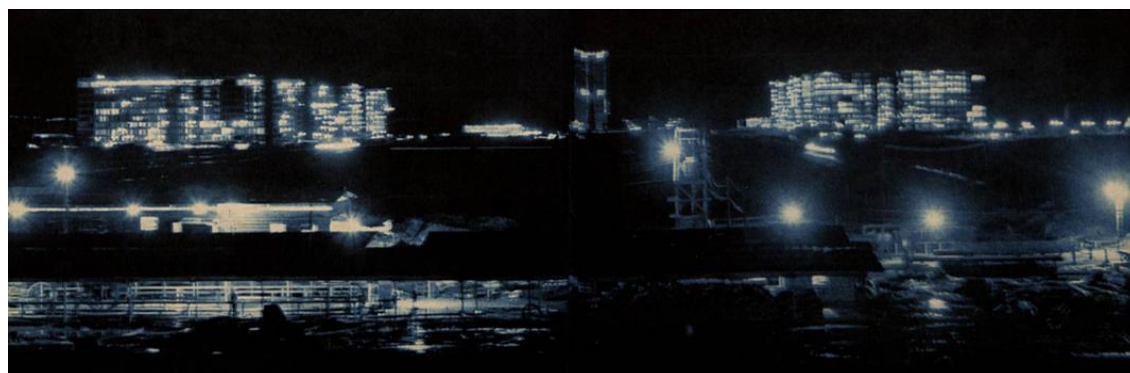


Figura 120. Fotografia noturna da Esplanada dos Ministérios vista da rodoviária. Revista Manchete nº 407 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Em “Brasília já é capital” (MA416), foram divulgadas mais fotografias das construções prontas para a inauguração. O foco, dessa vez, foi nos blocos residenciais das superquadras.



Figura 121. Fotografia aérea de Superquadra. Revista Manchete nº 416 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.



Figura 122. Fotografia aérea das Superquadras 400. Revista Manchete nº 416 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Na edição MA419, o Congresso Nacional também ganhou imagens noturnas, significando que as suas obras tinham sido finalizadas e Brasília estava pronta para a sua inauguração dentro da data estimada.



Figura 123. Fotografia noturna do Congresso Nacional. Revista Manchete nº 419 abril de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Sobre “Arquitetura”, as revistas mostraram-se valiosas. Além de importantes informações sobre a autoria de projetos e as principais datas de execução das obras, é possível estabelecer um outro nível de subsídio, especialmente fotográfico, que permite a montagem de séries iconográficas que documentam a execução dos monumentos arquitetônicos. É o caso do Palácio da Alvorada ou da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, por exemplo, registrados e divulgados desde o momento de maquete até a cerimônia de inauguração.



1. Primeira maquete do Palácio da Alvorada (**janeiro 1957**) - Revista Brasília 1
2. Segunda maquete do Palácio da Alvorada (**janeiro 1957**) - Revista Brasília 1
3. Formas dos pilares em construção (**julho 1957**) – Revista Brasília 7
4. Primeira imagem do Palácio com a Capela ao lado (**dezembro de 1957**) – Revista Brasília 12
5. Imagem (**fevereiro de 1958**) - Revista Brasília 14
6. Imagem do palácio próximo a sua inauguração (**maio de 1958**) – Revista Brasília 17
7. Imagem da fachada principal concluída (**julho 1958**) - Revista Brasília 19
8. Escultura lara em frente ao Palácio (**setembro 1958**) - Revista Brasília 21
9. Imagem da ambientação do salão principal (**novembro 1958**) - Revista Brasília 22
10. Escultura em frente ao Palácio (**janeiro 1959**) - Revista Brasília 24
11. Imagem dos interiores do Palácio (**março 1959**) - Revista Brasília 26
12. Desenhos de Oscar Niemeyer das fachadas e capela (**dezembro 1956**) – Revista Módulo 6
13. Operários finalizando as obras do Palácio (**dezembro 1957**) – Revista Manchete 297
14. Obra as “Iaras em frente ao Palácio e foto da fachada concluída (**setembro 1958**) - Revista Manchete 334
15. Matéria com fotografias dos ambientes do Palácio (**fevereiro 1959**) – Revista Módulo 12
16. Fotografias do palácio a espera do dia da inauguração (**janeiro de 1960**) - Revista Manchete 407

Figura 124. Linha do tempo desenvolvida por Andrey Aspiazu da construção do Palácio da Alvorada através das revistas.



Figura 125. Linha do tempo desenvolvida por Andrey Aspiazu da construção da Igreja Nossa Senhora de Fátima através das revistas.

1. Maquete com o interior da Igreja Nossa Senhora de Fátima (**agosto 1957**) – Revista Manchete 8
2. Maquete com o volume da cobertura proposta (**agosto 1957**) – Revista Manchete 8
3. Fotografia da fachada lateral com formas em construção (**março 1958**) – Revista Manchete 15
4. Fotografia frontal da igreja em construção (**abril 1958**) – Revista Manchete 16
5. Imagem aérea mostrando a implantação (**abril 1958**) – Revista Manchete 16
6. Fotografia da fachada lateral quase concluída (**abril 1958**) – Revista Manchete 16
7. Fotografia do dia da inauguração da igreja (**junho 1958**) - Revista Manchete 18
8. Fotografia aérea mostrando a sua localização em relação a superquadra (**dezembro 1958**) - Revista Manchete 24
9. Fotografia da fachada principal concluída (**dezembro 1958**) - Revista Manchete 24
10. Igreja Nossa Senhora de Fátima ainda sem os azulejos de Athos Bulcão (**fevereiro 1959**) - Revista Manchete 26
11. Interiores com pinturas de Volpi (**fevereiro 1959**) - Revista Manchete 26
12. Maquete em ângulo diferente do que já foi apresentado (**agosto 1958**) – Revista Módulo 10
13. Reportagem com as obras de arte presentes no interior e azulejos que seriam colocados (**dezembro 1958**) – Revista Módulo 11
14. Fotografia que destaca os candangos arrumando o entorno da igreja (**julho 1958**) - Revista Manchete 325
15. Fotografia área da fachada principal (**julho 1958**) - Revista Manchete 325
16. Primeiro casamento que aconteceu na igreja (**julho 1958**) - Revista Manchete 326
17. Niemeyer pousando em frente a sua obra (**setembro 1958**) - Revista Manchete 334

A seguir, uma tabela comparativa com todos edifícios que localizamos em todas as revistas:

ARQUITETURA			BRASÍLIA	MÓDULO	MANCHET
ARQUITETO	EDIFÍCIO				
Oscar Niemeyer	Catetinho		x	x	
Oscar Niemeyer	Altar da primeira Missa		x		
Oscar Niemeyer	Complexo Alvorada		x	x	
Oscar Niemeyer	Palácio da Alvorada		x	x	x
Oscar Niemeyer	Congresso Nacional		x		
Oscar Niemeyer	Brasília Palace Hotel		x	x	
Oscar Niemeyer	Igreja Nossa Senhora de Fátima		x	x	x
Oscar Niemeyer	Congresso Nacional		x	x	x
Oscar Niemeyer	Primeira escola de Brasília		x		
Oscar Niemeyer	Palácio do Planalto		x	x	x
Oscar Niemeyer	Supremo Tribunal Federal		x	x	x
Oscar Niemeyer	Ministérios da Esplanada		x	x	x
?	Comercial local entrequadras		x		x
NOVACAP	Casas populares		x		
Hélio Uchôa	Edifício Residencial		x		
NOVACAP	Casa do presidente da NOVACAP		x		
Oscar Niemeyer	Catedral		x	x	
A.P de Souza Silva	Seguradoras		x		
Benedito Barros	Imprensa Nacional		x		
Oscar Niemeyer	Rodoviária Central		x	x	
Oscar Niemeyer	Ministério das Relações Exteriores		x		
Glauco Campelo	Hospital Sarah Kubitschek		x	x	
Oscar Niemeyer	Escola-Parque SQS 308		x		
Oscar Niemeyer	Escola-Classe SQS 308		x		
?	Bloco comercial W3 Sul		x		
Oscar Niemeyer	Museu de Brasília			x	
Keneese de Mello	Palácio da Agricultura			x	
Oscar Niemeyer	Teatro Oficial			x	
Hélio Uchôa	Edifício residencial IAPI			x	
Oscar Niemeyer	Edifício residencial IAPB			x	
Paulo Magalhães	Edifício residencial do Banco do Brasil			x	
Marcello Campelo	Edifício residencial do Banco do Brasil			x	
Ney Fontes Gonçal	Casas e apartamentos			x	
Ary Garcia Roza	Sede do Banco do Brasil			x	

Tabela 2. Tabela comparativa do tema “arquitetura” criada por Andrey Aspiazu.

Brasília

Desde o início da construção de Brasília, a integração com as artes plásticas era citada e reforçada a partir dos croquis, das maquetes e dos discursos públicos de autoridades responsáveis pela obra. Na revista **Brasília**, não foi diferente. Já em sua primeira edição, a seção “Arquitetura e Urbanismo”, ao descrever o Palácio da Alvorada, menciona a relação direta do edifício com as artes plásticas:

O prédio que já se encontra em construção, será servido de obras de arte, todas de artistas nacionais. Entre outros, cogitando-se de Portinari, Di Cavalcanti, Firmino Saldanha, Emeric Marcier, Alfredo Ceschiatti, José Pedrosa e Franz Weissmann (BRASÍLIA-1, 1957, p. 9).

Ao apresentar o complexo do Alvorada – com o bloco de serviços, a capela, o espelho d’água e a piscina –, a reportagem ilustra a matéria com um croqui de Oscar Niemeyer, acompanhado da seguinte legenda:

A Capela será decorada por artistas nacionais e sua concepção arquitetônica, embora ousada e revolucionária, foi considerada pelos preladados brasileiros enquadrada nos moldes da arte sacra (BRASÍLIA-1, 1957, p. 10).

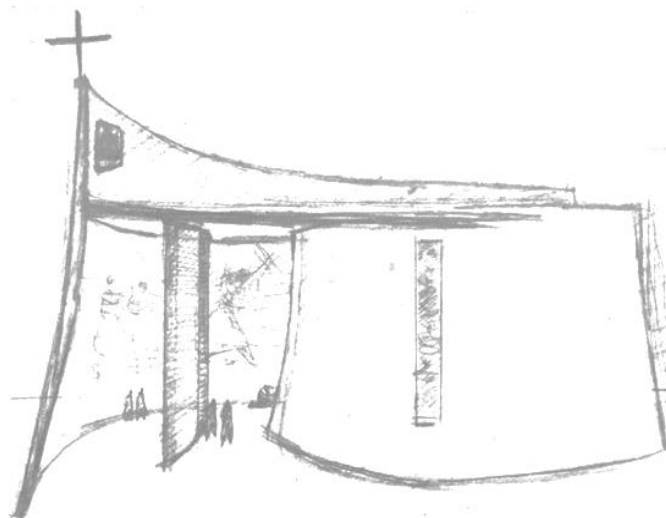


Figura 126. Igreja do Complexo da Alvorada. Revista Brasília edição 1 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

No croqui divulgado, é possível perceber que Niemeyer imaginava um interior complementado por pinturas parietais (trabalho, num primeiro momento, encomendado à Cândido Portinari e, finalmente, elaborado por Athos Bulcão) (SCOTTÁ, 2014). Neste mesmo artigo, também é possível visualizar imagens da maquete do Palácio da Alvorada, onde Niemeyer igualmente previu espaços para obras de arte: uma localizada no espelho d’água frontal; e a outra, inserida aos fundos, entre o edifício principal e a piscina, como demonstram as imagens a seguir:

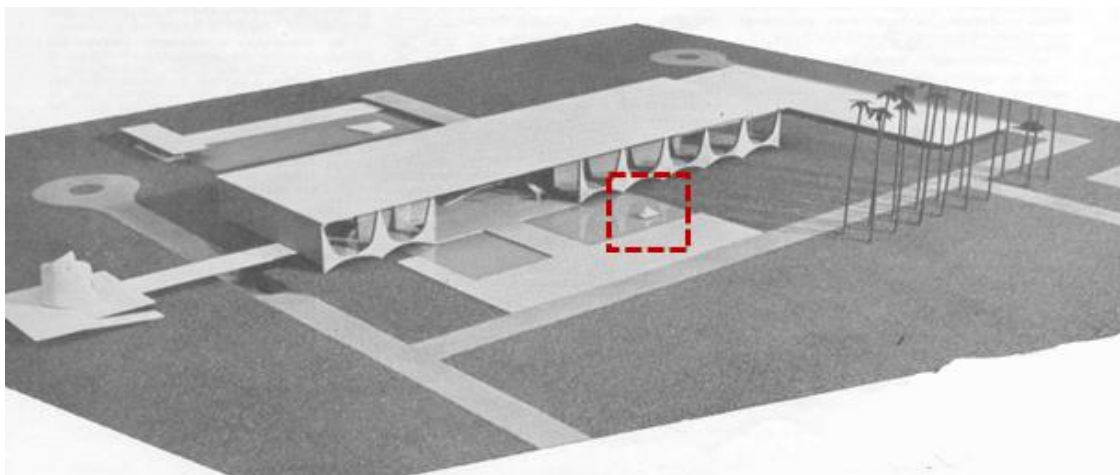


Figura 127. Fachada principal do Palácio da Alvorada com escultura, marcada em vermelho pelo autor. Revista Brasília edição 1 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

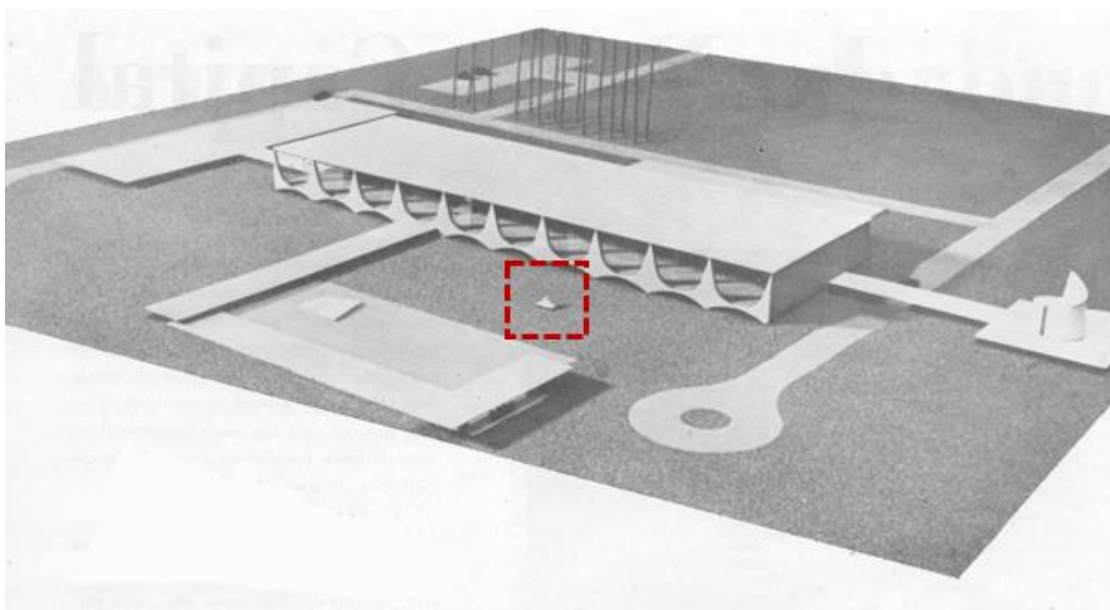


Figura 128. Fachada dos fundos do Palácio da Alvorada com escultura, marcada em vermelho pelo autor. Revista Brasília edição 1 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Essa interação entre arquitetura e as artes, também se revela – mesmo que discretamente – na revista B10, onde o grupo dos palácios destinados aos três poderes da República começou a ser divulgado: o Palácio do Planalto, o Supremo Tribunal Federal (Palácio dos Despachos e Palácio da Justiça, como eram chamados) e o Congresso Nacional. A seção de “Arquitetura e Urbanismo” apresenta a maquete da Praça dos Três Poderes. Na imagem, é possível identificar uma escultura em frente ao Palácio do Planalto (aqui destacada):

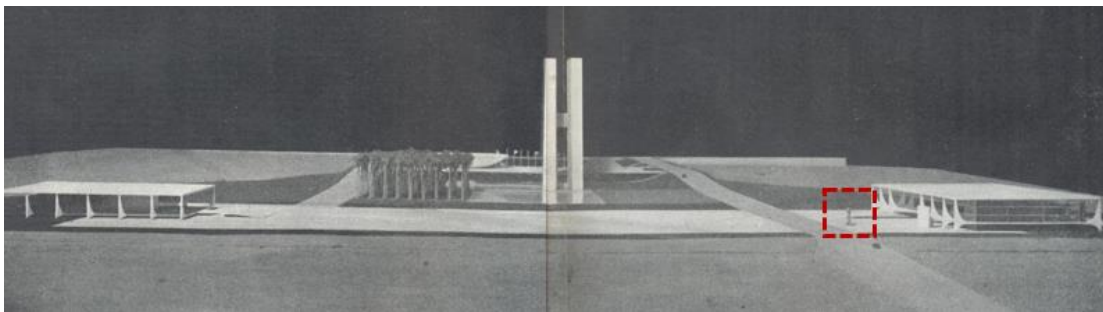


Figura 129. Praça dos Três Poderes e escultura de Bruno Giorgi, marcada em vermelho pelo autor. Revista Brasília edição 10 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Trata-se, pela primeira vez, da divulgação da escultura “Dois Guerreiros” (“Candangos”) de Bruno Giorgi que, segundo a revista B10, faria parte das esculturas especialmente destinadas à Praça, juntamente com duas outras obras produzidas por Alfredo Ceschiatti e por Mary Vieira. No entanto, tais obras não foram localizadas nas imagens ou indicadas pela revista.

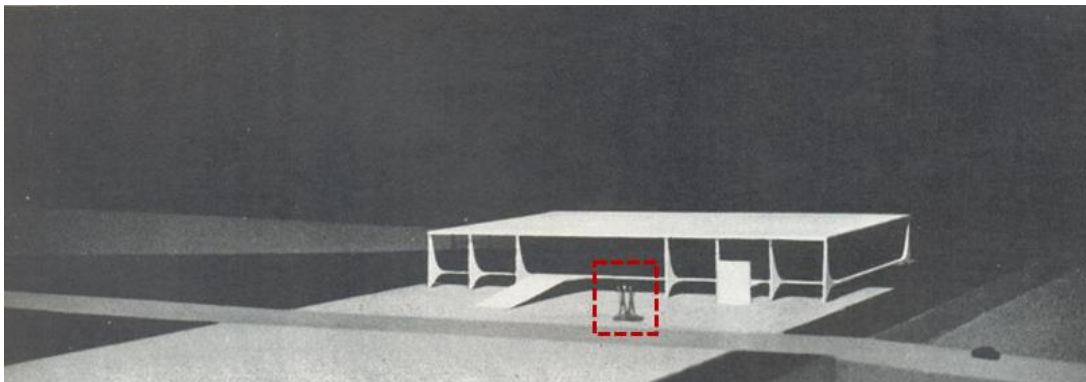


Figura 130. Praça dos Três Poderes e escultura de Bruno Giorgi, marcada em vermelho pelo autor. Revista Brasília edição 10 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Como anteriormente referido, duas esculturas mereceram destaque de capa por parte da revista Brasília: “Candangos”, de Bruno Giorgi (B12); e as “Iaras”, de Alfredo Ceschiatti (B14 e B23).

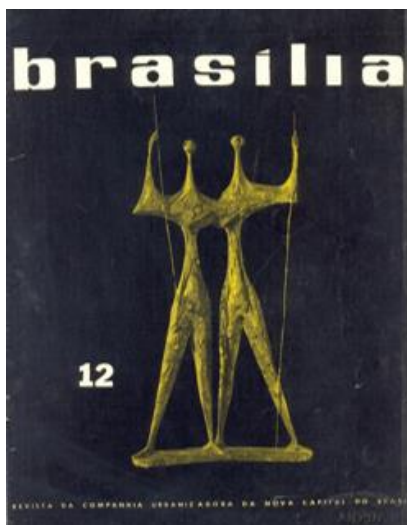


Figura 131. Capa da Revista Brasília edição 12 de 1957.
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Interessante observar que, embora a capa da B12 exibisse a obra “Candangos”, a edição não contém reportagem ou texto específico sobre a escultura. Apenas foram publicados novos croquis de Niemeyer, onde a obra mantém-se em frente ao Palácio do Planalto. Da mesma forma, pela primeira vez, é possível identificar a escultura “Justiça”, de Alfredo Ceschiatti, na frente do Supremo Tribunal Federal. O que demonstra que o arquiteto mantinha um diálogo direto com os artistas de sua predileção.

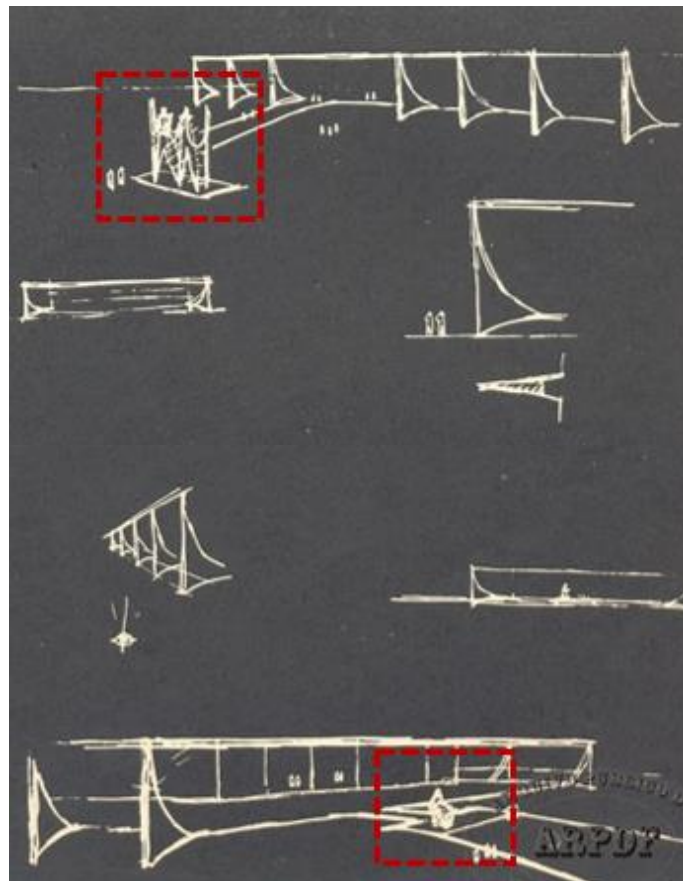
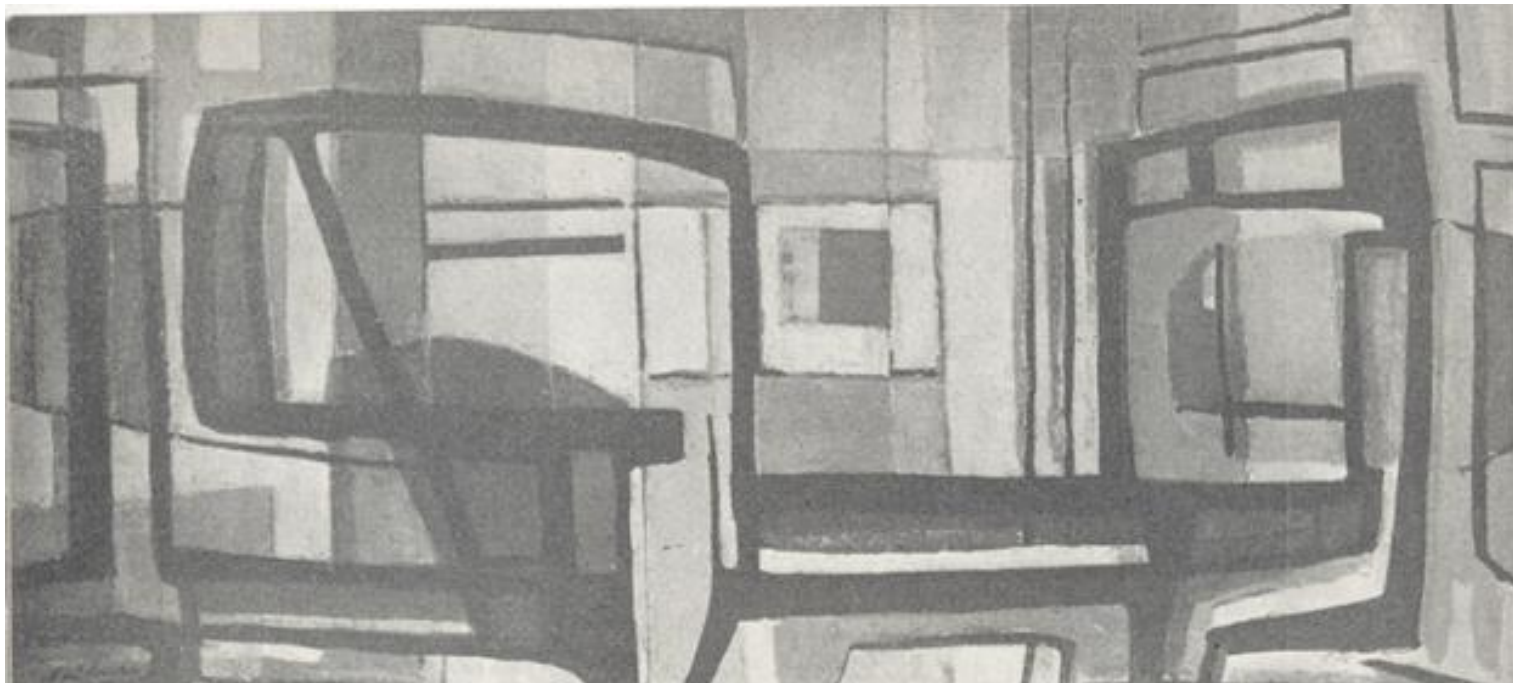


Figura 132. À esquerda, croquis de Oscar Niemeyer do Palácio do Planalto com escultura de Bruno Giorgi, marcada em vermelho pelo autor. À direita, croquis de Oscar Niemeyer do Supremo Tribunal Federal com escultura de Alfredo Ceschiatti, marcada em vermelho pelo autor. Revista Brasília edição 12 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Ainda na B12, encontramos a primeira imagem de uma obra de arte que iria compor o interior do Palácio do Alvorada. Trata-se da pintura abstrata de Firmino Saldanha.

Figura 133. Pintura de Firmino Saldanha. Revista Brasília edição 12 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Em fevereiro de 1958, foi lançada a revista B14, com capa divulgando parte da escultura “As Iaras”, de Alfredo Ceschiatti. Na mesma edição se encontra o primeiro artigo dedicado exclusivamente às artes na nova capital. No texto, a revista destaca que Brasília é uma das raras tentativas – nos últimos séculos – de integrar várias artes visuais em um só trabalho. Contando com esculturas, tapeçarias, pinturas, painéis, vitrais executados por artistas de grandes nomes como Portinari, Di Cavalcanti, Volpi, Bruno Giorgi, Mary Vieira, Ceschiatti, Athos Bulcão, Maria Martins e vários outros. Pontua que a arquitetura moderna, que vinha sendo feita nos últimos tempos, separava essa integração. Mas que o que vinha sendo feito em Brasília era diferente, com arquitetos defendendo que a arquitetura tinha que ser desenvolvida até em seus elementos espirituais, assim como existia em grandes épocas da história da arte (BRASÍLIA-14, 1958, pp. 12-16).

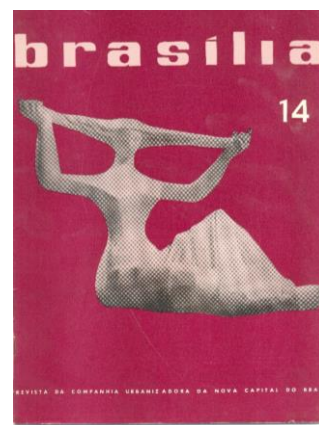


Figura 134. Capa da Revista Brasília edição 14 de fevereiro de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Dando continuidade, o texto faz uma síntese dos momentos em que houve integração entre a arquitetura e as artes. No Egito, as pinturas nos murais contavam a história da civilização. Na arte grega, a escultura é tão ligada à arquitetura que chega a substituir elementos estruturais. Os bizantinos com os mosaicos de Ravena criavam espaços calmos e de recolhimento. A escultura se incorporou à arte românica, transformando-se em capitéis, colunas, sinos etc (BRASÍLIA-14, 1958, pp. 12-16). Para concluir, a reportagem mostra que foi compreendendo a história da arte que Lucio Costa e Oscar Niemeyer desenvolveram e utilizaram como referências muitas dessas características encontradas em momentos do passado. O artigo explora imagens de obras de arte que já estavam sendo estudadas para fazer parte dos primeiros edifícios construídos na capital. Entre elas estão: um mural de Portinari que estaria sendo desenvolvido para a ambientação do Palácio da Alvorada; estudos de Athos Bulcão para os vitrais da Capela do Palácio da Alvorada; um conjunto de murais desenvolvido por Alfredo Volpi que seriam pintados a fresco na Igreja da superquadra (Igrejinha); a escultura de Ceschiatti que ficaria no espelho d'água em frente ao Palácio da Alvorada; e uma escultura de Edgar Duvivier destinada ao Hotel de Turismo (Brasília Palace Hotel).



Figura 135. Mural de Portinari para o Palácio da Alvorada. Revista Brasília edição 14 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

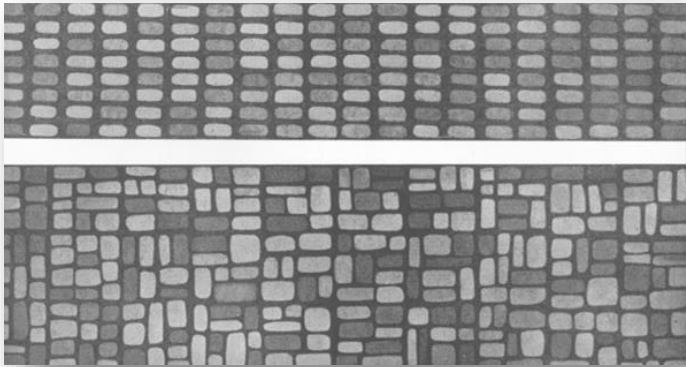


Figura 136. Dois estudos de Athos Bulcão para os vitrais da Capela do Palácio da Alvorada. Revista Brasília edição 14 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

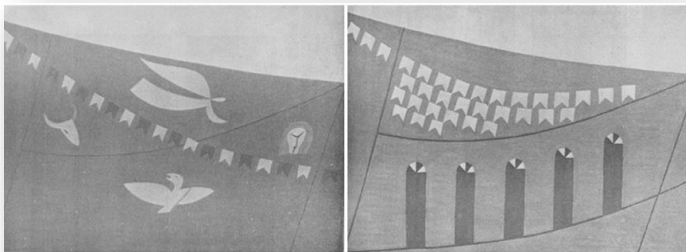


Figura 137. Murais de Alfredo Volpi para Igreja da Superquadra (Igrejinha). Revista Brasília edição 14 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

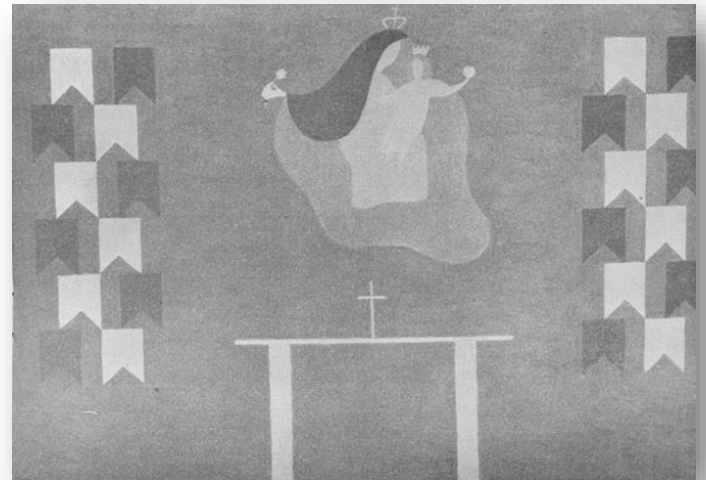
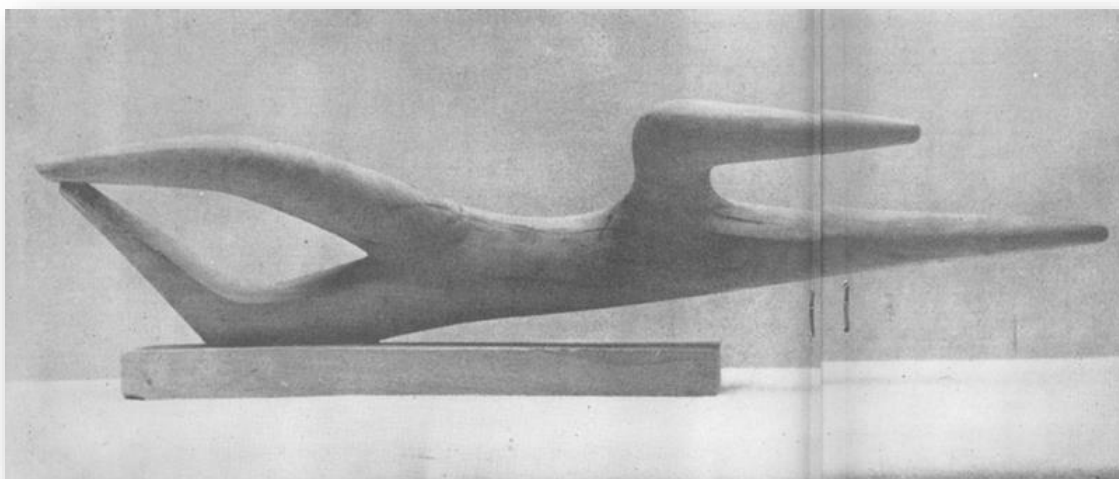


Figura 138. Mural de Alfredo Volpi para o altar da Igreja da Superquadra (Igrejinha). Revista Brasília edição 14 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



*Figura 139.
Escultura de
Ceschiatti. Revista
Brasília edição 14
de 1958. Fonte:
Arquivo Público do
Distrito Federal.*



*Figura 140.
Escultura de
Edgar Duvivier.
Revista Brasília
edição 14 de
1958. Fonte:
Arquivo
Público do
Distrito
Federal.*

Embora a revista não tenha publicado outro artigo sobre o tema, em algumas edições foram divulgadas imagens do Palácio da Alvorada, do Brasília Palace Hotel e da Igrejinha com suas respectivas obras de arte. Ou seja, a partir desse momento as obras de arte deixam de ser divulgadas somente como estudos, croquis ou fotos nos ateliês, e passam a ocupar os espaços construídos. Esse novo momento das artes plásticas integradas é marcado pela imagem divulgada na revista B21, onde a obra de Alfredo Ceschiatti é mostrada em frente ao Palácio da Alvorada.

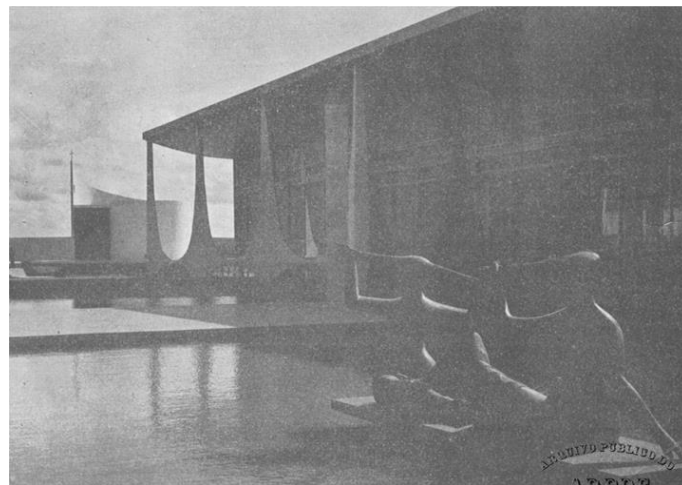


Figura 141. Escultura “Iaras” de Ceschiatti em frente ao Palácio da Alvorada. Revista Brasília edição 14 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Nessa mesma edição, é publicada uma matéria chamada “Obras já inauguradas” contendo imagens dos interiores do Palácio da Alvorada com detalhes daquelas assinadas por Di Cavalcante que faziam parte da ambientação.

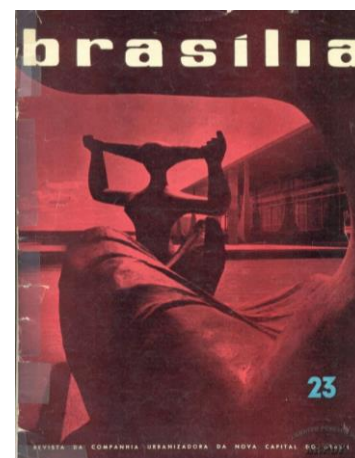


Figura 142. Tapeçaria “Músicos” desenvolvida por Di Cavalcanti para o Palácio da Alvorada. Revista Brasília edição 21 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



*Figura 143.
Tapeçaria
desenvolvida
por Di
Cavalcanti
para o Palácio
da Alvorada.
Revista
Brasília edição
21 de 1958.
Fonte: Arquivo
Público do
Distrito
Federal.*

Em novembro de 1958, nova capa com a obra “As laras” de Alfredo Ceschiatti, agora em seu lugar definitivo, no meio do espelho d’água do Palácio da Alvorada. Mesmo assim, mais uma vez, não foi produzida matéria específica sobre a escultura, mas apenas divulgadas imagens da obra em diferentes ângulos.



*Figura 144.
Capa com a
escultura
“laras” de
Alfredo
Ceschiatti.
Revista
Brasília
edição 23 de
novembro de
1958. Fonte:
Arquivo
Público do
Distrito
Federal.*

Por fim, concluindo as matérias voltadas para as artes plásticas, na revista B26, seção de “Obras Inauguradas”, foram divulgadas fotografias dos interiores do Brasília Palace Hotel, com os azulejos e painéis de Athos Bulcão; e, também, dos interiores da Igrejinha, com as pinturas desenvolvidas por Volpi.

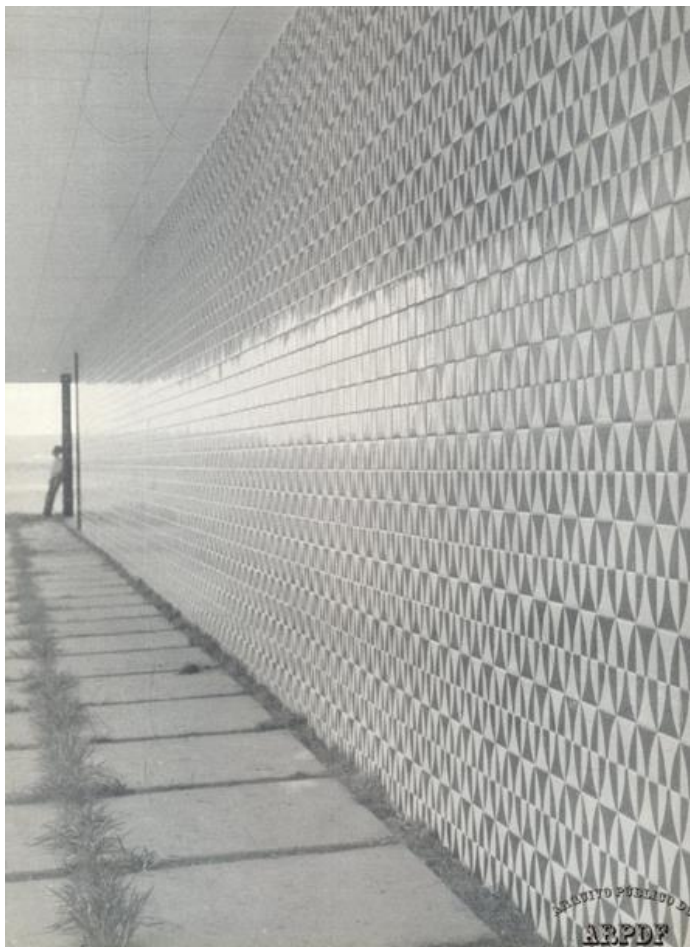


Figura 145. Azulejos de Athos Bulcão para o Brasília Palace Hotel. Revista Brasília edição 26 de 1959. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Figura 146. Painel de Athos Bulcão para o Brasília Palace Hotel. Revista Brasília edição 26 de 1959. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

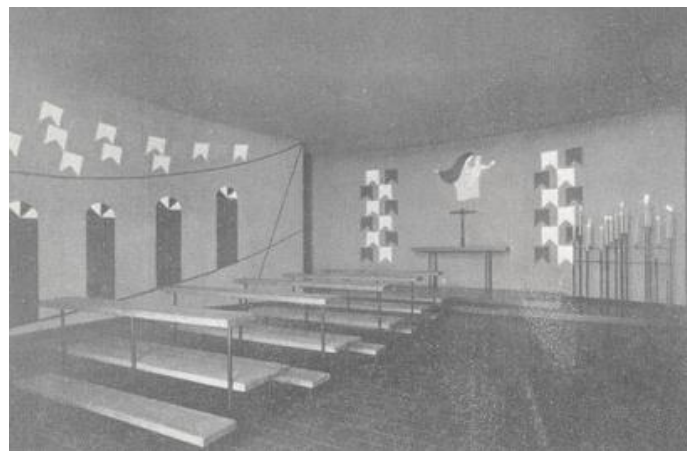


Figura 147. Pinturas de Volpi para a Igrejinha. Revista Brasília edição 26 de 1959. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Módulo

Para tratar da “Arte” em Brasília, a revista **Módulo** concentrou seu olhar especial em cinco artistas, por meio de artigos variados, distribuídos em edições diferentes. São eles: Athos Bulcão, Alfredo Volpi, Mary Vieira, Bruno Giorgi e Raymundo Nogueira.

Em agosto de 1958, na MO10, foi publicado o artigo, “Azulejo e Vitral de Athos Bulcão para Brasília”, escrito por Flávio Aquino. No texto, o autor afirma que Bulcão era o artista que tinha mais obras elaboradas em parceria com a arquitetura de Oscar Niemeyer, incluindo painéis, azulejaria, vitrais e até acessórios litúrgicos. Entre os projetos comentados no artigo estão a Igreja Nossa Senhora de Fátima com os azulejos de “pomba” e “estrela”; o Brasília Palace Hotel com os azulejos abstratos e grande painel; e a Capela do Palácio da Alvorada com um vitral. O artigo foi ilustrado com imagens mostrando a maquete e os azulejos da Igreja Nossa Senhora de Fátima; uma fotografia da Capela do Alvorada, com o vitral planejado; e o desenho da igreja do Complexo da Alvorada (antigo palácio presidencial), que embora não comentada no texto, permite entender que o interior seria desenvolvido por Athos, e não mais por Cândido Portinari como é afirmado na revista Brasília (B1).

Em dezembro de 1958 (MO11), foi publicado o artigo “Volpi e a Arte Religiosa”, de autoria de Mário Pedrosa. O texto começa destacando a iniciativa do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em realizar uma retrospectiva das obras de Volpi. Na sequência, Pedrosa

lamentava a “ignorância dos arquitetos brasileiros por não convidarem um dos maiores muralistas do Brasil para os seus projetos”. Explica ainda que, à exceção dos padres dominicanos que o contrataram para trabalhar na Capelinha do Cristo Operário, na estrada do Vergueiro/SP, apenas Oscar Niemeyer o chamou. E que, para Brasília, o arquiteto o convidou para pintar o interior da Igreja Nossa Senhora de Fátima. Ainda segundo Pedrosa, “Volpi então fez dois afrescos que se casam perfeitamente com a simplicidade e leveza do projeto do arquiteto. Embora não tenham sido feitos com os materiais ideais como areia muito impura e cal recém queimado, a obra representou o primeiro exemplo de integração artística concluída com a arquitetura em Brasília”. (MÓDULO-11, 1958, p.20).

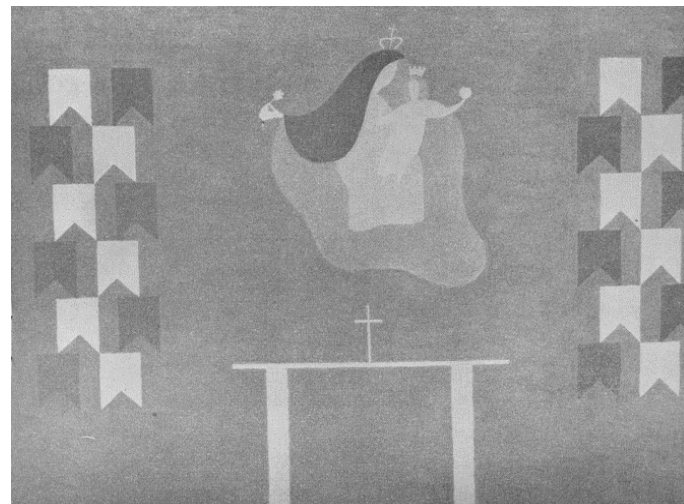
O autor fala da importância desses afrescos, que até então só podiam ser comparados com os que Cândido Portinari realizou para o Ministério da Educação. Para Pedrosa, os afrescos de Portinari representavam a “falta de experiência generalizada que caracterizava os jovens artistas daquele monumento”. Segundo ele, “os afrescos pesam nas paredes do salão ministerial, que são pequenas demais para contê-los”. Ele acreditava que “havia uma desproporção evidente entre a obra e o espaço circundante, e que a integração da arte havia sido exposta, mas que não foi bem realizada” (MÓDULO-11, 1958, p.22).

Já na Igreja Nossa Senhora de Fátima, acontece o oposto, Niemeyer não é mais um jovem arquiteto aprendiz, e sim um dos arquitetos mais bem sucedidos do país, e Alfredo Volpi não é um artista em início de carreira. Pedrosa então mostra as diferenças e os cuidados que o artista e o arquiteto tiveram para o desenvolvimento dos afrescos da Igreja. Ele chama atenção como o trabalho de Volpi não corresponde ao tipo de arte sacra que vinha sendo realizado até então e criticado internacionalmente (MÓDULO-11, 1958, p.22).

Na MO12, conseguimos encontrar uma escultura de André Bloch que só foi possível ser identificada pela legenda da fotografia na matéria “Decoração do Palácio da Alvorada”, onde foram apresentadas imagens de como ficaram os ambientes do palácio.



*Figura 148. Escultura de André Bloch para o Palácio da Alvorada. Revista Módulo edição 12 de fevereiro de 1959.
Fonte: Hemeroteca Digital.*



*Figura 149. Mural de Alfredo Volpi para o altar da Igreja da Superquadra (Igrejinha). Revista Módulo edição 11 de 1958.
Fonte: Hemeroteca Digital.*

Seguindo para dezembro de 1959, na MO16, a revista traz uma reportagem explorando as esculturas de Mary Vieira, uma paulistana, que morou grande parte da sua vida em Minas Gerais e acabou vivendo na Suíça, com o intuito de aperfeiçoar sua técnica com Max Bill. No artigo, são publicadas imagens de esculturas desenvolvidas pela artista além de mostrar o grande número de importantes exposições que ela havia participado. A artista recebeu tanto reconhecimento internacional que foi convidada para organizar e planejar a exposição da nova capital brasileira em Berlim (1957) e ganhou espaço para expor uma de suas esculturas no Palácio das Relações Exteriores.

Na revista MO17, foi publicada a matéria “Escultura de Bruno Giorgi”, que recupera a trajetória do artista. Segundo a revista, as obras de Bruno Giorgi mostravam formas que traduziam força e elegância, de maneira que foi convidado para expor uma delas – Os Guerreiros – na Praça dos Três Poderes. Desta maneira, a escultura passou a integrar este espaço monumental público (MÓDULO-17, 1960, p.56). O texto conta com fotografias das esculturas “Os Guerreiros”, “O Gondoleiro” e “Colóquio”.

Também nesta mesma edição (MO17), Flávio de Aquino escreve sobre a história e pinturas de Raymundo Nogueira. O artista nasceu no Pará, mas se consagrou quando se mudou para o Rio de Janeiro. Obteve três exposições individuais, participou do (Salão Nacional de Arte Moderna, conquistou medalha de ouro no Salão Paulista de Belas Artes e participou de quatro Bienais paulistas. Suas pinturas abstratas passaram por três fases, sendo a segunda o desenvolvimento técnico da primeira, e a terceira, quando ele consegue chegar em sua maturidade, sendo dono de um estilo próprio inconfundível. Raymundo ganhou tanto espaço que, segundo o artigo, uma de suas obras passou a integrar o acervo do Palácio da Alvorada. Além do texto, a matéria conta com fotografia do autor e de três obras produzidas por ele, mas que não possuem legenda, dificultando saber seus nomes e identificar qual designada para o palácio (MÓDULO-17, 1950, p.58-60).

Manchete

Analisando a revista **Manchete**, percebemos que os artistas brasileiros não ganharam espaço ou destaque quando relacionados ou envolvidos com a construção da nova capital. Há poucas referências, algumas citações e quase nenhuma matéria de aprofundamento (artística ou biográfica). Di Cavalcanti e Maria Martins foram os artistas mais citados.

A primeira reportagem só aparece em janeiro de 1960, na edição MA403, em uma matéria sobre a biografia de Di Cavalcanti, que completava 63 anos de idade. O texto começa descrevendo como foi a sua infância, a influência artística da mãe, o falecimento de seu pai, a adolescência conturbada no colégio militar, até se mudar para São Paulo onde começou a ficar conhecido e fez a sua primeira exposição. Após a Semana de Arte Moderna, Di Cavalcanti é convidado para uma temporada em Paris, que mudou definitivamente a sua vida. Na França, ele conheceu Leger e Picasso. Portanto, a reportagem não cita Brasília. Já na edição MA419, a matéria foi voltada para o mural que estava sendo realizado para a Câmara dos Deputados e uma tapeçaria para o Palácio da Alvorada. Para Portinari, “poder expor parte de seus trabalhos nesses Palácios é fazer parte da maior obra do século XX, Brasília”(MANCHETE-419, 1960, p.32-33).



Figura 150. Reportagem Di Cavalcanti e o candango. Revista Manchete nº 419 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.



A segunda reportagem de interesse para as Artes, foi publicada na MA419, "Arte moderna na nova capital". No texto, foram pontuados alguns artistas com obras presentes em Brasília, como Portinari e Di Cavalcanti, "pintores surrealistas, tachistas, concretistas e da nova geração" (MANCHETE-419, 1960, p.30), como diz o texto. Sobre o Palácio da Alvorada, o destaque foi para o exterior, com obras como "as laras", de Ceschiatti; e "Rito dos Ritmos", de Maria Martins.

Figura 151. Turistas tirando foto em frente a escultura Rito dos Ritmos de Maria Martins. Revista nº 419 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Analisando as três revistas, chegamos à conclusão de que 15 artistas estiveram envolvidos (ou foram citados como) neste primeiro momento de Brasília. Alguns apareceram com matérias em destaque sobre seus trabalhos e outros somente indicados como autores de obras. Os 15 artistas são: Di Cavalcanti, Cândido Portinari, Firmino Saldanha, Emeric Marcier, Alfredo Ceschiatti, José Pedrosa, Franz Weissmann, Bruno Giorgi, Mary Vieira, Athos Bulcão, Alfredo Volpi, Edgar Duvivier, Raymundo Nogueira, Maria Martins e André Bloch.

Para a melhor análise do material encontrado, foi montada uma tabela organizada por artista, obra, local de destinado da obra, quantidade de obras do artista para a capital e fonte da informação.

A tabela indicou que três edifícios públicos e Praça dos Três Poderes concentram a maioria de obras de arte especialmente produzidas ou encomendadas para a capital. O Palácio da Alvorada com obras de Di Cavalcanti, Cândido Portinari, Firmino Saldanha, Emeric Marcier, Alfredo Ceschiatti, José Pedrosa, Franz Weissmann, Raymundo Nogueira, Maria Martins e André Bloch. A Praça dos Três Poderes com esculturas de Alfredo Ceschiatti, Bruno Giorgi e Mary Vieira (que nunca teve a sua obra instalada). O Brasília Palace Hotel com obras de Athos Bulcão e Edgar Duvivier. E a Igreja Nossa Senhora de Fátima com azulejos de Athos Bulcão e pinturas de Alfredo Volpi.

Embora tenhamos encontrados 15 artistas citados, somente Di Cavalcanti recebeu reportagens nas três revistas estudadas.

Na revista **Brasília** (B1), foi divulgado uma lista de vários artistas com obras que estariam presentes no Palácio da Alvorada. Porém, alguns deles só foram mencionados, e não encontramos informações sobre as obras. Entre eles estavam o pintor Eric Marcier e os escultores José Pedrosa e Franz Weissmann. Na B12, foi publicado a fotografia da pintura de Firmino Saldanha destinada para o Palácio da Alvorada, mas que não foi concluída, e a escultura de Edgar Duvivier para Brasília Palace Hotel que também não conseguimos localizar.

Na revista **Módulo** (MO12), foram publicadas fotografias dos interiores do Palácio do Alvorada, e na legenda, a indicação de uma escultura do artista André Bloch. Na MO17, segundo o texto de Flávio Aquino, Raymundo Nogueira teve uma de suas pinturas incorporadas ao acervo do Palácio da Alvorada, porém não foi possível identificar qual a obra foi escolhida e nem se realmente faz parte do acervo. Para a melhor análise, criamos a tabela a seguir:

Observando a tabela citada, concluímos que dos 15 artistas mencionados em todas as revistas, somente 7 realmente tiveram suas obras expostas em 5 espaços da Nova Capital: o Palácio da Alvorada; o Brasília Palace Hotel; o Congresso Nacional; a Igreja Nossa Senhora de Fátima; e na Praça dos Três Poderes.

O artista com mais obras foi Di Cavalcanti (com 3), seguido de Athos Bulcão (com 2), e Alfredo Ceschiatti, Bruno Giorgi, Alfredo Volpi, Maria Martins e André Bloch, com 1 obra cada um. Dos outros 8 artistas não encontramos fotografias que comprovem se foram ou não instalados na capital.

Brasília, desde muito cedo, ficou identificada pela narrativa da integração da arquitetura com as artes plásticas e pela participação de diversos artistas que se expressaram nos ambientes projetados através de pinturas, painéis, vitrais, esculturas, azulejos. Como vimos, nas revistas, dos 15 artistas citados, foram possível identificar somente 7 com obras em Brasília.

Acreditamos que essa narrativa sempre foi muito presente nos textos publicados, ligando a história da arte com a arquitetura e a nova capital (especialmente na **Brasília e Módulo**).

Cabe destacar que alguns edifícios importantes, que foram construídos dentro do período estudado, hoje em dia são reconhecidos pelas suas obras de arte. Provavelmente adquiridas, elaboradas ou instaladas posteriormente à inauguração de Brasília. Por exemplo, o caso do Palácio do Planalto, do Supremo Tribunal Federal e até mesmo os edifícios residenciais com os azulejos de Athos Bulcão.

A seguir, a tabela que foi feita para tirar a conclusão:

ARTES								
ARTISTA	OBRA	LOCAL	Nº DE OBRAS	BRASÍLIA	MÓDULO	MANCHET		
Di Cavalcanti	Tapeçarias "Músicos", "As Múmias" e "Candangos"	Palácio da Alvorada / Congresso Nacional	3	x	x	x		
Cândido Portinari	Mural	Palácio da Alvorada	?	x				x
Firmino Saldanha	Pintura	Palácio da Alvorada	?	x				
Emeric Marcier	Pintura	Palácio da Alvorada	?	x				
Alfredo Ceschiatti	Escultura "As Iaras"	Palácio da Alvorada	1	x	x			
José Pedrosa	Escultura	Palácio da Alvorada	?	x				
Franz Weissmann	Escultura	Palácio da Alvorada	?	x				
Bruno Giorgi	Escultura Dois Guerreiros "Candangos"	Praça dos Três Poderes	1	x	x			
Mary Vieira	Escultura	Praça dos Três Poderes	?	x	x			
Athos Bulcão	Vitrais	Palácio da Alvorada	2	x	x			
Alfredo Volpi	Mural	Igreja Nossa Senhora de Fátima	1	x	x			
Edgar Duvivier	Escultura	Brasília Palace Hotel	?	x				
Raymundo Nogueira	Pintura	Palácio da Alvorada	?		x			
Maria Martins	Escultura "Rito dos Ritmos"	Palácio da Alvorada	1					x
André Bloch	Escultura	Palácio da Alvorada	1		x			

Tabela 3. Tabela comparativa com o tema "artes" criada por Andrey Aspiazú.

Brasília

Diferentemente das outras revistas, a **Brasília** não vendia espaços publicitários para empresas. Como era um periódico da Novacap, o governo federal cobria todos os custos das edições. Enquanto as revistas comerciais divulgavam propagandas de materiais de construção, automóveis e demais objetos de consumo, a publicidade estava voltada, exclusivamente, para a venda de lotes na capital.



Figura 152. Propagandas da Revista Brasília nº 3 e 8 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

A publicidade ia se moldando conforme o ritmo da construção da cidade. A propaganda voltada à venda de lotes aparece na edição B3, destacando a frase “Garanta seu lote em Brasília, comprando Obrigação Brasília”. O nome sugestivo chama atenção, como se investir na região fosse uma “obrigação” do cidadão brasileiro. Outro ponto que cabe destacar é que em março de 1957 ainda não havia o resultado do concurso do Plano Piloto de Brasília, mas na propaganda de agosto de 1957 já é possível notar a utilização do desenho do projeto vencedor de Lucio Costa como imagem para atrair futuros investidores.

Na revista de outubro de 1957 (figura 153), o croqui de Lucio Costa é deixado de lado e substituído pela planta, onde é possível ver o Plano Piloto de forma mais detalhada. Os eixos principais da cidade aparecem cercados das quadras residenciais, assim mostrando ao leitor de que forma funcionaria a circulação e setores da cidade. Em seguida, na edição B23, foi divulgada a imagem da maquete de como ficaria o setor bancário e hoteleiro.

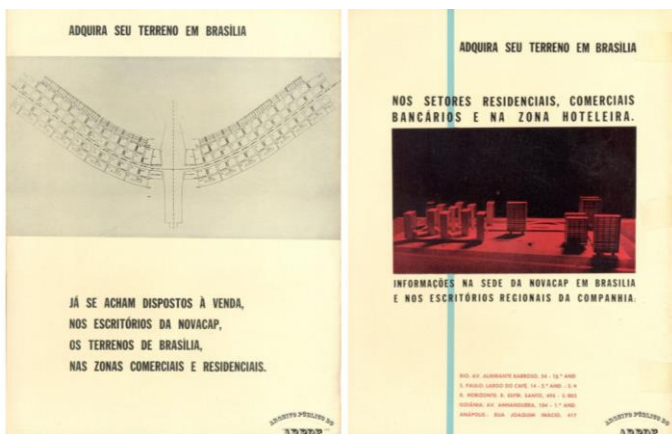


Figura 153. Propagandas da Revista Brasília nº 10 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

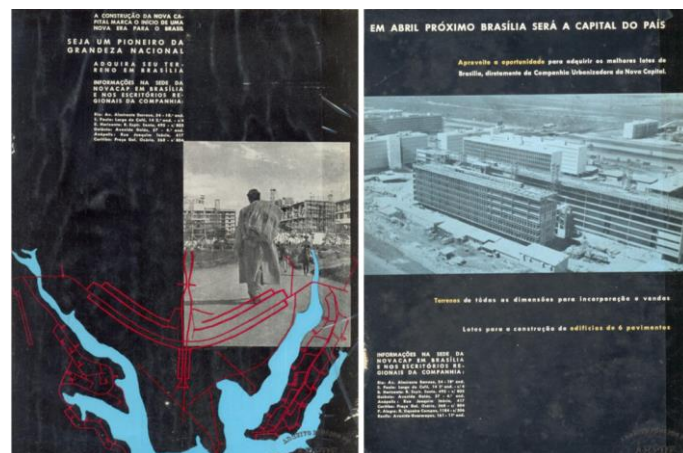


Figura 154. Propagandas da Revista Brasília nº 27 de 1959. Figura X. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

O ritmo de construção acelerado refletia nas propagandas da Novacap. Na edição B27, a página traz o desenho do Plano Piloto mostrando a sua implantação junto ao Lago Paranoá, bairros recentes, como o Lago Sul e o Lago Norte, novos eixos de circulação e aeroporto. Na fotografia, a imagem de um pioneiro em meio às construções dos blocos residenciais. E por fim, já próximo à inauguração da capital, na edição B35 a imagem que estampa grande parte da página é a de uma superquadra residencial com os seus blocos em construção prontos para receber novos moradores.

Os textos de forma geral se repetiam e assumiam um tom otimista, tentando atrair brasileiros para a região. As propagandas comunicavam: “A construção da nova capital marca o início de uma nova era para o Brasil. Seja um pioneiro da grandeza nacional, adquira seu terreno em Brasília” e “Adquira seu terreno em Brasília, nos setores residenciais, comerciais, bancários e na zona hoteleira. Informações na sede da Novacap em Brasília e nos escritórios regionais da companhia”.

Além desta forma de propaganda de venda de lotes da Novacap, a revista possuía uma seção onde era publicado todo tipo de divulgação que vinha sendo feita internacionalmente. Isso ocorria na seção “Brasília no Exterior”, que surge a partir da revista B8. Na seção, eram divulgados textos mostrando o entusiasmo do mundo com a nova capital. Segundo a revista, a Novacap começou a receber, diariamente, representantes de jornais e de revistas nacionais e estrangeiros a procura de dados e informações atualizados sobre a construção.

Nesta parte da revista eram divulgados títulos, frases e artigos que vinham sendo publicados na imprensa mundial. Jornais como *New York Times*, de Nova York; *La Nación*, de Buenos Aires; *L’Echo de La Bourse*, da Bélgica; *Le Métropole*, da Antuérpia; *La Prensa*, da Espanha; *Excelsior*, do México; *El Correio Galego*, de Santiago; *The Times*, de Londres; publicaram matérias como os exemplos localizados na página 16 da B9:

“Die Zeit”, de Hamburgo dedica toda uma página, fartamente ilustrada, a reportagem “Brasilien baut eine neue Hauptstadt: Brasília” (O Brasil constrói uma nova capital: Brasília).

“L’Echo De La Bourse”, jornal belga de Bruxelas publica uma conferência de M Jean Douliez: “Le Brésil et sa nouvelle capitale”. Promovida pela “Union Brasil-Belge”.

“Trierischer Volksfreund”, periódico alemão, no artigo “Brasiliens neue Hauptstadt liegt in Landesinnern” (A nova capital do Brasil está situada no interior), declara em subtítulo, que o presidente Juscelino Kubitschek, deseja a transferência o mais rápido possível.

“New York Times” o correspondente Tad Szulc tece comentário sobre a mudança da capital, referindo-se a declarações do presidente Juscelino Kubitschek em torno da construção de Brasília.

“A revista francesa “Aujourd’hui” publicou uma série de considerações sobre Brasília. Entre estas damos o clichê do que prova quanto o exterior tem se interessado pelos assuntos de Brasília”.

Outro ponto importante que cabe destacar na seção “Brasília no Exterior” é a informação sobre as exposições internacionais que tinham a capital como tema. Provavelmente essas mostras geraram o interesse inusitado pelo Brasil. Segundo a revista B24, quatro exposições estavam rodando o mundo para a divulgação de Brasília. A primeira passou por Buenos Aires, Montevideo, Cidade do México e outras capitais da América. A exposição era considerada a mais completa por contar com um material que demonstrava a visão do conjunto da arquitetura que vinha sendo desenvolvida no Brasil. Ela se dividia em três partes: arquitetura barroca, arquitetura moderna, maquetes de Brasília e ainda várias salas com mostras de detalhes das composições barroca e moderna. Outras duas exposições estavam circulando pelo continente Europeu. Uma tinha como tema a arquitetura moderna e Brasília e passou pela Suíça, Munique e Viena. A outra, tinha como conteúdo Brasília, e esteve por Paris, Madri e Lisboa. A última exposição ocorreu no continente Asiático, percorreu Tóquio, Índia e países próximos do Oriente. A exibição foi completa e tinha como objetivo promover a apreciação mútua da arquitetura e dos valores culturais do Oriente e do Ocidente.

Algumas dessas exposições viraram notícias e foram publicadas com textos e imagens dos eventos. Em geral, essas fotografias mostravam a sua inauguração com políticos e celebridades locais. E o que chamava atenção de todos e despertava a curiosidade era o projeto vencedor de Lucio Costa e a arquitetura desenvolvida por Oscar Niemeyer. Os projetos que mais se destacavam nas mostras eram: o Palácio da Alvorada, a capela do Alvorada, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto, a Catedral e o Setor Bancário Sul. A seguir, as imagens divulgadas.



Figura 155. À esquerda, exposição no Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial de Comércio de Nova York. É possível ver o cônsul-geral do Brasil e a cantora lírica Bidu Sayão. Revista Brasília nº 8 de 1957. À direita, a exposição de Milão com o embaixador brasileiro em Roma Adolfo Cardoso de Alencastro e o prefeito de Milão Virgílio Ferrari. Revista Brasília número 13 de 1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

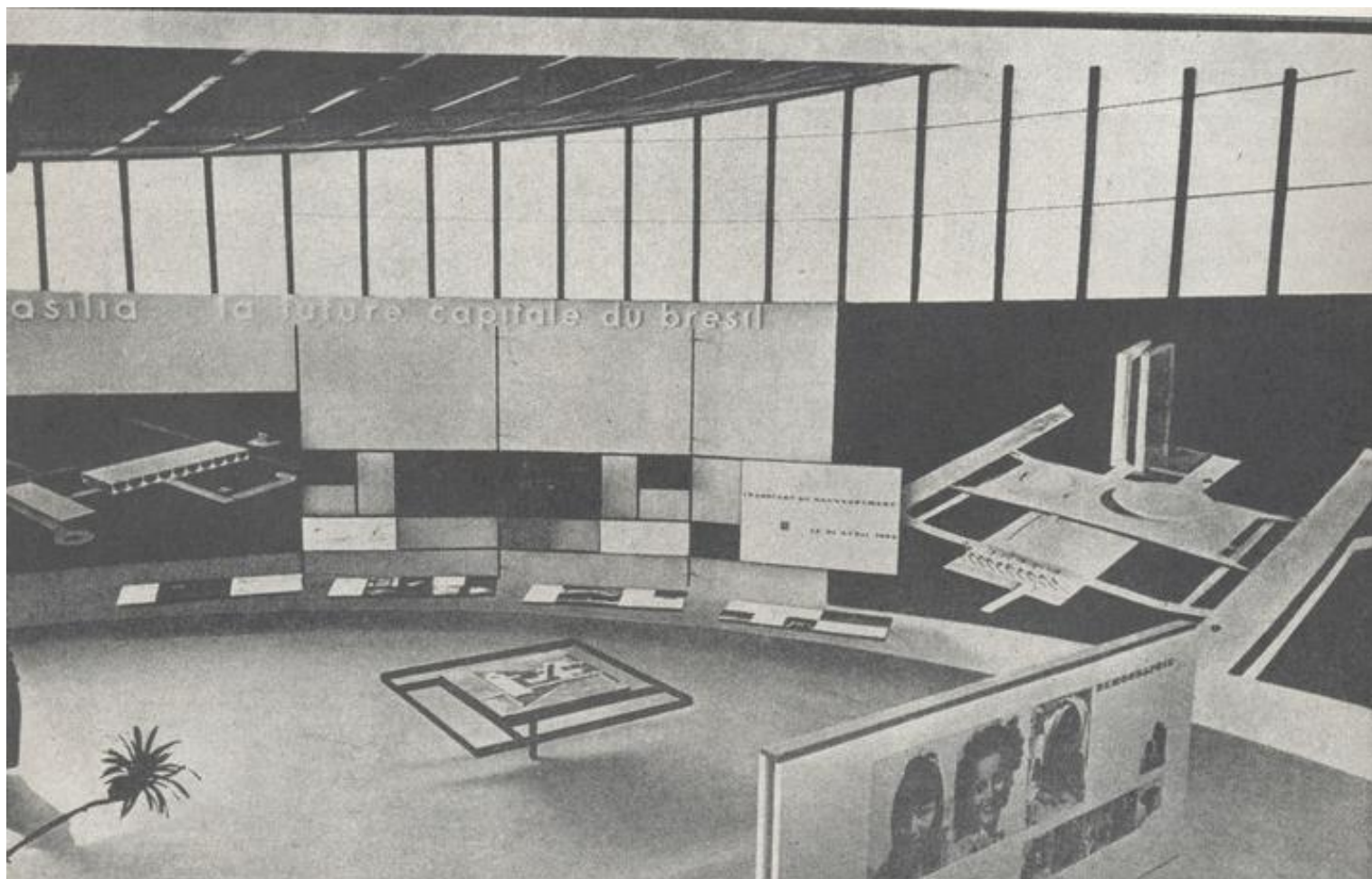


Figura 156. Pavilhão Brasileiro na exposição Internacional de Bruxelas, dedicado à futura capital. Revista Brasília nº 19 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

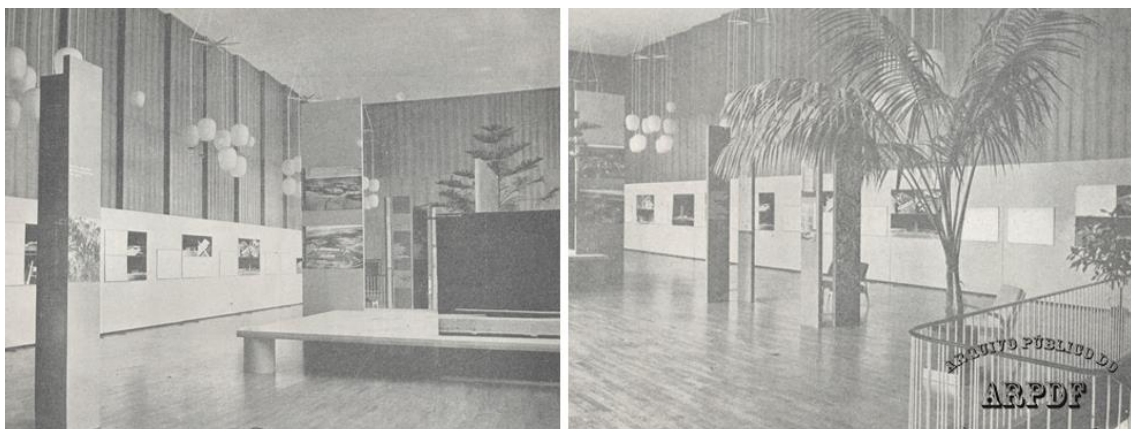


Figura 157. Exposição sobre Brasília na cidade Munique. Realizada de julho a agosto de 1958. Revista Brasília nº 20 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

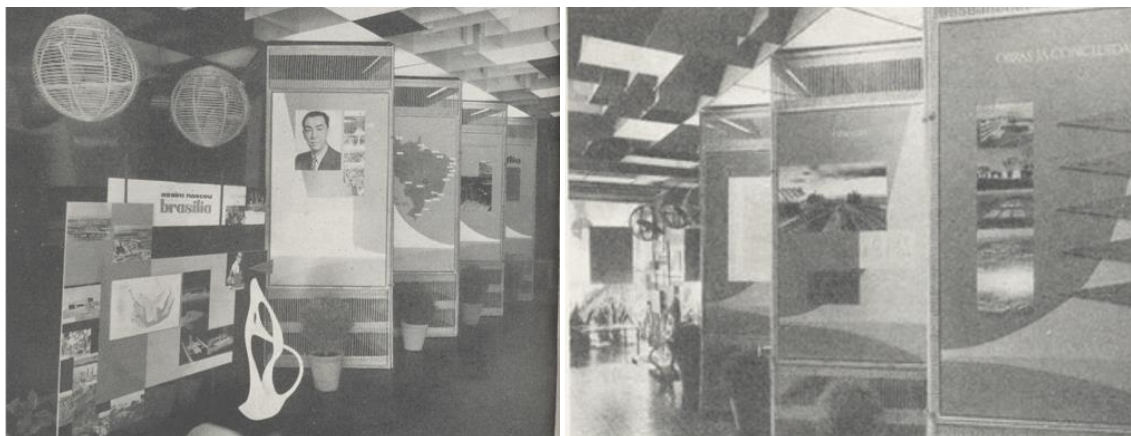


Figura 158. Exposição sobre o Brasil e Brasília em Lisboa. Revista Brasília nº 24 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

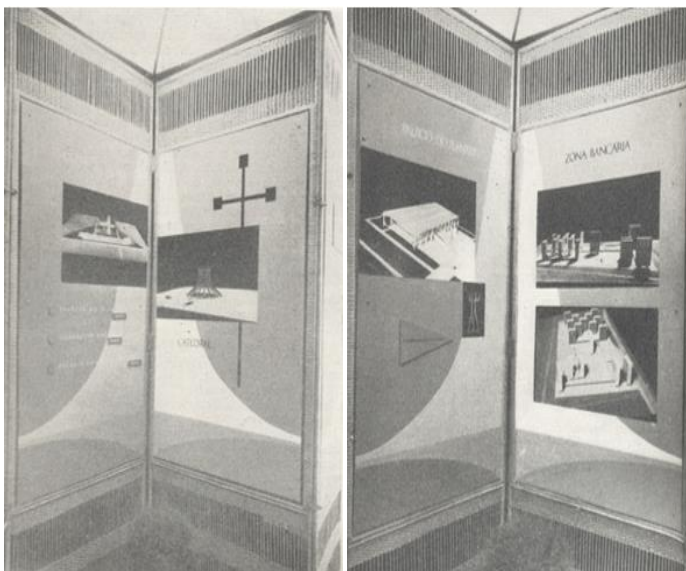


Figura 159. Painéis da exposição sobre o Brasil e Brasília em Lisboa. Revista Brasília nº 24 de 1958. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 161. Recinto do Brasil na Feira Internacional de Madrid. Na imagem, à esquerda, o Chefe de Estado espanhol Francisco Fonte Bahamonde e os Ministros de Estado, sua casa civil e militar. Revista Brasília nº 29 de 1959. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 160. Exposição de Brasília em Lisboa sendo apresentada pela primeira-dama Sarah Kubitschek para as autoridades portuguesas. Revista Brasília nº 32 de 1959. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.



Figura 162. Exposição de Brasília em La Paz. Revista Brasília nº 32 de 1959. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Módulo

Na revista **Módulo**, entre os anos de 1957 e 1960, foram identificadas algumas peças de publicidade que estão diretamente ligadas à construção da capital do Brasil. Os principais temas são os materiais de construção, o mobiliário e as agências financeiras. No presente tópico, inicialmente, focaremos na publicidade e, em um segundo momento, nas exposições para a divulgação da cidade.

Com a execução de Brasília, a propaganda de sistemas e materiais de construção, bem como de empresas que fizeram parte do empreendimento, ganharam destaque. Tornou-se importante associar nomes e marcas ao grande esforço de edificação da nova capital.

Na **Módulo**, analisamos dez peças publicitárias de empresas como: Cimento Portland Barroso, Cerâmica São Caetano S.A, Banco Nacional de Minas Gerais S.A, CIA Comercial de Vidros do Brasil, Monag Montagens Industriais Limitadas, Eletromar Indústria Elétrica Brasileira, Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Elétrica Nacional, Schindler Elevadores Brasil e Parkex S.A. Com base nesse levantamento, foi realizada a seguinte análise.

A primeira peça que merece destaque é a da Cerâmica São Caetano S.A, (MO6 figura 163) que divulgou uma mensagem

bastante ufanista, favorável à construção da capital, porém com um estilo gráfico diferente do que vinha sendo observado até então. Na mensagem o tema principal é o urbanismo e a qualidade de vida na capital, dando ênfase ao produto litocerâmico:

Brasília será uma cidade feliz. E felizes serão os seus habitantes. Se os planos dos nossos urbanistas forem realizados, Brasília terá imensos jardins para as crianças e lindos parques para os namorados. Terá avenidas largas, ruas arborizadas, escolas ao ar livre, estádios, hospitais. Os automóveis correrão céleres, sem nervosismo, sem confusão.

Na imagem, a ilustração simboliza a política rodoviária que vinha sendo implementada no Brasil e em Brasília. Durante o governo Juscelino Kubitschek, o país passou por um processo de industrialização, o que demandou uma maior integração territorial. Nesse sentido, JK trouxe para o Brasil a indústria automobilística, construiu a capital Brasília, e edificou várias rodovias importantes em todo território brasileiro, reduzindo a utilização de outros meios de transporte como as ferrovias e hidrovias (1). Na figura, a ideia do que seria Brasília (ou outra cidade moderna) aparece desenvolvida, com grandes avenidas, viadutos, cheia de carros e edifícios em altura, características das grandes metrópoles à luz das quais acreditavam que a nova capital seria construída.

(1) BERTONE, 1987; BRITO, 2010 e CAMPOS, 2017.

Brasília CAPITAL DO BRASIL



Sonhando (de olhos bem abertos) com o futuro

Brasília será uma cidade feliz. E felizes serão seus habitantes. Se os planos de nossos urbanistas forem realizados, Brasília terá imensos jardins para as crianças e lindos parques para os namorados. Terá avenidas largas, ruas arborizadas, escolas ao ar livre, estádios, hospitais. Os automóveis correrão céleres, sem nervosismo, sem confusão. E muitos de seus prédios, residências, pontes e túneis, combinarão a beleza e a resistência ao tempo que só os revestimentos de "Litocerâmica" podem dar às construções modernas.



Litocerâmica
dá personalidade às construções

CERÂMICA SÃO CAETANO S.A.

Loja: Rua 3 de Dezembro, 68 - Tels. 32-4329 - 32-3429 - São Paulo
Loja: Rua Senador Dantas, 80-A Tel. 42-3158 (Rede interna) - Rio de Janeiro

Figura 163. Propaganda da Cerâmica São Caetano S.A. Revista Módulo edição 6 de dezembro de 1956.
Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Na revista MO8, encontramos três propagandas distintas, que já utilizavam Brasília como forma de comunicação com seus leitores.

A primeira, a do *Banco Nacional de Minas Gerais S.A* que foi uma das principais instituições privadas do Brasil e o primeiro a instalar agências no território do Distrito Federal. A redação da propaganda mostra o seu apoio ao progresso do Brasil:

O Banco Nacional de Minas Gerais já está operando em Brasília. Instalado em moderno edifício, o primeiro construído na Nova Capital, está grande organização de crédito – que mantém a maior rede bancária atual no Distrito Federal. Confirma sua histórica determinação de caminhar com o progresso do Brasil, contribuindo de forma decisiva para impulsionar as novas forças econômicas do país. Com 103 agências e mais de quatro bilhões e oitocentos milhões em depósito – garantia da confiança que desfruta em todo o território – o Banco Nacional de Minas Gerais cumpre o seu programa de pioneiro do organismo econômico nacional (MÓDULO-8, 1957, p.25).

É possível observar, em relação ao layout, que pela primeira vez o projeto do Plano Piloto de Lucio Costa aparece como elemento gráfico de propaganda na revista. Ele encontra-se sobreposto através de uma colagem feita com a primeira agência do banco no Distrito Federal e ao canto, a matéria destaca as 21 agências já presentes no Distrito Federal.

Na propaganda seguinte, a *Companhia Siderúrgica Nacional* divulga a reportagem comentando sobre procedência de todas as vigas de aço que viriam de Volta Redonda para a construção do Hotel de Turismo. De acordo com o texto, vieram 950 toneladas de estruturas para o projeto de Niemeyer.

No final dessa edição, observamos a propaganda da construtora *Empresa de Construções Gerais S.A*, do Rio de Janeiro, responsável pela construção do Palácio Provisório, como mostra a foto, o Catetinho. Na edição da MO11, encontramos uma propaganda semelhante da empresa, porém dessa vez com a foto do Catetão, já construído.

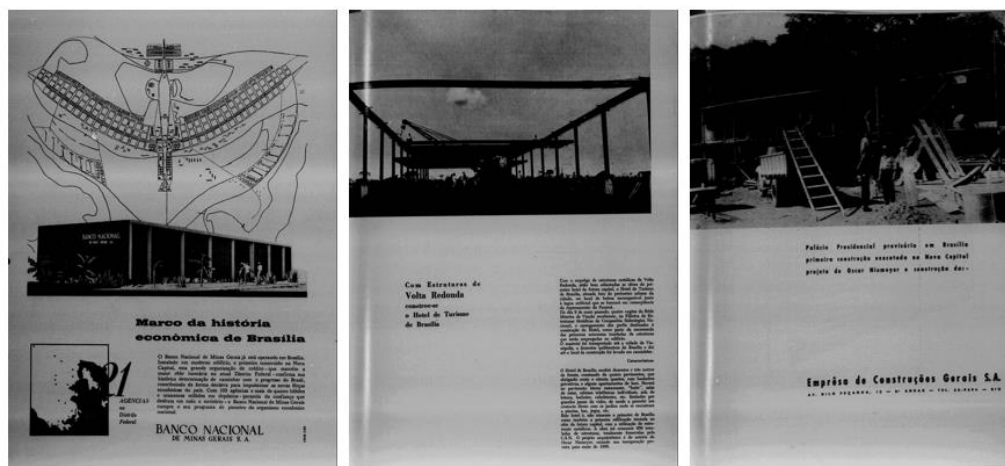


Figura 164.
Propagandas da
Revista Módulo edição
8 de julho de 1957.
Fonte: Andrey Aspiazu
na Biblioteca Central
da Universidade de
Brasília.

Na mesma revista, começam a surgir mais propagandas de empresas de construção, material e mobiliário ligados ao Palácio da Alvorada.

Como podemos observar a seguir, a marmoraria *Marmífera* ficou responsável por executar todos os trabalhos e granitos do palácio. Na propaganda ela utiliza a maquete do edifício em que eles estão trabalhando, assim como o desenho do pilar que seria todo revestido de mármore branco.

Em seguida, em azul, o destaque é para a *Casa Leandro Martins Móveis S.A*, responsável por cuidar da parte de interiores do Alvorada. Segundo a propaganda, eles executaram móveis, pisos de jacarandá e os revestimentos dos lambris. Provavelmente, foram eles quem fizeram as réplicas das poltronas Barcelona, design de Mies Van der Rohe.

Com destaque em vermelho, temos a propaganda da *Construtora Rabello S.A*, que ficaria encarregada de construir o Palácio da Alvorada. Assim como a marmoraria *Marmífera*, eles chamam atenção para a maquete e o pilar do palácio, mas dessa vez mostrando um esquema das forças internas que esse pilar teria e dando a entender que não seria uma construção fácil de se fazer, na verdade, muito complexa.

Entre as últimas páginas da MO11, encontramos a *divulgação Companhia Constructora Nacional S.A*, que ficaria com a responsabilidade de construir o último edifício aguardado para a inauguração, o Congresso Nacional.



Figura 165. Propagandas da Revista *Módulo* edição 11 que foram comentadas no texto acima, dezembro de 1958. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Passada algumas edições da revista, na edição de número 14, encontramos a pequena propaganda do *Empreiteiro Paulo Wettstein*, que embora seja uma publicidade pequena, comparada com as aqui apresentadas, tinha uma imensa e uma das mais desafiadoras responsabilidades de Brasília: a execução das obras do Lago Paranoá. A sede da Empreiteira ficava no acampamento do Bananal, próximo ao Hotel de Turismo, onde era possível adquirir serviços de drenagens dos rios, nivelamento, saneamento e terraplanagem.

Ainda na mesma revista, encontramos a propaganda da Novacap que tinha como finalidade divulgar a revista **Brasília**, assim dando a entender que não havia disputa entre as revistas.

A MONAG foi uma empresa especializada em serviços de estruturas de aço que participou da construção de três ministérios da Esplanada. Em sua propaganda, eles divulgam ao público o seu trabalho na Capital, tentando atrair novos clientes com a frase principal “Nós ajudamos Brasília... e podemos ajudar v. também”. O texto da publicidade diz:

Na mais nova cidade do mundo ergue-se o majestoso conjunto de edifícios destinados a abrigar os Ministérios. Com a transferência do funcionalismo federal para a nova capital, começará verdadeiramente a história de Brasília. E milhares de funcionários poderão contar, nesses edifícios, com todos os modernos requisitos de conforto e segurança.

Ou seja, mais uma empresa apostando na criação da capital deixando o leitor com vontade de vivenciar uma experiência na mais nova cidade do mundo.

A diagramação dessa propaganda tem como destaque as duas imagens das estruturas metálicas produzidas por eles. Na primeira, mostra operários com todo sistema de segurança trabalhando em um dos ministérios, com o Congresso Nacional ao fundo, simbolizando a transferência do poder para a nova capital. Na outra imagem, utilizam uma fotografia destacando a sequência dos ministérios.



Figura 166. Propagandas da Revista *Módulo* edição 14 comentadas acima, de agosto de 1959. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Figura 167. Propaganda MONAG. Na Revista *Módulo* edição 17 de abril de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital

Na edição de inauguração de Brasília, a publicidade se fez ainda mais conectada com a cidade e com sua arquitetura, mostrando estarem presentes e apoiando iniciativa tão importante. Quase todo material publicitário encontrado no início e final da revista mostravam os projetos e edifícios já construídos, algumas peças davam destaque para o Plano Piloto e, por fim, algumas empresas estavam lançando linhas especiais em função da inauguração.

Analisando este material publicitário, na figura 168, percebemos a propaganda da *Companhia Constructora S.A* com a fotografia do Congresso Nacional, o último projeto que deveria ficar pronto para a inauguração da cidade. Do lado direito, a *Eletromar Indústria Elétrica Brasileira* (concessionária *Westinghouse*) divulga as maquetes do Congresso Nacional, ministérios e Supremo Tribunal Federal junto a um esquema do Plano Piloto e trecho de uma fala de Juscelino Kubitschek. O presidente comenta:

Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limite no seu grande destino.

No final, a empresa demonstra estar feliz por ter contribuído para a inauguração de Brasília, e homenageia a alta capacidade e visão dos que a tornaram realidade.

Na propaganda do *Banco de Londres S.A* destaca-se o desenho do Edifício Seguradoras, onde estaria localizada a nova sede do banco na capital. Eles também divulgam a fotografia da primeira sede inaugurada no Distrito Federal.

Observando a propaganda da *Panair Brasil*, companhia aérea, que divulga vários “tags” de vôos internacionais com destinos como Londres, Lisboa, Madrid, Beirute e a principal como a mais nova capital, o destino de Brasília, dando a entender que esta agora estava aberta para receber pessoas do mundo inteiro para o turismo.

A propaganda do *Bank of London and South America Limited* destaca a distribuição de suas agendas pelo Mundo. Assim como a propaganda da *Panair* mostra a ligação de Brasília com as capitais internacionais, o Banco de Londres mostra através dessa imagem a ligação de Brasília (que se encontra ao centro do Plano Piloto) com as capitais nacionais dos estados brasileiros.

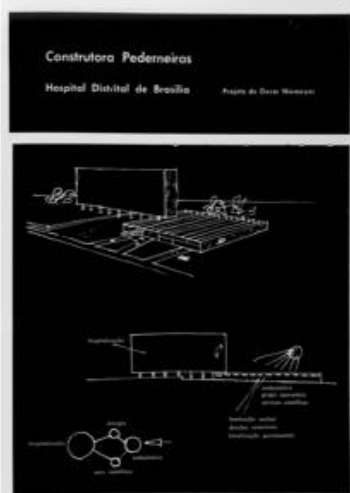
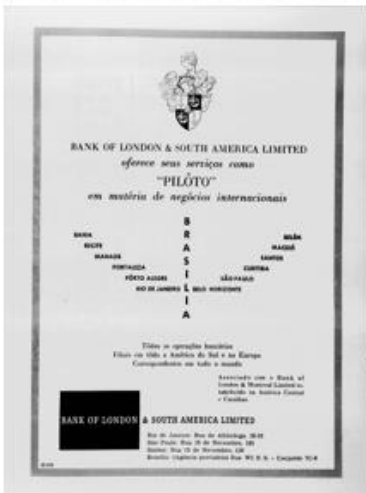


Figura 168. No texto acima, as propagandas estão comentadas da esquerda para a direita. Na fileira de baixo, as propagandas foram comentadas a seguir na mesma ordem. Revista Módulo edição 9 de fevereiro de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.

Ainda sobre a figura 168, na propaganda do Banco de Londres, aparecem pela primeira vez na revista os desenhos de Oscar Niemeyer para o Hospital Distrital de Brasília, construído pela *Construtora Pederneiras*. Na imagem, percebe-se os esquemas da volumetria do zoneamento e iluminação natural do hospital.

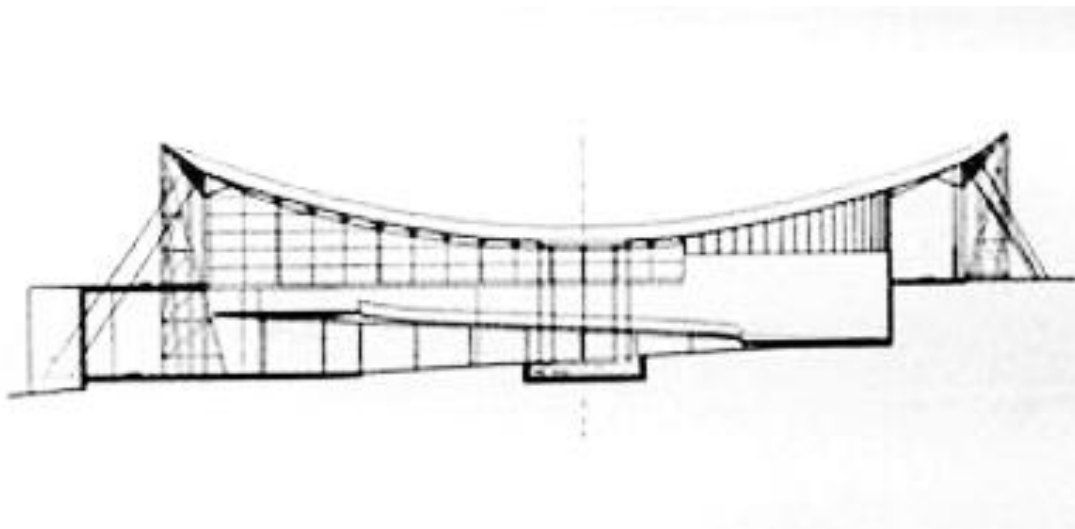
Seguindo para a publicidade da *Companhia Siderúrgica Nacional*, responsável pelo fornecimento do aço para as construções, destaca-se o texto publicitário:

Idealizada por espíritos pioneiros. Planificada por engenheiros, arquitetos e urbanistas de conceito internacional. Nascida do esforço conjugado de dirigentes, técnicos e operários devotados, a Capital que hoje se inaugura é bem o símbolo do novo Brasil que surge. Brasília é também a primeira cidade do país a empregar estruturas metálicas na maior parte da sua linha de construção. E graças a isso tornou-se possível erguê-la rapidamente. A companhia Siderúrgica Nacional, que forneceu as primeiras estruturas metálicas para Brasília, sente-se orgulhosa de ter ajudado a edificação da Nova Capital, com aço de Volta Redonda. Contribuindo para o progresso do Brasil, através de sua crescente produção de aço, a Companhia Siderúrgica Nacional – também surgida sob o signo do trabalho e da confiança que constrói – congratula-se com o Governo e o Povo brasileiros, quando Brasília se projeta ao encontro dos grandes destinos de nossa terra! (MÓDULO-18, 1960, p.102).

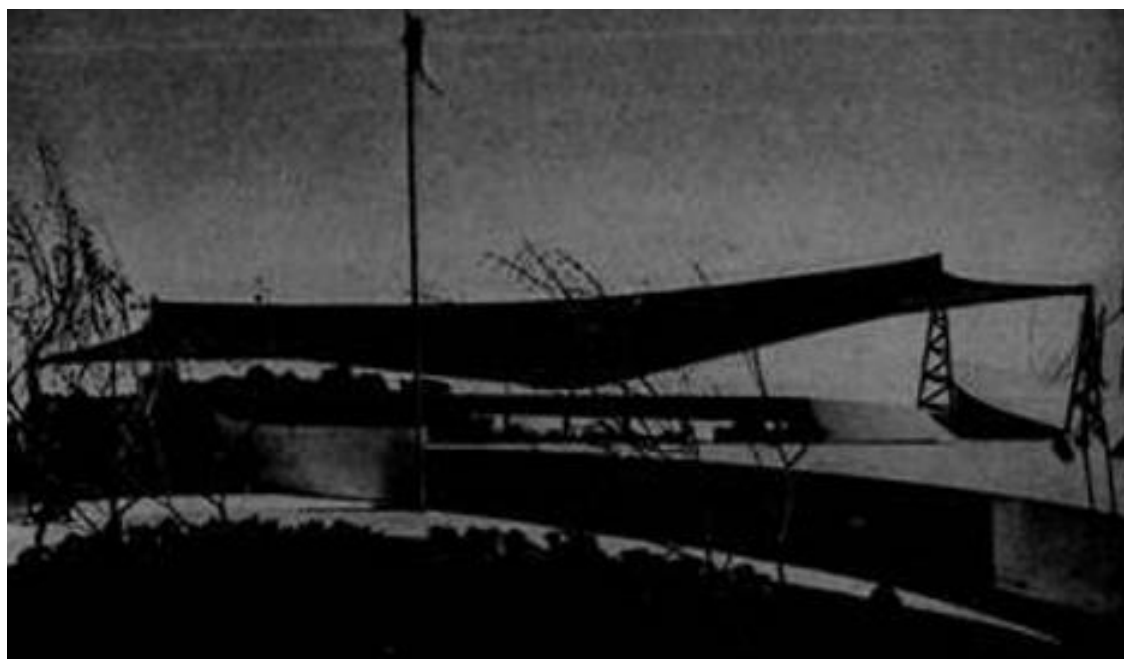
A propaganda da siderúrgica destaca dois projetos realizados por eles, a fotografia do Brasília Palace Hotel e o desenho do Palácio da Alvorada. Para dividir essas ilustrações, utilizou-se as vigas metálicas como elemento gráfico.

Ainda como exemplo, a *Cerâmica Sanitária Porcelite S.A (Celite)* lançou uma linha exclusiva de louças sanitárias para a inauguração de Brasília. Um conjunto de bacia sifonada, lavatório e bidê com ducha, modernos como a nova capital.

Assim como na revista **Brasília**, a **Módulo** deu grande destaque para a forma que a capital vinha sendo divulgada no exterior, especialmente por meio das exposições. Essas reportagens, começam a surgir a partir da revista MO9, com o *Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Bruxelas*, projeto de Sérgio Bernardes; e na *Exposição Permanente de Brasília*, no Rio de Janeiro.



*Figura 169.
Corte do
Pavilhão do
Brasil na
Exposição
Internacional
de Bruxelas.
Revista
Módulo edição
9 de fevereiro
de 1958. Fonte:
Hemeroteca
Digital.*



*Figura 170.
Maquete do
Pavilhão do
Brasil na
Exposição
Internacional
de Bruxelas.
Revista Módulo
edição 9 de
fevereiro de
1958. Fonte:
Hemeroteca
Digital.*

Inaugurada no salão de exposições do Ministério da Cultura do Rio de Janeiro por Juscelino Kubitschek, a *Exposição Permanente de Brasília* foi um grande sucesso. Nessa mesma ocasião (fevereiro de 1959), foi instalado o Centro de Estudos de Brasília (CEB). Desde então, as exposições que mostravam fotografias, maquetes, gráficos, desenhos atraíram um grande público. O CEB, além de expor o material das obras em execução, também recebia escritores, arquitetos, críticos de arte, pintores, com a finalidade de ouvir sugestões para o melhor desenvolvimento da capital. O ponto mais interessante da exposição do Ministério da Educação é que o seu conteúdo foi constantemente renovado, permitindo que se acompanhasse a evolução dos trabalhos de construção da nova capital. Os “stands” da exposição foram projetados por Artur Lício Pontual, que trabalhou para revista **Brasília e Módulo**.



Figura 171. Fotografia da *Exposição Permanente de Brasília* no Ministério da Cultura do Rio de Janeiro. Revista *Módulo* edição 9 de fevereiro de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.

Na revista MO12, assim como na B19, foi divulgado artigo a respeito das *Exposições de Arquitetura Brasileira*. O texto, de J.O. Meira Penna, resume as quatro mostras itinerantes que o Itamaraty mantinha no exterior.

Segundo a revista, a primeira passou por Viena, Munique, Stuttgart, Zurique e Genebra. Foi inicialmente idealizada por Mary Vieira, com o material que ela havia preparado em 1957 para a exposição *Interbau* de Berlim, acrescida posteriormente com jardins de Burle Marx e com conteúdos novos a respeito de Brasília que foram a público em Milão, em 1958.

A segunda, passou pela França, Portugal, Espanha e foi uma mostra cujo tema era somente Brasília. A exposição foi organizada por Artur Lício Pontual e contava com uma série de painéis e imagens que mostravam as obras, além de duas maquetes, a da Praça dos Três Poderes e a do Palácio da Alvorada. O evento foi um sucesso, estando presentes grandes nomes como Le Corbusier, Gropius, Marcel Breuer, Phillip Johnson, Zehruss, entre outros.

A terceira, foi a mais importante em relação a conteúdo, pois contemplava o material de toda arquitetura brasileira. Foi uma exposição que passou pela América Latina, na Argentina, México e Venezuela. O foco principal da exposição era mostrar desde o barroco até a arquitetura contemporânea brasileira, dando destaque também para Brasília. A exposição foi organizada por Marcos Jaimovich e Glauco Campelo.

A quarta exposição foi a menor e mais simples, inicialmente ela se localizaria em Tóquio e passaria por outros países asiáticos. Mario Pedrosa estava no continente através de uma bolsa de estudos que tinha obtido na UNESCO, o que facilitou toda negociação para que a mostra ocorresse. Foi um projeto desenvolvido com junto a UNESCO sobre “apreciação mútua” dos valores culturais do Oriente e do Ocidente. Essa foi uma exposição muito importante para a criação de vínculos culturais entre o Brasil e Ásia.



Figura 172. Interior da exposição de Paris. Revista Módulo edição 12 de fevereiro de 1959. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Na MO18, a revista mostrou a reação dos periódicos internacionais e jornais com a inauguração de Brasília. A **Módulo** que sempre apresentou e defendeu os projetos realizados em Brasília se orgulhou da grande repercussão que a capital federal estava obtendo. Portanto, nesta edição, foram apresentados alguns recortes do que vinha sendo publicado no exterior.

Figura 173. Exposição organizada por Artur Lício Pontual em Munique. Revista Módulo edição 12 de fevereiro de 1959. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.



Figura 174. Recortes dos jornais franceses e alemães sobre Brasília. Revista Módulo edição 18 de junho de 1960. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.



Figura 175. Recortes de revistas e jornais franceses e alemães sobre Brasília. Revista Módulo edição 18 de junho de 1960. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.





Figura 176. Recortes dos jornais franceses e ingleses sobre Brasília. Revista Módulo edição 18 de junho de 1960. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.



Figura 177. Recortes de revistas espanholas e francesas sobre Brasília. Revista Módulo edição 18 de junho de 1960. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.



Figura 178. Recortes de revistas alemãs e argentinas sobre Brasília. Revista Módulo edição 18 de junho de 1960. Fonte: Andrey Aspiazu na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Manchete

Nas revistas **Brasília** e **Manchete** percebemos o grande volume de reportagens sobre como se daria a ligação viária da nova capital com outras cidades do Brasil. Portanto, muitas matérias sobre a construção de rodovias e ferrovias foram elaboradas ao longo do período estudado. Com relação às propagandas, identificamos que desde novembro de 1959, as empresas aéreas começaram a incluir Brasília nos trechos nacionais, ligando a cidade com outros estados brasileiros.

Como exemplo, temos a *Texaco* que fornecia combustíveis e lubrificantes para a *Paraense Transportes Aéreos S.A.* Ela divulga a imagem de um avião com a nova rota que a empresa estava fazendo. O novo trecho que ligava o Rio de Janeiro a Belém, fazia escala em Brasília. No texto, percebemos que as empresas estavam juntas, acreditando no progresso de Brasília, como podemos ver a seguir:

Nova rota aérea onde o Brasil se encontra com o futuro!

Transportando passageiros e cargas os aparelhos da Paraense Transportes Aéreos S.A, estão ligando Belém do Pará ao Rio de Janeiro, inaugurando uma nova rota que serve uma região onde o Brasil está traçando novos caminhos de civilização e progresso (MANCHETE-289, 1957, 18. p.23).

No mesmo sentido, a *Lóide Aéreo* divulga suas novas três linhas aéreas sendo que duas passavam por Brasília. A primeira Rio – Belo Horizonte – Goiânia – Brasília, e a segunda São Paulo – Uberlândia – Goiânia – Brasília. A matéria também traz o convite para uma visita a Brasília, com a imagem do Palácio do Alvorada para atrair os leitores.

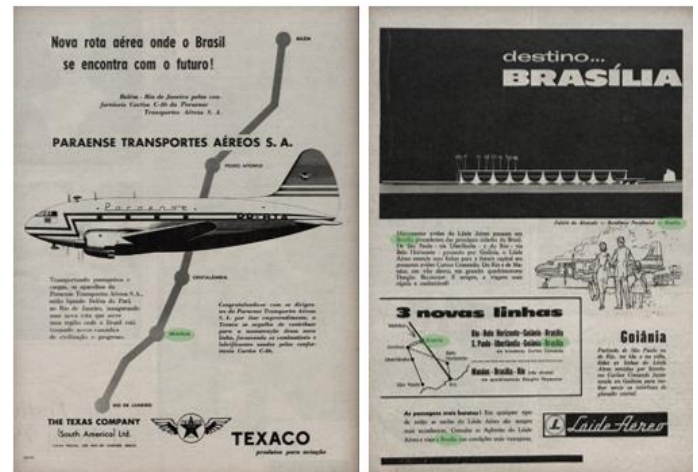


Figura 179.
Propagandas Paraense
Transportes Aéreos S.A
à esquerda, e Lóide
Aéreo à direita.
Revistas Manchete nº
289 e 292 de novembro
1957. Fonte:
Hemeroteca Digital.

Em outubro de 1959, foi divulgada a primeira grande campanha publicitária de tecidos brasileiros para a primavera e verão de 1959 e 1960 das empresas *Albéne*, *Rhodyanil* e *Rhodia*. Tratava-se de um desfile de moda, com editorial de fotos da coleção de roupas que tinham o desenho de inspiração francesa com tecidos brasileiros. Um conjunto perfeito para ser divulgado na capital mais moderna. As modelos posaram em frente ao Palácio da Alvorada e nas estruturas metálicas dos ministérios. Segundo a matéria, os candangos que ali trabalhavam, ficaram contentes em ver aquelas mulheres bonitas e elegantes, e tinham a certeza de que para a inauguração da cidade, Brasília estaria cheia delas.



Figura 180. Modelos posando no meio das estruturas metálicas dos Ministérios. Revista Manchete nº 389 de setembro de 1959. Fonte: Hemeroteca Digital.



Figura 181. Modelos posando para foto em frente ao Palácio da Alvorada. Revista Manchete nº 389 de setembro de 1959. Fonte: Hemeroteca Digital.

Além das propagandas ligadas à moda e ao transporte aéreo, encontramos publicidade de empresas que tinham sedes ou postos espalhados pela cidade. Nessas páginas, reparamos que o termo “progresso” é utilizado por grande parte delas, além de perceber que o edifício mais utilizado como cenário era o Palácio da Alvorada, muitas vezes em ângulos repetidos. Vejamos alguns exemplos.

O primeiro, é a propaganda da *Tintas Ypiranga*, que foi responsável por toda pintura do palácio. No texto eles destacam a frase “passo a passo com o progresso do Brasil”.

O segundo, é a do Banco de Minas Gerais S.A, que também tinha publicidade na revista *Módulo*, e dessa vez estava abrindo uma nova sede para a inauguração da cidade. Em seu texto se destaca:

Quando os mapas em todo o mundo se prepararam para assinalar o centro geográfico do Brasil a presença da Nova Cidade-Capital, marcamos também a nossa presença, em Brasília. Acompanhamos o esforço nacional de levar o dinamismo e o progresso para o interior brasileiro.



Figura 182. Propaganda das Tintas Ypiranga à esquerda e do Banco de Minas Gerais à direita. Revistas *Manchete* nº 394 e nº 407 de 1959. Fonte: Hemeroteca Digital.

O terceiro, é da *Atlantic Refining Company of Brazil* (empresa de postos de combustível), que destaca o Palácio da Alvorada com a escultura das laranjeiras, com a frase em destaque “Brasília símbolo mais expressivo do Brasil moderno!”

A quarta publicidade escolhida foi a da *Shell* combustíveis, com o texto Pioneiros do Progresso. Segundo a empresa:

A Shell, participando com o povo das suas manifestações de júbilo, apresenta ao governo calorosas congratulações pela inauguração de Brasília. Ombro a ombro com os pioneiros na construção da nova capital, desde os primeiros momentos, a Shell concorreu para a realização do histórico empreendimento, com a instalação das primeiras bombas de gasolina e de óleo diesel, bem como do primeiro serviço de abastecimento de aviões, na área da metrópole nascente. A marcha para o Oeste continua e a Shell, fiel à sua tradição de pioneirismo, acompanha o desenvolvimento nacional rumo ao coração do Brasil.



Figura 183. Propaganda da Atlantic Refining Company of Brazil à esquerda e Shell combustíveis à direita. Revista Manchete nº 398 e nº 420 de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Na edição de maio de 1960, a *Real Aerovias* divulgou uma homenagem à Brasília. Nela é publicada a ilustração da história do Brasil, desde a chegada dos portugueses, a catequização dos índios, a escravização, a busca pelo ouro, o crescimento das cidades mineiras, a independência, o processo de industrialização, e a transferência para a nova capital. Este painel, poderia ilustrar os textos que encontramos na revista MO8, “Uma realidade: Brasília”; ou na MO18, “Brasília, evolução histórica de uma ideia”, de Raul de Sá Barbosa. Ambos contam a história do Brasil demonstrando que desde muito cedo, a ideia de transferência da capital para o interior era recorrente. Na propaganda é comentado:

Na viagem pela história do Brasil, os passageiros atingem importante escala: Brasília realizada dentro do imenso mural de lutas e vitórias. 21 de abril de 1960 marcará o início da total independência econômica de nossa terra. Brasília é uma necessidade política e social – povoará grandes espaços demográficos, fará com que vastas regiões participem ativamente da economia nacional. Brasília é realização de gigante que surpreende o mundo. É um dos marcos mais importantes de toda a história brasileira. A partir de 21 de abril: Brasil, capital Brasília!

Saudando Brasília, a *Real Aerovias* publica um trecho contando a história da empresa com a nova capital. A seguir, a ilustração comentada:



Figura 184. Propaganda da Real Aerovias. Revista Manchete nº 420 de maio de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Diferentemente das revistas **Brasília** e **Módulo**, que deram destaques para as exposições internacionais em que o Brasil estava presente, a **Manchete** divulgava para os seus leitores as exposições nacionais voltadas para outro ramo, como por exemplo de agricultura, aviões e produtos de beleza. Folheando a revista, percebemos que, entre as exposições destacadas na **Brasília** e na **Módulo**, somente a Exposição Internacional de Bruxelas ganhou espaço na **Manchete**. Foram produzidas duas reportagens, uma na MA316, em maio de 1958; e outra na MA359, em janeiro de 1959.

Em o “Mundo se mudou para Bruxelas” (MA316), de Justino Martins, a reportagem faz um panorama geral do que foi a exposição, com 52 países presentes, entre eles o Brasil. A revista destacou os pavilhões do Vaticano, Estados Unidos, União Soviética, França, Espanha, Congo e Brasil.



Figura 185. Foto do pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Bruxelas. Revista Manchete nº 339 outubro de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.

Na MA359, a matéria “Talento, armado Brasil em Bruxelas”, de Justino Martins, reproduz um material exclusivo sobre o pavilhão do Brasil. No texto, Justino explica sobre a falta de dinheiro para a construção do pavilhão, e a péssima localização do lote destinado ao Brasil, que ficava no final do parque, escondido atrás do pavilhão do México. Mesmo com esses pontos negativos, Sérgio Bernardes, o arquiteto do pavilhão, conseguiu um excelente resultado. O pavilhão do Brasil foi um dos mais comentados positivamente e atraiu um total de 30 milhões de visitantes segundo a revista. O Brasil “expôs a arte sacra mineira, pedras preciosas e semipreciosas, painéis e maquetes de edifícios icônicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, tornou o ambiente mais agradável com o jardim feito por Burle Marx e deu de brinde cafezinho brasileiro ou mate gelado” (MANCHETE-369, 1958, p.102-105).



Figura 186. Foto da entrada do pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Bruxelas. Revista Manchete nº 339 outubro de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.



Figura 187. Foto do jardim do pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Bruxelas. Revista Manchete nº 339 outubro de 1958. Fonte: Hemeroteca Digital.

Na revista número 359, uma pequena nota destacou a exposição que estaria acontecendo em Montevidéu, Uruguai. Segundo o texto, 60 mil pessoas teriam visitado a *Exposição Arquitetura Brasileira* que, conforme a revista **Módulo e Brasília**, era uma das exposições mais completas. Como material, foram expostas réplicas das esculturas de Aleijadinho, fotografias dos diferentes estilos de arquiteturas encontradas no Brasil, maquetes de edifícios e materiais de Brasília, representando a arquitetura contemporânea.



Figura 188. Exposição no Uruguai. Revista Manchete nº 359 de janeiro de 1959. Fonte: Hemeroteca Digital.

E para finalizar, encontramos na MA419, de abril de 1960, o estande de como seria o pavilhão do Brasil na IV Feira Mundial de Nova York. Visualmente, o pavilhão é muito similar ao Palácio da Alvorada (em uma escala menor). Como podemos ver na imagem, o destaque para o que seria exposto é Brasília, uma forma de ainda continuar divulgando tudo que vinha sendo feito na nova capital.

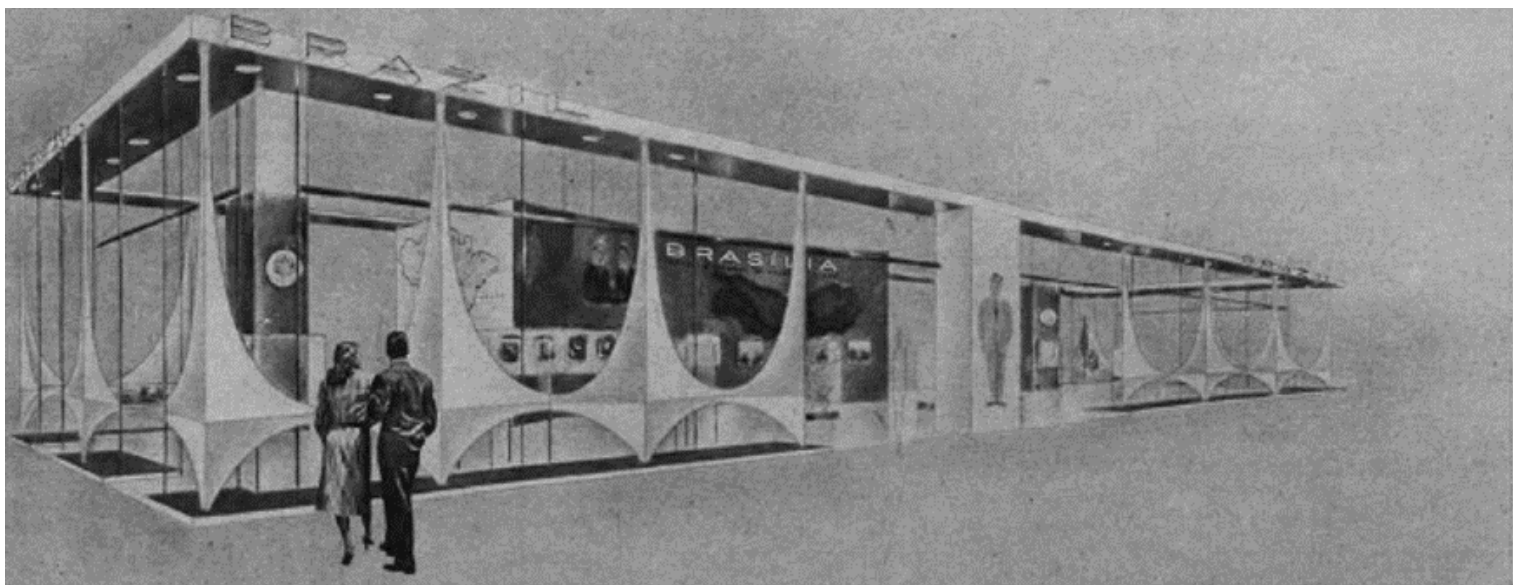


Figura 189. Projeto do pavilhão do Brasil na IV Feira Mundial de Nova York. Revista Manchete nº 419 de abril de 1960. Fonte: Hemeroteca Digital.

Considerando o material publicado, não há dúvidas que o governo federal se empenhou em divulgar Brasília por meio de exposições nacionais e internacionais especialmente elaboradas. Dentro do recorte temporal adotado, foram identificadas nove mostras. Para facilitar a sua compreensão, as dividimos em grupos, mostrando o circuito que fizeram de acordo com a região que estavam presentes.

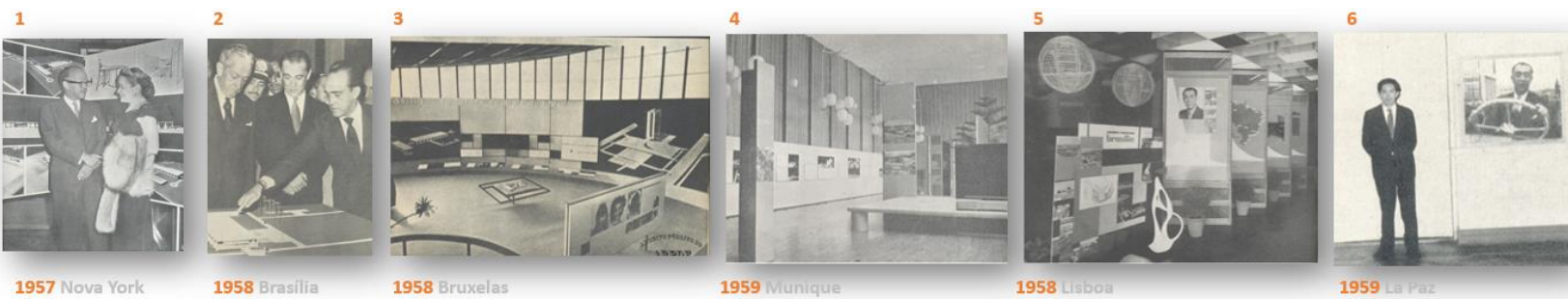
1. Exposição do pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Comércio de Nova York. **(1957)**. Local: Estados Unidos, Nova York
2. Exposição Permanente de Brasília. **(1958)**. Local: Brasil, Rio de Janeiro no Ministério da Cultura
3. Exposição Brasília. **(1958)**. Local: Brasil, Brasília no Centro de Estudos (C.E.B).
4. Exposição do pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Bruxelas. **(1958)** Local: Bélgica, Bruxelas
5. Exposição da América Latina. **(1958-1959)**. Local: Argentina, Buenos Aires; Bolívia, La Paz; México, Cidade do México; Uruguay, Montevideo
6. Exposição na Europa. **(1958-1959)**. Local: Alemanha Munique; Áustria, Viena; Suíça, Berna e Zurique
7. Exposição na Península Ibérica. **(1958-1959)**. Local: Espanha, Madrid; Portugal, Lisboa; França, Paris
8. Exposição na Ásia. **(1960)**. Local: Japão, Tóquio; Índia, Nova Delhi;
9. Exposição do pavilhão do Brasil na IV Feira Mundial de Nova York **(1960)**. Local: Estados Unidos, Nova York.

EXPOSIÇÕES					
DATA DA PUBLICAÇÃO	EXPOSIÇÃO	LOCAL	BRASÍLIA	MÓDULO	MANCHET
1957	Exposição do pavilhão brasileiro na Feira Internacio	Nova York	x		
1958	Exposição permanente de Brasília	Rio de janeiro	x	x	
1958	Exposição Brasília	Brasília	x	x	
1958-1959	Exposição do pavilhão do Brasil na Feira Internacio	Bruxelas	x	x	x
1958-1959	Exposição da América Latina	Buenos Aires, Montevideo, Cidade do México, La Paz	x	x	x
1958-1959	Exposição na Europa	Munique, Viena, Zurique, Berna	x	x	x
1958-1959	Exposição na Península Ibérica	Paris, Madrid, Lisboa	x	x	
1960	Exposição na Ásia	Tóquio e Nova Delhi	x	x	
1960	Exposição do pavilhão do Brasil na IV Feira Mundial	Nova York			x

Tabela 4. Tabela comparativa com o tema "exposições" criada por Andrey Aspiazu.

Cada exposição, além de divulgar Brasília na cidade instalada, também criava uma rede de divulgação em jornais, revistas e programas de televisão locais atingindo um número significativo de público. Temos como exemplo o que aconteceu com a exposição de Zurique, na Suíça, que foi comentada na revista B20:

Quando da nossa passagem pela Suíça tivemos oportunidade de observar de perto os efeitos dessa exposição e ler o número incrível de publicações alcançadas na imprensa suíça: 29 jornais da Suíça alemânica, 9 jornais da Suíça românica, 3 jornais da Suíça italiana, 4 revistas e 2 publicações periódicas, dedicaram a Brasília cerca de 60 artigos. O total de exemplares de jornais e revistas que publicaram artigos sobre Brasília na Suíça é de 1.625.219. Segundo informações oficial fornecida pela Associação Suíça de Editores de Jornais, cada periódico helvético é lido em média por quatro pessoas. Ao total, cerca de 6.500.876 leitores portanto leram sobre Brasília [...]. A Radiodifusão Suíça noticiou a abertura da Exposição de Zurique com comentários sobre Brasília, através de suas três emissoras, de língua alemã (Basileia, Zurique e Berna) suas duas emissoras de língua francesa (Genebra e Lausanne) e sua emissora de língua italiana (Lugano) [...]. Segundo dados oficiais fornecidos pela Sociedade Suíça de Radiodifusão 4.619.380 pessoas escutaram os programas sobre Brasília [...]. De acordo com informações oficiais da referida Sociedade Suíça de Radiodifusão [...] teoricamente 17.580 telespectadores viram o documentário dedicado a Exposição de Zurique [...]. Os técnicos do “Cine-jornal Suíço”, também presente na inauguração da Exposição, elaboraram igualmente uma reportagem cinematográfica. [...] Conclui-se pois, que teoricamente, 1.176.000 espectadores viram a reportagem sobre Exposição de Brasília [...]. Além da distribuição a toda a imprensa, rádio e televisão, cerca de 250 exemplares da revista Módulo e 400 catálogos da exposição foram enviados às principais autoridades federais e cantonais da Suíça (Brasília, nº 20, 1958).



1. Exposição de Nova York (**agosto 1957**) – Revista Brasília 8
2. Exposição de Brasília (**janeiro de 1958**) – Revista Brasília 13
3. Exposição na Europa (**julho de 1958**) – Revista Brasília 19
4. Exposição na Europa (**agosto de 1958**) – Revista Brasília 20
5. Exposição na Península Ibérica (**dezembro de 1958**) – Revista Brasília 24
6. Exposição da América Latina (**agosto 1959**) – Revista Brasília 32

Figura 190. Linha do tempo desenvolvida por Andrey Aspiazu com fotografias de algumas exposições que foram encontradas.

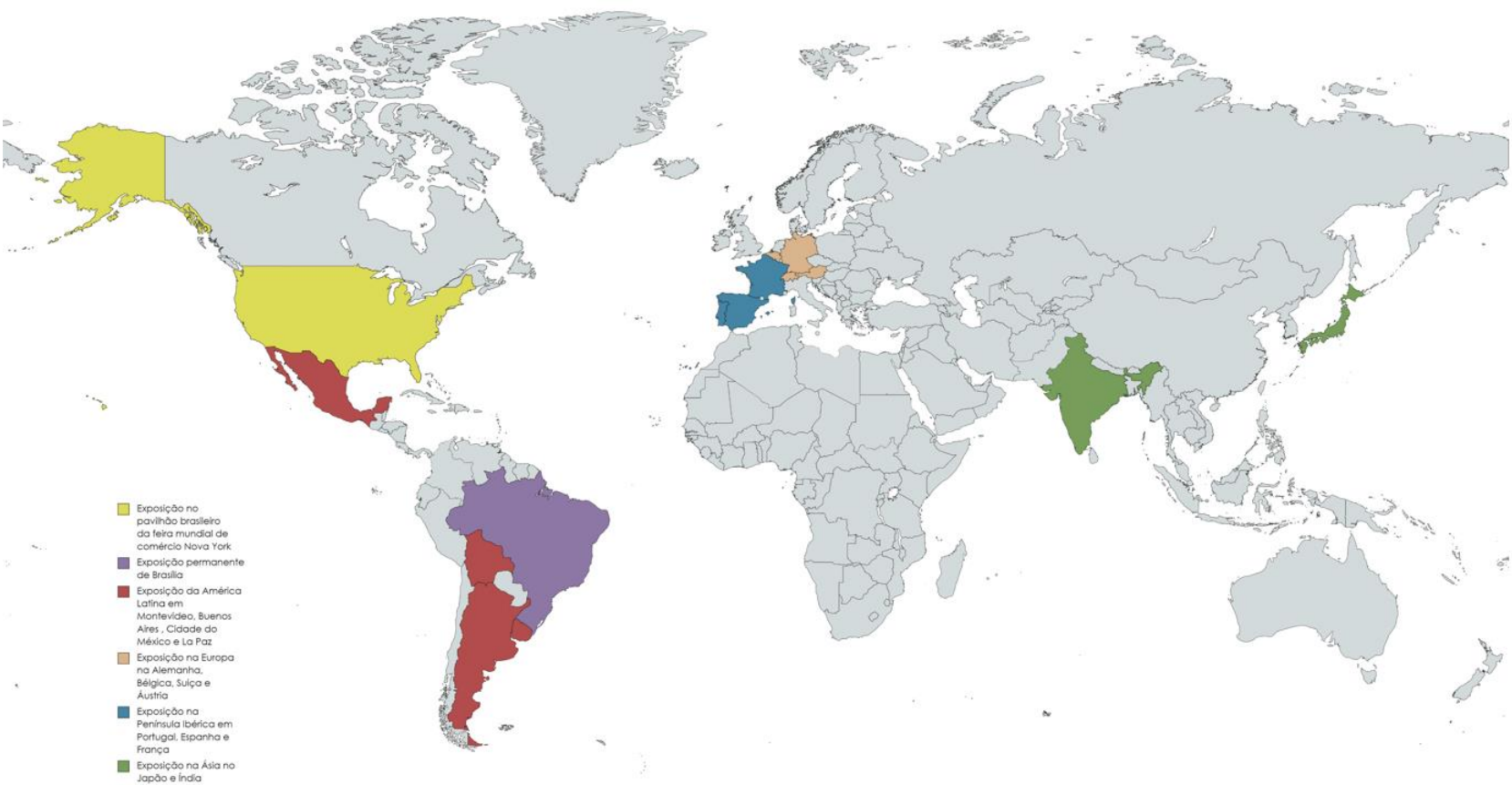


Figura 191. Mapa feito por Andrey Aspiazu com todos os países que as exposições percorreram.

CONCLUSÃO

Quatro perguntas nortearam a elaboração da presente dissertação. Inicialmente, buscamos verificar se as principais revistas de circulação da época da construção de Brasília, ajudaram a consolidar a imagem e a identidade da cidade por meio de suas reportagens, propagandas e artigos. Na sequência, procuramos responder outras duas questões: Que histórias esses materiais contaram? E que memórias seriam passíveis de resgate? Por fim, contestadas as três primeiras, permaneceu aquela que discute o valor dos periódicos como dignos de preservação patrimonial.

Para respondê-las, a investigação sustentou que, desde os primeiros momentos de execução da capital é possível identificar e resgatar a sua memória especialmente através das revistas **Brasília**, **Módulo** e **Manchete**. Foram estes três veículos de informação escolhidos e detalhadamente estudados. Ao todo, foram analisadas 260 edições, das quais 40 números da revista **Brasília**, 13 da **Módulo** e 46 da **Manchete**, possuíam materiais sobre a nova capital publicados no período de 1957 a 1960 (1).

Considerando o caráter específico e o público-alvo de cada um dos periódicos – **Brasília**/revista oficial, **Módulo**/revista especializada em arquitetura e artes e **Manchete**/revista de variedades – foi possível identificar um conjunto de temas relevantes e que, sem dúvida alguma, consolidaram a imagem e a identidade de Brasília. Tais temas foram estudados a partir do que denominamos de categorias analíticas: (1) As **Capas**, com foco na análise gráfica; (2) A **Cidade**, considerando

o conteúdo das reportagens relacionados ao urbanismo, organização social e ao desenvolvimento da nova capital; (3) A **Arquitetura**, destacando especificamente as edificações e, quando possível, os respectivos espaços internos e mobiliário associado; (4) As **Artes**, voltada a analisar a produção artística igualmente associada à construção de Brasília; e (5) A **Divulgação**, considerando as peças publicitárias tanto no seu conteúdo (imagens e textos), como graficamente.

Por fim, retomando nossas perguntas orientadoras, cabe apenas reafirmar o importante papel que os periódicos assumem como fontes de informação para a escrita da história. No caso de Brasília, as revistas **Brasília**, **Módulo** e **Manchete** foram fundamentais para registrar os momentos de sua implantação e construção, assim como para consolidar a imagem e a identidade da própria cidade nascente, por meio dos olhares e das narrativas então dominantes. Uma história passível de ser regatada e, atualmente, frente a novos olhares e a outras narrativas, possível de ser questionada. O que não invalida a escolha e a utilização da fonte das informações trabalhadas.

Tais periódicos, assim como todos os outros, devem ser devidamente preservados em instituições especializadas. É o caso da coleção da revista **Brasília**, conservada no Arquivo Histórico de Brasília; da coleção da revista **Módulo**, conservada na Biblioteca Central da Universidade de Brasília; e da coleção das revistas **Manchete** e **Módulo**, conservadas na Biblioteca Nacional e disponíveis na hemeroteca digital da mesma instituição.

(1) Embora o recorte temporal adotado para a pesquisa corresponda às edições de 1957 a 1960, verificamos a existência de reportagens sobre Brasília na edição nº 213/1956 da **Manchete** e da nº 6/1956 da **Módulo**.

Especificamente sobre o caso da revista **Brasília**, tombada pelo Governo do Distrito Federal (Decreto nº 28.996, de 29/04/2008), cabe ainda afirmar que o acautelamento representa mais uma forma de reconhecimento simbólico de sua importância para a história da capital, do que um ato de proteção contra qualquer risco de destruição. Embora as três revistas estejam digitalizadas e disponíveis nos sites do Arquivo Público do Distrito Federal (revista **Brasília**) e Hemeroteca Digital (**Módulo** e **Manchete**), a qualidade em que a revista **Módulo** se encontra dificulta a análise do material. A revista foi toda digitalizada em preto e branco e algumas imagens são difíceis de serem visualizadas.

Portando, reivindicar a digitalização em uma qualidade melhor da coleção da revista **Módulo**, é um possível desdobramento do presente mestrado. Assim como – uma vez identificados os principais temas explorados, as histórias contadas e as memórias resgatadas –, a dissertação possa se apresentar como um guia para futuras pesquisas sobre Brasília, inclusive para o devido e necessário aprofundamento temático. É o caso, apenas para citar um exemplo, da hipótese da pouca atenção recebida por Lucio Costa em, praticamente todas as três revistas. Na **Brasília**, seu nome concorre com o dos construtores efetivos da capital, cuja presença no grande canteiro de obras, provavelmente eclipsou a figura “criador da cidade”, vivendo no Rio de Janeiro. Na **Módulo**, embora tratado com reverência, Lucio Costa é o “urbanista”, igualmente eclipsado pelos arquitetos cariocas, especialmente por Oscar Niemeyer. Na **Manchete**, as figuras populares são Juscelino Kubistchek, Oscar Niemeyer e Cândido Portinari. Nem mesmo o concurso para a escolha do Plano Piloto despertou interesse. Sobre o urbanismo para a “nova capital”, a revista destacou apenas os projetos de Vera Cruz e de João Augusto de Mattos Pinheiro.

m
o
d
u
m
b r a s í l i a
n o
c
h
e
t
e

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Rose Maria. **O Governo JK e a revista Manchete: a criação do mito dos anos dourados**. Rio de Janeiro: 2008.
Disponível em: < <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/10346>>. Acesso em: 7/9/2023.
- ARAGÃO, Gregory Pontes. **Meios de comunicação como construtores de uma imagem pública: Juscelino Kubitschek através das revistas Manchete e O cruzeiro**. Dissertação (Mestrado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil). Rio de Janeiro: 2006. NOBRE, 2008.
- BERTONR, Leonor Ferreira. O Estado e a urbanização do Distrito Federal. In. PAVIANI, Aldo. **Urbanização e metropolização**. Brasília: EdUNB, 1987.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BOTELHO, Gustavo. **Revista Módulo (1955 – 1965) projeto gráfico e o estilo tipográfico internacional**. São Paulo: 2015.
Disponível em: < <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/o-estilo-tipografico-internacional-nas-capas-da-revista-mdulo-19551965-20353>>. Acesso em: 7/9/2023.
- BRASÍLIA. Coleção da revista Brasília. Periódicos conservados no Arquivo Histórico do Governo do Distrito Federal. Edições consultadas: 1957 a 1960.
- BRITO, Jusselma Duarte. **De Plano Piloto a MetrÓpole. A mancha urbana de Brasília**. Brasília: Sinduscon, 2010.
- BURKE, Peter. **A escrita da história. Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular. História e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.
- CAMPELLO, Maria Beatriz. A revista Brasília na construção da Nova Capita: Brasília (1957-1962). **Risco, revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo**. v. 1, n.11, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44791>>. Acesso: 7/9/2023.
- CAMPOS, Pedro Henrique. **Estanhas catedrais. As empreiteiras brasileiras e a ditadura civil militar**. Niterói: EdUFF, 2017.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. Brasília quadragenária: a paixão de uma monumentalidade nova. In. **Anais do IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. São Paulo, 2006.
- COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Companhia das Artes, 1995.
- DEDECCA, Paula. **O lugar da história em revista (AcrÓpole, Habitat, Módulo, 1940 – 1970)**. São Paulo: 2017. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3545588/mod_resource/content/1/O%20lugar%20da%20historia%20em%20revista%20-%20paula%20dedecca.pdf>. Acesso em: 7/9/2023.

- ESPADA, Heloisa. **Fotografias de Marcel Gautherot sobre a construção de Brasília na revista Módulo**. São Paulo, 2009. Disponível em: < <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/4005> >. Acesso em: 7/9/2023.
- FÁVERI, Marlene. **A revista Manchete como fonte: Memória social e representações do Brasil contemporâneo**. São Paulo: 2014. Disponível em < <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Marlene%20de%20Faveri.pdf>>. Acesso em: 7/9/2023.
- FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam. **Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papirus, 2001.
- FICHER, Sylvia. **Brasília: Cidade real, cidade tombada**. Brasília: datil. 2010-a.
- FICHER, Sylvia. Cidades têm história. In. SEGRE, Roberto (org.). **Arquitetura + Arte + Cidade. Um debate internacional**. Rio de Janeiro: Prourb, 2010-b.
- FICHER, Sylvia. **Guiarquitetura Brasília**. São Paulo: Empresa das Artes, 2000.
- FICHER, Sylvia. **Memorial de atividades. Concurso Professor Titular**. Brasília: datil. 2017.
- FICHER, Sylvia. Por uma taxonomia do ambiente construído. In. LIRA, José (org.). **Arquitetura e escrita. Relatos do ofício**. São Paulo: Romano Guerra, 2023.
- FICHER, Sylvia; PALAZZO, Pedro. Os paradigmas urbanísticos de Brasília. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, Salvador, Edição Especial: Urbanismo Modernista - Brasil, 1930-1960, 2005.
- FICHER, Sylvia; SCHLEE, Andrey. **Brasília, causos e casuísmos patrimoniais**. Brasília: datil, 2009.
- FICHER, Sylvia; SCHLEE, Andrey. **Guia de obras de Oscar Niemeyer**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.
- FRANCISCO, Severiano. **Catetinho, o palácio de tábuas**. Brasília: s.d., ITS.
- GDF. **Decreto nº 28.996, de 29/04/2008**. Tomba a Coleção Brasília. Brasília: 2008.
- GIEDION, Siegrifried. **La mecanización toma el mando**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978
- GONZAGA, Mario. **A escola de ULM e o design gráfico das revistas Módulo e Summa**. São Paulo: 2018. Disponível em: < <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/a-escola-de-uml-e-o-design-grafico-das-revistas-modulo-e-summa> >. Acesso em: 7/9/2023.
- IPHAN. **Brasília. Tombamento e intervenções**. Disponível em: “<http://portal.iphan.gov.br/df/pagina/detalhes/618>”. Acesso em: 07/08/2020.
- IPHAN. **Processo de tombamento da obra de Oscar Niemeyer**. Brasília: Processo nº 1550-T-2007.

- IPHAN. **Processo de tombamento do Catetinho**. Rio de Janeiro: Processo nº 595-T-1959.
- IPHAN. **Processo de tombamento do Conjunto Urbanístico de Brasília**. Brasília: 1305-T-1990.
- IPHAN. **Processo de tombamento do Hospital JKO**. Brasília: Processo nº 1099-T-1983.
- KLUBER, George. **A forma do tempo. Observações sobre a história dos objetos**. Lisboa: Veja, 1962.
- LEITÃO, Francisco e FICHER, Sylvia. O legado cultural de Brasília. In. **Brasília 1960-2010**. Brasília: GDF, 2009.
- LEITÃO, Francisco. **Do risco a cidade, as plantas urbanísticas de Brasília, 1957-1964**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da FAU UnB), Brasília: 2003.
- LIMA, Carlos H. e WEN, Leonardo. Catedral de Brasília. Formas e imagens. In. MORTIMER, Junia e COSTA, Eduardo. **Desvios da arquitetura. Imagem e cultura contemporânea**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2023.
- LIRA, José (org.). **Arquitetura e escrita. Relatos do ofício**. São Paulo: Romano Guerra, 2023.
- MACHADO, Ubiratan. **A capa do livro brasileiro: 1820-1950**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.
- MANCHETE. **Coleção da revista Manchete**. Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Edições consultadas: 1957 a 1960.
- MARCHETTI, Gustavo. **Projeto em revista: Arquitetura e fotografia na Módulo (1955 - 1965)**. São Paulo: 2016. Disponível em: < https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_3c8debec38fcd042e42292965106abcc >. Acesso em: 7/9/2023.
- MARSHALL, Lindsey. **Como usar imagens**. São Paulo: Rosari, 2010.
- MARTINS, José de Souza et ali. **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2005.
- MEDEIROS, Ana Elisabete de Almeida Medeiros. Por uma prática preservacionista verde da arquitetura moderna. **Revista Patrimônio e Memória**, v. 16, n.1, 2020. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1076/1170>>. Acesso em: 07/08/2020.
- MEDEIROS, Beatriz Feijó de. **A revista Brasília e a mitificação da nova capital. Monografia apresentada para conclusão do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília**. Brasília: 2012.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Rumo a uma “história visual”. In. MARTINS, José de Souza et ali. **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2005.

- MINADEO, Roberto. **Revista Manchete: trajetória de um grupo de mídia nacional**. Rio de Janeiro: Convibra, 2021. Disponível em: < https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo_pdfvKiYct27.08.2021_16.25.16.pdf>. Acesso em: 7/9/2023.
- MÓDULO. **Coleção da revista Módulo**. Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Edições consultadas: 1957 a 1960.
- MÓDULO. **Coleção da revista Módulo**. Periódicos conservados na Seção de Obras Raras da Biblioteca da Universidade de Brasília. Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Edições consultadas: 1957 a 1960.
- MORTIMER, Junia e COSTA, Eduardo. **Desvios da arquitetura. Imagem e cultura contemporânea**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2023.
- NOBRE, Ana Luiza. **Fios cortantes: projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura). Rio de Janeiro: 2008.
- PÁDUA, Gerner. **Manchete: a cortesia do poder**. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: <https://www.unicentro.br/rbhm/ed04/artigos/06.pdf>>. Acesso em: 7/9/2023.
- PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PANOFKY, Erwin. **Significado das artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- PIMENTEL, Leandro. **O inventário como tática. A fotografia e a poética das coleções**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014.
- PPG-FAU. **Área de Concentração: Teoria, História e Crítica**. Disponível em: “<http://www.ppgfau.unb.br/2014-06-03-18-22-28/areas-de-concentracao-5>”. Acesso em: 06/08/2020-a.
- PPG-FAU. **Linha de Pesquisa 3: Patrimônio e Preservação**. Disponível em: “<http://www.ppgfau.unb.br/2014-06-03-18-22-28/areas-de-concentracao-5?showall=&start=3>”. Acesso em: 06/08/2020-b.
- RAMOS Graça. **O apagamento de Volpi**. Brasília: Tema Editorial, 2023.
- RODRIGUES, Joe. **Plano diretor de sinalização do Distrito Federal**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação da FAU UnB), Brasília, 2007.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. **Arquiteturas de Brasília**. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti.; BIERRENBACH, A. C.; TURCHI, T. P.; CAMPOS, B.. **Manchete e outras revistas: estudos sobre arquiteturas, cidades, fotojornalismo e historiografia**. In: **VII ENANPARQ**, São Carlos, 2022.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti.; CAMPOS, B. **Oscar Niemeyer e o edifício Manchete: o arquiteto e o Grupo Bloch**. In: **VII Seminário DOCOMOMO SUL**, Porto Alegre, 2022-b.

- MINADEO, Roberto. **Revista Manchete: trajetória de um grupo de mídia nacional**. Rio de Janeiro: Convibra, 2021. Disponível em: < https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo_pdfVKiYct27.08.2021_16.25.16.pdf>. Acesso em: 7/9/2023.
- MÓDULO. **Coleção da revista Módulo**. Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Edições consultadas: 1957 a 1960.
- MÓDULO. **Coleção da revista Módulo**. Periódicos conservados no Seção de Obras Raras da Biblioteca da Universidade de Brasília. Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Edições consultadas: 1957 a 1960.
- MORTIMER, Junia e COSTA, Eduardo. **Desvios da arquitetura. Imagem e cultura contemporânea**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2023.
- NOBRE, Ana Luiza. **Fios cortantes: projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura). Rio de Janeiro: 2008.
- PÁDUA, Gerner. **Manchete: a cortesia do poder**. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: <https://www.unicentro.br/rbhm/ed04/artigos/06.pdf>>. Acesso em: 7/9/2023.
- PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PANOFKY, Erwin. **Significado das artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- PIMENTEL, Leandro. **O inventário como tática. A fotografia e a poética das coleções**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014.
- PPG-FAU. **Área de Concentração: Teoria, História e Crítica**. Disponível em: “<http://www.ppgfau.unb.br/2014-06-03-18-22-28/areas-de-concentracao-5>”. Acesso em: 06/08/2020-a.
- PPG-FAU. **Linha de Pesquisa 3: Patrimônio e Preservação**. Disponível em: “<http://www.ppgfau.unb.br/2014-06-03-18-22-28/areas-de-concentracao-5?showall=&start=3>”. Acesso em: 06/08/2020-b.
- RAM Graça. **O apagamento de Volpi**. Brasília: Tema Editorial, 2023.
- RODRIGUES, Joe. **Plano diretor de sinalização do Distrito Federal**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação da FAU UnB), Brasília, 2007.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. **Arquiteturas de Brasília**. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti.; BIERRENBACH, A. C.; TURCHI, T. P.; CAMPOS, B.. **Manchete e outras revistas: estudos sobre arquiteturas, cidades, fotojornalismo e historiografia**. In: **VII ENANPARQ**, São Carlos, 2022.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti.; CAMPOS, B. **Oscar Niemeyer e o edifício Manchete: o arquiteto e o Grupo Bloch**. In: **VII Seminário DCOMOMO SUL**, Porto Alegre, 2022-b.

- ROSSETTI, Eduardo. Brasília em Manchete: projeto, cidade, mídia e nação. In: **ENANPARQ/2020**, Brasília, 2021.
- ROSSETTI, Eduardo. Manchete, Brasília e Paris-Match: três inaugurações de Brasília. In: **14º DOCOMOMO Brasil**, Belém, 2021.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Brasília 1960-2010 – uma Capital de muitos arquitetos e urbanistas**. Datil., 2010.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. Narrativas históricas e culturais de Brasília. In. SABOIA, Luciana (org.). **Brasília 50 + 50. Cidade, história e projeto**. Brasília: FAU UNB, 2014.
- SCHLEE, Andrey; FICHER, Sylvia. O arquiteto Oscar Niemeyer. In. **Oscar**. São Paulo: Ed. Brasileira, 2022.
- SCOTTÁ, Luciane. **Capelas, igrejas e catedrais. Arquitetura religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.
- SILVA, Ernesto. **História de Brasília**. Brasília: Coordenada, 1970.
- TEIXEIRA, Luís. **Brasília Palace**. Brasília: Equador, 2015.
- TINEM, Nelci. **O alvo do olhar estrangeiro. O Brasil na historiografia da arquitetura moderna**. João Pessoa: Manufatura, 2002.
- VIDESSOT, Luisa. **Informações, representações e discursos acerca das arquitetura-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília**. Revista Risco nº 11, pp. **32-93, 2010**.
- WESELY, Michael; KIM, Lina. **Arquivo Brasília**. São Paulo: Cosak Naify, 2010.

ANEXOS

REVISTA BRASÍLIA						
DATA	NÚMERO	PÁGINA	REPORTAGEM	AUTOR	TEMA	LOCAL
jan/57	1	Capa	Implantação do Distrito Federal	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/57	1	2 a 3	A mudança da Capital	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/57	1	4 a 7	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/57	1	8 a 11	Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital - Palácios	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/57	2	Capa	Terreno de Implantação de Brasília	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/57	2	1 a 3	Primeiro marco definitivo da conquista do Oeste	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/57	2	4 a 7	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/57	2	8 a 10	Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/57	2	11	A mudança da Capital e a Opinião Brasileira	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/57	3	Capa	Implantação do Plano Piloto	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/57	3	2	A fundação de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/57	3	4 a 5	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/57	3	6 a 14	Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital - O concurso do Plano Piloto	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/57	4	Capa	PPB Loteamento casa individuais	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/57	4	1 a 2	Discurso de Juscelino Kubitschek em Belo Horizonte	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/57	4	2	Entregue ao público o Aeroporto de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/57	4	3	Brasília e os poetas	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/57	4	4 a 7	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/57	4	8 a 9	Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital - O projeto classificado em segundo lugar	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/57	4	9 a 10	A mudança da Capital e a Opinião Brasileira	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/57	4		O projeto Rino Levi - Um dos colocado em terceiro lugar	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/57	5	Capa	Primeira missa	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/57	5	2 a 13	A primeira missa em Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/57	5	14 a 15	A mudança da Capital e a Opinião Brasileira	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/57	5	segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/57	6	Capa	Cruzeiro em Brasília	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/57	6	1	Porque se impõe a mudança da Capital	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/57	6	2 a 6	Brasília recebe o Presidente Craveiro Lopes	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/57	6	7 a 9	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/57	6	10 a 13	O projeto dos M.M.M Roberto para o Plano Piloto de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/57	6	14 a 15	A mudança é uma realidade	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/57	6	16	Esclarecimentos sobre a construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/57	6	17	Visita Brasília a Comissão de Orçamentos da Câmara dos Deputados	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/57	7	Capa	Congresso Nacional	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/57	7	1	Brasília: nivelamento da riqueza nacional	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/57	7	2 a 7	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/57	7	8 a 11	Edifício do Congresso Nacional em Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/57	7	12	Primeira reunião Científica de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/57	7	13	Visita de Vereadores Cariocas a Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/57	7	14 a 15	Brasília: impulso unificador e civilizador do Brasil	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/57	7	segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/57	8	Capa	Igreja Nossa Senhora d Fátima	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/57	8	1	Brasília: florescimento de uma nova geração	os Lima Sobr	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/57	8	2 a 9	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/57	8	10 a 13	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/57	8	14 a 15	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/57	8	21	Em defesa de Brasília	tauro Borges	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/57	8	segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

set/57	9	Capa	Marco de 1922	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/57	9	3 a 7	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/57	9	9 a 10	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/57	9	11 a 12	Entrevista do deputado Emival Caiado	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/57	9	13	Marco de 1922	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/57	9	14	Brasília e a sua realidade	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/57	9	15	Em defesa de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/57	9	16	Brasília no exterior	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	Capa	Supremo Tribunal Federal	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	1	Interpretação de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	2 a 5	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	6 a 7	Aspectos de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	8 a 9	A primeira escola de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	10	Sanção solene da lei que fixa a data da mudança	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	11	Pioneiras Sociais	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	12 a 17	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	18	Em defesa de Brasília	fauro Borges	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	19	Brasília vista por um engenheiro	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	20	Brasília no exterior e exposições	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/57	10	Segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/57	11	Capa	Maquete do setor comercial e bancário	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/57	11	1	O avanço de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/57	11	2 a 7	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/57	11	8 a 9	Ligações rodo-ferroviárias	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/57	11	10 a 13	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/57	11	14	Em defesa de Brasília	fauro Borges	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/57	11	15	A mudança da Capital	Raul Bopp	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/57	11	17	Brasília e sua realidade	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/57	11	18	Brasília no Congresso	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/57	12	Capa	Escultura Bruno Giorgi	NOVACAP	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/57	12	1	Brasília	Machado Neto	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/57	12	2 a 7	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/57	12	8 a 11	Estradas construídas	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/57	12	12 a 13	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/57	12	16 a 17	Visita Ilustre a NOVACAP	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/57	12	17	Programa de Idealismo	Ruy Vianna	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/57	12	20	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/58	13	Capa	Maquete do Congresso Nacional e Palácio da Alvorada	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/58	13	Contracapa	Maquete do Palácio da Alvorada	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/58	13	1	Brasília contra o tempo	Apolônio Sale	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/58	13	2 a 9	Exposição permanente de Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/58	13	10 a 13	Arquitetura e Urbanismo - Exposição Permanente em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/58	13	18	Brasília no exterior	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/58	13	Segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/58	14	Capa	Escultura de Alfredo Ceschiatti	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/58	14	Contracapa	Escultura de Alfredo Ceschiatti	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/58	14	1	Brasília, uma realidade	Geraldo Ma:	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/58	14	2 a 7	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/58	14	8 a 13	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Arte	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/58	14	14 a 15	Onde está Brasília	Osvaldo Orico	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/58	14	16 a 17	Brasília e o Presidente	Hermes Lima	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/58	14	19	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/58	14	Segunda Capa	Maquete dos palácios	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

mar/58	15	Capa	Maquete da Praça dos Três Poderes	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/58	15	1	Brasília: grandeza arquitetônica	lo Carlos Albu	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/58	15	2 a 5	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/58	15	6 a 7	Qual é o gentílico de Brasília?	Oswaldo Oricc	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/58	15	8 a 13	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/58	15	14 a 15	Brasília, sonho de S. João Bosco, realização de Juscelino Kubitschek	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/58	15	18 a 19	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/58	15	21 a 22	Diário de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/58	16	Capa	Vistas do Palácio do Planalto	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/58	16	Contracapa	Palácio do Supremo Tribunal Federal	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/58	16	1	Não há céticos em Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/58	16	2 a 5	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/58	16	6 a 7	Brasília e a mudança das capitais	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/58	16	8	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/58	16	9 a 13	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/58	16	Segunda Capa	Obras no Palácio do Alvorada	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/58	17	Capa	Maquete do monumento destinado a Praça dos Três Poderes	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/58	17	Contracapa	Maquete do monumento destinado a Praça dos Três Poderes	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/58	17	6 a 11	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/58	17	12 a 15	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/58	17	16 a 17	O abastecimento d'água	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/58	17	20	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/58	18	Capa	Palácio da Alvorada	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/58	18	Contracapa	Marco da Ermida Dom Bosco	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/58	18	1	Determinismo histórico da mudança da Capital	ônego Trindad	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/58	18	2 a 13	Inauguração de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/58	18	14 a 15	Brasília - Fronteira do futuro	Oswaldo Oricc	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/58	18	20 a 23	Diário de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/58	19	Capa	Coluna do Palácio da Alvorada	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/58	19	Contracapa	Brasília Palace Hotel	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/58	19	1	Porque sou mudancista	utado José Jo	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/58	19	2 a 9	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/58	19	10 a 13	Brasília uma realidade	ides Albuquerque	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/58	19	14 a 15	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/58	20	Capa	Brasília Palace Hotel	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/58	20	Contracapa	Brasília Palace Hotel	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/58	20	1	Brasília e a amazônia	Xavier Paes B	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/58	20	2 a 7	Foster Dulles em Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/58	20	8 a 9	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/58	20	10 a 13	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/58	20	14	Vocação histórica de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/58	20	Segunda Capa	Bloco Residencial do Plano Piloto	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/58	21	Capa	Maquete da Catedral de Brasília	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/58	21	Contracapa	Maquete da Catedral de Brasília	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/58	21	1	Brasília e a economia nacional	yalo Cannabr	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/58	21	2 a 3	Gronchi em Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/58	21	5 a 7	Obras já inauguradas	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/58	21	8 a 9	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/58	21	10 a 11	Brasília e o soeiguimento econômico	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/58	21	12 a 15	Arquitetura e Urbanismo - Catedral	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

out/58	22	Capa	Ligações ferroviárias de Brasília	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/58	22	Contracapa	Ligações ferroviárias de Brasília	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/58	22	1	A capital federal no planalto de Goiás	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/58	22	2 a 3	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/58	22	4 a 5	Brasília e as ligações ferroviárias	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/58	22	10 a 14	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/58	23	Capa	Escultura de Alfredo Ceschiatti	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/58	23	Contracapa	Palácio da Alvorada	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/58	23	1	Organização administrativa do futuro Distrito Federal	Aciano de Mel	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/58	23	2 a 5	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/58	23	8 a 14	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/58	23	15	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/58	24	Capa	Estrada Brasília - Belém	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/58	24	Contracapa	Estrada Brasília - Belém	eu e Hermanc	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/58	24	1	Impressão insuspeita	ernando Ferr	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/58	24	2 a 7	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/58	24	8 a 10	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/58	24	11 a 15	Estrada Brasília - Belém	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/58	24	Segunda Capa	Igreja Nossa Senhora de Fátima	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/58	24	Segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	Capa	Bernardo Sayão	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	1 a 3	Brasília incontest	el Caetano Ba	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	4	Discurso do Rresidente da República	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	5	Discurso do Dr. Israel Pinheiro	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	6	Discurso do Senador Gilberto Marinho	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	7 a 9	Bernardo Sayão herói pioneiro	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	10 a 11	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	12 a 15	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	16	Brasília na literatura	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	17	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	18	O plástico e o episódio em Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/59	25	Segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/59	26	Capa	Interior Capela da Alvorada	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/59	26	1	Brasília - redescoberta do Brasil	José Barbosa	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/59	26	2 a 3	Inauguração rodovia Brasília - Belém	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/59	26	4 a 8	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/59	26	9	Fator de êxito econômico	arro Drummc	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/59	26	10 a 14	Obras inauguradas	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/59	26	15	Brasília	enrique Pinto	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/59	26	16	Brasília no exterior	ardo Canal F	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/59	26	17	Brasília na literatura	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/59	26	Segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

mar/59	27	Capa	Capela do Alvorada	eu e Hermano	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/59	27	2 a 4	A marcha da construção de Brasília	Manoel José	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/59	27	5	O Brasil e Brasília	Luiz Barreto	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/59	27	6 a 8	Brasília foi um sonho que se fez realidade	aventura Ribe	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/59	27	9 a 14	Obras concluídas	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/59	27	15	Brasília no congresso	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/59	27	15	Brasília na literatura	ernardo Pedr	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/59	27		Brasília no exterior	enrique Bado	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/59	27	segunda Contracap	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/59	28	Capa	Edifício residencial	eu e Hermano	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/59	28	1	Brasília: uma nova era nacional	Nilton Veloso	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/59	28	2 a 4	Fidel Castro	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/59	28	5 a 13	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/59	28	14	Brasília no exterior	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/59	28	16	Brasília na literatura	Martha Dutra	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/59	28	segunda Contracap	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/59	29	Capa	Estruturas do Congresso Nacional	eu e Hermano	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/59	29	1	Marco de Grandeza Nacional	Anísio Rocha	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/59	29	2 a 9	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/59	29	10 a 11	Manifesto ao povo brasileiro	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/59	29	12 a 13	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mai/59	29	segunda Contracap	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/59	30	Capa	Vigas do Congresso Nacional	eu e Hermano	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/59	30	1 a 3	Brasília não é o capricho de um homem	Alves Pinheir	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/59	30	4 a 8	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/59	30	9 a 10	Brasília e o Brasil	Mello Cancadi	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/59	30	11	O papel de Brasília na redenção do nordeste	ristides Toled	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/59	30	12 a 16	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/59	30	18	Brasília no exterior	oisés Giocova	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/59	30	19	Brasília na literatura	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jun/59	30	segunda Contracap	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/59	31	Capa	Colunas do Palácio do Planalto	eu e Hermano	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/59	31	1	A profecia de Toscanelli	Carlos Xavier	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/59	31	2 a 5	Aspectos constitucionais e legais da mudança da capital	arlos Medei	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/59	31	6	Brasília	elson Carneir	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/59	31	8 a 13	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/59	31	18	Brasília na literatura	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jul/59	31	segunda Contracap	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

ago/59	32	Capa	Supremo Tribunal Federal	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/59	32	1	Nova filosofia de vida	Said Paulo	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/59	32	2 a 6	O ministro Malraux em Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/59	32	7 a 8	Armas secretas como cidade	Oswaldo Oricc	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/59	32	9	Brasília, o homem e a sua integração	Viguel Crivar	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/59	32	10 a 14	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/59	32	15	Brasília no exterior	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
ago/59	32	16	Brasília na literatura	aconda Labec	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/59	33	Capa	Edifício residencial	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/59	33	1	Reflexões sobre a mudança da capital	loisés Gicova	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/59	33	2 a 7	Congresso Internacional de Críticos de Arte	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/59	33	9	Escola em Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/59	33	10	Instituto	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/59	33	11 a 20	Congresso Nacional	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/59	33	22	Brasília na literatura	Maria de Lou	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
set/59	33	segunda Contracap	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/59	34	Capa	Ministérios	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/59	34	1	Exame de Brasília	inoel de Alme	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/59	34	2	Brasília e a classe médica	ixoto da Silve	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/59	34	3	Arquitetura e Urbanismo	lauco Campe	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/59	34	4 a 13	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/59	34	14	Engrandecer Brasília	Esther Martir	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/59	34	15	Brasília e a classe médica	Carlos Ribeir	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/59	34	16	Brasília na literatura	Martha Dutr	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
out/59	34	segunda Contracap	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/59	35	Capa	Congresso Nacional	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/59	35	1	Porta de um novo mundo	leixoto Silveir	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/59	35	2 a 13	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/59	35	14	Brasília	irício de Medi	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/59	35	19	Brasília na literatura	huel Albuquer	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
nov/59	35	segunda Contracap	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/59	36	Capa	Congresso Nacional e Esplanada dos Ministérios	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/59	36	1	Com Brasília o novo Brasil	José Delgado	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/59	36	2 a 6	Brasília vista ao meu modo	Mário Kroeff	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/59	36	7 a 14	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/59	36	15 a 16	Eu vi Brasília	Aben Athar	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
dez/59	36	18	Brasília na literatura	Napoleão Lea	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/60	37	Capa	Escola-parque	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/60	37	1	A obra-prima do presidente	aldo Mascare	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/60	37	2 a 5	Visita do presidente Lópes Mateos	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/60	37	6	Brasília - a quarta capital do Brasil	Fanelon Silva	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/60	37	7 a 10	Brasília e seus críticos	rtinho Cavalc	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/60	37	11 a 16	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
jan/60	37	18	Brasília na literatura	arico da Cunf	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

fev/60	38	Capa	Supremo Tribunal Federal	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/60	38	1	A granja de Brasília	Apolônio Sale	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/60	38	2 a 5	Eisenhower em Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/60	38	6 a 11	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/60	38	12 a 13	Mapa do Plano Piloto de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/60	38	14 a 15	A Belém - Brasília: aproveitamento	Mário Kroef	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/60	38	16 a 19	Brasília: fator de equilíbrio da nacionalidade	ernanda Franc	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/60	38	22	Brasília na literatura	loaldo de Aler	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
fev/60	38	segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/60	39	Capa	Eixos que cortam Brasília	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/60	39	1	Brasília - Redenção econômica do Brasil	rafael Mezzóte	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/60	39	2 a 3	O milagre nacional de Brasília	Oliveira Franc	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/60	39	4 a 5	Brasília e o turismo	J. A Vasques	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/60	39	6 a 13	A marcha da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/60	39	14 a 15	Arquitetura e Urbanismo	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/60	39	16	Documento Histórico	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/60	39	17	Brasília na literatura	Petrônio Bax	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
mar/60	39	segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	Capa	Palácio da Alvorada	eu e Hermanc	Capa	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	1a 2	Apresentação	srael Pinheir	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	3 a 28	Estes contruíram Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	29 a 42	Brasília e seus antecedentes	orácio Mend	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	42 a 53	A história da construção de Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	54 a 78	A construção de Brasília	NOVACAP	Arquitetura	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	79 a 82	Brasília e o pensamento presidencial	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	83 a 90	Chefes de estado em Brasília	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	91	Visitantes ilustres	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	92 a 93	Brasília no exterior	NOVACAP	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	94	Brasília encontro com o Brasil	lanoel Caetar	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	95 a 97	É o novo Brasil que surge	maral Fontou	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	101	Brasília a sua formação sociológica	Americo Mei	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	102	Brasília capital de poetas e artistas	ry de Andrad	Artes	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	103	Preciosismo brasileiro	viguel Crivar	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	104 a 105	21 de abril de 1960 a capital do ano 2000	Oswaldo Oricc	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40		Brasília, capital da esperança	uiz do Amara	Cidade	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
abr/60	40	segunda Contracapa	Venda de lotes em Brasília	NOVACAP	Divulgação	ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

REVISTA MÓDULO

DATA	NÚMERO	PÁGINA	REPORTAGEM	AUTOR	TEMA	LOCAL
dez/56	6	capa	Brasília a nova capital	enry. R. Moelli	Capa	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/56	6	8 a 23	Brasília	scar Niemeyé	Arquitetura	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/56	6	Contracapa	Brasília Capital do Brasil	ica São Caeta	Divulgação	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
fev/57	7	Capa	Pilares do Palácio da Alvorada	tur Lício Pont	Divulgação	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
fev/57	7	18 a 19	O Brasil constrói uma nova Capital	de Meira Pei	Cidade	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
fev/57	7	20 a 27	Palácio Residencial de Brasília	scar Niemeyé	Arquitetura	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
fev/57	7	58	Módulo número 8	A redação	Divulgação	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB

jul/57	8	Capa	Plano Piloto		Capa	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	25	Banco Nacional de Minas Gerais S.A	onal de Mina	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	44	Marmifera	noraria Marn	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	53 a 58	Uma realidade: Brasília	ta com Israel	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	59 a 64	Edital para o concurso nacional do Plano Piloto da nova capital do Brasil	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	65 a 68	Resumo das Apreciações do Júri	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	69 a 73	Atas da Comissão Julgadora do Plano Piloto de Brasília	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	74 a 81	O Concurso Para o Plano Piloto de Brasília - Declarações do Membros do Júri	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	82 a 84	Mapa do Plano Piloto de Lucio Costa	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	85 a 100	Relatório do Plano Piloto de Brasília	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	101 a 107	Plano Piloto - Segudno lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	108 a 114	Plano Piloto - Terceiro lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	115 a 123	Plano Piloto - Terceiro lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	124 a 127	Plano Piloto - Quinto lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	128 a 134	Plano Piloto - Quinto lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	135 a 139	Plano Piloto - Quinto lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	141 a 148	Brasilien baut seine Neue Hauptstadt	de Meira Pet	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	151 a 152	Estrutura Hotel de Turismo	uras Volta Re	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	153	Construção do Palácio Provisório	e Construções	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	15	Marmifera	noraria Marn	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	24 a 27	Depoimento	scar Niemeye	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	35 a 42	Praça dos Três Poderes e o Palácio do Congresso	emeyer e Luc	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	43 a	Pavilhão Internacional de Bruxelas	rgio Bernard	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	55 a 59	Brasília em Exposição Permanente	A redação	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	76	Mies Van der Rohe visita o Brasil	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	86	Construção do Palácio Provisório	e Construções	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	87	Estrutura Hotel de Turismo	uras Volta Re	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	90	Banco Nacional de Minas Gerais S.A	onal de Mina	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	11	Marmifera	noraria Marn	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	12	Móveis Palácio da Alvorada	dro Martins M	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	22 a 25	Forma Estética	arquim Cardo	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	26 a 34	Palácio do Planalto e Palácio do Supremo Tribunal Federal	scar Niemeye	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	45 a 48	Azulejos e Vitral de Athos Bulcão para Brasília	ávio de Aquin	Artes	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	67	Construção do Palácio Provisório	e Construções	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL

jul/57	8	Capa	Plano Piloto		Capa	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	25	Banco Nacional de Minas Gerais S.A	onal de Mina	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	44	Marmifera	noraria Marn	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	53 a 58	Uma realidade: Brasília	ta com Israel	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	59 a 64	Edital para o concurso nacional do Plano Piloto da nova capital do Brasil	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	65 a 68	Resumo das Apreciações do Júri	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	69 a 73	Atas da Comissão Julgadora do Plano Piloto de Brasília	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	74 a 81	O Concurso Para o Plano Piloto de Brasília - Declarações do Membros do Júri	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	82 a 84	Mapa do Plano Piloto de Lucio Costa	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	85 a 100	Relatório do Plano Piloto de Brasília	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	101 a 107	Plano Piloto - Segudno lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	108 a 114	Plano Piloto - Terceiro lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	115 a 123	Plano Piloto - Terceiro lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	124 a 127	Plano Piloto - Quinto lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	128 a 134	Plano Piloto - Quinto lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	135 a 139	Plano Piloto - Quinto lugar	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	141 a 148	Brasilien baut seine Neue Hauptstadt	de Meira Per	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	151 a 152	Estrutura Hotel de Turismo	uras Volta Re	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jul/57	8	153	Construção do Palácio Provisório	e Construções	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	15	Marmifera	noraria Marn	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	24 a 27	Depoimento	scar Niemeye	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	35 a 42	Praça dos Três Poderes e o Palácio do Congresso	emeyer e Luc	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	43 a	Pavilhão Internacional de Bruxelas	rgio Bernard	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	55 a 59	Brasília em Exposição Permanente	A redação	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	76	Mies Van der Rohe visita o Brasil	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	86	Construção do Palácio Provisório	e Construções	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	87	Estrutura Hotel de Turismo	uras Volta Re	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fez/58	9	90	Banco Nacional de Minas Gerais S.A	onal de Mina	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	11	Marmifera	noraria Marn	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	12	Móveis Palácio da Alvorada	dro Martins N	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	22 a 25	Forma Estética	arquim Cardo	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	26 a 34	Palácio do Planalto e Palácio do Supremo Tribunal Federal	scar Niemeye	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	45 a 48	Azulejos e Vitral de Athos Bulcão para Brasília	ávio de Aquin	Artes	HEMEROTECA DIGITAL
ago/58	10	67	Construção do Palácio Provisório	e Construções	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL

dez/58	11	Capa	Maquete da Catedral	hur Lício Pont	Capa	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/58	11	segunda Contracapa	Maquete do Congresso Nacional	Construtora M	Divulgação	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/58	11	4	Maquete Palácio da Alvorada	Marmifera	Divulgação	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/58	11	8	Maquete Palácio da Alvorada	Construtora Rabel	Divulgação	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/58	11	12	Interiores do Palácio da Alvorada	dro Martins M	Divulgação	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/58	11	7 a 15	A Catedral de Brasília	scar Niemeyer	Arquitetura	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/58	11	16 a 19	Projeto para o Departamento de Imprensa Nacional de Brasília	scar Niemeyer	Arquitetura	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/58	11	20 a 23	Volpi e a Arte Religiosa	Mario Pedross	Arte	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/58	11	43	Salão Brasília Palace Hotel	íveis Pastore	Divulgação	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
dez/58	11	50	Palácio Residencial Provisório	e Construções	Divulgação	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB
fev/59	12	Capa	Fachada Casa Colonial	hur Lício Pont	capa	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
fev/59	12	4	Enterro de Bernardo Sayão em Brasília	A redação	Cidade	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
fev/59	12	5 a 6	Unidade Urbana	A redação	Cidade	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
fev/59	12	12 a 13	Habitação Coletiva em Brasília	Lucio Costa	Arquitetura	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
fev/59	12	14 a 16	I A P I em Brasília	Helio Uchoa	Arquitetura	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
fev/59	12	17 a 19	I A P B em Brasília	scar Niemeyer	Arquitetura	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
fev/59	12	20 a 27	Decoração do Palácio da Alvorada	A redação	Arquitetura	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
fev/59	12	28 a 31	Brasília Palace Hotel	scar Niemeyer	Arquitetura	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
fev/59	12	36 a 37	Museu de Brasília	scar Niemeyer	Arquitetura	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
fev/59	12	38 a 43	Exposição de Arquitetura Brasileira	de Meira Per	Divulgação	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
fev/59	12	Contracapa	Maquetes Edifícios de Brasília	ica São Caeta	Divulgação	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	Contracapa	Palacio da Alvorada	Construtora Rabel	Divulgação	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	4	Interiores Palacio da Alvorada	dro Martins M	Divulgação	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	8 a 9	Setor Bancário Norte	A redação	Cidade	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	10 a 11	Palácio do Comércio	A redação	Arquitetura	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	13 a 13	Edifício Seguradoras	A redação	Arquitetura	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	14 a 15	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico	A redação	Arquitetura	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	18 a 21	Pintura Moderna no Brasil	ávio de Aquir	Arte	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	42	Congresso A.I.C.A em Brasília	A redação	Divulgação	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	44	Serviços de Água e Esgotos de Brasília	turnino de Br	Cidade	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	46	Palácio Presidencial Provisório	e Construções	Arquitetura	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	47	Execução de Obras	aulo Wettstei	Divulgação	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
abr/59	13	Capa	Figura Abstrata	ur Lício Ponti	Capa	BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UNB
ago/59	14	19 a 22	Brasília vista por um inglês	J.M Richards	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
ago/59	14	25 a 27	Plataforma Central Estação Rodoviária	Lucio Costa	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
ago/59	14	39	Palácio da Agricultura em Brasília	do Kneese de	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
ago/59	14	56 a 58	Decoração Ana Maria Niemeyer e Málio Cardoso	A redação	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
ago/59	14	62	Exposição de Arquitetura no México	A redação	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
ago/59	14	66	Empreiteiro Paulo Wettstein	aulo Wettstei	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
ago/59	14	68	Sociedade Marmifera LTDA	noraria Marn	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
ago/59	14	70	Revista da NOVACAP	NOVACAP	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
out/59	15	2	Maquete Congresso Nacional	thia Construc	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
out/59	15	7	Foto Palácio da Alvorada	Construtora Rabel	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
out/59	15	13	Foto Congresso Nacional	rcial de Vidro	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
out/59	15	20 a 28	A Imaginação na Arquitetura	scar Niemeyer	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
out/59	15	40 a 43	O Congresso Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte	de Meira Per	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
out/59	15	50	Exposição Brasília em Lisboa	A redação	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL

dez/59	16	Capa	Jardim de Infância	Otl Aicher	Capa	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	9	Foto Palácio da Alvorada	Arquitetura Rabel	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	16 a 17	A propósito de Brasília	Manchete Williar	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	18 a 21	Jardim em Brasília	Otl Aicher	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	21 a 25	Lições do Congresso Internacional de Críticos	Mário Pedrosa	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	32	Jardim de Infância	Arquitetura Jorge Este	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	40 a 42	A Arte e a Educação	Lucio Costa	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	43 a 45	Arquitetos e críticos de arte falam sobre Brasília	A redação	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	46 a 49	Centro de Recuperação Motora Sarah Kubitschek	Arquitetura Campe	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	54 a 57	Banco do Brasil em Brasília	Arquitetura Garcia Roz	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	58 a 61	Esculturas de Mary Vieira	A redação	Artes	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	16	62 a 63	Edifício de Apartamentos	Arquitetura Magalhã	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	17	Capa	Teatro Nacional de Brasília		Capa	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	17	16 a 17	Problemas e Perspectivas de Brasília	William Holford	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	17	18 a 27	Teatros Oficiais no Setor Cultural de Brasília	Niemeyer	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	17	34 a 36	Apartamentos para funcionários do Banco do Brasil	Arquitetura Campello e Sé	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	17	37 a 39	Habitações para funcionários do Banco do Brasil	Arquitetura Alves e João	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	17	40 a 41	Surge Brasília	Saarin	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	17	56 a 57	Escultura de Bruno Giorgi	A redação	Artes	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	17	58 a 60	Pintura Raymundo Nogueira	A redação	Artes	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	17	74	Construção de Brasília	Indust	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18					
jun/60	18	2	Foto Congresso Nacional	Arquitetura Construc	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	3	Panair do Brasil	Panair	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	6	Conjunto de sanitários Brasília	Celite	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	8	Hospital Distrital de Brasília	Arquitetura Peder	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	15	Foto Supremo Tribunal Federal	Arquitetura Rabel	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	20	"Piloto" em matéria de negócios internacionais	Arquitetura Bank of Londo	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	22	Indústria Elétrica Brasileira	Eletromar	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	23	Banco Lowndres em Brasília	Arquitetura Lowndres	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	29 a 37	Brasília e o desenvolvimento nacional	Arquitetura Corbisio	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	38 a 53	Minha experiência de Brasília	Niemeyer	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	54 a 70	Brasília, evolução histórica de uma idéia	Arquitetura de Sá Barbi	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	71 a 73	A inauguração de Brasília na imprensa mundial	A redação	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	74	Exposição da arquitetura brasileira em Bogotá	A redação	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	77	William Holford sobre Brasília	A redação	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	80 a 99	Relatório do Plano Piloto de Lucio Costa	Lucio Costa	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jun/60	18	102	Brasília a cidade das estruturas de aço	Arquitetura Siderúrgica	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL

REVISTA MANCHETE						
DATA	NÚMERO	PÁGINA	REPORTAGEM	AUTOR	TEMA	LOCAL
mai/56	213	64	Nova Capital: só falta mudar	Newton Carlo	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
out/56	234	4	JK deu início à mudança	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
out/56	236	3	Brasília	Manchete Ponge	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
out/56	238	4	Niemeyer contrói no Brasil central	Manchete	Arquitetura	HEMEROTECA DIGITAL
dez/56	243	4	O professor JK foi ver como vai Brasília	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jan/57	247	6	Frustrados e ressentidos os políticos do contra	Arquitetura Coimbra T	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
fev/57	252	38	Brasília sem palácios e favelas	Manchete Piment	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
fev/57	253	28	Oswaldo Aranha Contra	Manchete swaldo Aran	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
mai/57	265	47	A primeira missa	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL

jun/57	271	19	Marco da histórica econômica de Brasília	onal de Mina	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jun/57	271	72 a 75	Os pinheiros, o churrasco, capital de amanhã e selva	Maio Morel	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
ago/57	276	37 a 38	Goiás partiu do Anhanguera e caminha para Brasília	onso Felix de Sc	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
nov/57	289	23	Nova rota aérea onde o Brasil se encontra com o futuro	ie transporte:	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
nov/57	289	40	Destino Brasília	Lóide Aéreo	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
dez/57	297	66 a 67	Na capital de amanhã as saudades de ontem	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jan/58	301	47 a 48	Funil acompanha as curvas da mulher	Manchete	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jan/58	302	16 a 17	do barco financeiro, foi colocada uma edição mineira de personagem voltaireano: José Ma	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
mai/58	316	21 a 30	O mundo parou para Bruxelas	Manchete	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
jul/58	325	71 a 74	Canaã, paralelo 20 (Brasília I)	da Mata e O	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/58	325	76	O que está feito do Plano Piloto	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/58	325	77	Governo, amor, crianças: a vida começou em Brasília	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/58	326	16 a 17	"Première" de Brasília	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/58	326	30 a 33	Os primeiros pobres de Canaã (Brasília II)	da Mata e O	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jul/58	326	34	Cidade-livre em redor da capital feito a esquadro	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
set/58	334	87 a 92	O criador diante da criatura	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
set/58	336	6 a 9	Gronchi: encontro no aeroporto	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
out/58	339	102 a 105	Talento, armado Brasil em Bruxelas	Manchete	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
dez/58	343	56	Conjunto Brasília	Panex	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
dez/58	345	22	Brasília demonstra que o impossível acontece	urilo Melo Fill	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
dez/58	345	25	Brasília cresce, "no peito e na canelada"	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
dez/58	345	26	Brasília	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
dez/58	346	66	Brasília: nem tudo é legal	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jan/59	354	25	A morte do pioneiro	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jan/59	354	42 a 51	Brasília - Belém dobrará o território nacional	Aluizio Flores	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jan/59	359	54	Arquitetura do Brasil apresentar Uruguai	Manchete	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
mar/59	362	30	Ganhe um lote junto de Brasília	Manchete	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
set/59	372	36	JK e Sukarno: Brasília	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jun/59	374	66 a 67	Horizonte - Brasília ligará o Rio Grande do Sul a Belém do Pará numa viagem de sonho: 5 mil quilômetros		Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
ago/59	381	42	Brasília em última instância	Gerard Dutra	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
set/59	387	Capa	Vinte páginas sobre Brasília	Manchete	Capa	HEMEROTECA DIGITAL
set/59	387	20 a 35	A capital da esperança	Magalhães Jú	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
set/59	387	36 a 37	O Rio Paranoá represado vai ser um grande lago	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
out/59	389	49 a 56	Em Brasília: últimos lançamentos da moda têxtil para a primavera e verão 1959/60!	ustino Martin	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
out/59	389	56 a 57	Brasília: operação mudança	Aldo Pereira	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
out/59	391	Capa	Elga Andersen	Manchete	Capa	HEMEROTECA DIGITAL
nov/59	394	19	Tintas Ypiranga no Palácio da Alvorada	intas Ypirang	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
nov/59	398	4	Atlantic em Brasília	efing Compar	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
nov/59	398	44 a 45	Brasília no caminho da fé	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
nov/59	398	104 a 105	Franceses debatem Brasília	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL

dez/59	399	3	Ceibrasil	Ceibrasil	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
dez/59	399	50 a 51	Israel ditador da NOVACAP	Caio de Freitas	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jan/60	403	22 a 23	Di Cavalcanti	Caio de Freitas	Artes	HEMEROTECA DIGITAL
jan/60	405	54 a 55	Brasília festeja Israel	Jader Neves	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jan/60	405	64 a 65	O lado humano da Operação Mudança	Virgílio Melo Filho	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
jan/60	407	14	Banco de Minas Gerais inaugura sua nova agência em Brasília	Caio de Freitas	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
fev/60	407	56 a 57	Brasília - Capital da Esperança	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
fev/60	407	58 a 64	Entregarei Brasília prontinha	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
fev/60	409	23	Já se vai a Brasília em dois dias de boa estrada	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
fev/60	409	24 a 25	Caravana da integração	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	415	24 a 29	Vou-me embora para Brasília	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	416	6 a 12	Brasília já é capital	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	416	14 a 15	Brasília e a sociedade	Caio de Freitas	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	417	Capa	Todos os caminhos levam a Brasília	Manchete	Capa	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	417	14 a 17	A pé para Brasília	Fausto Wolff	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	417	65 a 76	Todos os caminhos levam a Brasília		Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	418	24 a 29	Brasília na hora zero	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	Capa	Brasil capital Brasília	Manchete	Capa	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	8 a 20	Nova era Brasília	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	12 a 13	Cinematografistas do mundo inteiro disputam os melhores ângulos de Brasília	Manchete	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	38	Em nova lorraine: Alvorada é o tema	Manchete	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	44 a 45	Brasil capital Brasília	Manchete	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	61 a 62	Di Cavalcanti e o Candango	Manchete	Artes	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	63 a 66	O romance político de Brasília	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	68	Escultura de Maria Martins no Palácio da Alvorada	Manchete	Artes	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	72	O Supremo atrai milhões de pessoas por dia	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	73 a 79	Noites de luar no Planalto	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	81 a 82	Niemeyer poesia em concreto armado	Caio de Freitas	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
abr/60	419	93	Charge de Lucio Costa e Oscar Niemeyer	Claudio	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
mai/60	420	Capa	Brasília ano I a reportagem do século	Manchete	Capa	HEMEROTECA DIGITAL
mai/60	420	2 a 3	Real aéreo vias Brasília	Caio de Freitas	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
mai/60	420	6 a 20	Brasília ano I	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
mai/60	420	26 a 28	A primeira reunião do Congresso na nova capital	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
mai/60	420	28 a 29	O grande baile	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
mai/60	420	30 a 31	Aqui e agora começa o novo Brasil	Manchete	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
mai/60	420	63	Pioneiros do progresso	Manchete	Divulgação	HEMEROTECA DIGITAL
mai/60	420	70 a 71	Candango herói de Brasília	Caio de Freitas	Cidade	HEMEROTECA DIGITAL
mai/60	420	105	Arte moderna na nova capital	Manchete	Artes	HEMEROTECA DIGITAL